

ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

CRISTIANO DAL FORNO

DIÁSPORA HAITIANA: A PESQUISA PSICANALÍTICA DO SUJEITO DA MIGRAÇÃO

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

CRISTIANO DAL FORNO

Diáspora Haitiana: A pesquisa psicanalítica do sujeito da migração

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Quarti Irigaray

Coorientadora: Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo

Tese de Doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Clínica.

Porto Alegre

Janeiro de 2019

Ficha Catalográfica

D136d Dal Forno, Cristiano

Diáspora Haitiana : A pesquisa psicanalítica do sujeito da migração / Cristiano Dal Forno . – 2019.

260 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Quarti Irigaray.

Co-orientadora: Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo.

1. Migração. 2. Diáspora haitiana. 3. Pesquisa Psicanalítica. 4. Narcisismo. 5. Trabalho. I. Irigaray, Tatiana Quarti. II. Macedo, Mônica Medeiros Kother. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

Diáspora Haitiana: A pesquisa psicanalítica do sujeito da migração

CRISTIANO DAL FORNO

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dra. Tatiana Quarti Irigaray

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Orientadora – Presidente

Profa. Dra. Josaida de Oliveira Gondar

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Profa. Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Ângelo Brandelli Costa

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Porto Alegre, janeiro de 2019.

“Não renunciamos a salvar o navio na tempestade só porque não saberíamos impedir o vento de soprar”.

(Tomas Morus, in a Utopia, 1516)

DEDICATÓRIA

À Rita, minha linda esposa e grande amor da minha vida, por sua incondicional parceria e permanente presença que tornaram este e tantos sonhos possíveis. Que esta realização compartilhada, seja fomento de muitas outras.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, pela acolhida quando, na condição de migrante, busquei-a para me orientar nos árduos caminhos da Pós-Graduação. Minha eterna gratidão pela permanente disponibilidade e atenta orientação, sustentada na confiança, no incentivo e no afeto que fizeram valer cada um dos tantos anos de trabalho conjunto.

AGRADECIMENTOS

Um percurso só pode ser significativo quando compartilhado com pessoas valorosas. Muitas foram as que participaram desta caminhada, que atinge seu desfecho, partilhando, sobretudo, de suas vidas e contribuindo para que eu pudesse me tornar uma pessoa melhor. É chegado, portanto, o tempo de registrar minha gratidão.

À Rita, pela permanente parceria, pelo inabalável incentivo, pela doce compreensão e, principalmente, pelo incomensurável amor, nos quais sempre encontro sustento para seguir caminhando na vida independente do que haja pela frente.

A meus pais, Valdemar e Florentina, pelo amor inaugural, pelo perene apoio, pela permanente acolhida, pelo respeito as minhas escolhas.

A meus irmãos, Leandro e Gislaíne, por todo o cuidado que sempre dedicaram e seguem dedicando a mim, pela amizade e pela permanente disponibilidade.

A meus cunhados, Carlos e Ivanisa, por, desde tão cedo na minha vida, tornarem-se novos irmãos e compartilharem afetos que tornam nossa família tão forte e tão unida.

A meus sobrinhos, Ana Júlia, Bruno e Mariana, pela doçura do convívio, pela proximidade e pela descoberta de uma particular experiência de amor.

Às colegas de carreira, Tatiana Cardoso Baierle, Roberta Fin Motta e Manoela Ziebell de Oliveira, pela amizade, pela disponibilidade, pelo carinho e pelos preciosos espaços de “saúde mental docente”.

À Profa. Dra. Tatiana Quarti Irigaray, pela pronta acolhida em seu Grupo de Pesquisa, quando passou a me orientar, pela generosidade, pela disponibilidade, pelo apoio e, sobremaneira, pela leveza na condução dos processos que permitiram chegar à consecução desta Tese.

A minha colega de Doutorado, Roberta Monteiro Goelzer, pelo excelente e agradável convívio nesse percurso, pela parceria nos trabalhos, pelo encorajamento nos momentos difíceis, e, principalmente, pela bela amizade que pudemos construir.

À Alexandra Garcia Griorieff Nüske e ao Róger Michels, pelas parcerias no Grupo de Pesquisa, dentre elas, o projeto que oportunizou a presente pesquisa e, principalmente, pela amizade, pelas ideias e ideais compartilhados e pelo convívio agradável.

À Raíssa Rosa, à Isadora Correa Colombo e à Mariana Machado Felin, pelo auxílio prestado nas transcrições das entrevistas.

Aos demais colegas do Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise, que de alguma forma contribuíram com esse processo tão enriquecedor.

Aos Professores do PPGP-PUCRS, pelo precioso aprendizado e pelo ambiente favorável ao crescimento pessoal e profissional.

A toda a equipe do PPGP-PUCRS, pelo acolhimento e pelo irretocável atendimento e auxílio prestado durante o Mestrado e o Doutorado.

À Profa. Dra. Josaida Gondar, pelas preciosas e determinantes contribuições quando da Banca de Qualificação do Projeto desta Tese e, também, pelo aceite ao convite para compor a Banca de Defesa desta Tese.

À Profa. Dra. Sandra Torossian e ao Prof. Dr. Ângelo Brandelli Costa, pelo pronto aceite ao convite para compor a Banca de Defesa desta Tese.

Ao Frei João Osmar D'Ávila e à equipe da Paróquia Rede de Comunidades Santa Clara, pela acolhida à proposta de pesquisa e pela ativa facilitação do processo de coleta.

Aos migrantes haitianos entrevistados, pela confiança e pela disposição em, voluntariamente, contribuir com esta pesquisa, dedicando tempo e afeto no relato de suas respeitáveis vivências.

A todos e todas, minha eterna gratidão!

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
RELAÇÃO DE TABELAS.....	12
INTRODUÇÃO	13
SEÇÃO TEÓRICA	27
Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio Metapsicológico.....	27
SEÇÃO EMPÍRICA I.....	56
A diáspora haitiana e as (im)possibilidades do sujeito: escuta e testemunho na pesquisa psicanalítica	56
SEÇÃO EMPÍRICA II	135
O trabalho como potencialidade subjetiva na experiência migratória.....	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	165
ANEXOS	171
Anexo 1: Parecer Consubstanciado CEP/PUCRS	172
Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	176
Anexo 3: Escrita da Transferência.....	178
Anexo 4: Carta de Editor – Aceite do Manuscrito da Seção I.....	260

RESUMO

As diásporas humanas sempre estiveram presentes na história, relacionando-se desde a busca por oportunidades de desenvolvimento econômico até a fuga de guerras e perseguições políticas, que tem levado os sujeitos a migrações voluntárias ou forçadas. Relacionado a um terremoto de magnitude sísmica de 7.3 na escala Richter, ocorrido em janeiro de 2010 no Haiti, observou-se o expressivo fluxo migratório de haitianos para diversas partes do mundo, em que se inclui a migração para o Brasil. É relevante que se amplie o estudo e a reflexão acerca dos fenômenos migratórios, centralizando a atenção na complexidade inerente ao sujeito que se desloca e que põe em movimento toda série de representações frente à diversidade alteritária. No presente estudo, objetivou-se acessar e problematizar, por meio da narrativa de migrantes haitianos, elementos da experiência migratória que deem a conhecer, conforme proposições teóricas de Bleichmar (2005), diferenças entre o que é próprio à autoconservação da vida e aquilo que corresponde à complexidade da autopreservação do Eu. Pretendendo trazer acréscimos aos estudos do campo, a presente Tese segue constituída em três seções, sendo a primeira de cunho teórico-metodológico e as duas seguintes de cunho empírico. A primeira seção é um ensaio metodológico que propõe uma possível articulação entre três pilares que sustentam uma proposta de pesquisa psicanalítica, quais sejam, o pesquisador psicanalítico, sua transferência com a Psicanálise e a produção de saber metapsicológico ancorada no espaço de orientação universitária. A segunda seção responde diretamente ao objetivo do Projeto de Tese acima enunciado. Trata-se, propriamente, da aplicação do método psicanalítico, sustentado na escuta das narrativas dos participantes sobre suas experiências como sujeitos migrantes. Participaram da pesquisa 6 haitianos, que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. A escuta que sustentou a pesquisa autoriza o testemunho da singularidade existente no marcante paradoxo entre possibilidades ou impossibilidades de devir subjetivo de migrantes frente suas particulares vicissitudes. Finalmente, a terceira seção constituiu-se, também, de uma pesquisa psicanalítica, na forma de um testemunho elaborado do processo migratório marcadamente saudável, realizado por sujeitos que, dispondo de recursos psíquicos, encontraram no trabalho profissional um campo criativo de reconhecimento e ampliação da própria subjetividade. Os resultados obtidos permitem afirmar a necessidade de que se reconheça a singularidade da experiência do sujeito que migra e que tem algo a dizer sobre sua vivência. Para tanto, é preciso não desmentir a diferença que os migrantes representam, evitando políticas que sejam alheias às suas reais necessidades e garantindo voz ativa a esses sujeitos nas ações relacionadas às realidades por eles vivenciadas. De uma compreensão mais aprofundada dos elementos que estão presentes nas migrações contemporâneas depende a efetividade das medidas tomadas pelos governos e pelas sociedades, em prol da uma integração, verdadeiramente hospitaleira, dessa significativa população.

Palavras-Chave: Migração, Diáspora haitiana, Pesquisa Psicanalítica, Narcisismo, Trabalho.

Área de classificação do CNPq: 7.07.00.00-1 – Psicologia

Subárea de classificação do CNPq: 7.07.10.00-7 – Tratamento e Prevenção Psicológica

ABSTRACT

Diaspora has always been a part of human history, related to everything from a search for new economic development opportunities to fleeing from wars and political persecution, leading people to either voluntary or forced migration. Following a 7.3 magnitude earthquake on the Richter scale in January 2010 in Haiti, a large-scale migration of Haitians to different parts of the world initiated. Destinations included Brazil. There is a need to expand the study on and reflection of migratory phenomena, focusing on the inherent complexity faced by these displaced people, and which sets in motion a series of representations in the face of diverse alterities. Based on the narratives of Haitian migrants, this study is aimed at accessing and questioning elements of their migratory experiences, according to the theoretical proposals of Bleichmar (2005), as well as the differences between what is implicit to the self-preservation of life and that which corresponds to the complexity of the self-preservation of the individual. Aimed at contributing to field studies, this thesis is broken down into three sections, the first of which is of a theoretical-methodological branch, the remaining two being of an empirical nature. The first section presents a methodological study that proposes possible articulation amongst three pillars that sustain the proposal of psychoanalytical research, namely, the psychoanalytical researcher, their transfer with Psychoanalysis and the production of metapsychological knowledge anchored in the space of university guidance. The second section responds directly to the objective of the aforementioned Thesis Project. It deals specifically with the application of the psychoanalytical method, grounded on the narratives of participants regarding their experiences as migrants. The study included 6 Haitians who came to Brazil following the earthquake that struck Haiti in 2010. The interviews that sustained the study reveal the singularity of the striking paradox between possibilities and impossibilities of the subjective changes migrants face when dealing with their particular vicissitudes. Finally, the third section also features a psychoanalytical study in the form of a deposition prepared from the markedly healthy migratory process, undertaken by subjects that, making use of psychological resources, find in professional work a creative field for recognition and the expansion of their own subjectivity. The results obtained confirm the need to recognize the singularity of migrating people's experiences, which has something to reveal about these experiences. Therefore, we must not refute the differences that migrants represent, avoiding policies that fail to address their real needs and ensuring an active voice for these people in actions related to the realities of their experiences. The effectiveness of measures taken by governments and society depends on a deeper understanding of the elements that make up contemporary migrations, aimed at a truly hospitable integration of this significant population.

Key words: Migration, Haitian diaspora, Psychoanalytical Study, Narcissism, Employment.

CNPq area of classification: 7.07.00.00-1 – Psychology

CNPq sub-area of classification: 7.07.10.00-7 – Psychological Treatment and Prevention

RELAÇÃO DE TABELAS

Introdução

Tabela 1 – Dados gerais dos participantes da pesquisa (n=6).....	20
--	----

Seção Empírica I

Tabela 1 – Dados gerais dos participantes da pesquisa (n=6).....	71
Tabela 2 – Quantidade de entrevistas realizadas com cada participante do estudo.....	72

INTRODUÇÃO

Esta Tese de Doutorado, intitulada “*Diáspora Haitiana: A pesquisa psicanalítica do sujeito da migração*”, foi realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Escola de Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGP/PUCRS). A pesquisa esteve vinculada ao Grupo de Pesquisa “Fundamentos e Intervenções em Psicanálise”, mais especificamente, ao Projeto Maior de Pesquisa intitulado “*Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise*”, coordenado pela pesquisadora Profa. Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, inicialmente orientadora desta Tese. Esse Projeto Maior, que contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (CEP/PUCRS) – Parecer Consubstanciado de Aprovação registrado sob o número: 1.743.178 –, acompanhou a referida pesquisadora na sua transição do PPGP/PUCRS para o Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ocasião em que passou a ser coorientadora da presente Tese. A partir desse momento, o presente estudo, que se manteve respondendo ao Projeto original de Tese, que já havia passado pela Banca de Qualificação, sob o título “O traumático nos meandros da autoconservação e da autopreservação do Eu: Riscos à subjetividade do migrante”, passou a ser orientado pela Profa. Dra. Tatiana Quarti Irigaray, professora do PPGP/PUCRS, onde coordena o Grupo de Pesquisa “Avaliação, Reabilitação e Interação Homem-Animal”.

No que tange ao tema de Tese, cumpre considerar que as diásporas humanas sempre estiveram presentes na história, relacionando-se desde a busca por oportunidades de desenvolvimento econômico até a fuga de guerras e perseguições políticas, que tem levado os sujeitos a migrações voluntárias ou forçadas (Nunes & Oliveira, 2015). Amplamente divulgado pela mídia é o caso da diáspora síria, com o fluxo de significativo número de pessoas que buscam refúgio nos diversos países da Europa, com a crescente resistência no acolhimento, e

dos sucessivos casos de naufrágios no Mar Mediterrâneo (Andrade, 2011; Lacerda, Silva & Nunes, 2015). Outrossim, relacionado a um terremoto de magnitude sísmica de 7.3 na escala Richter, ocorrido em janeiro de 2010 no Haiti, pôde-se observar o expressivo fluxo migratório de haitianos para diversas partes do mundo, em que se inclui a migração para o Brasil (Cogo, 2014; Moraes, Andrade & Mattos, 2013). Nota-se, assim, que muitas são as razões envolvidas nos deslocamentos de maciços contingentes de sujeitos em diversas partes do planeta, constituindo um fenômeno histórico, isto é, com um amplo passado em que estiveram envolvidos, provavelmente, a maioria dos povos, perpassando a formação de todas as comunidades humanas, e, simultaneamente, demasiadamente contemporâneo.

A Organização Internacional para as Migrações (OIM) entende por migrações internacionais “os movimentos de pessoas que deixam seus países de origem ou de residência habitual para se fixarem, permanente ou temporariamente, noutro país, implicando, conseqüentemente, a transposição de fronteiras internacionais” (OIM, 2009, p. 42). Tratam-se de pessoas que, muitas vezes, deixam, provisória ou permanentemente, seus lares e, até mesmo, suas famílias, em busca de melhores condições de vida em lugares distantes, acerca dos quais não sempre dispõem de informações suficientes.

Conforme García-Ramírez, Balcázar e De Freitas (2014), a estagnação da economia mundial colocou o Ocidente em uma crise que o convida a abandonar valores de justiça e direitos humanos. Nesse sentido, o aumento da migração global é uma evidente forma de manifestação do notável contingente de sujeitos submetidos a riscos, com precariedade de abrigo, escasses de renda, alimentação, educação e cuidados de saúde (García-Ramírez, Balcázar & De Freitas, 2014). Reconhecidamente, os países Europeus vêm se deparando com a realidade das migrações há mais tempo, com diversos matizes e radicalidades que se veem expressos em pesquisas e estudos acerca do fenômeno. Na Espanha, por exemplo, García-Castaño, Fernández e Thamm (2014) apontam importante crescimento nas pesquisas relativas

a populações imigrantes desde a publicação da primeira lei para estrangeiros, em 1986. Com base em suas pesquisas, no intervalo entre os anos 2000 e 2013 foram produzidas 91 teses de doutorado com a temática das migrações. Nessas teses ganham destaque diferentes aspectos que compõe o tema das migrações, dentre eles questões relativas à educação, mundo laboral, gênero e saúde. Llop-Gironés, Lorenzo, Garcia-Subirats, Aller e Navarrete (2014) realizaram uma revisão sistemática, identificando 319 artigos científicos sobre os serviços de saúde à população imigrante na Espanha. Em Portugal, a primeira Tese de Doutorado sobre refugiados foi defendida no ano de 2011, representando um marco no campo de pesquisa do tema no país (Santinho, 2011).

No Brasil, os estudos sobre a temática encontram-se em desenvolvimento mais inicial, dedicando-se, principalmente, à caracterização social e política e à discussão de direitos dos migrantes, com destaque à diáspora haitiana e seus processos de acolhida humanitária (Cogo & Silva, 2016; Cogo, 2014; Moraes, Andrade & Mattos, 2013; Pacífico & Pinheiro, 2013). Registram-se, ainda, no campo psicanalítico, estudos dedicados à proposição de uma clínica para migrantes (Carignato, 2013; Rosa, Berta, Carignato & Alencar, 2009), à reflexão acerca de refugiados vítimas de perseguições e de exilados vítimas da violência de Estado (Indursky, 2012; Indursky, Conte, Feijó & Didonet, 2014; Indursky & Conte, 2015; Indursky & Piccinini, 2015). Nesse campo há, também, reflexões teóricas que associam migração, trabalho e produção de patologias (Borges & Martins, 2004) e produções teórico-clínicas realizadas a partir da clínica do testemunho do traumático, na qual o analista contribui na construção de um testemunho, por parte de vítimas de regimes de exceção, acerca do traumático por elas vivido (Conte, 2014; Indursky & Szuchman, 2014; Perrone & Moraes, 2014) ou, por meio da escuta do traumático, sustentando o lugar do analista como testemunha do testemunho (Gondar & Antonello, 2016). No âmbito das intervenções e da produção teórico-política psicanalíticas voltadas a migrantes e refugiados no Brasil, registram-se, com destaque, os trabalhos do

Laboratório Psicanálise e Sociedade, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, que, além de iniciativas de extensão universitária, realizadas em parceria, por exemplo, com a Casa do Migrante, albergue que acolhe migrantes e refugiados na cidade de São Paulo, desenvolve cursos, eventos e contribuições teóricas, por meio de pesquisas e dos debates suscitados, promovendo aproximações entre a Psicanálise e o tema das migrações e refúgios (Rosa, Alencar, Carignato e Mountian, 2015). Os debates sobre deslocamentos humanos e seus desdobramentos políticos, culturais e subjetivos, oportunizados por esse Laboratório e levados a cabo por pesquisadores, psicanalistas, sociólogos, filósofos, profissionais da saúde pública, dentre outros, têm possibilitado, desde os pontos de vista clínico, político e cultural, a produção de conhecimento acerca das políticas relacionadas a direitos e vicissitudes dos migrantes e refugiados, além de lançar luz sobre os desafios da integração destes à sociedade brasileira (Rosa, Alencar, Carignato e Mountian, 2015). De toda sorte, não foram encontradas revisões sistemáticas sobre o tema realizadas no Brasil que reflitam o atual estado da arte e permitam a comparação com a produção de países da Europa.

Chama a atenção, todavia, a considerável quantidade de artigos científicos e teses produzidas e defendidas sobre o tema das migrações, indicando a atualidade e a relevância conjuntural que possui no cenário internacional e a atenção que países como, por exemplo, Espanha e Portugal têm dedicado ao assunto. Pode-se afirmar que as migrações constituem um importante fator social nos países europeus, considerando suas implicações sobre a cultura, a economia e a saúde da população. Em alguma medida, tal realidade é extensiva aos países da América, que têm servido de destino para muitos migrantes de variados países que, para cá, deslocam-se por diversas razões.

Os movimentos migratórios não constituem um fenômeno inédito na história das Américas, tampouco do Brasil, tendo em conta que a constituição dos povos que habitam seus territórios deu-se por meio de pessoas oriundas de nações do restante do mundo, cujo

deslocamento tem ocorrido ao longo dos últimos séculos (Oliveira, 2016). No cenário dos fluxos migratórios internacionais, recentemente, o Brasil passou a ocupar, novamente, lugar de relevância. Ainda que não seja o país com a maior quantidade de migrações de haitianos, ficando atrás de países como Canadá e Estados Unidos (Rosa, 2015), na última década neste quesito, o Brasil tem sido escolhido como destino por um significativo número deles, que têm buscado neste país uma nova oportunidade de recomeçar suas vidas, duramente devastadas por sucessivas crises políticas e sociais e, também, por catástrofes ambientais.

Segundo consideram Moraes, Andrade e Mattos (2013), a compreensão acerca da crise generalizada que se instaurou no Haiti não pode ser buscada em uma fórmula pontual e simplória, fazendo-se mister a consideração de sua história, que se revela marcada por diversas intervenções, regimes ditatoriais, corrupção e, mais recentemente, desastres ambientais, todos concorrendo para a precária realidade socioeconômica atual daquele país. Os autores destacam a violência, a desigualdade social e a instabilidade política como marcando a história do Haiti e estando presentes desde o início de sua formação.

Primeira república negra do mundo, após treze anos de sangrentas lutas para conquistar, em 1804, sua independência da exploração francesa, o Haiti passou a ser considerado párea na América, visto que sua libertação da condição de colônia se deu por meio de uma revolta de escravos (Moraes, Andrade & Mattos, 2013). Na sequência das contendas históricas, durante a Primeira Guerra Mundial, entre 1915 e 1934, tropas dos Estados Unidos da América ocuparam o país para garantir os interesses norte-americanos que se seguiram quando, posteriormente, já na Guerra Fria, os estadunidenses mantiveram sua interferência na política haitiana por meio do apoio à ditadura exercida pelo médico François Duvalier, chamado de *Papa Doc*, que foi sucedido por seu filho, Jean-Claude Duvalier, o *Baby Doc*, responsáveis por um período ditatorial marcado pelo totalitarismo e pelo terror policial. (Moraes, Andrade & Mattos, 2013). Ainda que se valendo de forte repressão, *Baby Doc* se viu obrigado a deixar o Haiti, em 1986,

devido aos constantes protestos populares opostos a seu regime, abrindo espaço para que pudessem ocorrer as primeiras eleições presidenciais diretas em 1990, após longo período de instabilidade e violência, tendo sido eleito presidente Jean-Bertrand Aristide, ex-padre salesiano e partidário da Teologia da Libertação (Moraes, Andrade & Mattos, 2013). Registra-se, no entanto, a ocorrência de um golpe de Estado no ano seguinte à eleição, quando Aristide foi retirado do Haiti, tendo podido retomar o poder somente em 1994, por meio de uma coalizão militar que tinha à frente os EUA, sob aval da ONU e da Organização dos Estados Americanos – OEA. Após ser reeleito, em 2000, em pleito sobre o qual se levantaram suspeitas de fraudes, tendo menos de 10% população comparecido às urnas, a oposição negou-se a aceitar a vitória de Aristide que, mediante a insurgência das forças oposicionistas em revolta que se espalhou por todo o país, com apoio da França e dos EUA – incomodados com a imigração generalizada de Haitianos que fugiam da guerra civil estabelecida –, se viu obrigado, em 2004, a renunciar ao cargo, tendo sido retirado à força por militares norte-americanos com apoio dos franceses (Moraes, Andrade & Mattos, 2013). Em inícios de 2004, após a abdução do presidente eleito, assume o poder Bonifácio Alexandre, presidente do Supremo Tribunal do Haiti, que, imediatamente, solicitou a ajuda da ONU para conter a crise que se estabelecera em todo o país (Moraes, Andrade & Mattos, 2013). Prontamente, essa organização internacional atendeu à solicitação do mandatário e, por meio do Conselho de Segurança das Nações Unidas – CSNU, que aprovou a Resolução 1.542, constituiu a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, atribuindo ao Brasil seu comando (Moraes, Andrade & Mattos, 2013). Fica evidenciado, portanto, diante do exposto, que a diáspora haitiana tem atrás de si uma complexa história de conflitos que causaram inúmeros e amplos prejuízos à população que se viu obrigada, em grande número, a buscar melhores condições em outros países.

Nesse contexto, Cogo (2014) sublinha que, para além da significativa pobreza no Haiti, agravada pelo terremoto de 2010 e arrolada pela opinião pública como única responsável pela

emigração daquele país, a diáspora haitiana no contexto brasileiro deve ser compreendida tendo em conta vinculações geopolíticas anteriores entre Brasil e Haiti. Nesse sentido, giza-se que, em 30 de abril de 2004, a partir da criação da MINUSTAH, coube ao Exército Brasileiro assumir o controle das tropas e atuar em áreas relacionadas à segurança, à infraestrutura, à estrutura do Estado e às garantias e liberdades democráticas (Cogo, 2014; Moraes, Andrade & Mattos, 2013; Nunes & Oliveira, 2015). Tal aproximação entre as duas nações seria um dos importantes fatores envolvidos na predileção pelo Brasil, buscado, cada vez mais, como destino migratório pelos haitianos. A pesquisa conduzida por Cogo (2014) aponta para essa direção, na medida em que os haitianos entrevistados expressam que a escolha pelo Brasil em lugar dos Estados Unidos para o comando da MINUSTAH relaciona-se, sobretudo, à rejeição histórica da presença intervencionista norte-americana no Haiti e, simultaneamente, às importantes vinculações afetivas e culturais dos haitianos em relação ao povo brasileiro.

Por sua vez, uma acurada leitura sobre a realidade brasileira exige um avanço das compreensões relativas às práticas oriundas do considerável aumento das migrações. Considera-se, contudo, de extrema relevância, que se ampliem o estudo e a reflexão acerca dos fenômenos migratórios, centralizando a atenção na complexidade inerente ao sujeito que se desloca e que põe em movimento não somente seu corpo, a economia local, a língua regional, mas toda série de representações frente à diversidade alteritária.

Mediante a constatação da inserção de haitianos no mercado de trabalho formal, pode-se verificar que estes sujeitos passam a ter acesso, minimamente, ao necessário para sobrevivência em terras estrangeiras. Dito de outro modo, as condições para o atendimento de necessidades básicas para a manutenção da vida parecem estar atendidas em alguns casos. Cabe, no entanto, a indagação acerca de outras vicissitudes inerentes ao humano, relativas, sobretudo, à sustentação da identidade de um sujeito em sua condição de existir. Tomando-se como parâmetro a necessária convocatória às falas daquele que migra, a fim de, efetivamente,

apreender aquilo que não está restrito às necessidades de sobrevivência biológica, a Psicanálise apresenta-se como imprescindível ferramenta de acesso e teoria para o aprofundamento de elementos que preconizam a existência de um sujeito nessa experiência migratória.

Dessa maneira, a Psicanálise é assumida como aporte metodológico e teórico para a busca de uma compreensão aprofundada do tema em estudo, possibilitando o reconhecimento da complexidade dos elementos eminentemente humanos que estão para além de acordos e convenções sociais e jurídicas e contemplando o sujeito que vivencia, muitas vezes, experiências potencialmente traumáticas em situações de marcada violência. Tal escolha encontra seu fundamento na constatação de que, frente a importantes fenômenos sociais, como o migratório, e a grandes crises, como as que ocasionam ou são consequentes aos deslocamentos de grandes contingentes de sujeitos, muitas áreas do conhecimento mobilizam-se e passam a se dedicar ao estudo e ao aprofundamento de compreensões.

Pretendendo trazer acréscimos aos estudos do campo, a presente Tese segue constituída em três seções, sendo a primeira de cunho teórico-metodológico e as duas seguintes de cunho empírico. Tal construção está de acordo com às exigências de estrutura de Teses do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Escola de Ciências da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

A primeira seção, intitulada *“Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio Metapsicológico”*, propõe uma possível articulação entre três pilares que sustentam uma proposta de pesquisa psicanalítica, quais sejam, o pesquisador psicanalítico, sua transferência com a Psicanálise e a produção de saber metapsicológico ancorada no espaço de orientação universitária. Defende-se que um pesquisador psicanalítico, no exercício aqui proposto de três tempos do testemunho, a partir de sua transferência com a Psicanálise e no espaço de orientação da pesquisa – possibilitado pelo orientador psicanalista – torna possível a produção de um saber em Psicanálise.

A segunda seção, com o nome “*A diáspora haitiana e as (im)possibilidades do sujeito: escuta e testemunho na pesquisa psicanalítica*”, responde diretamente ao objetivo do Projeto de Tese, a saber, acessar e problematizar elementos da experiência migratória que deem a conhecer, conforme proposições teóricas de Bleichmar (2005), diferenças entre o que é próprio à autoconservação da vida e aquilo que corresponde à complexidade da autopreservação do Eu. Trata-se, propriamente, da aplicação do método psicanalítico (Dal Forno & Macedo, no prelo), proposto na seção antecedente, na forma de coleta, análise e interpretação dos dados advindos do campo, sustentado na escuta das narrativas dos participantes sobre suas experiências como sujeitos migrantes. Participaram da pesquisa 6 haitianos, 3 homens e 3 mulheres, com idade média de 34 anos, que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010, e com tempo de permanência média de 2 anos em território brasileiro. A Tabela 1 apresenta dados gerais dos participantes.

Tabela 1 – Dados Gerais dos participantes da pesquisa (n=6)

Participante	Sexo	Idade	Tempo no Brasil
1	Masculino	29 anos	3 anos e 4 meses
2	Feminino	40 anos	1 ano e 7 meses
3	Feminino	33 anos	2 anos
4	Feminino	36 anos	2 anos e 4 meses
5	Masculino	42 anos	2 anos e 2 meses
6	Masculino	22 anos	1 ano

A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas individuais, que foram gravadas em áudio, transcritas e, posteriormente, analisadas por meio do método psicanalítico. A quantidade de entrevistas com cada participante variou de acordo com a disponibilidade apresentada e, também, com a necessidade identificada pelo pesquisador, tendo em conta os objetivos da pesquisa. Os dados, obtidos a partir das narrativas dos sujeitos migrantes, foram analisados considerando-se a proposta metodológica da existência de *três tempos do testemunho* (Dal Forno & Macedo, no prelo) intrínsecos ao ofício do *pesquisador psicanalítico*. A escuta que

sustentou a pesquisa e que pôs acento no reconhecimento às singulares vivências dos participantes permite afirmar que, naqueles sujeitos em que a Autopreservação do Eu está abalada por um narcisismo que se viu fragilizado no processo de exclusivo atendimento às urgentes demandas de Autoconservação da vida, a hospitalidade, isto é, a prática ética de um reconhecimento do sujeito da migração pautada em uma acolhida incondicional da singularidade daquele que aporta, é particularmente necessária.

Finalmente, a terceira seção é apresentada sob título “*O trabalho como potencialidade subjetiva na experiência migratória*”. Esse estudo, constituiu-se, também, de uma pesquisa psicanalítica (Dal Forno & Macedo, no prelo), na forma de um testemunho elaborado do processo migratório marcadamente saudável, realizado por sujeitos que, dispondo de recursos psíquicos, encontraram no trabalho profissional um campo criativo de reconhecimento e ampliação da própria subjetividade, tornando-se capazes de enfrentar as dificuldades inerentes à migração.

Conforme preconizado por Freud (1921/2006), já no alvorecer dos estudos psicanalíticos, “desde o começo, a psicologia individual, (...), é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (p.81). Está, portanto, a Psicanálise atenta àquilo que é do social e que, simultaneamente, envolve os sujeitos e se lhes oferta como experiência demandante de processamento psíquico. Esse foi o intuito central que conduziu o processo investigativo desta Tese sobre a diáspora haitiana, reconhecendo, assim, o importante aporte que decorre da pesquisa psicanalítica sobre o *sujeito* da migração.

Referências:

Andrade, G. B. (2011). A guerra civil síria e a condição dos refugiados: um antigo problema, “reinventado” pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade

- internacional. *Revista de Estudos Internacionais*, 2(2), 121-138. Disponível em:
<http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/view/69>
- Bleichmar, S. (2005). Conceptualización de catástrofe social. Límites y encrucijadas. In: D. Waisbrot et al. (Orgs.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina* (pp. 35-51). Buenos Aires: Paidós.
- Borges, H., & Martins, A. (2004). Migração e Sofrimento Psíquico do Trabalhador da Construção Civil: uma Leitura Psicanalítica. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 14(1), 129-146.
- Dal Forno, C., & Macedo, M. M. K. (no prelo). Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio Metapsicológico. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*.
- Carignato, T. T. (2013). A construção de clínica psicanalítica para migrantes. *Revista Internacional de Mobilidade Humana*, 21(40), 107-129. doi:
<http://dx.doi.org/10.1590/S1980-85852013000100007>
- Cogo, D. (2014). Hatianos no Brasil: comunicação e interação entre redes migratórias transnacionais. *Tema central*, (125), 23-32. doi:
<http://dx.doi.org/10.16921/chasqui.v0i125.39.g800>
- Cogo, D., & Silva, T. (2016). Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*, 23(1). doi:
<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2016.1.21885>
- Conte, B. S. (2014). Testemunho: reparação do trauma é possível? In: Sigmund Freud Associação Psicanalítica. *Clínicas do testemunho: reparação psíquica e construção de memórias* (pp. 83-92). Porto Alegre: Criação Humana.

- Freud, S. (2006). Psicologia de grupo e a análise do ego. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.18, pp. 77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- García-Castaño, F. J., Fernández, R. L., & Thamm, M. (2014). Sujetos y territorios en el estudio de las migraciones desde la antropología en España. *Quaderns-e*, 19(2), 100-125. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/QuadernseICA/article/view/292822>
- García-Ramírez, M., Balcázar, F., & De Freitas, C. (2014). Community psychology contributions to the study of social inequalities, well-being and social justice. *Psychosocial Intervention*, 23, 79-81. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.psi.2014.07.009>
- Gondar, J., & Antonello, D. F. (2016). O analista como testemunha. *Psicologia USP*, 27(1), 16-23. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150010>
- Indursky, A. C. (2012). Pensando as tramas e enlaces da clínica com refugiados. In: B. S. Conte, & S. Henzel (Orgs.), *Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social*. (pp. 49-65). Porto Alegre: Evangraf.
- Indursky, A. C., Conte, B. S., Feijó, D., & Didonet, L. (2014). Do exílio ao asilo: escutas clínicas. *Revista Associação Psicanalítica*, 1(45), 37-48.
- Indursky, A. C., & K. Szuchman (2014). Grupos do testemunho: função ética do processo testemunhal. In: Sigmund Freud Associação Psicanalítica. *Clínicas do testemunho: reparação psíquica e construção de memórias* (pp. 49-66). Porto Alegre: Criação Humana.
- Indursky, A. C., & Conte, B. S. (2015). Trabalho psíquico do exílio: o corpo à prova da transição. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 18(2), 273-288. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982015000200008>

- Indursky, A. C., & Piccinini, C. A. (2015). O testemunho como ferramenta clínico-política. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 23(1), 1-9. doi: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v23n1p1-9>
- Lacerda, J. M. A. F., Silva, A. A. S., & Nunes, R. V. G. (2015). O caso dos refugiados sírios no Brasil e a política internacional contemporânea. *Revista de Estudos Internacionais*, 6(2), 100-116. Disponível em: <http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/view/209>
- Llop-Gironés, A., Lorenzo, I. V., Garcia-Subirats, I., Aller, M., & Navarrete, M. L. V. (2014). Acceso a los servicios de salud de la población inmigrante en España. *Revista Española de Salud Pública*, 88(6), 715-734. doi: <http://dx.doi.org/10.4321/S1135-57272014000600005>
- Moraes, I. A., Andrade, C. A. A., & Mattos, B. R. B. (2013). A imigração haitiana para o Brasil: Causas e Desafios. *Revista Conjuntura Austral*, 4(20), 95-114. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/35798>
- Nunes, J. W., & Oliveira, S. D. (2015). Evidências da construção da figura do *imigrante* qualificado no Brasil: uma leitura a partir da Lei nº6.815/80. In: A. M. N. Vasconcelos & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o Paradoxo da globalização* (pp. 33-51). Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasileira: CSEM.
- Oliveira, M. (2016). Imigração e identidades nacionais na América Latina: o elo esquecido (Resenha). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(90), 177-182. doi: <http://dx.doi.org/10.17666/3190177-182/2016>
- Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2009). *Glossário sobre migração*. Genebra: Organização Internacional para as Migrações.
- Pacífico, A. P., & Pinheiro T. K. F. (2013) O status do imigrante haitiano no Brasil após o terremoto de 2010 sob a perspectiva do Pós-Estruturalismo. *Revista Perspectivas do*

Desenvolvimento, 1(1), 107-125. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-398449>

Perrone, C., & Moraes, E. G. (2014). Do trauma ao testemunho: caminho possível de subjetivação. In: Sigmund Freud Associação Psicanalítica (Org.), *Clínicas do testemunho: reparação psíquica e construção de memórias* (pp. 31-46). Porto Alegre: Criação Humana.

Rosa, M., Berta, S., Carignato, T., & Alencar, S. (2009). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(3), 497-511. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142009000300006>

Rosa, M. D., Alencar, S. L., Carignato, T. T., & Mountian, I. (2015). Apresentação – Desigualdades, deslocamentos: clínica e política na imigração e refúgio. *Psicologia USP*, 26(2), 133-135. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564AD20152602>

Rosa, R. M. (2015). As contradições da política migratória brasileira contemporânea: Algumas reflexões a respeito das políticas públicas para os migrantes haitianos. In: A. M. N. Vasconcelos & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o Paradoxo da globalização* (pp. 53-74). Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasileira: CSEM.

Santinho, M. C. (2011). *Refugiados e requerentes de asilo em Portugal: Contornos políticos no campo da saúde* (Tese de Doutorado). Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa.

SEÇÃO TEÓRICA

**Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio
Metapsicológico**

Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio

Metapsicológico¹

Resumo

São frequentes os debates acerca da epistemologia e da potencialidade da pesquisa psicanalítica, muito em função da inserção da Psicanálise no âmbito universitário, sobretudo em nível de pós-graduação. Em vista disso, o presente artigo propõe uma possível articulação entre três pilares que sustentam uma proposta de pesquisa psicanalítica, quais sejam, o pesquisador psicanalítico, sua transferência com a Psicanálise e a produção de saber metapsicológico ancorada no espaço de orientação universitária. Defende-se que um pesquisador psicanalítico, no exercício aqui proposto de três tempos do testemunho, a partir de sua transferência com a Psicanálise e no espaço de orientação da pesquisa – possibilitado pelo orientador psicanalista – torna possível a produção de um saber em Psicanálise.

Palavras-chave: pesquisador psicanalítico; pesquisa psicanalítica; transferência; ensaio metapsicológico.

Psychoanalytic Research: from transference with Psychoanalysis to the production of the Metapsychological Essay

Abstract

There are frequent debates about epistemology and the potentiality of psychoanalytic research, due in large part to the insertion of Psychoanalysis in the university realm, especially at the

¹ Artigo aceito para publicação na Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa, conforme Carta do Editor que consta no Anexo 4.

graduate level. Therefore, this article proposes a possible articulation between three pillars that support a psychoanalytic research proposal, namely, the psychoanalytic researcher, his transference with Psychoanalysis, and the production of metapsychological knowledge anchored in the space of university guidance. It is argued that a psychoanalytic researcher, in the exercise proposed here with three testimony tenses, from its transference using Psychoanalysis and in the space of research guidance - made possible by the psychoanalytic advisor - allows the production Psychoanalytic knowledge

Key-words: psychoanalytic researcher; psychoanalytic research; transference; metapsychological essay.

Introdução

A discussão acerca da pesquisa psicanalítica demonstra-se um tema atual e, simultaneamente, evoca elementos relativos à história da Psicanálise. Se, por um lado, intensificam-se, atualmente, os debates acerca da epistemologia e da potencialidade da pesquisa psicanalítica, muito em função da inserção da Psicanálise no âmbito universitário, sobremaneira em nível de pós-graduação (Dunker, 2011; Jardim & Hernández, 2010; Lo Bianco, 2003; Macedo & Dockhorn, 2015; Poli, 2008; Rosa & Domingues, 2010), por outro lado, seu objeto de pesquisa e seu método de investigação encontram-se cunhados desde suas origens, remetendo à clínica freudiana (Caon 1999; Iribarry, 2003; Macedo & Dockhorn, 2015). A pesquisa psicanalítica, ora praticada, carrega em si as marcas de seu desenvolvimento histórico, tendo se estabelecido a partir do reconhecimento da especificidade de sua área de atuação (Lo Bianco, 2003). Tal método não prescinde do essencial rigor e especificidade que lhe são característicos (Macedo & Dockhorn, 2015).

É cada vez mais numerosa a presença de Laboratórios e Grupos de Pesquisa em Psicanálise na Universidade que objetivam garantir condições para que a produção de saber psicanalítico possa encontrar vias efetivas de circulação (Poli, 2008). Nessa perspectiva, referindo-se ao aumento da frequência de procura da pesquisa psicanalítica, Iribarry (2003) situa que muitos profissionais, ao optarem pelo caminho da pós-graduação, têm buscado pautar suas investigações a partir da apropriação do método freudiano. Contudo, pondera o autor, serem escassos os trabalhos que discorrem propriamente acerca de como realizar uma pesquisa psicanalítica. De tal proposição, decorre a importância de se estabelecer, com clareza, os pressupostos e os procedimentos inerentes ao exercício investigativo possibilitado pelo método psicanalítico.

A Psicanálise, segundo Sauret (2003), no meio científico, tem o privilégio de ser a única disciplina a não renunciar a dar a palavra ao sujeito, isto é, a não renunciar àquilo que constitui a particularidade deste. Dessa maneira, conforme situa a autora, a Psicanálise não poderia ser uma ciência² como as outras e, simultaneamente, ser uma ciência do sujeito, visto que precisa comportar esse espaço para o particular, que fala uma língua diversa da matemática, contraditória em termos, como é o humano. Conforme Jardim e Hernández (2010), seja na ciência, em seu modelo experimental, seja na Psicanálise, as maneiras de conduzir uma investigação não são independentes de seu método, de modo que ambas se caracterizam por metodologias próprias; para a ciência, a metodologia é a forma de produzir conhecimento e, para a Psicanálise, implica aquilo que permite construir um saber acerca da verdade e do desejo do sujeito. As autoras sustentam que a crítica que se dirige à Psicanálise, por sua falta de cientificidade, não deve ser assumida como o ponto nodal da discussão, tendo-se em conta que tal argumento toma por certo que qualquer iniciativa teórica e de investigação deve estar

² Por ciência, no contraste com a proposição psicanalítica apresentada neste manuscrito, admite-se aquela de caráter positivista, em que o critério de verdade está diretamente relacionado à positividade do dado, oriunda das ciências naturais em seu modelo experimental.

subsumida ao método científico positivista. Entendem Jardim e Hernández (2010) que a fragilidade dessa crítica se encontra no fato de ser autoreferenciada e mostrar uma digressão de argumentos reducionistas, tendo em conta que a Psicanálise não é uma ciência positivista, tampouco se encontram na natureza de seus fundamentos elementos para nisso se transformar.

Mesmo diante do considerável contraste nas diferentes formas de proceder na obtenção de conhecimento e saber, segundo Jardim e Hernández (2010), ciência e Psicanálise perfilam-se, sendo impensável o surgimento da última – como prática e descoberta do Inconsciente por Freud – antes do nascimento da primeira, no século XVII. Com o objetivo de apresentar a noção de sujeito da ciência, as autoras remetem-se a Descartes – propriamente à proposição do *Cogito* – que inaugurou a ideia de sujeito enquanto correlato da ciência, situando no pensamento a possibilidade de existência, isto é, um sujeito fundado no pensamento e na consciência. Certamente, esse não é o sujeito para o qual se volta a Psicanálise, uma vez que a dimensão essencial de sua subjetividade ficaria de fora da equação. Jardim e Hernández (2010), assim como Sauret (2003), numa clara alusão ao que foi amplamente discutido por Lacan ao longo de seu ensino, esclarecem que o sujeito da ciência nasce precisamente daquilo que é rechaçado pelo ideal da própria ciência, ou seja, a partir do rechaço a tudo que é inconsciente – que passa a ficar de fora da possibilidade de ser conhecido ou investigado pela ciência. Mais do que isso, é a partir da ciência que se declara inexistente o saber inconsciente. A Psicanálise, segundo concluem as autoras, funda-se, precisamente, a partir desse rechaço da ciência, à qual presta grande auxílio, na medida em que dá conta de uma dimensão de saber que a esta escapa. Ter como objeto de investigação o Inconsciente não se trata, portanto, de uma questão contingencial, mas essencial para a constituição da Psicanálise, no espaço aberto que lhe é deixado pela ciência. Se não existisse a ciência, não existiria, portanto, a Psicanálise.

Situa, assim, Sauret (2003) que a Psicanálise é filha da ciência, referindo que ela não existiria sem a produção do sujeito da ciência. Significa dizer que aquilo que precisou ficar de

fora do discurso da ciência, pela gritante incompatibilidade com o paradigma desta, constitui-se no esteio de sustentação do discurso da Psicanálise. A prática investigativa da Psicanálise quer incluir no campo, portanto, o Inconsciente forcluído pelo discurso científico, produzindo um saber, singular, sobre o sujeito. É nesse cenário que se desenha a pesquisa psicanalítica, voltada ao Inconsciente e à produção de um saber cujo paradigma não está atrelado às comprovações e generalizações da ciência, mas à consideração daquilo que esta precisa deixar de fora, isto é, o saber acerca da singularidade que escapa ao consciencialismo cartesiano e à lógica protocolar do “para todos”.

Dessa maneira, a riqueza do método investigativo inaugurado por Freud oportuniza à Psicanálise estender-se a searas em que a escuta do singular remonta à clínica, mas não se limita ao seu *setting* tradicional. Na identificação com a capacidade criativa e inventiva de seu criador e na sustentação garantida por seu legado teórico aberto, encontra-se a vitalidade dessa proposta investigativa bem como seu potencial de assumir as permanentes demandas de trabalho em prol da ampliação de suas possibilidades (Macedo & Dockhorn, 2015). Freud segue sendo o modelo de *pesquisador psicanalítico* (Caon, 1999), de maneira que, por meio do método de investigação do humano por ele fundado, a pesquisa psicanalítica vem ganhando, progressivamente, maior espaço no âmbito universitário e permitindo que pesquisadores identificados com a prática de escuta do singular e transferenciados com o legado freudiano possam produzir investigações e contribuir com o avanço do saber psicanalítico. Nesse sentido, o presente artigo propõe uma possível articulação entre três pilares que sustentam uma proposta de pesquisa psicanalítica, quais sejam, o pesquisador psicanalítico, sua transferência com a Psicanálise e a produção de saber metapsicológico ancorada no espaço de orientação universitária.

Em Freud, as diretrizes de pesquisa e o modelo de pesquisador psicanalítico

Na obra de Freud podem ser encontrados o lastro teórico-epistemológico e as diretrizes que orientam a pesquisa psicanalítica, assim como a indicação dos imprescindíveis requisitos para a ação de seu pesquisador. Em *Pulsões e Destinos da Pulsão*, de 1915, conforme registra Caon (1999), encontra-se uma plataforma epistemológica e metodológica que, se didaticamente transposta, pode dirigir os passos do pesquisador psicanalítico. Na abertura desse texto, estão apresentados os passos da constituição de uma nova matriz teórica que precisou ser elaborada também como forma de sustentação para um novo campo de pesquisa. Nas palavras de Freud (1915/2004), lê-se:

Ouvimos muitas vezes a opinião de que uma ciência deve se edificar sobre conceitos básicos claros e precisamente definidos, mas, na realidade nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste muito mais na descrição de fenômenos que são em seguida agrupados, ordenados e correlacionados entre si. Além disso, é inevitável que, já ao descrever o material, apliquemos sobre ele algumas idéias abstratas obtidas não só a partir das novas experiências, mas também oriundas de outras fontes. Tais idéias iniciais – os futuros conceitos básicos da ciência – se tornam ainda mais indispensáveis quando mais tarde se trabalha sobre os dados observados. (p.145)

Como esclarece Caon (1999), antes de qualquer coisa, Freud dedica-se ao estabelecimento de um dispositivo epistemológico específico como forma de dar sustentação às concepções da pesquisa psicanalítica, denominado de *metapsicologia*. O rigor metodológico que marca a prática freudiana evidencia-se na afirmativa de que a formulação mais precisa dos conceitos básicos de uma disciplina sempre deve ser buscada mediante novas descobertas. Segundo defende Freud (1915/2004), para que o conhecimento possa progredir, tais definições não podem ser rígidas, sendo a física – com seu admirável exemplo, em que os ‘conceitos básicos’, mesmo que fixados em definições gerais, sofrem modificação em seu conteúdo – uma

ilustração dessa maneira de proceder em ciência. Nessa referência, demonstra-se, com clareza, no modelo assumido por Freud, em seu procedimento investigativo, importantes recomendações à pesquisa psicanalítica.

Freud permanece, portanto, a ensinar pelo que produziu de próprio punho, na inoxidável riqueza de seus escritos, mas, também, em igual medida de relevância, pelo modelo de uma prática cunhada no rigor de um fazer profissional que se configurou na circunscrição de um campo próprio de pesquisa e intervenção, nunca renunciando à sua especificidade epistemológica, diversa da ciência tradicional. Nesse contraste, delineia-se que cada disciplina assume caminhos particulares na construção de sua própria racionalidade.

Chalmers (1993), quando se dedica a definir ciência, alerta que "não há uma categoria geral, 'a ciência', e nenhum conceito de verdade à altura de caracterizar a ciência como uma busca da verdade" (p.197). Esse epistemólogo, na medida em que sustenta que "cada área do conhecimento deve ser julgada por seus próprios méritos, pela investigação de seus objetivos, e, em que extensão é capaz de buscá-los" (Chalmers, 1993, p.197), aponta para os perigos da hegemonia de um conceito único e atemporal de ciência servir de argumento para a exclusão ou supressão de diferentes áreas do saber. Fazendo frente à supremacia do pensamento consciencialista de seu tempo, Freud, mediante a delimitação de um campo e de um objeto específico, qual seja o Inconsciente, negligenciado pela ciência, viu-se diante do árduo desafio de produzir formas de apropriação e de saber sobre o mesmo, do qual sua clínica e sua obra dão notável testemunho.

Nesse sentido, segundo considera Lo Bianco (2003), a educação formal de Freud produziu-se no contexto das pesquisas acadêmico-científicas do final do século XIX, tendo ele sido instruído por mestres de marcada experiência experimental e orientação de caráter positivista. Indiscutivelmente, sua opção por desenvolver novos empreendimentos de pesquisa não é fruto de um desconhecimento do método experimental do laboratório, mas de "uma

ousadia que o faz retirar-se das questões legítimas que eram colocadas por um mundo legítimo – acadêmico-científico de finais de século” (Lo Bianco, 2003, p.118) para se dedicar à descoberta de meios de investigação mais apropriados à especificidade dos fenômenos que se lhe apresentavam.

Diante da constatação da existência de algo que, para além da consciência, estava a determinar os estados subjetivos, fertilizava-se o solo do qual surgiria, na teorização freudiana, a noção de Inconsciente e do desejo que influenciará o sujeito psicanalítico (Lo Bianco, 2003). Dessa maneira, a pesquisa laboratorial experimental, em que Freud havia sido capacitado, não mais lhe seria útil, precisando ele desenvolver um novo método de investigação para lidar com um objeto de outra natureza (Lo Bianco, 2003).

Nesse contexto de virada epistemológica produzida por Freud, situa Caon (1999) que o surgimento do pesquisador psicanalítico “é condicionado pela passagem da pesquisa neuro-anatômica e neuro-anátomo-patológica (...) para a pesquisa psicopatológica *stricto sensu*, em que a atividade pesquisadora e a atividade clínica são uma e mesma coisa” (p. 38). Conforme destaca o autor, a virada realizada por Freud é mais do que uma transposição, produzindo uma mudança de paradigma, na medida em que “o *aparelho neurológico é, agora, substituído pelo aparelho psíquico*” (p. 39, grifo do autor).

É, portanto, no campo da relação analítica que o Inconsciente passa a ser considerado e investigado. Todavia, sabidamente, seus efeitos não são exclusivos ao *setting*, tampouco se resumem a essa relação. A pesquisa psicanalítica começa na clínica, mais exatamente na clínica de Freud, estendendo seu método investigativo a outros espaços e fazendo valer sua epistemologia em uma nova concepção de sujeito a ser investigado pelo pesquisador psicanalítico nos mais variados contextos existenciais. Nessa perspectiva, de acordo com Aguiar (2006), a questão que se coloca não é clínica, senão epistemológica, de maneira que “tivesse a psicanálise o poder de curar todas as formas de patologia mental, ainda assim seu

julgamento e reconhecimento viriam de sua contribuição ao saber enquanto ciência dos processos inconscientes” (p.122).

No presente contexto de aproximação da pesquisa em relação às diretrizes cunhadas na clínica, destaque merece, ainda, o texto freudiano intitulado *Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise*, de 1912. Nesse escrito, Freud (1912/2006) dedica-se a apresentar alguns princípios para o exercício clínico psicanalítico, dos quais se avulta a recomendação da análise pessoal daquele que se propõe a analisar um outro. Entende-se que tal preceito, ainda que relativo ao contexto de tratamento, constitui-se, também, imprescindível ao campo da pesquisa psicanalítica, na qualidade de experiência possibilitadora da escuta do pesquisador psicanalítico.

Nesse texto, Freud (1912/2006) refere que, assim como o paciente é convidado a relatar tudo o que sua auto-observação possa detectar, evitando toda a censura intelectual e afetiva, também o clínico deve colocar-se em condição de utilizar tudo o que lhe é comunicado para fins de interpretação, identificando o material inconsciente oculto, sem substituir sua censura pela seleção que o paciente prescindiu de realizar. Freud (1912/2006) exorta que, se o clínico pretende estar em posição de utilizar seu Inconsciente em seu favor, na decodificação do Inconsciente do paciente, como instrumento de análise, deve preencher determinada condição, qual seja, aquela relativa a se analisar. Refere que, para não introduzir na análise do que escuta qualquer atravessamento de seleção e deformação, é necessário que, antes, “tenha passado por uma purificação psicanalítica e ficado ciente daqueles complexos seus que poderiam interferir na compreensão do que o paciente lhe diz” (Freud, 1912/2006, p.129).

Assim, Freud (1912/2006) entende que todo aquele que assumir com seriedade o ofício clínico deve escolher o curso da análise pessoal como inegociável prioridade, obtendo desta experiência inúmeras recompensas. Contrariamente, aponta que, outros, que não tiverem se dignado a tomar a precaução de se analisar, não somente estarão inaptos a, efetivamente,

escutarem seus pacientes, mas estarão assumindo o risco mais sério de, por meio da projeção, situar fora de si peculiaridades de suas próprias personalidades, levando o método psicanalítico ao descrédito.

Considera-se, na linha argumentativa desenvolvida no presente texto, que tais aspectos, relativos ao tratamento clínico, são extensivos à pesquisa psicanalítica, independentemente do local em que sua escuta será efetivada. Aguiar (2006), no contexto de discussão acerca de quem é o pesquisador psicanalítico, ressalta a importância da experiência de tratamento pessoal na prática deste profissional. Refere, ainda, que não se pode pesquisar *sobre* Psicanálise sem que se venha a *ser*, em alguma medida e nos limites da própria análise, um *pesquisador psicanalítico* – pesquisador da singularidade subjetiva e dos mecanismos inconscientes.

Claro está, assim, que Freud sempre foi, e, indubitavelmente, segue a ser o modelo de pesquisador psicanalítico, que, ao oferecer sua escuta, lança-se em busca daquilo que está para além do aparente a ancorar a subjetividade daquele que, na transferência, encontra o espaço para se narrar e, com isso, elaborar sua história. Consoante ressalta Caon (1999), orientado pela direção dada por Freud em seus textos metapsicológicos, o pesquisador psicanalítico encontra-se em posição de reconstruir o campo de conceitos metapsicológicos, já estabelecido pelos pesquisadores psicanalíticos que o precederam, de modo que, por meio de suas investigações, poderá propor novos conceitos ao campo da metapsicologia.

Contemporaneamente, a universidade tem se apresentado como um espaço profícuo de produção, no qual a maioria das pesquisas psicanalíticas têm se realizado. Em vista da progressiva ocupação desse espaço pela Psicanálise, que tem permitido, inclusive, sua interlocução com outros saberes, entende-se que, sobremaneira no âmbito da pesquisa psicanalítica realizada em nível da Pós-Graduação brasileira, a produção de conhecimento é acrescida de especial significância quando atrelada à produção metapsicológica.

Os caminhos da pesquisa psicanalítica: o labor de um ofício ancorado na transferência

Devido à característica do objeto psicanalítico – o Inconsciente –, é possível circunscrever, na situação de análise, o procedimento de pesquisa que tem na clínica seu principal ponto de apoio, a partir do qual Freud pôde desenvolver sua metapsicologia (Lo Bianco, 2003; Oliveira & Tafuri, 2012). Sendo assim, declara Caon (1994), o método de pesquisa psicanalítica deve ser examinado à luz da situação psicanalítica de tratamento, da qual herda seu modelo. O que irá diferenciar a situação psicanalítica de pesquisa daquela de tratamento refere-se, segundo o autor, *ao manejo da transferência*, na medida em que, nesta será dissolvida; ao passo que, naquela, instrumentalizada na produção do texto metapsicológico resultante dos achados.

Dessa maneira, para que alguém se torne psicanalista ou pesquisador psicanalítico é indispensável que tenha, em algum momento, sido analisante, isto é, tenha podido fundar a experiência psicanalítica por meio da vivência e da dissolução do amor transferencial, artificialmente produzido na situação psicanalítica de tratamento (Caon, 1999). Da experiência de ter sido escutado, e na medida desta, advirão as condições para, por sua vez, ofertar a outrem uma escuta sustentada na transferência. A condição de ter sido paciente da técnica para depois ser profissional dessa mesma técnica é, segundo Caon (1999), constituinte e condição *sine qua non* em Psicanálise.

Na história da Psicanálise, o processo de formação do psicanalista foi tema de que muito se ocupou Sándor Ferenczi, situando a análise do analista como sua condição primordial. Em comparação com outros ramos científicos, segundo Ferenczi (1928a/2011):

A experiência psicanalítica mostra que, para praticar o ofício de psicólogo, não basta estabelecer uma relação lógica entre os conhecimentos e os dados experimentais; *é indispensável, além disso, efetuar um estudo profundo da nossa própria personalidade*

e uma observação rigorosa das nossas moções psíquicas e afetivas. (p.238. grifo do autor)

A educação para o conhecimento e domínio de si mesmo, entende Ferenczi (1928a/2011), é a essência da formação do analista, de maneira que a formação teórica e prática somente podem se produzir na sequência. Desse modo, no contexto da capacitação de um sujeito que se propõe à análise de outros, Ferenczi foi o primeiro a estabelecer relação entre a formação do analista e o final de sua análise pessoal (Bernardes, 2002; Bertonzzin & Abrantes, 2015).

No texto intitulado “Elasticidade da técnica psicanalítica”, Ferenczi (1928b/2011) enuncia claramente a análise do analista como a *segunda regra fundamental* da Psicanálise. Se do lado do paciente, a livre associação constituiria a *primeira regra fundamental* para que o Inconsciente pudesse apresentar suas formações no espaço da análise; do lado do analista, sua análise seria a condição de abertura para a escuta daquilo que surgiria na transferência, constituindo-se, portanto, na *segunda regra fundamental*. Assim, na análise do analista, encontrar-se-ia o elemento fundamental que o habilitaria ao exercício da análise de outrem. De acordo com Ferenczi (1928b/2011), a dificuldade da ação do analista relaciona-se ao manejo da transferência, terreno que requer que ele seja analisado. Tal contribuição ferencziana dá-se no contexto clínico de tratamento, do qual a situação psicanalítica de pesquisa, conforme já demonstrado, herda seu modelo, sendo possível, dessa maneira, tornar sua recomendação extensiva ao ofício do pesquisador psicanalítico.

Sendo assim, pode-se afirmar que a pesquisa psicanalítica é relativa ao tempo de percurso e de formação de cada sujeito (Poli, 2008). No amplo campo psicanalítico, o resultado do trabalho investigativo é dependente de até onde foi a análise do pesquisador. Trata-se de considerar que, para a ação investigativa do pesquisador psicanalítico, a análise pessoal é a base de sustentação de seu ofício.

Nessa mesma direção, Sauret (2003) entende que o método psicanalítico, no fundo, constitui-se daquilo que, pela experiência da análise, pode ser transponível para fora desse contexto, estando composto de uma concepção de sujeito como falante e dividido, pela hipótese de Inconsciente como fundamento de todo o fato psíquico, o que implica operar com “verbalização (entrevista), escuta, análise, transferência, intervenção” (p.98). É, dessa maneira, que a experiência clínica, desde o lugar primordial de analisante e, posteriormente, de profissional da escuta, oportunizará ao sujeito pesquisador – pesquisador psicanalítico – as condições necessárias à sua prática investigativa, tendo em conta, também, os paradigmas estabelecidos pelo trabalho daqueles pesquisadores que o antecederam.

Assim, pode-se concluir com Caon (1999), que o exercício da Psicanálise nasce da clínica, propriamente do reclinamento sobre o divã, em que o psicopatológico é fundamento da investigação. O autor aproxima a situação psicanalítica de pesquisa (spp) da situação psicanalítica de tratamento (spt), indicando que aquela é uma situação que se orienta pelo modelo desta. Para o autor, portanto, a spp é a *refundação* da experiência inaugurada na spt. Por meio de tal refundação, abre-se a possibilidade de teorização metapsicológica, sustentada na experiência anterior de inserção no dispositivo epistemológico da Psicanálise, em que o analisante experimenta-se pesquisador daquilo que é inconsciente.

No esforço de construir uma definição que situe esta modalidade investigativa no âmbito da universidade, Caon (1999) refere que a pesquisa psicanalítica é:

A refundação, no campo das comunidades universitárias de pesquisadores, daquela experiência anteriormente fundada na situação psicanalítica de tratamento, onde o paciente analisante é o pesquisador, por excelência, e o psicanalista é o diretor dessas pesquisas, produzidas em método e procedimentos de associação livre, produzidas pelo paciente analisante em transferência e ‘*in praesentia*’ do psicanalista. (p. 40)

Na aproximação que estabelecem entre certas características metodológicas da pesquisa psicanalítica e a estrutura narrativa do romance policial, Dunker, Assadi, Bichara, Gordon e Ramirez (1999) oferecem a ilustração do personagem Watson como metáfora do papel exercido pelo pesquisador psicanalítico. No romance de Arthur Conan Doyle, a investigação é conduzida por Sherlock Holmes, cabendo a John Watson a posição de discussão, testemunho e registro da experiência investigativa. É para ele que o detetive oferece argumentos, justifica-se e presta contas de suas ações. Cabe a Watson a função de redigir as aventuras e descobertas de Holmes.

Tendo em conta a pesquisa psicanalítica no âmbito da universidade e a partir da indagação de qual lugar falaria o pesquisador em seu texto, Dunker et al. (1999) concluem que, certamente, não é desde o lugar de analista, senão de *testemunha de uma experiência elaborada*. Admitindo a proximidade estrutural existente entre a narrativa policial e a pesquisa psicanalítica, ambas marcadas pelo caráter investigativo conjectural e argumentativo, os autores postulam que o lugar a partir do qual o pesquisador psicanalítico produz seu texto de relato da experiência analítica é muito próximo ao ocupado pelo personagem de Watson, nas investigações de Holmes. Referem que “ele compartilha a experiência da investigação; é ele quem narra as memórias de Holmes; é para ele que os argumentos e justificativas de Holmes são expostos” (Dunker et al., 1999, p. 124). Os autores entendem, com isso, que, sem Watson, a pesquisa e a investigação policial perderiam sua estrutura essencial de diálogo, que busca a resolutiva de um enigma por meio de conjecturas que são criadas, debatidas e trazidas ao conhecimento público.

Na metáfora de Sherlock Holmes e John Watson ilustrada, fica a constatação de que *quem faz a pesquisa é o participante*, aos moldes da pesquisa feita pelo paciente deitado no divã, cabendo ao pesquisador a direção e o testemunho da investigação. Nesse ponto, situa-se a importância da escuta que, não necessariamente precisará vir de um psicanalista, mas de alguém

que, ao já ter ocupado o lugar de analisante, encontra-se em condição de *escutar* e dar o *testemunho* desta experiência na forma do texto que daí decorrerá.

Chega-se, então, à proposição de como pode se produzir a pesquisa psicanalítica, qual seja, a de que seu modelo de pesquisa se refere ao *modelo do analisante*, daquele que, no divã, realiza a pesquisa da vida. Por tal característica, o pesquisador torna-se, desde o início, o primeiro sujeito da pesquisa que empreende. Da mesma forma como o analisante se engaja em seu processo de análise pessoal e diz algo de seu padecimento psicopatológico, no contexto de uma situação de transferência, “o pesquisador psicanalítico dá um testemunho de sua investigação a um outro, a uma alteridade com a qual também irá se ‘transferenciar’” (Iribarry, 2003, p.122). Novamente, o modelo seguido é o de Freud, que remetia, em muitos momentos, suas elucubrações teóricas à apreciação de Fliess; sendo, agora, os achados da pesquisa psicanalítica entregues à alteridade, na figura dos pares (Caon, 1994; Iribarry, 2003).

Em relação à subjetividade do pesquisador que estará presente durante o processo de análise dos dados, Iribarry (2003) reporta-se ao conceito de *solipsismo metodológico*, proposto por Caon (1994), presente na pesquisa psicanalítica, como sendo uma forma de solipsismo em que, em lugar de uma restrição ao âmbito de uma experiência elementar e única, o que se observa, contrariamente, é a convocação de uma alteridade para comunicação desta experiência. Desse modo, segundo esclarece o autor, o pesquisador psicanalítico comunica sua experiência à alteridade, isto é, ao público para o qual destina sua pesquisa.

Os três tempos do testemunho como estratégia metodológica para a pesquisa psicanalítica

Neste ponto, portanto, delineiam-se, neste artigo, como uma proposição metodológica possível à pesquisa psicanalítica, a existência de *três tempos do testemunho*, relativos ao ofício do *pesquisador psicanalítico*. O primeiro tempo ocorre na medida em que o *pesquisador*

testemunha a narrativa realizada pelo participante da pesquisa; o segundo, que se dá no contexto da orientação/supervisão, com o orientador psicanalista, em que o pesquisador procede à análise e à interpretação dos dados; e o terceiro, que se refere à apresentação dos achados da pesquisa aos pares, permitindo a circulação do saber produzido, principalmente, no âmbito acadêmico.

A proposição dos três tempos do testemunho como proposta metodológica alinha-se ao que afirma Iribarry (2003) sobre ser o pesquisador psicanalítico o primeiro sujeito de sua pesquisa. O autor defende a grande implicação que o pesquisador tem no trabalho que conduz, uma vez que é, por seu próprio punho, que uma contribuição conceitual irá se organizar no decorrer do processo investigativo. Tal fato não dispensa os demais participantes da pesquisa, mas demarca a inclusão e a importância do pesquisador também como sujeito da investigação.

À pergunta de se o pesquisador psicanalítico seria movido por sua subjetividade ao analisar os dados de pesquisa, tendo em conta que suas impressões transferenciais resultam do modo como se aproxima dos achados, Iribarry (2003) responde positivamente. Acrescenta, ainda, ser essa a mais legítima contribuição da qual dá testemunho o percurso de Freud, movido que sempre foi por suas tendências pessoais frente aos dados de sua pesquisa, sendo “graças à sua interferência subjetiva que a psicanálise nasceu como uma teoria, um método e uma técnica de tratamento” (Iribarry (2003, p.127). Nesse sentido, Freud foi autor e sujeito enquanto pesquisador psicanalítico (Caon, 1996).

Afirmar a presença de um autor que, desde a posição de pesquisador, faz a experiência da investigação que dirige e desta dá testemunho não implica a entrega a um completo subjetivismo, tampouco a defesa de procedimentos aleatórios. Nesse sentido, Hornstein (2013), aproximando a epistemologia psicanalítica da lógica do pensamento complexo, considera que o método da Psicanálise encontra mais espaço de aproximação em relação à ciência contemporânea se comparada com a clássica, que se empenhava em eliminar o observador.

Dessa maneira, segundo o exemplo de Freud, “o tomar-se a si mesmo como paciente é um dos germes dessa posição que, no campo da psicanálise, faz com que a técnica e a ética se equivalham” (Caon, 1999, p. 40). A posição do pesquisador psicanalítico é, antes de qualquer coisa, uma posição ética. A condução de uma pesquisa psicanalítica pauta-se pela ética e pela especificidade de um campo que tem no sujeito de Inconsciente seu principal eixo norteador (Macedo & Dockhorn, 2015; Dockhorn & Macedo, 2008). São os elementos próprios a esse sujeito de Inconsciente que, segundo Macedo e Dockhorn (2015), sustentam a especificidade da Psicanálise, sendo, precisamente, diante da proposta de investigar tais elementos que deverá se dar o desenho da *estratégia investigativa* a ser assumida pelo denominado, neste texto, pesquisador psicanalítico. Ressaltam, ainda, as autoras, que, no movimento de aliar o rigor metodológico e a especificidade que caracterizam a Psicanálise, o pesquisador poderá e, até mesmo, deverá criar *estratégias de investigação* que se pautem no paradigma freudiano que, desde os primórdios, clarificou que a uma ciência que exclua o sujeito de Inconsciente não poderá se alinhar a epistemologia psicanalítica.

Nos três tempos do testemunho, propostos neste artigo como possível estratégia metodológica de investigação, produzem-se os desdobramentos de uma prática de pesquisa que tem seu aporte fundamental na transferência com a Psicanálise, estabelecida pelo pesquisador psicanalítico, não necessariamente um psicanalista, em sua experiência de análise. A figura do orientador psicanalista apresenta-se como aquele que, por meio da prática de orientação/supervisão, favorece condições para sustentar o processo de desvelamento e interpretação de novos achados e produção de novas ligações. No terceiro tempo do testemunho, a colaboração estabelecida entre o pesquisador psicanalítico e o orientador psicanalista fomenta condições ao exercício de interpretação dos achados da pesquisa, contemplando o rigor metodológico que sempre marcou o fazer em Psicanálise. Como momento final, a escrita do texto, que acrescenta, também, ao material novos elementos

interpretativos, encontra seu inegável valor mediante o favorecimento da circulação entre pares do saber produzido em Psicanálise.

Ensaio Metapsicológico: a escrita da pesquisa psicanalítica

A pesquisa psicanalítica descende do método psicanalítico, encontrando na figura do analisante o modelo de investigação da subjetividade e de construção de um saber sobre si próprio. Assim, conforme situa Caon (1999), o analisante, na qualidade de *arqui-modelo do pesquisador psicanalítico*, escreve-se com a tinta da própria voz, ofertando os elementos narrativos e transitórios que serão transformados em tempo paginado, pelo esforço inerente ao ato pontuador e escandidor da escuta psicanalítica. É nesse processo que, segundo Caon (1999), constitui-se a experiência psicanalítica, a qual, “no relance da situação psicanalítica de pesquisa (spp), pode transformar-se em texto de pesquisa psicanalítica, isto é, em ensaio metapsicológico” (p. 60). O *ensaio metapsicológico* apresenta-se, desse modo, como o possível texto, resultante da pesquisa psicanalítica, que terá na criativa obra escrita de um autor o registro e desfecho de um processo que se iniciou na transferência e na escuta de narrativas particulares, cabendo a indagação acerca dos caminhos a serem percorridos a fim de se alcançar tal destino.

Mediante o desafio de mapear possíveis caminhos, Iribarry (2003) ressalta, ao se dedicar a uma apresentação sistemática para atualização do método de pesquisa psicanalítica, que essa é tão somente uma resposta possível, necessária, porém não definitiva, para esse tipo de pesquisa. Fica, portanto, sinalizado um campo aberto para reflexão e novas apropriações do método.

Nesse sentido, Minerbo (2000) entende que a Psicanálise pode ser assumida como uma *matriz de estratégias de investigação*. A interpretação possibilitada por esse método, será, segundo a autora, sempre relativa ao processo de construção de um saber, de modo que tal processo, na qualidade de estratégia relativa a uma dada situação, será singular e irrepetível.

Por não produzir verdades totalizantes, mas parciais, tal método garante espaço, no entendimento da autora, a novas empreitadas investigativas, orientadas pela criatividade do pesquisador.

Assim sendo, ainda que se lance a uma sistematização, apresentando os passos do processo psicanalítico de pesquisa, Iribarry (2003) reconhece que sua proposta trata de um recorte do modo como se apropriou do método freudiano de pesquisa, com vistas a inspirar aqueles que desejarem orientar suas pesquisas por meio da tradição psicanalítica de investigação. O que sempre estará em voga, então, será a apropriação particular do método de pesquisa psicanalítica pelo sujeito pesquisador. Nessa acepção, Iribarry (2003) demarca que o trabalho de análise, sobremaneira quando voltado à formação de um analista, priorizará o estilo e a marca singular daquele que se oferta como analista a um outro. Entende ele que tal lógica é extensiva à pesquisa psicanalítica, visto que esta sempre resultará da apropriação de um autor que, depois de tomar contato com o método de Freud, constituirá um método seu que, mantendo-se filiado à vertente original, singularizará sua abordagem na realização de uma pesquisa.

Para comunicar a sua experiência de pesquisa, isto é, aquela decorrente dos procedimentos utilizados na coleta de dados, o pesquisador psicanalítico pode, segundo Iribarry (2003), recorrer a técnicas específicas para o tratamento dos dados. Tais técnicas seriam, segundo o autor, a *leitura dirigida pela escuta* e a *transferência instrumentalizada*. A leitura dirigida pela escuta refere-se a um dispositivo através do qual o pesquisador é capaz de identificar, no texto transcrito resultante da coleta de dados, contribuições particulares e diferenciadas daquelas já conhecidas, localizando elementos cujos sentidos podem assumir o caráter de uma contribuição para o problema de pesquisa que norteia a investigação. Por sua vez, a transferência instrumentalizada refere-se ao processo através do qual o pesquisador dirige-se aos dados de pesquisa, transcritos em forma de texto, analisando-os à luz da literatura

que embasa a pesquisa. Além disso, o pesquisador procura “elaborar impressões que reúnem as suas expectativas diante do problema de pesquisa e as impressões dos participantes que forneceram suas contribuições na forma de dados coletados” (Iribarry, 2003, p.129).

A técnica de análise dos dados, proposta por Iribarry (2003), baseia-se na leitura dos textos oriundos das transcrições do material obtido na coleta de dados, de onde o pesquisador irá retirar os subsídios para a construção do ensaio metapsicológico. Nessa técnica, conforme diferencia o autor, não há a manipulação de signos, como ocorre, por exemplo, na Análise de Conteúdo ou na Análise do Discurso. Nela, o pesquisador detém-se ao âmbito do significante e da abertura de sentidos que lhe é característica. É dessa forma que, de acordo com Iribarry (2003), o pesquisador psicanalítico encontra os elementos cruciais para a construção do *ensaio metapsicológico*, texto que compõe a parte de discussão dos dados, de forma a preparar as considerações finais do trabalho. Por essa via, o pesquisador psicanalítico oferece sua contribuição à compreensão e explicação da temática estudada por meio da interpretação e da ampliação de sentidos possíveis ao material coletado. É por isso que, como expõe Iribarry (2003), “são os significantes introduzidos pela experiência do pesquisador com o texto que irão oferecer novas significações, novos sentidos para o dado coletado e transformado em texto” (p. 128). Conforme assinala o autor, a responsabilidade pela produção final da pesquisa é *inteiramente do pesquisador psicanalítico* e cada novo termo acrescentado ao texto e divulgado por meio do ensaio metapsicológico expande o horizonte de compreensão e explicação da temática estudada.

Na busca pelo estado da arte sobre pesquisa psicanalítica, encontram-se referências claras a Theodor Adorno naquilo que para ele caracteriza um ensaio. Sua proposição de *ensaio*, como forma de expressão que considera a interação dos conceitos no processo da experiência, oferta-se como possibilidade de construção criativa. Por suas peculiares características, o ensaio, conforme proposto por Adorno (1974/1985), “não almeja uma construção fechada,

dedutiva ou indutiva” (p. 174). Assim, esta forma de expressão serve, portanto, de modelo para a elaboração do ensaio metapsicológico, o qual se configura como uma possível produção resultante da pesquisa psicanalítica (Caon, 1999; Iribarry, 2003; Pereira, 2006).

Nesse sentido, o ensaio, segundo Adorno (1974/1985), possui uma autonomia estética e questiona o modelo canônico e positivista de conteúdo. Para Iribarry (2003), a consistência do ensaio não nasce da retirada do sujeito, de sua suposta supressão em favor de uma possível neutralidade científica; o ensaio surge, justamente, da inclusão do sujeito e acaba, por fim, revelando um autor. O ensaio, ainda segundo Iribarry (2003), não se pretende objetivo, tampouco interessa em sua construção a verificação da tese defendida para que haja sua comprovação; o que interessa ao ensaio é o conjunto da experiência individual e sua potência criadora.

Como defende Adorno (1974/1985), o ensaio não apresenta um fechamento de fato. Da mesma forma que a realidade, de acordo com o autor, o ensaio é incontínuo e formado por rupturas; ao não ser conclusivo, sua totalidade caracteriza-se como um não-total. Por tais especificidades, o ensaio, então, demonstra-se como profícuo recurso para que algo possa ser enunciado acerca da subjetividade humana, por se aproximar da concepção de sujeito com a qual a Psicanálise trabalha, qual seja, a de sujeito de Inconsciente.

A escuta atenta às produções do Inconsciente caracteriza a especificidade da Psicanálise. Desde Freud, é sabido que o mais singular do sujeito aparece nas rupturas de um discurso lógico e contínuo. É na falha, no lapso, no chiste, no sintoma e no sonho que aquilo que é da ordem do Inconsciente é dado a conhecer. A escuta psicanalítica dirige-se, portanto, não à coerência, mas aos aspectos disruptivos de uma narrativa que revela um sujeito naquilo que ele é, precisamente, onde não pensa. Nesse sentido, Rosa (2004) afirma que “o método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito” (p. 341), ao construir uma metapsicologia que é fruto da escuta psicanalítica. Aquilo que o pesquisador psicanalítico escuta como produção do sujeito em sua

narrativa de si passa a ser o barro a ser moldado nas mãos hábeis do oleiro da palavra, possibilitando a abertura à criação de novos sentidos e conceitos.

Por essas razões, a Psicanálise pode encontrar no *modelo do ensaio* a forma de escrita que mais se aproxima dos seus pressupostos. Conforme expõe Poli (2008), a construção de um saber em Psicanálise passa por um mergulho do pesquisador psicanalítico na cena na qual se deixa apanhar pelo enigma de sua pesquisa e por uma produção que se mostra condizente com o lugar desde onde ele fala, o que requer que o pesquisador abandone, desde o início do processo, suas certezas apriorísticas. Tudo isso implica, segundo a autora, situar o pesquisador psicanalítico no interior da Psicanálise, na sua transmissão e herança para, a partir desse ponto, construir um saber singular.

Há, portanto, uma diferença estabelecida no método de pesquisa psicanalítica em relação às pesquisas desenvolvidas em outros campos, uma vez que não é a produção de conhecimento generalizável que se busca, mas, muito antes, a produção de um saber singular, em que o Inconsciente esteja contemplado (Poli, 2008). Na procura por esse saber, o pesquisador psicanalítico é levado, como já mencionado anteriormente, a provar da invenção freudiana, assim como o faz na experiência de análise pessoal, submetendo-se ao método e ao procedimento da associação livre. Em seu percurso, Freud aplicou sobre si mesmo sua invenção, valendo-se da associação livre (Pereira, 2006) e testemunhando, em textos e cartas, a sua experiência (Aguilar, 2006). Agindo de tal forma, segundo Pereira (2006), Freud encontrou uma condição de máxima intimidade que, contudo, o aproximou de maneira irrevogável de seus pacientes e, por conseguinte, de todos os seres falantes. Está claro para os estudiosos da Psicanálise que Freud procurou dar o testemunho daquilo que, para ele, fazia enigma, o que não o levou, entretanto, a cair em um “subjativismo desenfreado” (Pereira, 2006).

A prática da pesquisa psicanalítica, conforme enunciado anteriormente, pressupõe a experiência de *três tempos*, que começa no testemunho da narrativa do participante – primeiro

tempo –, e se encerra na apresentação dos resultados, em forma de ensaio metapsicológico, aos pares – terceiro tempo. Há que ser ter em conta a relevância do segundo tempo, um tempo intermediário, que pontifica o princípio e a conclusão do exercício da pesquisa psicanalítica, a qual tem no espaço de orientação, sustentado pela transferência do pesquisador com o orientador psicanalista, importante campo criativo e que o resguarda do risco de ficar restrito ao plano de sua personalidade.

Nessa árdua tarefa de tentar transmitir algo da sua experiência de pesquisa, o pesquisador psicanalítico pode encontrar como aliado o recurso da *construção do caso* proposto por Fédida (1991). O caso, conforme situa o psicanalista, é formado por hipóteses, meramente da ordem da fantasia, que são construídas nas sessões de supervisão. É na supervisão que se busca formar e formular o *enigma do caso*, a partir de um ponto de vista que é exterior à situação de pesquisa. Para que haja, concretamente, a construção do caso, na prática da pesquisa, é necessário que a supervisão/orientação se apresente como um espaço de interlocução entre o pesquisador psicanalítico e o supervisor/orientador que, nesse sentido, cumpre a função de alteridade na construção do caso.

Para Fédida (1991), a *construção do caso de análise* efetua-se em relação ao que é elaborado no decorrer do processo de supervisão e que passa a ganhar o *status* de caso, propriamente dito, somente no momento em que é apresentado publicamente à comunidade psicanalítica. Nesse sentido, *o caso* é, para o autor, o trajeto da formulação do *enigma do caso*, produzido nas sessões de supervisão, até a sua apresentação diante dos pares. Sendo assim, o caso pode ser visto como uma teoria em gérmen que possui capacidade de transformação metapsicológica.

Destaca-se que, para Fédida (1991), a proposta de construção do caso é relativa ao campo eminentemente da clínica psicanalítica e se sustenta na relação transferencial do analista com seu supervisor clínico. No presente artigo, propõe-se que, em se tratando da produção de

pesquisa psicanalítica na universidade, *o orientador ocupe a função de alteridade na construção do caso*, o qual se materializará, posteriormente, em forma de *ensaio metapsicológico*. Portanto, o papel exercido pelo orientador psicanalista, na situação psicanalítica de pesquisa, equivaler-se-á àquele do supervisor clínico, na situação psicanalítica de tratamento. Na realização de uma pesquisa psicanalítica, o orientador surge como uma primeira alteridade encarnada, com quem o pesquisador psicanalítico, em transferência, construirá casos que serão, posteriormente, remetidos, na forma escrita de ensaios metapsicológicos, à apreciação dos pares que compõem as comunidades psicanalítica e universitária.

Conclui-se, desse modo, que, na presença de um pesquisador psicanalítico, que se valendo de sua transferência com a Psicanálise, ancorado em sua análise pessoal, no estudo da teoria e no espaço de orientação da pesquisa – possibilitado pelo orientador psicanalista – a produção de um saber em Psicanálise torna-se possível. Para tanto, fica evidenciada a importância da atenção às diretrizes metodológicas enunciadas nesta proposição dos três tempos do testemunho como possível estratégia para a realização de uma pesquisa psicanalítica.

Considerações Finais

Em sua descoberta do Inconsciente, a Psicanálise propõe-se à construção de um saber fora dos controles do laboratório e se interessa pela dimensão que escapa aos protocolos investigativos, apresentando-se como antítese à regra primaz do *Cogito* Cartesiano. Afirmar, todavia, um rompimento com o método da ciência não implica em assumir a recusa de qualquer método na condução de suas investigações. O progresso da Psicanálise permitiu a circunscrição de seu objeto de estudo, com o estabelecimento das especificidades que permitem sua investigação, e, concomitantemente, a criação de um método de exploração da singularidade humana que encontra no rigor da clínica fundada por Freud seu paradigma.

A caracterização do pesquisador psicanalítico aponta que, em primeiro plano, está a efetiva condição deste de se lançar à experiência de escuta da subjetividade. Na experiência de antes ter sido tomado como analisante e escutado, está estruturada, portanto, a condição daquele que, agora, na posição de *pesquisador psicanalítico* que dirige a investigação, escuta a pesquisa empreendida por um outro e desta dá testemunho em três distintos, mas relacionados, tempos.

Delineia-se, assim, que o elemento determinante da utilização do método de investigação psicanalítica é relativo muito antes à experiência de ter sido escutado na posição de analisante e, a partir disso, poder silenciar internamente e escutar outrem na incursão investigativa que este fará, do que propriamente ter sido reconhecido formal e institucionalmente como psicanalista. Dito de outra forma, o exercício da escuta, na investigação psicanalítica, diz de uma condição a ser ocupada mediante a sustentação de uma transferência daquele a quem se dirige a escuta e, principal e assumidamente, de uma transferência para com a Psicanálise como teoria, método e técnica que orienta um fazer profissional. É nesse sentido que, conforme recomendado por Sigmund Freud e consagrado por Sándor Ferenczi, sob a pecha de *segunda regra fundamental*, a análise do analista é condição tanto à escuta e manejo da transferência no tratamento clínico, quanto o é na escuta e instrumentalização da transferência na pesquisa psicanalítica, proposição central defendida neste trabalho.

O Inconsciente, a livre associação, a escuta e a transferência constituem-se, assim, em elementos essenciais e inegociáveis do fazer psicanalítico, em sua dimensão de tratamento do psicopatológico, sendo onipresentes, também, no contexto da pesquisa psicanalítica, independentemente do espaço e do material sobre o qual essa se valha para se efetivar. Destaca-se, de forma especial, que a apropriação singular do método psicanalítico é marca indelével dessa abordagem de pesquisa, não havendo, portanto, um protocolo a ser executado. Cabe ao pesquisador, desse modo, lançar mão de sua singularidade no labor de produção de um saber

que encontra na narrativa do participante de pesquisa a matéria prima do ensaio que se constituirá em forma de novas contribuições ao campo da metapsicologia.

Valendo-se, para tanto, da transferência com a Psicanálise, no espaço de criação possibilitado pela orientação, o pesquisador psicanalítico dedicar-se-á à construção do caso, que será sempre uma ficção, elaborado na forma de ensaio metapsicológico. Por fim, no exercício de uma ética que possibilita exercer uma posição investigativa a partir dos *três tempos do testemunho*, ancora-se a prática do pesquisador psicanalítico e a produção de um saber acerca do singular do sujeito ao qual direciona a escuta.

Referências

- Adorno, T. L. W. (1974/1985). O ensaio como forma. In: T. L. W. Adorno (Org.), *Antologia*. (pp. 167-187). São Paulo: Ática.
- Aguiar, F. (2006). Questões epistemológicas e metodológicas em psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 105-131.
- Bernardes, A. C. (2002). A segunda regra fundamental: um comentário sobre o Ferenczi de Lacan. *Ágora*, 5(2), 311-316.
- Bertonzzin, M. H., & Abrantes, T. (2015). O lugar do analista e do analisando em Ferenczi. *Jornal de Psicanálise*, 48(89), 137-154.
- Caon, J. L. (1994). O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 7(2).
- Caon, J. L. (1999). O pesquisador psicanalítico e a pesquisa psicanalítica. In: J. A. T. Machado (Org.), *Filosofia e psicanálise: um diálogo* (pp. 35-73). Porto Alegre: Edipucrs.

- Caon, J. L. (1996). Psicanálise <> metapsicologia. In: A. Slavutzky, C. L. S. Brito & E. L. A. Souza (Orgs.), *História, clínica e perspectiva nos cem anos da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Chalmers, A. F. (1993). *O que é ciência afinal?* São Paulo: Editora Brasiliense.
- Dockhorn, C., & Macedo, M. (2008). A complexidade dos tempos atuais: reflexões psicanalíticas. *Revista Argumento Psicologia*, 54(26), 217-224.
- Dunker, C. I. L., Assadi, T. C., Bichara, M. A. M., Gordon, J., & Ramirez, H. H. A. (1999). Romance policial e pesquisa em psicanálise. *Interações*, 7(13), 113-126.
- Dunker, C. I. L. (2011). *Estrutura e Constituição da Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Annablume.
- Fédida, P. (1991). A construção do caso. In: P. Fédida (Org.), *Nome, Figura e Memória: A linguagem na situação psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Ferenczi, S. (1928a/2011). O processo da formação psicanalítica. *Psicanálise IV*. Tradução Álvaro Cabral. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Ferenczi (1928b/2011) – Elasticidade da técnica psicanalítica. *Psicanálise IV*. Tradução Álvaro Cabral. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Freud, S. (2006). Recomendações aos Médicos que Exercem a Psicanálise. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.12, pp.125-133). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2004). Pulsões e Destinos da Pulsão. In Luiz Alberto Hanns (Ed. e Trad.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 1, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Hornstein, L. (2013). *Las encrucijadas actuales del psicoanálisis: Subjetividad y vida cotidiana*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? In: *Ágora*, 5(6), 115-138.
- Jardim, L. L., & Hernández, M. C. R. (2010). Investigación psicoanalítica en la universidad. *Estudos de Psicologia*, 27(4), 529-536.
- Lo Bianco, A. C. (2003). Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. *Revista PSICO USF*, 8(2), 115-123.
- Macedo, M. M. K., & Dockhorn, C. N. B. F. (2015). Psicanálise, pesquisa e universidade: labor da especificidade e do rigor. *Perspectivas en Psicología*, 12(2), 82 – 90.
- Minerbo, M. (2000). *Estratégias de investigação em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, N. R., & Tafuri, M. I. (2012). O método psicanalítico de pesquisa e a clínica: reflexões no contexto da Universidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4), 838-850.
- Pereira, R. F. (2006). Litoral, sintoma, encontro – quase ensaio. *Revista da APPOA*, 30.
- Poli, M. C. (2008). Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. *Estilos da Clínica*, 2008, Vol. XIII, nº 25, 154-179.
- Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348.
- Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188.
- Sauret, M. J. (2003). A pesquisa clínica em psicanálise. *Psicologia USP*, 14(3), 89-104.

SEÇÃO EMPÍRICA I

A diáspora haitiana e as (im)possibilidades do sujeito: escuta e testemunho na pesquisa psicanalítica

Introdução

Os deslocamentos de grupos humanos compõem capítulo sempre presente na história das sociedades. Na origem da formação dos povos, as diásporas estão relacionadas ao desenvolvimento econômico, ao crescimento demográfico, às mudanças climáticas ou, ainda, a guerras, a revoluções políticas e a golpes de Estado, com violações de direitos humanos, que levam à migração forçada ou voluntária (Nunes & Oliveira, 2015). Ao longo dos diversos períodos históricos, a migração humana produziu-se em diferentes e particulares formatos e esteve a serviço de variadas funções que foram da ocupação de novos territórios pela colonização voluntária de famílias inteiras à expatriação forçada de mão de obra escrava; sucessão de episódios que descreve a história da formação populacional de muitos países dentre os quais se inclui o Brasil (Santos, 2005; Turci, 2010).

O fenômeno migratório é tão diverso como são complexos os mecanismos nele envolvidos. Evidencia-se, na contemporaneidade, quando considerado o cenário internacional, em dramas de famílias que se veem separadas por períodos indeterminados e dificuldades que vão do processo concreto de deslocamento, muitas vezes marcado pela miséria e exploração humana, aos conflitos envolvendo a reinserção dos migrantes em novos territórios e culturas, em diversos países do mundo. Representando os muitos meandros que caracterizam a complexidade do fenômeno migratório contemporâneo destaca-se o caso da diáspora síria, com o fluxo significativo de pessoas que buscam refúgio nos diversos países da Europa, com a crescente resistência no acolhimento, e os sucessivos casos de naufrágios no Mar Mediterrâneo (Andrade, 2011; Lacerda, Silva & Nunes, 2015). Nesse complexo campo, um fato recente, cujas imagens chocantes tiveram ampla repercussão diante da comunidade internacional, foi a decisão do governo dos EUA de separar mais de 2,3 mil crianças de suas famílias migrantes entre o fim de abril e o início de maio de 2018³, detendo-as em gaiolas e expondo as fragilidades

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44584132>

da política internacional de proteção de direitos humanos. Recentemente, também, têm ganhado evidência as dificuldades vividas pelos venezuelanos que têm migrado para diversos países do mundo, dentre os quais inclui-se o Brasil, fugindo da miséria potencializada pelos conflitos políticos e pela intensa recessão econômica ocorridos naquele país, e têm encontrado notáveis resistências no processo de acolhida⁴.

Dados da Organização Mundial das Nações Unidas, dão conta de que, no ano de 2013, existiam no mundo aproximadamente 232 milhões de migrantes internacionais, dos quais, em média, seis em cada dez residiam em regiões desenvolvidas (ONU, 2013)⁵. Conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), nas últimas décadas, os deslocamentos forçados, que configuram situações de refúgio, chegaram à estatística sem precedente histórico de mais de 67 milhões de pessoas que, no mundo, deixaram seus locais de origem devido a conflitos, perseguições e graves violações de direitos humanos⁶. Destas, 22 milhões atravessaram fronteiras internacionais e tiveram os direitos de refugiados reconhecidos (ACNUR, 2018). Nessa mesma perspectiva, a dramaticidade da situação evidencia-se na estimativa de que o mundo, atualmente, “produza” 24 refugiados a cada minuto, correspondendo ao maior número de refugiados existentes desde a Segunda Grande Guerra⁷.

Os movimentos migratórios não constituem um fenômeno inédito na história das Américas, tampouco do Brasil, tendo em conta que a constituição dos povos que habitam seus territórios deu-se por meio de pessoas oriundas de nações do restante do mundo, cujo deslocamento tem ocorrido ao longo dos últimos séculos (Baeninger & Peres, 2017; Oliveira,

⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/eles-nos-expulsaram-como-cachorro-diz-imigrante-venezuelana-em-roraima.shtml>

⁵ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>

⁶ Conforme o ACNUR (2018, p.8), por “refugiado”, assume-se aquele que está “fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados”.

⁷ Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/noticias/noticia/deslocamento-forcado-atinge-recorde-global-e-afeta-uma-em-cada-113-pessoas-no-mundo/>

2016). Embasados nos registros do ACNUR, Nunes e Oliveira (2015) relembram que os fluxos migratórios, no contexto de final do séc. XIX e início do séc. XX, davam-se por meio do deslocamento de milhões de pessoas que migravam da Europa, empobrecida e altamente habitada, em direção a regiões menos povoadas e demandantes de mão de obra, com destaque para as Américas, destino de um grande contingente de europeus. Segundo os autores, esses migrantes, que viajavam em direção ao desconhecido, portavam o sonho de uma vida melhor.

Hodiernamente, em se tratando especificamente da categoria de refugiados solicitantes de acolhimento no Brasil, segundo informações do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) – órgão interministerial presidido pelo Ministério da Justiça –, o número total de solicitações de refúgio aumentou mais de 2.868% entre 2010 e 2015 (de 966 solicitações em 2010 passou para 28.670 em 2015). A maioria dos solicitantes de refúgio vem da África, da Ásia (inclusive Oriente Médio) e do Caribe. Além disso, ainda segundo esse órgão governamental, o Brasil possui atualmente 8.863 refugiados reconhecidos, de 79 nacionalidades distintas, sendo os principais grupos compostos por nacionais da Síria (2.298), Angola (1.420), Colômbia (1.100), República Democrática do Congo (968) e Palestina (376)⁸.

No cenário das migrações transnacionais do século XXI, tem se destacado o intenso fluxo de haitianos que têm se destinado ao Brasil, evidenciando, simultaneamente, o processo emigratório histórico do Haiti e as restrições impostas pelos Estados Unidos e pela Europa para a recepção dessa imigração (Baeninger & Peres, 2017). Em virtude de um terremoto de magnitude sísmica de 7.3 na escala Richter, ocorrido em janeiro de 2010 no Haiti, que se somou a uma dura realidade de históricas crises sociais e instabilidade política daquele país, pôde-se observar o expressivo fluxo migratório de haitianos para diversas partes do mundo, em que se inclui a migração para o Brasil (Cogo, 2014; Moraes, Andrade & Mattos, 2013). Segundo

⁸ Fonte: Dados do Balanço sobre Refúgios no Brasil. Publicado em Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, notícia. Disponível em :<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>.

esclarecem Pacífico e Pinheiro (2013), mesmo antes do evento sísmico, a população haitiana já padecia duramente devido à grande pobreza, baixa qualidade de vida e guerra civil, tendo essa situação agravada por aquele evento natural, ocasião em que morreram mais de 200 mil pessoas e muitos sobreviventes perderam o pouco que tinham. Os autores enfatizam que, frente à ocorrência desse terremoto, parte importante da população do país se viu obrigada a partir devido à escassez de empregos, moradia e alimentação, constituindo-se o Brasil como destino de muitos haitianos. Cogo (2014) sublinha que, para além da significativa pobreza no Haiti, agravada pelo terremoto de 2010 e arrolada pela opinião pública como única responsável pela emigração daquele país, a diáspora haitiana no contexto brasileiro deve ser compreendida tendo em conta vinculações geopolíticas anteriores entre Brasil e Haiti. Nesse sentido, giza-se que, em 30 de abril de 2004, a partir da criação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, pela ONU, após a derrubada do presidente haitiano, coube ao Exército Brasileiro assumir o controle das tropas e atuar em áreas relacionadas à segurança, à infraestrutura, à estrutura do Estado e às garantias e liberdades democráticas (Cogo, 2014; Moraes, Andrade & Mattos, 2013; Nunes & Oliveira, 2015). Tal aproximação entre as duas nações seria um dos importantes fatores envolvidos na predileção pelo Brasil, buscado, cada vez mais, como destino migratório pelos haitianos. A pesquisa conduzida por Cogo (2014) aponta para essa direção, na medida em que os haitianos entrevistados expressam que a escolha pelo Brasil em lugar dos Estados Unidos para o comando da MINUSTAH relaciona-se, sobremaneira, à rejeição histórica da presença intervencionista norte-americana no Haiti e, simultaneamente, às importantes vinculações afetivas e culturais dos haitianos em relação ao povo brasileiro. Somente, entre 2010 e 2013, estima-se que mais de nove mil haitianos conseguiram regularização no Brasil por meio de vistos humanitários, modalidade de visto criada pelo Governo Federal especificamente para a imigração haitiana (Cogo, 2014; Moraes, Andrade & Mattos, 2013).

Considera-se, com Nunes e Oliveira (2015), que cada sociedade, cada país constrói suas políticas de imigração, de acordo com sua forma de considerar o imigrante e conforme suas necessidades, materializando e operacionalizando, por meio destas, as representações e os imaginários sociais que terão forte influência e determinação nas ações concretas a ordenar a vida em sociedade. Registra-se, nesse sentido, o significativo episódio do Brasil, inicialmente, não receber haitianos como refugiados, mas condicionar o ingresso destes no território nacional a um visto humanitário, expedido em número bastante limitado, tendo em conta o fluxo apresentado. A lei brasileira 9474/97 e a Convenção de Genebra não contemplam entre as causas de pedido de refúgio os eventos ambientais, de modo que, com base nestas regulações, os imigrantes haitianos legalmente não poderiam ser recebidos na qualidade de refugiados. Como registram Moraes, Andrade & Mattos (2013), os haitianos solicitaram refúgio no Brasil, mas o Conselho Nacional de Refugiados (Conare) entendeu que o motivo apresentado por eles, qual seja o deslocamento por desastre natural, problemas econômicos e sociais, não se encontrava contemplado nas categorias de perseguição, elencadas pelo direito internacional e pela lei brasileira vigente como justificava para essa modalidade de acolhimento.

Em vista dessa especificidade e objetivando uma solução legal para a questão, o Conare repassou o caso ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que, em uma decisão histórica, concedeu visto humanitário de residência aos haitianos, permitindo-lhes trabalhar e estudar no Brasil (Coentro, 2011; Moraes, Andrade & Mattos, 2013). Nesse desenrolar jurídico, evidencia-se, na denúncia de Rosa (2015), a fragilidade da política migratória brasileira, tendo em conta que não foi a Secretaria de Direitos Humanos ou o Ministério das Relações Exteriores, mas o Conselho Nacional de Imigração (CNIg), vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o órgão designado para a emissão dos vistos humanitários aos haitianos. Tal acontecimento explicita a natureza da acolhida recebida pelos haitianos em terras brasileiras, a qual não priorizou a vulnerabilidade desses sujeitos, mas os interesses econômicos e políticos

do país. Destaca-se, do registro de Nunes e Oliveira (2015), que a marcada presença do Brasil no Haiti, desde 2004 liderando a MINUSTAH, criou nos haitianos a expectativa de que poderiam melhorar suas vidas em terras brasileiras, motivando um redirecionamento de sua rota de imigração, anteriormente voltada aos EUA. Os autores explicitam que não seria diplomático por parte do governo brasileiro reprimir tal fluxo migratório, sobremaneira pela meta deste de conquistar um assento no Conselho de Segurança da ONU, a qual, inclusive, justificaria a aceitação do convite para chefiar a missão supracitada de estabilização política do Haiti. Novamente, desvela-se, a partir desse registro, que, no ingresso desses migrantes haitianos no Brasil, o critério priorizado é de ordem eminentemente política e não humanitária, podendo ter como consequência, na melhor das hipóteses, o atendimento às necessidades básicas de sobrevivência física desta população, ficando-lhe preterida a necessária atenção à subjetividade de seus integrantes.

Pelo valor simbólico que portam, alguns acontecimentos recentes denunciam a crueldade que se tenta, a duras penas, velar quando a alteridade, por meio dos movimentos migratórios, impõe-se rompendo as fronteiras entre os países. Na paradisíaca ilha italiana de Lampedusa – considerada porta de entrada da Europa para os imigrantes que chegam pelo Mar Mediterrâneo –, destino turístico de luxo, ergueu-se o Monumento “Porta de Lampedusa”. Inaugurada em junho de 2008, a obra de arte, de mais de cinco metros de altura e três de largura, busca simbolizar a história de milhares de migrantes que enfrentaram muitas dificuldades indo atrás de uma vida melhor na Europa. As margens dessa ilha foram o cenário no qual muitos migrantes morreram, em vários naufrágios que associaram o nome “Lampedusa” à palavra “tragédia”⁹. Paradoxo semelhante, em que a busca por vida leva ao encontro com a morte, fica explícito na imagem, que chocou o mundo, do corpo à deriva de uma criança. Com a imagem do cadáver de Aylan Kurdi, de três anos, encontrado morto em uma praia da Turquia em

⁹ Disponível em: <http://migramundo.com/lampedusa-a-porta-da-europa/>.

setembro de 2015¹⁰, jaz, também, muito da humanidade que nada fez para lhe garantir a vida que lhe fora roubada prematura e tragicamente. A imagem do menino sírio denuncia a crueldade tão estranha e, simultaneamente, tão familiar ao humano. Essas duas imagens, na qualidade de símbolos, podem ser assumidas como expressões sociais de intensidades e radicalidades da experiência de migrantes: a busca por nova morada e por condições de (sobre)vida e a desconhecida vicissitude a ser encontrada a partir desse deslocamento, a saber, o acolhimento e o reconhecimento de sua diferença ou a mortífera rejeição e o apagamento de sua estrangeiridade.

A migração configura-se, portanto, em um notável fenômeno social mundial cujos reflexos se estendem para além das populações que se deslocam, atingindo suas famílias e, também, as comunidades de recepção e pondo em evidencia toda uma série de fatores relativos às diferenças de costumes e de cultura. Em vista disso, faz-se mister reconhecer, dentre outros aspectos, o risco de seguir velando elementos como a crueldade humana que subjaz ao processo civilizatório. Recorre-se, assim, a subsídios que permitam contemplar a complexidade que tal fenômeno encerra, de modo que a Psicanálise é assumida neste estudo na amplitude interpretativa de seus aportes teóricos e metodológicos.

Desvelamento da complexidade do fenômeno migratório: Aportes psicanalíticos necessários

A civilização, conforme demonstra Freud (1930/2006), na medida em que avança em sua investigação da subjetividade humana, sustenta-se tanto nas muitas renúncias de satisfações sexuais diretas como na abdicação da expressão da agressividade constitutiva do humano. Desde a origem da civilização, até os dias atuais, portanto, a agressividade estaria presente como constituinte do humano, ainda que velada e sob a ameaça de insurgir quando tiver ocasião.

¹⁰ Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903_aylan_historia_canada_fd.

A existência dessa inclinação para a agressão, que, conforme detecta Freud (1930/2006), é inerente ao humano, configura-se em importante fator a perturbar os relacionamentos entre os sujeitos, forçando a um considerável dispêndio de energia para que o relacionamento com um outro se viabilize. Nesse sentido, Freud (1930/2006), situa a civilização empenhando-se fortemente em estabelecer limites aos impulsos agressivos dos sujeitos, controlando suas manifestações por meio de formações psíquicas reativas, tais como o emprego de métodos viabilizadores de identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, que trazem consigo restrições à vida sexual.

Com isso, sustentam-se, metapsicologicamente, as modalidades pelas quais o psiquismo sacrifica seu interesse de investimento sexual direto em prol do estabelecimento de relacionamentos em que a libido investida nos objetos encontre-se inibida em sua finalidade erótica, mas permita o escoamento de uma energia que, de outro modo, assumiria as feições originais de intensa agressividade, pondo em risco a vinculação social. Há determinados contextos em que tal identificação parece não encontrar vias para se processar, de modo que o escoamento não se opera, restando apenas a agressividade voltada àquele que se apresenta *estranho* ao sujeito. Freud (1915/2006; 1930/2006; 1933/2006) mostra-se pessimista ao afirmar que, a despeito de todos os esforços empregados, a civilização não parece ter tido muito êxito em seu intento, de modo que se empenha em impedir os excessos mais grosseiros da violência brutal, mas escapam à lei as manifestações mais discretas e refinadas da agressividade humana.

São, portanto, prioritariamente, os *estranhos*, aqueles que estão fora do grupo, que possibilitam o escoamento da agressividade, que a civilização se esforça em manter contida ou desviada de finalidade nos sujeitos. Nesse sentido, Freud (1930/2006) identifica que a vantagem, que não pode ser desprezada, como estando na posse de um grupo comparativamente pequeno – a horda do princípio dos tempos – é a de ter garantido um escoadouro para a agressividade inerentemente humana dos seus integrantes, na forma de hostilidade contra todos

que lhe sejam estrangeiros. A partir disso, o autor conclui que “é sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobraem outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade” (Freud, 1930/2006, p. 119). Como forma de ancorar a compreensão acerca dessa agressividade que uma comunidade estabelecida direciona ao estrangeiro, e que é a matriz, por vezes, das mais terríveis e cruéis violências, o autor faz menção ao conceito de ‘narcisismo das pequenas diferenças’, que perpassa sua obra sendo explicitado nos textos de 1918, 1921 e 1930. Refere-se às comunidades e países vizinhos que, a despeito das características comuns que os aproximam, empenham-se em constantes embates sem maior importância. Evidenciam-se nesses fenômenos, segundo retoma Freud (1930/2006), uma satisfação conveniente e inofensiva da tendência à agressão, que presta auxílio à coesão entre os membros da comunidade. A extensão dessa reflexão poderia levar à conjectura de que atualmente na Europa, os refugiados estariam atendendo a essa necessidade de agressão na qualidade de objetos aos quais se voltam todos os tipos de hostilidades. Nesse sentido, é também Freud (1918/2006) quem afirma que o humano “está acostumado a projetar seus próprios impulsos internos de hostilidade no mundo exterior, isto é, a atribuí-los a objetos que sente como desagradáveis ou mesmo, meramente, estranhos” (p.208).

Anos mais tarde, em correspondência trocada com Einstein, em que a questão que se colocava a ser respondida e que dá nome ao texto era *Por que a guerra?*, Freud (1933/2006) retoma sua convicção de que o que mantém os vínculos da comunidade são a força coercitiva da violência e os vínculos emocionais, isto é, as identificações estabelecidas entre seus membros, acrescentando que, na ausência de um, é possível que a comunidade se mantenha pelo outro fator. As ideias identificatórias a que se faz apelo só podem, naturalmente, ter importância, de acordo com Freud (1921/2006; 1933/2006), se portarem afinidades relevantes entre os membros, cabendo perguntar, todavia, quanta força tais ideias poderiam exercer. O autor, que, lembre-se, escrevia em tempos de guerra, no entanto, mostra-se bastante pessimista

acerca da possibilidade de existir alguma ideia que exprima afinidades suficientemente importantes entre os membros de um grupo a ponto de poder exercer autoridade unificadora em relação aos povos.

Tal pessimismo pode ser extensivo aos tempos atuais, quando se percebe a grande distância existente entre os povos que se faz evidenciar pela tragédia vivida pelos refugiados e pelos migrantes. Esses, na qualidade de estranhos, encontram muitas resistências para serem efetivamente acolhidos, como se não compartilhassem de traços identitários comuns que viabilizassem as identificações a que se refere Freud, despertando, contrariamente, fortes hostilidades recalcadas por parte da comunidade que lhes impõe barreiras à recepção. Nesse sentido, a ONU, por meio de sua unificação e de suas políticas de garantias de direitos humanos, e na tentativa de implementá-las em nível mundial, tem encontrado muitas barreiras para viabilizar o recebimento dos migrantes, sobremaneira no que tange à acolhida destes na qualidade de refugiados, com as proteções nisto implicadas.

Os movimentos migratórios contemplam, portanto, diferentes e complexas problemáticas e evidenciam, por meio da multiplicidade de fatores que os motivam, a necessária transposição do ímpeto de apreendê-los a partir de uma lógica unitária, reducionista e/ou causal. É necessário se ter em conta que a reflexão acerca dos fenômenos migratórios exige a consideração de aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais que lhes dão base e ocasião, todavia sem prescindir da consideração relativa aos aspectos subjetivos que interferem diretamente no comportamento dos sujeitos envolvidos, seja dos que decidem partir, seja daqueles que os recebem em seus destinos. Nesse sentido, Carignato (2013) identifica na Psicanálise importante auxílio e novas referências para “o desafio de se pensar a relação indivíduo/sociedade, singular/coletivo, individual/social” Desde Freud, encontram-se nos esforços psicanalíticos a tentativa de compreender os fenômenos sociais não se furtando de lançar luz sobre as complexidades e conflitos que lhes são inerentes. Mediante a intensificação

e os constantes conflitos oriundos do fenômeno migratório, a Psicanálise segue sendo incitada a pensar, como fizera seu fundador, se efetivamente se vivem tempos de paz ou de guerra, debruçando-se sobre os desdobramentos desse sempre atual fenômeno social humano. Nesse contexto, aquela disciplina apresenta-se como imprescindível recurso de acesso e teorização acerca do humano, sobremaneira na identificação de elementos que preconizam a existência de um sujeito protagonista da experiência migratória.

Conceitos para uma compreensão dos riscos à subjetividade daquele que migra

A situação da migração, em todas as partes do mundo – incluindo o Brasil –, é marcada, indiscutivelmente, por conflitos culturais e pela violência das mais distintas ordens a que o migrante fica exposto, podendo levar a seu padecimento psíquico. Em vista disso, buscou-se, por meio desta investigação, explorar indicadores de afetação do sujeito migrante no que diz respeito às necessidades próprias à autoconservação de sua vida e àqueles elementos que aludem a demandas de autopreservação do Eu.

No intuito de sustentar teoricamente a distinção entre os conceitos de autoconservação e de autopreservação do Eu, recorreu-se aos aportes de Silvia Bleichmar (2005a, 2014), importante psicanalista argentina que constituiu consistente corpo conceitual ao se dedicar ao estudo dos processos de constituição psíquica bem como o efeito de vivências traumáticas para o sujeito psíquico. Suas contribuições teóricas e clínicas se deram, sobremaneira, à luz sua experiência de atendimento a vítimas de grandes catástrofes naturais e sociais, tais como o terremoto do México, ocorrido em 1985, e o terrorismo de Estado na Argentina. Para a Psicanálise, segundo situa Bleichmar (2005a), o caráter geral de uma catástrofe define-se, em última instância, pela forma em que, atingindo a setores importantes de uma população, a incidência traumática do acontecimento impõe riscos e efeitos à subjetividade de quem dela padece. Entretanto, a autora enfatiza a diferença de que o traumatismo se refere ao *efeito*

singular da incidência das catástrofes padecidas em comum, que impactam a subjetividade de maneira *particularmente* diferente em cada um daqueles que delas participam. Bleichmar (2005a), ao enfatizar essa definição de traumatismo, dedica-se à compreensão dos modos com que o Eu é afetado pela incidência que lhe ataca desde o real externo. A autora sustenta que o impacto do traumático põe em risco, em maior ou menor medida, dois grandes aspectos da organização psíquica do Eu e de sua função, quais sejam *a autoconservação* e *a autopreservação*. De acordo com Bleichmar (2014):

O Eu tem dois elementos que o constituem como grandes linhas tensionantes (...) a autoconservação e a autopreservação. A autopreservação da imagem e da identidade; a autoconservação da vida biológica. O desejo de viver do ser-humano toma a seu cargo a autoconservação, e a identidade toma a seu cargo a autopreservação. (p.45, tradução nossa)

Dessa maneira, a *autoconservação*, de acordo com Bleichmar (2005a), relaciona-se à forma com que o Eu concretamente produz representações de conservação da vida, tendo em conta as necessidades básicas de sobrevivência e os riscos reais a que se vê exposto frente às ameaças advindas do real. A *autopreservação*, por seu tempo, responde às configurações nas quais o Eu, frente aos efeitos dos excessos advindos do real, encontra-se em risco de desmantelamento no que diz respeito aos enunciados identificatórios que o constituem em sua dimensão subjetiva. Em situações traumáticas, segundo a autora, essas funções podem se dar de forma independente, desarticulada e, até mesmo, mutuamente excludentes. Um exemplo referido por Bleichmar (2014) que ilustra o rompimento da aliança entre a autoconservação e a autopreservação se dá na dramaticidade dos modelos dos campos de concentração, onde “para seguir vivo, um sujeito tinha que deixar de ser quem era, ou, para seguir sendo quem era, tinha que morrer” (p.46, tradução nossa).

Desse modo, a experiência de migrar pode ser particularmente traumática na medida em que, mediante os muitos excessos aos quais o sujeito fica exposto, em contextos nos quais precisa priorizar concretamente a conservação da vida, podem ficar em grande risco seus enunciados identificatórios. Registre-se que são esses enunciados que respondem à autopreservação do Eu daquele a quem, afastando-se de sua nação e de suas referências, em situações extremas, podem faltar à unidade identitária as representações necessárias à sua manutenção, abrindo espaço a ocorrência do traumatismo. Nessa perspectiva, que toma os riscos ao desmantelamento do Eu como foco de atenção no contexto dos deslocamentos humanos, Indursky e Conte (2015), a partir da escuta psicanalítica com exilados, apontam que, ao trauma das violências físicas e morais, soma-se o incontornável traço da condição do exílio, que, “longe de restringir-se a um afastamento geográfico e à impossibilidade de retorno à pátria, refere-se a um processo psíquico específico de desenraizamento da identidade” (p.274). O conceito de autopreservação do Eu está, para Bleichmar (2014), assumidamente relacionado ao conceito de identidade, no sentido dos elementos garantidores de uma subjetividade. É nos enunciados identificatórios que se encontram os lastros de manutenção do sujeito psíquico (Hornstein, 2018).

Releva-se a contribuição de Bleichmar (2005a) quando situa que, em tempos de paz, *autopreservação* e *autoconservação* andam juntas, sutil e harmonicamente, de modo que o sujeito pode manter sua identidade ao mesmo tempo em que conserva sua vida. A autora identifica, todavia, que, é precisamente em momentos de catástrofes históricas e sociais que se evidencia a *diferença* entre esses dois aspectos protetivos do Eu, visto que, nas catástrofes naturais, em última medida, o que se encontra em eminente risco é a autoconservação da vida. Nessa linha, Bleichmar (2005a) contrasta que, as grandes catástrofes históricas não somente representam riscos à autoconservação, mas, principalmente, abalam permanentemente os enunciados identificatórios constitutivos do Eu.

Claro está, portanto, o grande risco à subjetividade de sujeitos que, mediante a urgência de atendimento às necessidades de autoconservação, têm a autopreservação do Eu duramente penalizada, ficando ainda mais expostos aos muitos excessos potencialmente traumáticos. Da autopreservação do Eu, calcada nos referenciais identificatórios que sustentam a existência psíquica, depende a manutenção da capacidade representacional de um sujeito. Nesse sentido, de acordo com Bleichmar (2005a), em se tratando do traumático, deve se ter em conta a necessidade da produção de sentido a partir do real que ingressa, que deve ser organizado e simbolizado.

Será por meio de sua capacidade representacional que o sujeito poderá integrar as intensidades pulsionais que ingressam e/ou são despertadas no aparelho, construindo cadeias de representações psíquicas que darão ligação e sentido às experiências vividas por mais dramáticas que possam ser. Entende-se, portanto, que, na medida em que o sujeito encontrar condições para conservar e/ou atualizar seus traços identificatórios, disporá de subsídios e lastros representacionais para fazer frente às muitas intensidades que compõe sua experiência, sobremaneira quando se têm em conta os complexo desafios inerentes à experiência de deslocamento humano.

Cabe indagar, assim, em que medida o fato do migrante sair de sua cultura de origem, ingressando em uma outra, diversa em seus paradigmas e tabus, não implica em grande acréscimo de dificuldade na simbolização das experiências vividas como sendo próprias, para o quê são imprescindíveis as cadeias representacionais calcadas nos marcos identificatórios subjetivos. Tudo isso em um contexto no qual o estrangeiro, na condição de estranho à cultura de chegada, pode ainda ser tomado como objeto de hostilidades que, no extremo, chegam à violência.

Dessa maneira, portanto, a Psicanálise é assumida como aporte teórico e metodológico para a busca de uma compreensão aprofundada do tema da migração, ancorada no

reconhecimento da complexidade dos elementos eminentemente humanos que estão para além de acordos e convenções sociais e jurídicas e contemplando o sujeito que vivencia, muitas vezes, experiências potencialmente traumáticas em situações de marcada violência. Tal escolha encontrou seu fundamento na constatação de que, frente a importantes fenômenos sociais, como o migratório, e a grandes crises, como as que ocasionam ou são consequentes aos deslocamentos de grandes contingentes de sujeitos, muitas áreas do conhecimento mobilizam-se e passam a se dedicar ao estudo e ao aprofundamento de compreensões.

A Psicanálise, como disciplina voltada ao conhecimento do singularmente humano e como prática ética e social, também tem se ocupado de tais questões, priorizando as especificidades subjetivas em contextos de exclusão e violência (Rosa, Berta, Carignato & Alencar, 2009; Carignato, 2013; Indursky & Conte, 2015). Conforme preconizado por Freud (1921/2006), já no alvorecer dos estudos psicanalíticos, “desde o começo, a psicologia individual, (...), é, ao mesmo tempo, também psicologia social” (p.81). Está, portanto, a Psicanálise atenta àquilo que é do social e que, simultaneamente, envolve os sujeitos e se lhes convoca como experiência demandante de processamento psíquico. Trata-se, especialmente, de reconhecer o inegável tensionamento entre as demandas de autoconservação e de autopreservação do Eu próprias à experiência de migrar e do qual emanam inegáveis riscos à subjetividade e ao devir do migrante. Optou-se, então, neste estudo, por empreender uma investigação a respeito do deslocamento migratório realizado por haitianos para o Brasil, priorizando a prática de escuta de suas singulares narrativas como recurso de acesso e problematização de elementos que permitam adentrar os tensionamentos e demandas impostas ao sujeito migrante.

Método

Para a realização desta investigação, valeu-se do método psicanalítico¹¹ (Dal Forno & Macedo, no prelo). O presente estudo, conforme previsto no Projeto Maior intitulado “Movimentos Migratórios: Complexidades e demandas à investigação em Psicanálise” a que este se relaciona, realizou-se com participantes acessados por conveniência, especificamente, por meio da técnica *Bola de Neve* (Turato, 2010). O acesso inicial, deu-se por meio de convite aos migrantes haitianos que participavam de um projeto social desenvolvido pela Universidade à qual a pesquisa estava relacionada. Todos os participantes, antes do início das entrevistas, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO 1), autorizando o uso dos dados obtidos em publicações científicas. Participaram desta pesquisa 6 haitianos, 3 homens e 3 mulheres, com idade média de 34 anos, que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010, e com tempo de permanência média de 2 anos em território brasileiro. A Tabela 1 apresenta dados gerais dos participantes.

Tabela 1 – Dados Gerais dos participantes da pesquisa (n=6)

Participante	Sexo	Idade	Tempo no Brasil
1	Masculino	29 anos	3 anos e 4 meses
2	Feminino	40 anos	1 ano e 7 meses
3	Feminino	33 anos	2 anos
4	Feminino	36 anos	2 anos e 4 meses
5	Masculino	42 anos	2 anos e 2 meses
6	Masculino	22 anos	1 ano

A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas individuais, que foram gravadas em áudio, transcritas e, posteriormente, analisadas por meio do método psicanalítico. A quantidade de entrevistas com cada participante variou de acordo com a disponibilidade apresentada e,

¹¹ Optou-se, na presente Seção, por uma descrição sucinta do método uma vez que a Seção Teórica se compõe do artigo intitulado “Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio Metapsicológico”, no qual se apresenta, fundamentada e pormenorizadamente, o método que orientou esta investigação de Tese.

também, com a necessidade identificada pelo pesquisador, tendo em conta os objetivos da pesquisa. A Tabela 2 apresenta a quantidade de entrevistas realizadas com cada um dos participantes deste estudo.

Tabela 2 – Quantidade de entrevistas realizadas com cada participante do estudo

Participante	Quantidade de Entrevistas
1	1(uma)
2	2 (duas)
3	2 (duas)
4	1 (uma)
5	2 (duas)
6	2 (duas)

Os dados, obtidos a partir das narrativas dos sujeitos migrantes, foram analisados considerando-se a proposta metodológica da existência de *três tempos do testemunho* (Dal Forno & Macedo, no prelo) intrínsecos ao ofício do *pesquisador psicanalítico*. O primeiro tempo é aquele em que o *pesquisador testemunha a narrativa realizada pelo participante da pesquisa*. Admite-se, nessa abordagem que *quem faz a pesquisa é o participante*, aos moldes da pesquisa feita pelo paciente deitado no divã, cabendo ao pesquisador dirigir o encontro e testemunhar a investigação que o participante realiza. Nesse ponto, cabe ressaltar a intrínseca relação entre este primeiro tempo do testemunho, a saber, aquele em que o pesquisador testemunha a narrativa do participante, e a condição do pesquisador psicanalítico já ter ocupado o lugar de analisante. Entende-se que o lugar de analisante é condição *sine qua non* para ele, agora, testemunhar a narrativa de um outro. Ter ocupado a posição de analisante dá ao pesquisador psicanalítico recursos de escuta às particularidades das narrativas dos participantes, podendo, a partir disso, dar sequência à proposta metodológica.

No contexto da presente pesquisa, o primeiro exercício de aproximação dos dados se deu por meio da construção de manuscritos acerca de cada uma das entrevistas realizadas, preliminares aos encontros de orientação. Para tanto, o pesquisador leu e releu o material

transcrito, escutou novamente os áudios das entrevistas, tomando notas e redigindo uma “Escrita da Transferência”. Nessa direção, ao afirmar que o pesquisador psicanalítico é o primeiro sujeito de sua pesquisa, Iribarry (2003) defende a grande implicação que o pesquisador tem no trabalho que conduz, uma vez que é, por seu próprio punho, que uma contribuição conceitual irá se organizar no decorrer do processo investigativo. Tal fato evidencia a relevância do trabalho com os dados obtidos juntos os participantes, mas demarca a inclusão e a importância do pesquisador também como sujeito da investigação.

Esse manuscrito inaugural, fruto da escuta das narrativas e da análise da situação transferencial que se estabelecera no contexto das entrevistas, foi o material que compôs o objeto de análise inicialmente trabalhado na orientação, junto ao orientador psicanalista. Precisamente desses encontros constitui-se o *segundo tempo* da pesquisa psicanalítica aqui realizada, em que, *no contexto da orientação, com o orientador psicanalista*, o pesquisador procedeu à discussão da análise iniciada e à construção do processo de interpretação dos dados. Durante os encontros de orientação, construíram-se hipóteses interpretativas e elencaram-se elementos que passaram a compor o texto do Ensaio Metapsicológico. O ensaio, segundo Adorno (1974/1985), não apresenta um fechamento de fato. Da mesma forma que a realidade, de acordo com o autor, o ensaio é descontínuo e formado por rupturas; ao não ser conclusivo, sua totalidade caracteriza-se como um não-total. Por tais especificidades, o ensaio, então, foi elencado, nesta pesquisa, como profícuo recurso para que algo pudesse ser enunciado acerca da subjetividade dos migrantes, por se aproximar da concepção de sujeito com a qual a Psicanálise trabalha, qual seja, a de sujeito de Inconsciente.

Na sequência do processo de investigação, o *terceiro tempo do testemunho* amplia o campo ao *ofertar à comunidade científica os achados* e o trabalho desenvolvido na pesquisa psicanalítica, reconhecendo a *importância dos pares* na circulação do saber produzido em Psicanálise, principalmente no âmbito acadêmico. O Ensaio Metapsicológico reflete, assim, o

trabalho efetuado pela dupla pesquisador – orientador, a partir da análise dos dados, ou seja, da articulação entre a interpretação dos achados e os aportes teóricos da Psicanálise, na tentativa de ofertar novas perspectivas de compreensão e intervenção para o fenômeno estudado, ampliando o saber em Psicanálise.

Vidas que migram, sujeitos que (sobre)vivem: vicissitudes da subjetividade

As diásporas, hodiernamente em flagrante expansão em todo o território mundial e motivo de preocupação para os governos locais e órgãos internacionais a estas dedicados (ACNUR, 2017), manifestam, em grande medida, vicissitudes humanas relativas à subsistência da vida tanto dos sujeitos que deixam seu local de origem, partindo em busca de melhores condições de existência, como dos familiares que deles dependem. Esses movimentos humanos revelam, outrossim, ainda que sutilmente, pessoas que se veem prescindidas de reconhecimento em suas singularidades subjetivas, ficando, muitas vezes, marginalizadas em seus locais de destino.

Às extraordinárias dificuldades enfrentadas no processo migratório e à precariedade de condições a que os migrantes se veem expostos quando chegam, soma-se uma tendência à *patologização da condição migrante*, como única forma de reconhecimento possível do sofrimento psíquico advindo das várias situações experimentadas (Knobloch, 2015; Pussetti, 2010). Como consequência dessa tendência de concentração no sujeito de uma fragilidade que é, muito antes, social e política, os migrantes acabam reduzidos a categorias gerais pré-concebidas, restando alienados de suas condições subjetivas e sendo, muitas vezes, medicalizados segundo protocolos patologizantes, sem que a eles seja dada a oportunidade de dizer algo sobre si, suas necessidades e potencialidades (Knobloch, 2015; Pussetti, 2010).

O quadro de exclusão do migrante faz-se conhecer de forma particularmente ruidosa na tentativa de ingresso no país de destino, como apontado por Rosa (2015), ao registrar que não

foram todos os estados brasileiros que estiveram abertos a receber migrantes haitianos, interpondo dificuldades a estes desde suas chegadas em território nacional. A entrada desses migrantes, segundo destaca a autora, revelou uma intolerância considerável, especialmente no Acre – estado onde aportaram em grande número –, representada em discursos de autoridades públicas de todas as esferas que indicavam um “anti-haitianismo”, reduzindo aquela população a fornecedores de mão de obra braçal.

A realidade de uma migração sujeita a toda a sorte de dificuldades e marcada pela ausência de garantias, que a entrada sem visto em um país estrangeiro representa, integraram as narrativas de muitos dos participantes do presente estudo. Esses sujeitos também ingressaram no Brasil via Acre, enfrentando muitas adversidades e encontrando empecilhos para uma efetiva inserção neste país. O Participante 1 descreve seu longo percurso, marcado por importantes limitações, dentre as quais se incluem as relativas à alimentação:

“Passei por Santo Domingo. Santo Domingo, depois Panamá. Panamá – Peru. Peru – Acre. Aí, quanto eu cheguei no, quanto eu... cheguei lá do Acre, aí eu passei 3 meses, aí passava uma vida muito complicado. Aí, porque pra fazer documento aqui, pra fazer carteira de trabalho, o CPF, o protocolo também, tá demorando muito tempo. (...) Agora, acho que morar no Acre, na vida das pessoas, do Haitiano, é mais complicado. Aí, sobre a comida, também. Aí, sobra lixo, tem bastante lixo aqui pras pessoas... Para passar no Acre é mais complicado.” (Participante 1, masculino).

Desse extrato de fala, denotam-se muitos sacrifícios que precisam ser realizados por aquele que migra, mas, também, uma precariedade de condições de acolhida que é particularmente evidente na chegada dessas populações. No entanto, a escassez de iniciativas de inserção social, experimentada em períodos sucessivos à imediata chegada, pode ser identificada, não tão explicitamente, no lamento dos participantes, em sua totalidade, pela desilusão com um país que, na fantasia que os trouxe, oferecia-se como panaceia, mas se

revelara incapaz de garantir oportunidades de emprego e sustento. Registre-se que, quando das entrevistas, todos os participantes estavam desempregados. Nesse sentido, o Participante 5, expressara clara preferência pelo Brasil, em relação a países como República Dominicana, para onde migrara anteriormente, devido, dentre outros fatos citados, aos benefícios da Legislação Trabalhista Brasileira. O participante expressa que *“aqui é mais melhor porque tu trabalha com carteira assinada. Aqui trabalho te dá cartão alimentação, e te dá dinheiro pra ônibus. Lá tu tem que pagar.”* Mas é também esse participante que constata que *“o Brasil tá em crise, tá em crise. A maioria tá sem serviço. Alguém disse antes, em 2011, ‘aqui no Brasil tá cheio de trabalho’. Tava procurando gente pra trabalhar”*. As expectativas que tinha em relação ao trabalho que o trouxe para o Brasil, condensam uma complexidade de experiências. Vem para o Brasil, assim como muitos outros participantes, apostando em uma legislação trabalhista que lhe garantiria alguma proteção, na forma de direito legal. Ao chegarem, essas expectativas não foram atendidas e, além disso, parecem expostos a uma violência social, na forma de discriminação e ausência de proteções mínimas, da qual tentavam fugir quando saíram de seu país.

Tal perspectiva recomenda que não se perca de vista que muitos desses migrantes trazem consigo na bagagem uma história de vida marcada por exclusões que se iniciaram muito antes, já em sua terra de origem, a qual fora incapaz de lhes prover o mínimo de condições para uma sobrevivência digna e saudável, com oportunidades de desenvolvimento próximo aos seus. Segundo consideram Moraes, Andrade e Mattos (2013), a compreensão acerca da crise generalizada que se instaurou no Haiti não pode ser buscada em uma fórmula pontual e simplória, fazendo-se mister a consideração de sua história, que se revela marcada por diversas intervenções, regimes ditatoriais, corrupção e, mais recentemente, desastres ambientais, todos concorrendo para a precária realidade socioeconômica atual daquele país. Os autores destacam, ainda, a violência, a desigualdade social e a instabilidade política como marcando a história do

Haiti e estando presentes desde o início de sua formação. Primeira república negra do mundo, após treze anos de sangrentas lutas para conquistar, em 1804, sua independência da exploração francesa, o Haiti passou a ser considerado párea na América, visto que sua libertação da condição de colônia se deu por meio de uma revolta de escravos, passando a enfrentar sucessivas intervenções internacionais (Moraes, Andrade & Mattos, 2013). O estudo da história desse país revela que a diáspora haitiana tem atrás de si uma complexa sucessão de conflitos que causaram inúmeros e amplos prejuízos à população que se viu obrigada, em grande número, a buscar melhores condições em outros países.

Coerente com tal contexto histórico-social, a Participante 4 relata que juntou “ *muito dinheiro*” para chegar ao Brasil, em busca de oportunidades, porque no Haiti não há opções de bons empregos para pessoas pobres. Segundo ela, “*gente pobre não consegue serviço. Porque, se há um serviço melhor, lá poderia ficar. (...) Todas as pessoas saíram para procurar uma vida mais melhor*”. Seu relato demonstra que não parece haver alternativas, sendo a migração uma consequência natural da situação instaurada naquele país. Sair do Haiti não é exatamente uma escolha da participante, segundo apresenta nessa fala, sobremaneira em se tratando da filha mais velha que se vira diante do imperativo de assumir a responsabilidade pelos irmãos. A narrativa da participante ilustra que a partida da pátria se dá pela imperiosa necessidade de sobreviver mediante a crença de, frente à precariedade de condições do lugar de origem, encontrar acolhida alhures. Porém, o drama de seu destino, como de outros participantes, acaba por revelar a reprodução do mesmo desamparo em outro lugar.

A participante em questão, conforme se aprofundará na sequência, criada sem o pai, tornara-se órfã de mãe ainda criança e, uma vez adulta, por não conseguir trabalho no Haiti e desejar viabilizar uma vida melhor e sem tantas privações para sua filha, deixa esta, ainda bebê, com uma tia-avó no país de origem para, paradoxalmente, migrar para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições para ambas. Esse circuito de sucessivas exclusões, que se

inauguraram na pátria de origem e ingressam no lar, perpassando as gerações, parece dar testemunho de um quadro de desamparo que é potencializado pela displicência com que os países de destino procedem à recepção, restrita, quase que exclusivamente, à oferta do básico para a manutenção da sobrevivência.

Por meio de consistente revisão de estudos acerca da saúde das populações migrantes em Portugal, Pussetti (2010) destaca a maior vulnerabilidade que os migrantes apresentam, quando comparados à população geral, em relação a problemas de saúde em geral e, especialmente, de saúde mental, relacionados às agruras do processo migratório em si, mas, principalmente, à exposição cotidiana a distintas formas de discriminação sofridas. Nessa direção, a autora denuncia que a fragilidade dos grupos migratórios não está restrita à experiência da migração em si, mas, principalmente, à sua situação socioeconômica precarizada, à marginalização, à condição de ilegalidade e, sublinhe-se, à falta de apoio social adequado às suas reais necessidades.

De modo semelhante, voltando-se especificamente às dificuldades do governo brasileiro em propor políticas migratórias que promovam a efetiva acolhida, Rosa (2015) denuncia que uma análise mais depurada do tema “pode revelar matizes de uma sociedade xenófoba, reprodutora de desigualdades e cultivadora da crença de que as nacionalidades possuem pesos diferentes e devem ser tratadas de maneira desigual” (p.62). Assim, identifica-se que cada sociedade e cada Estado constrói suas políticas e regulamentações legais de acordo com suas próprias necessidades e concepções, materializando nelas suas representações e imaginários sociais acerca da migração (Nunes e Oliveira, 2015). Assevera-se, entretanto, que não costumam estar priorizadas, nessas regulamentações, pautas de necessidades singulares relativas aos riscos às subjetividades daqueles que aportam, de modo que as fragilidades de alguns sujeitos podem ser potencializadas pelo contexto com o qual se deparam ao chegarem.

Segundo considera Pussetti (2010), a vulnerabilidade dos migrantes – ocasionada por muitos fatores, dentre os quais destaca os de ordem socioeconômica e política, sendo oriunda da desatenção dos países de recepção – pode levar essas populações, em busca de respostas sensíveis e culturalmente competentes, a um pedido de ajuda materializado no contexto de consultas médicas e psicológicas. No entanto, a autora constata, em pesquisa que conduziu nos serviços de saúde voltados especificamente às populações migrantes em Portugal, que, na maioria, estas iniciativas profissionais não representam um espaço de efetiva escuta e reconhecimento do outro. Registra, com isso, Pussetti (2010) que “faltavam reflexões aprofundadas sobre a especificidade e necessidades destes grupos, em particular na área de saúde mental, onde continuam a ser reproduzidas atitudes universalista, organicistas e biomédicas da doença” (p. 96). Patente está, portanto, que a condição subjetiva do migrante, no que tange ao reconhecimento de suas necessidades e características singulares, fica precarizada frente a iniciativas que se propõem ao atendimento de uma suposta massa indiferenciada de pessoas, mesmo quando estas correspondem a um grupo específico, por meio de protocolos homogeneizantes.

Remetendo-se ao modo como a migração é descrita nos documentos da União Europeia (UE), Gomasca (2017) identifica duas modalidades narrativas que contrastam, estando a primeira a arrolar a migração como uma ameaça para a UE e a segunda como uma ameaça para aqueles que decidem ou são forçados a migrar. A primeira narrativa relacionar-se-ia, na visão do autor, à reação securitária, ao passo que a segunda visaria justificar as respostas humanitárias ofertadas. Destaque merece, nesse contexto, a identificação, quando está a tratar do primeiro caso, da prevalência de conceitos-chave tais como “crise” e “emergência”, remetidos a uma lógica de necessidade de defesa contra um perigo iminente que se avizinha, ficando preteridas as pessoas que migram. Denuncia Gomasca (2017, p.18) que “prefere-se falar em ‘massas’ ou, melhor ainda, em ‘fluxos’, sugerindo assim a existência de uma força, de uma pressão, sobre

as fronteiras externas que deve ser controlada”. Em lugar de sujeitos a serem reconhecidos em suas singularidades e acolhidos em suas necessidades, evidencia-se, no recurso à essa terminologia, a menção implícita às barreiras a uma efetiva aproximação. Nesse campo de *deslocamentos de massas*, que tem levado muitos países a políticas de estrita vigilância de fronteiras, surge a figura do refugiado identificada, com sua presença, à ameaça de implodir toda uma série de balizadores que ordenam a lógica das nações no trato com suas nacionalidades em seus respectivos territórios, impondo, em última análise, notáveis dificuldades à acolhida.

O refugiado, figura aparentemente marginal, na medida em que rompe com a segurança da velha e harmônica fórmula Estado-nação-território, merece ser assumido, segundo recomenda Agamben (2017), como *a figura central da história política contemporânea*. No refugiado, separam-se a figura do *homem* – categoria do humano – daquela do *cidadão de direitos* – inserido e reconhecido como integrante do laço social. Nessa direção, encontra-se, em Agamben (2017), o convite para que se deixe de buscar na Declaração dos Direitos do Homem, de 1789, a proclamação de valores eternos metajurídicos, identificando nela seu verdadeiro sentido, qual seja a inscrição da vida nua natural (da criatura humana) na ordem jurídico-política do Estado-nação, garantidora do fundamento deste. Segundo esclarece Agamben (2017), o Estado-nação é, na prática, o Estado que deposita na natividade, no nascimento dos sujeitos – na vida nua humana – o fundamento da sua própria soberania. Diferentemente do antigo regime de soberania real de origem divina, naquela Declaração, a natividade garantiria a união do princípio de soberania à nação de um território. No nascimento, estaria o amalgama da nação; isto é, os direitos são atribuídos ao homem somente na medida em que ele, pelo seu nascimento, tornar-se cidadão (Agamben, 2017). É nesse sentido que “se o refugiado representa, no ordenamento do Estado-nação, um elemento tão inquietante, é antes de tudo porque, rompendo com a identidade entre homem e cidadão, entre natividade e nacionalidade, põe em crise a ficção originária da soberania” (Agamben, 2017, p.29). O

refugiado, assumidamente figura política central do tempo atual, põe em ebulição, explícita e implicitamente, as garantias básicas de nacionalidade e soberania, de modo que sua acolhida na terra de destino tem se mostrado problemática em muitas nações. Como apontado anteriormente neste artigo, em função de sua condição política, ao refugiado estão previstas, nos tratados internacionais e, em consequência, nas legislações nacionais, importantes garantias e direitos.

A reflexão sobre a figura do refugiado lança o desafio de que se aprofunde a discussão sobre outras facetas relativas aos deslocamentos humanos e ao tema do estrangeiro, tal como o fenômeno migratório, seja esse motivado por razão econômica ou forçada. Nessa ampliação de perspectiva, identifica-se que, contrastando com a realidade de previsão legal de direitos de refúgio, os desafios em torno da acolhida e da inserção social têm estado presentes também no cotidiano de migrantes para os quais sequer aquelas garantias jurídicas estão asseguradas.

Com o objetivo de assinalar diferenças, no Glossário sobre Migração da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2009), encontram-se definições contrastantes de “*migrante*” e “*refugiado*”, que situam, respectivamente, de um lado a “livre decisão” e a “conveniência pessoal” e, de outro, delimitam a “ameaça” e a “perseguição”. Nessa direção, por *migrante*, entende-se que:

No plano internacional não existe uma definição universalmente aceita de migrante. O termo migrante compreende, geralmente, todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo em questão, por razões de “conveniência pessoal” e sem a intervenção de factores externos que o forcem a tal. Em consequência, este termo aplica-se às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias. (OIM, 2009, p.43)

Por outro lado, para a definição de *refugiado*, assume-se:

Pessoa que “*receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a protecção daquele país*” (Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, art.º 1.º - A, n.º 2, de 1951, com as alterações introduzidas pelo Protocolo de 1967). (OIM, 2009, p.62)

Delineia-se a improcrastinável necessidade de reconhecer o grande risco existente de deixar desassistidos em suas necessidades sujeitos inseridos no amplo contexto dos deslocamentos humanos. Quando se trata dos migrantes, em decorrência dessa arbitrária distinção estabelecida pela previsão legal, que, ancorada na suposta *livre decisão* ou *conveniência de migrar*, parece justificar-se a indiferença dos Estados para com os dramas vividos por esses sujeitos. Assim, o refugiado erige-se como figura-denúncia de significativo mal-estar contemporâneo, evidenciando a importante crise de acolhida ao estrangeiro. No migrante, identifica-se um preocupante matiz dessa figura-denúncia que o refugiado encarna, sobretudo no que toca ao seu processo de “acolhida” em que mais escassas são as garantias jurídicas previstas, mas igualmente impactantes podem ser a indiferença e o rechaço sofridos. Nesse sentido, a migração humana é, assumidamente, um fenômeno complexo – em que pese sempre a presença de um sujeito que, tomado em sua singularidade, diferencia-se da massa –, comportando uma multiplicidade de abordagens relativas às distintas áreas do conhecimento que concorrem para sua mais ampla compreensão.

Desse modo, optou-se por buscar, no presente estudo, subsídios teóricos que permitissem o aprofundamento em relação ao fenômeno migratório sob a ótica de uma disciplina que põe acento na subjetividade. Na coerência entre o paradigma teórico da Psicanálise, suas diretrizes investigativas e os eixos que orientam a problematização desta Tese, a narrativa do migrante e a essencial contrapartida da escuta por parte do pesquisador, permitem

afirmar que, em situações de crise como a migratória, há uma desarmonia, um desencontro, uma tensão entre as necessidades de *Autoconservação* da vida e os fatores que aludem à *Autopreservação do Eu* dos sujeitos envolvidos, como se passa a descrever. Assim, o trabalho inicial de pesquisa fomentou a narrativa, por meio de entrevistas, sobre o efetivamente experienciado por cada um dos migrantes participantes do estudo, das quais o presente ensaio representa um desfecho na forma de testemunho elaborado.

O acesso aos participantes deu-se, inicialmente, mediado por projeto que vinha sendo desenvolvido pela Universidade da qual o pesquisador é integrante e que contava com diversas iniciativas que visavam à facilitação da inserção social desses sujeitos. Ainda que, reiteradas vezes, tenha sido explicado aos potenciais participantes que estavam sendo convidados a participar de uma pesquisa acadêmica à qual não estava atrelada qualquer reversão imediata de benefício, suas expectativas de conquista de uma vaga de trabalho materializavam-se transferencialmente na relação que estabeleciam com o pesquisador.

Preconizada por Freud (1912/2006, 1914/2006), a transferência constitui-se em fenômeno psíquico que perpassa todas as relações humanas, caracterizada pela manifestação, no tempo presente, de protótipos infantis de afetos, representações, desejos e expectativas inconscientes dirigidas aos atuais objetos, tributárias de vivências passadas, prioritariamente com o objeto primordial. Mesmo que esse fenômeno, como esclarece Freud (1912/2006, 1914/2006), ocorra em todas as relações de um sujeito, na clínica psicanalítica, quando o paciente transfere seus conteúdos inconscientes para o analista, tal processo não só é nomeado, como é a partir dele que um trabalho de análise pode efetivamente ocorrer. Na pesquisa psicanalítica, sustentada no modelo herdado da clínica que lhe deu origem, a transferência é assumida como fenômeno norteador da escuta que visa contemplar a singularidade do sujeito pesquisado. Assumindo essa vinculação como reveladora daquilo que é subjetivo, pôde-se identificar, na narrativa dos sujeitos, a transferência com o pesquisador fortemente marcada

pela expectativa de que este, por ser brasileiro e ligado a instituições, poderia dar acesso a vagas de empregos, atendendo, assim, a uma carência diretamente ligada às necessidades básicas autoconservativas. Tratava-se, portanto, de um vínculo transferencial que se estabelecera sustentado na atribuição de um lugar de aparente salvação, isto é, que, fantasiosamente, colocava o pesquisador na condição de lhes garantir o tão idealizado emprego que vieram buscar no Brasil e que representava a possibilidade de sobreviver e, também, prover a família que ficara no Haiti. Cabe, entretanto, ressaltar que, provavelmente, até aquele momento, o único formato de entrevista conhecida por aqueles sujeitos era a de emprego. Desse modo, a situação de entrevista de pesquisa pôde ser um campo de manifestação de necessidades relativas à Autoconservação da vida que o acesso aos meios de subsistência, representados pelo trabalho profissional, poderiam atender.

As expectativas de amparo, de que dá testemunho a transferência, evidenciam-se em falas como as manifestadas pela Participante 3, quando esta interrompe uma história que contava, para declarar: *“Eu sabe porque você conversa comigo assim, eu sabe! Porque... você quer ajudar a nós aqui no Brasil”*. Essa mesma participante busca comprometer o pesquisador com a expectativa que sustenta em relação a ele: *“Você... ligar, quer conversar comigo. Eu quero saber bem se você vai ajudar-me também”*. E, ao final da entrevista, reforça: *“Eu vou esperar ligação de você!”*. Tal fato é ilustrado, também, pela fala de outro participante que inicia a primeira entrevista explicitando que sua intenção em participar da pesquisa está diretamente relacionada ao interesse de encontrar no pesquisador apoio para conseguir trabalho: *“[Nome do pesquisador], porque [Nome do pesquisador] ajuda a procurar alguém, alguma obra e mais... [oportunidades de trabalho]”* (Participante 5, masculino).

Na transferência, parece atualizar-se o desejo do migrante de ser notado e acolhido bem como a expectativa de socorro advindo do outro que estaria em condições de garantir aquilo que é essencial para a manutenção da vida. A manifestação da fantasia em relação a um outro

– nativo que viria em auxílio – dá-se de forma direta como quando perguntavam enfaticamente como o pesquisador poderia lhes ajudar a conseguir emprego, mas também de forma mais sutil por meio de um discurso sobre um Brasil descrito como terra de oportunidades irrestritas, acerca do qual a maioria não proferia críticas ou queixas, mas, predominantemente, elogios, mesmo frente à exclusão experimentada. Parece haver, nas narrativas dos participantes, indícios de um primeiro movimento transferencial em relação a uma nova “pátria-mãe” que proveria e atenderia às demandas fortemente marcadas pelo desamparo vivido na origem. Em um segundo tempo, frente ao convite endereçado pelo pesquisador para que o sujeito migrante “se narrasse”, ou seja, desse voz às suas demandas, atualizara-se e se manifestara essa modalidade transferencial.

Em um contexto no qual a comunicação não está restrita exclusivamente àquilo que é manifestado pela fala consciente, mas, sobremaneira, compõem-se das sutilezas que caracterizam um encontro entre sujeitos – participantes com suas singulares vivências e pesquisador atendo também ao inconsciente destes –, o comportamento da Participante 2 é particularmente ilustrativo das demandas que a transferência atualiza. Essa participante, que aceitara imediatamente o convite para contribuir com a pesquisa, compareceu às entrevistas com sua filha – bebê de 6 meses que, em seu colo, tossia intensamente, mesmo enquanto dormia. Em sua abnegação de atender a um outro que a solicitara, manifestada na transferência, usa da entrevista para relatar que sua vinda para o Brasil se relaciona com o compromisso assumido com o sustento de mais duas dezenas de familiares diretos que, desde o Haiti, para se alimentarem, contam com o que ela lhes envia. Como em seguida se desenvolverá, a transferência por ela estabelecida atualiza um ilimitado comprometimento com a necessidade do outro, assumindo níveis irrealísticos.

A maneira como a Participante 2 comparece às entrevistas permite a construção da hipótese de ser a precariedade de cuidados experimentados ao longo da vida fator especialmente

marcante a exercer influência em sua subjetividade. Ela portava um bebê de colo de quem tinha que cuidar e que justificava sua impossibilidade de trabalhar. Não deixara, entretanto, de comparecer à entrevista agendada para, exclusivamente, cuidar do bebê. Seu comparecimento parece atualizar uma modalidade de transferência marcada pela ambivalência e pelo excesso manifestado por alguém que não consegue atender a todas as demandas assumidas e, também, não consegue recusá-las. Alguém que, como se verá, por ter que cuidar de todos, sobretudo dos que estão distantes, vê-se frustrada pelas reais impossibilidades para tanto e acaba por não dar conta de cuidar de si e de quem está mais próximo.

Na fala da participante, mais de uma vez, aparece a referência a sua impossibilidade de obter qualquer experiência de bem-estar enquanto sofrem os seus. Mesmo que ela tenha alimento, pelos auxílios que recebe no Brasil, diz não conseguir se alimentar sabendo que seus familiares passam fome: *“Aqui eu estou bem. Aqui eu consigo comida, hospital, tudo; mas lá não tem. (...) Às vezes, eu não como, pensando na família que não está comendo”*. Certa ambivalência desvela-se em um misto de preocupação com quem ficou e reprovação por estar aqui tendo acesso àquilo de mais básico que falta aos seus. A participante, com isso, melancolicamente, estaria impossibilitada de usufruir daquilo que acessa no Brasil por não estar provendo os seus familiares, em um movimento claramente masoquista, aos moldes do que fora teorizado por Freud (1917/2006) em “Luto e Melancolia”. Tal compreensão somente se faz possível pela escuta da história da participante. É a consideração da singularidade dessa história que permite trazer à reflexão os aspectos presentes nessa modalidade de transferência.

No entanto, destaca-se que a participante retorna para uma segunda entrevista, porque, talvez, na escuta viabilizada pelo primeiro encontro da pesquisa, inaugurara-se a experiência de algo que esteve para além de uma imediata demanda autoconservativa, ou seja, não ter obtido uma vaga de trabalho não significou ter saído de um encontro com o outro de mãos vazias. É no segundo encontro com o pesquisador que a participante se distanciou de qualquer menção à

necessidade de trabalho e passou a narrar detalhadamente as violências sofridas e presenciadas tanto no Haiti quanto na República Dominicana. Referiu, ainda, que, em vista das violências testemunhadas e da insegurança sentida em sua terra natal, não quer, sob nenhuma hipótese, que a filha que tinha no colo, nascida no Brasil, conheça o Haiti, onde estão seus outros filhos.

A transferência permite lançar luz sobre as vivências que esses sujeitos atualizam e, ao comunicar algo de suas subjetividades, comporta importantes e singulares indagações, tais como: Qual ajuda/socorro/reconhecimento estaria sendo atualizado na demanda transferencial? De qual amparo esses sujeitos realmente carecem? O que demandam ou podem demandar da pátria que esperam possa acolhê-los? A reflexão que se propõe neste Ensaio sustenta-se nessas indagações, ao perfazer o caminho de aprofundamento do fenômeno migratório contemporâneo que, remetido ao coletivo, reporta a dinâmica de um crescente grupo social, sem deixar, todavia, de estar encarnado na singularidade das vivências de cada um dos sujeitos que dele compartilham, como é o caso dos participantes do presente estudo.

É, portanto, a partir de uma escuta sustentada na transferência, que certas indagações e vivências vão delineando-se na narrativa dos participantes e assumindo relevância no singular da história de cada um. Ao *pesquisador psicanalítico*, desde o lugar de quem testemunhou a singular pesquisa que cada um desses sujeitos empreendeu de suas próprias experiências de vida, cabe assinalar os pontos de intersecção que os aproximam, bem como aquilo que os singulariza, ao produzir uma escrita caracterizada pela abertura de um saber que é sempre parcial e limitado àquilo que um ensaio sobre singularidades permite atingir.

Da experiência de escuta, ressalta-se que a identidade dos sujeitos participantes da pesquisa é caracterizada, por eles próprios, por meio do qualificativo *migrante/haitiano*, que utilizam para se apresentar. Quando convidados, no encontro inicial, a falarem sobre si mesmos, mostram-se para um outro, remetendo-se a uma denominação simultaneamente coletiva e singular. Todos são migrantes. Esse traço os caracteriza como grupo, possibilitando

identificações. Entretanto, cada um é migrante ao seu modo, por suas razões e com seus próprios recursos, portando em si marcas singulares dessa experiência. Testemunha-se das narrativas que tal adjetivação traz consigo toda a sorte de desafios que com ela são predicados ao sujeito que a sustenta. Nas apresentações dos participantes, essa qualificação costumava estar presente, assim como o compromisso por prover a família que deles dependia, quase sempre integralmente, e cujas necessidades básicas de sobrevivência, em grande medida, justificavam seus longínquos deslocamentos. Essa associação entre ser migrante e ser responsável por uma família territorialmente distante, porém jamais deixada para trás, poderia ser tomada erroneamente como dando conta somente do fenômeno coletivo. É a modalidade de escuta a qual se propõe esta pesquisa que, ao contemplar a transferência estabelecida pelos participantes com a figura do pesquisador, permite ir em busca do singular de cada história, comportando as particulares nuances subjetivas na apropriação que cada um faz desse projeto, aparentemente genérico, na narrativa que constrói de sua vivência endereçada a um outro que escuta.

Tal estado de coisas aparece demonstrado na narrativa da Participante 4. Quando convidada a falar sobre si, a partir da indagação “quem és tu?”, essa responde pronta e sinteticamente: *“Mi nombre é L., haitiana. Eu venho del Haiti em 2015. Já tem 2 años aqui, 2 años. E eu venho de lá e cheguei aqui porque estou procurando uma vida melhor, porque preciso ajudar minha família, minha filha”*. O singular dessa fala refere-se a uma mãe que se vê diante da necessidade de migrar sem a filha, para prover-lhe o sustento. De todo modo, indicia, também, um movimento coletivo, que ecoa nas narrativas dos demais participantes. A identidade de migrante é narrada, por quase todos os sujeitos, como estando associada à responsabilidade por outras vidas. Nesse sentido, escuta-se, em alguns relatos, uma ausência, que não é exatamente daqueles que ficaram no Haiti, mas de um sujeito que, ao migrar em nome dos que ficaram, vai mostrando-se alheio a si mesmo. À escuta, ressalta-se, nesse particular contexto, a indagação do que pode ser inaugural na nova terra quando se está alienado de si

mesmo, no lugar onde ora se encontra, seguindo comprometido, prioritariamente, com aqueles que estão fisicamente ausentes. Conforme anteriormente apresentado, a Participante 2 tem suas necessidades autoconservativas atendidas no Brasil, pelo alimento que consegue, ainda que por vias assistencialistas. Todavia, relata não conseguir degluti-lo pela permanente lembrança daqueles que, no Haiti, seguem com fome e pelo consequente sentimento de culpa por não conseguir reverter tal situação dramática. Sua inserção na nova terra parece atrelada a um compromisso, por parte inconsciente, com quem ficou na origem, de modo que ela não pode “ingerir” – por extensão acessar – aquilo que o outro também não ingere, não acessa. Se não provê, também não usufrui. Essa experiência revela, em se tratando desta participante, uma proporção de excesso no compromisso mortífero assumido com os outros que a ancoram na terra de origem. A migrante está fadada à condição de sequer poder sobreviver com o que acessa/produz na terra “escolhida” como destino. Nada do que ela possa fazer atenderá à demanda a qual está submetida. Desvela-se uma de cena de aprisionamento ao sofrimento por aquilo que não consegue resolver pelo outro. Assim, nas narrativas de alguns participantes, escuta-se o drama de pessoas que se deslocaram geograficamente, mas não subjetivamente. Em virtude da indubitável precariedade de condições de subsistência de sua terra de origem, partiram em busca de outra vida, mas, ao fazê-lo, trouxeram em si uma crítica que segue mantendo-os aprisionados à repetição do mortífero de uma vivência original que os paralisa. Nessas situações, qualquer perspectiva de futuro parece ficar negada ao sujeito que, mesmo se deslocando, não sai do lugar.

Por sua vez, o Participante 1, mediante o convite para falar de si, inicia sua apresentação relacionando sua identidade de migrante às dificuldades básicas experimentadas na terra natal, as quais justificariam sua necessidade de migrar. Na ordem dos tópicos por ele abordados, logo após falar da escassez de alimento e de descrever como fazia para consegui-lo, pergunta se tem que falar da sua profissão no Haiti. Sua identidade, isto é, o modo como se apresenta para um

outro, parece sustentar-se no atendimento a esta ordem de necessidades. Sobrevive à miséria e migra para poder apresentar no que pode trabalhar e o que sabe fazer. A questão que, pronta e transferencialmente, coloca-se é se poderia um brasileiro estar interessado em outra coisa que não fosse sua capacidade de sobreviver e aquilo que o mesmo seria capaz de oferecer em termos de força de trabalho. Tal ordenamento de tópicos, na livre narrativa desse participante, é portador de sentido em si, testemunhando uma vivência relativa a esse sujeito, mas, sobremaneira, assumindo um sentido extensivo às migrações em contextos de crise, como é o caso da diáspora haitiana. Ainda tratando dos aspectos que compõe sua identidade de migrante, situa, como os demais participantes, o compromisso com a família que, desde o Haiti, conta com seu essencial auxílio. Refere que conversa muito com seus pais, que, se têm algum problema relacionado à saúde, telefonam-lhe, solicitando o envio de mais dinheiro. Não aparece em seu discurso referência a qualquer preocupação que seus pais possam ter em relação a ele, filho que está sozinho em um país bastante diverso do seu de origem; estando sua estada diretamente relacionada ao compromisso de prover recursos que possam atender às necessidades da família. Qual espaço lhe resta para desejar e ter projetos próprios, quando sua vinda para o Brasil e, sobretudo, aquilo que veio ser na terra de destino está atrelado a essa série de obrigações assumidas? Certamente, essa pergunta está endereçada não somente a esse migrante, cuja narrativa traz à tona a problemática de um compromisso com as demandas do outro que dificulta a conquista de espaços que possam ser habitados pelo próprio sujeito, mas está referida a maior parte dos entrevistados, que compartilham de semelhante ideal.

Nas narrativas desses migrantes veem-se testemunhadas, portanto, as vivências de sujeitos cujas identidades sustentam-se em projetos a serem viabilizados por meio da diáspora praticada, dando providências de *como* e *em nome de quem* vieram buscar outro espaço de pertencimento, na condição identitária de ser “migrante”. Sabe-se que a identidade de um sujeito está remetida à enunciação advinda de um outro primordial. Na referência ao tema

identitário, que alude ao conceito de narcisismo em Psicanálise, revela-se a existência de uma singular e intrincada força de enunciação relacionada ao movimento migratório. As falas dos participantes, mesmo que em nuances diversas, têm em comum a referência à *responsabilidade com o ausente*, ou seja, a identidade migrante apresenta-se tributária à sobrevivência e ao cuidado daqueles que ficaram/não-ficaram para trás. Na reflexão acerca do processo de constituição subjetiva do migrante, delineia-se a indagação acerca do que foi enunciado como ideal a ser realizado por esses sujeitos. Os elementos identitários, inevitavelmente, remetem aos registros narcísicos que sustentam um sujeito na identificação com projetos a cuja busca e realização se lança. Logo, na condição de migração, o narcisismo, que dá origem ao Eu, vê-se atravessado por ideais que viabilizam o movimento de saída da pátria, mas que, também, podem comprometê-lo na medida em que tomam proporções de excesso.

O conceito de narcisismo em Psicanálise refere-se à existência de um campo intersubjetivo no qual a enunciação identificatória, advinda de outro, é fundamental para o surgimento do Eu. Preconizado por Freud (1914/2004) está que a constituição do sujeito psíquico se dá a partir do encontro com a alteridade primordial, com toda a série de investimentos desta, via práticas de cuidado inaugural. É precisamente esse outro que, por meio dos cuidados que oferta ao bebê, desempenha a função de implementar e conter a pulsão deste, isto é, apoiado nos cuidados de autoconservação, desperta a sexualidade, via prazer experimentado, e oferta elementos de representação às sensações do infante, dando-lhe recursos de tramitação e atribuição de sentidos ao que inicialmente era pura intensidade (Hornstein, 2009). Assim, a cultura passa a se fazer presente via elementos aportados na assimetria entre criança e adulto e nas funções esperadas por parte dos objetos primordiais que atuam na subjetivação do infante. De acordo com Bleichmar (2005b), o fato do ser humano estar destinado a se humanizar por meio da cultura, situa um ponto imprescindível de sua constituição, qual seja a presença do semelhante para a sua própria organização. Assim,

Bleichmar (2005b) afirma que “no outro se alimentam não somente nossas bocas, senão nossas mentes; dele recebemos junto com o leite o ódio e o amor, nossas preferências morais e nossos valores ideológicos. O outro está inscrito em nós e isso é inevitável” (p.8, tradução nossa).

Explicita-se, portanto, que *existência* e *identidade* não são simultâneas, ao menos não no início da vida. A identidade, mais do que um fato dado, é uma construção que perpassa toda a existência de um sujeito, o que, de pronto, denota seu caráter dinâmico e complexo. Acresce-se a isso, a exigência, inegociável, da presença da alteridade para que a identidade se forme e se sustente, inicialmente pela identificação e, em seguida, pela necessária e salutar diferenciação entre “Eu” e “outro”. Freud (1914/2004) ressalta que “é uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa antes ser desenvolvido” (p.99). Nesta perspectiva, Hornstein (2009) acena para a trajetória freudiana marcada pelo reconhecimento da crescente complexidade do sujeito em sua relação com o objeto.

Conforme teorizado por Freud (1914/2004), com a consolidação da unidade narcísica garantidora do surgimento do Eu, possibilitada pelo intenso investimento libidinal voltado ao si mesmo, constituem-se também os ideais que, uma vez introjetados dos modelos identificatórios, passam a integrar a identidade de um sujeito. A experiência de identificação com os enunciados identificatórios do outro primordial a respeito do Eu incipiente, no processo de subjetivação inicial, resulta na constituição de uma espécie de invólucro narcísico que possibilita a unificação do sujeito em uma representação de si mesmo. O narcisismo é, assim, segundo Hornstein (2009), o que viabiliza ao sujeito um centramento de suas representações identificatórias. Em consequência, o sujeito chega à experiência de identidade e de sentimento de si pelas noções de continuidade, de permanência, de coesão (Hornstein, 2018).

É a castração, no entanto, possibilitada pela experiência de incompletude que sucede o tempo inicial em que se acreditava ser tudo para o outro primordial, que retira o sujeito de uma

posição de Eu-ideal, lançando-o na permanente busca de ideais, agora alinhados às regras da cultura, como forma de se reaproximar daquela experiência inaugural de intenso prazer e vivência de plenitude com o outro. Nesse trajeto fundante da subjetividade, Hornstein (1989) situa que, no princípio da vida, Eu e ideal se equivaliam, operando-se sua diferenciação por meio da Conflitiva Edípica que separa o Eu dos ideais que lhe eram inerentes. A partir de então, esses ideais, agora introjetados como compromissos assumidos, metas a serem alcançadas, projetos a serem realizados deverão ser buscados pelo sujeito ao longo de sua vida. Entretanto, para que a satisfação, doravante sempre parcial, possa ser alcançada, faz-se necessário que o sujeito atenda às exigências da cultura que regula as experiências de prazer e oferece *scripts* que vão dando sentido às escolhas realizadas, por meio de ideais a serem buscados e cujo atingimento costuma ser reconhecido e valorizado. O relato dos participantes da pesquisa remete a ideais que estes buscam atender por meio da migração internacional, para a qual sua cultura precocemente parece direcioná-los, e que, em última análise, respondem a um *script* em que as necessidades do outro são, quase sempre, priorizadas, em detrimento dos projetos que os sujeitos que se deslocam possam vir a constituir na nova morada.

Das histórias de vida dos participantes, escutou-se que, desde muito cedo, precisaram se haver com a impossibilidade de se estabelecerem em seu país de origem. Suas narrativas conotam que, integrando sua subjetivação, esses sujeitos estiveram referenciados em uma cultura que lhes apresentou a migração como ideal de realização para si, do qual dependiam também os seus familiares. O testemunho de tais relatos permite certo vislumbre das marcas de uma nação que, culturalmente, pelas mais variadas e complexas razões sócio-político-históricas, fracassa em acolher e amparar seus integrantes, restando-lhes inviabilizados projetos que permitam alcançar bem-estar e satisfação, se permanecerem em seu próprio território. Nessa seara, esclarece Hornstein (2018), o sujeito se fragiliza quando vê se diluírem importantes certezas, tais como o amparo das instituições, a proteção do Estado e da família.

Tratam-se, segundo o autor, de laços e amarras que não somente sufocam, mas protegem e, se por um lado provocam sofrimentos, angústias e culpas, dadas as exigências que fazem, também são garantidores de sentido às vivências do sujeito. No caso de alguns migrantes, entretanto, essas substanciais amarras parecem ter sido, desde sempre, essencialmente frouxas, implicando em importantes vulnerabilidades. Como resultado, identifica-se que o desamparo estrutural leva à fragilização do sujeito que, dada a precarização das instituições que o ancoram, migra em busca de acolhida e espaço de existência em outro local, junto de outra nação.

O descuido do Estado para com o sujeito, que se revela inerente à cultura da qual são oriundos os participantes da pesquisa, produziu-lhes importantes marcas, mostrando-se atualizado no singular da história de alguns. Nesse sentido, assume-se com Hornstein (2018) que “a identidade é um concerto, nem sempre harmônico, de narcisismo, identificações, conflitos, versão atual da história, repetição e tudo aquilo que participa na constituição do sujeito” (p.65, tradução nossa). Em se tratando, portanto, de parte dos entrevistados, saírem de seu país, com a esmagadora missão de sustento de um sem fim de familiares, sem poderem inaugurar uma experiência própria no destino, indica a atualização de um percurso identitário marcado por conflitos, repetições e, principalmente, pelo notável assujeitamento a ideias alienantes que lhes impossibilitam constituir projetos para si. O descuido daquela cultura em relação ao sujeito, que deixou cicatrizes na implementação narcísica do valor do si mesmo, atualiza-se quando o migrante se coloca na rígida ilusão de suprir a necessidade de outro, descuidando de si. A demanda familiar e a “naturalidade” com que também este grupo primordial delega e espera do migrante o atendimento de suas necessidades desvela, paradoxalmente, a condição de assujeitamento daqueles que ficam sob o descuido de uma pátria que tampouco os acolhe ou fornece as condições mínimas de autonomia e liberdade.

No complexo campo de investimentos psíquicos, aqueles sujeitos, entretanto, cujas vivências se deram por práticas de cuidado e de investimentos amorosos advindos de um outro

capaz de amparar e reconhecer a diferença, parece viabilizar-se um *narcisismo trófico* que ancora a produção de projetos que não excluem o outro, mas, principalmente, não excluem a si mesmo. Nesse sentido, segundo teoriza Hornstein (2018), por narcisismo trófico deve se entender uma modalidade de narcisismo que viabiliza que o sujeito tramite ambições, ideais e compromissos com os objetos. De acordo com o autor, é esse narcisismo que mantém a coesão do Eu, garantindo a estabilidade do sentimento de si e da valorização do sentimento de estima de si, permitindo que o sujeito se movimente em busca da realização de seus projetos.

A escuta, nesta pesquisa, buscou apreender a complexidade presente no trajeto identificatório do migrante, dando espaço, conforme já referido, à singularidade que caracteriza cada sujeito e que pôde se presentificar na transferência com o pesquisador. Mesmo que se fale em traços comuns, tais como aqueles relacionados ao atendimento das necessidades autoconservativas de suas vidas e da vida dos familiares, correspondentes a um ideal da cultura da qual são oriundos, em alguns participantes foram os aspectos que remetem à Autopreservação do Eu que testemunharam a prevalência de um narcisismo trófico. Esses elementos faziam-se escutar em narrativas cujo conteúdo dava a conhecer condições de investimento por parte de sujeitos identificados com os projetos que buscavam, sendo estes coerentes e sustentados em ideais potencialmente realizáveis.

A maneira como o sujeito apropria-se do ideal de migrar difere substancialmente em cada caso, refletindo diretamente na liberdade e disponibilidade para investir narcisicamente nas novas relações e nos projetos que podem vir a se viabilizar no local de destino. Nesse ponto, identifica-se importante contraste na vivência subjetiva relatada pela Participante 2 e pela Participante 3. De um lado, testemunha-se o submetimento daquela ao mandato atrelado a sua condição de primogenitura; e, por outro, no caso desta, uma diversa inserção no país de chegada, marcada pela liberdade de transitar. A Participante 3 consegue vir para o Brasil, rapidamente empregar-se e, após alguns meses, demitir-se para retornar, ainda que

temporariamente, ao Haiti a fim de prestar assistência ao pai que adoecera. Resolvida a questão familiar que a ocupava, regressa novamente para a terra que escolhera como destino, com o propósito de nesta se estabelecer, estando aqui livre e plenamente. Dentre outras experiências que dão testemunho da leveza e da liberdade que caracterizam seu deslocamento, a participante relata que, enquanto trabalhava, pôde celebrar a sua própria vida na forma de festa de aniversário que promovera junto à comunidade na qual se inseriu, composta, indiscriminadamente, por haitianos e brasileiros que se tornaram seus amigos.

“Ano passado eu fazer muita coisa no aniversário. Muita coisa. [...] Eu trabalhar, eu tenho dinheiro, eu comprar muitas coisas, fazer, como diz... Comprar carne e refri, lugar... Muita coisa. Eu convidei amiga, amigo... [...] Bastante [pessoas], sim. Companhia, passamos dia inteiro. Comer e tomar. Depois deu pra dançar um pouco. (risos)”. (Participante 3, feminino).

É essa participante, também, que, apesar de sentir pelos seus, que estão em condições precárias no Haiti, tem projetos para si no Brasil. Sua decisão de vir para Porto Alegre está relacionada com o fato de conhecer haitianos que tinham vindo antes para o Brasil e conseguido trabalho, segundo explica:

“Quando eu vem aqui, eu tem muito pessoa amigo que vem aqui como que trabalhar. Vir, como que tá feliz de aqui em Brasil, quando falar comigo. Eu falar com amigo: ‘eu quero vir aqui também!’, ‘e, no Brasil, como que tá feliz? Tem muito trabalho?’. Falei assim: ‘Eu venho!’ e, assim, eu vim aqui.”. (Participante 3, feminino).

Vem porque acredita no que lhe contam os amigos sobre o Brasil, mas, principalmente, porque acredita em si e nas suas capacidades. Seu relato dá prova de um Eu narcisicamente investido, para o qual a felicidade referida pelos amigos contribuiu para a efetivação do projeto de migrar. A participante tem desejos que declara pretender realizar, na medida em que acesse as oportunidades de que viera em busca, fazendo uma leitura muito sensata das condições do

país que a recebera em um período de inegável crise econômica. Essa notável sensatez, permite-lhe situar, em sua narrativa, que sua vinda para o Brasil é uma aposta que fizera em uma vida melhor que entende ser possível aqui. Trata-se, primordialmente, de um ato de liberdade de quem, sustentada em um narcisismo trófico garantidor da estabilidade do sentimento de si, efetivamente, vem porque pode vir; vem porque pode experimentar; e vem porque pode retornar, caso entenda que seus projetos não sejam viáveis. Tal caráter de liberdade, apesar das inegáveis dificuldades e desafios de prover sustento e permanência em um país estrangeiro, tendo em conta que a participante seguia desempregada e contando com a acolhida de uma prima sua que trabalhava, contrasta com a dívida de outros conterrâneos seus que migram por um compromisso cuja peculiaridade parece incapacitá-los de vislumbrar alternativas. Esta participante refere, a todo o tempo, durante as entrevistas, que gosta do Brasil, mas, quando perguntada se deseja ficar, responde com notável lucidez que essa decisão depende de conseguir um trabalho que oportunize o sustento e a possibilidade de trazer sua família: *“Depende, se eu trabalhar, se eu conseguir serviço, eu vou ficar. Se eu tenho dinheiro pra trazer minha filha aqui, eu vou ficar. Se eu não trabalhar, eu não pode ficar. Se eu não conseguir serviço, eu não pode ficar”*. A participante relata, espontaneamente, seu incômodo em seguir dependendo da solidariedade/caridade das pessoas que lhe ajudam, dentre as quais lista amigos que fez no Brasil. Sua narrativa apresenta demandas que estão muito além do atendimento às necessidades imediatas de autoconservação da vida. Mantém vivas em si as condições de pensar e de fomentar projetos que justificam o deslocamento que realizara. Em seu caso, as expectativas de progredir no Brasil permitem-lhe gestar o projeto que consiste em se estabelecer, trazer sua família e se desenvolver para aproveitar todas oportunidades que possam surgir na nova morada. Sobre seus planos, de forma otimista e animada a participante, relata:

“Como eu pensar de aqui de Brasil? Eu vem aqui pra trabalhar. Se eu conseguir dinheiro pra trazer família de aqui em Brasil, e depois eu pensar pra fazer mais, mais curso de

aqui em Brasil, se eu ficar em Brasil. E, qualquer trabalho eu posso trabalhar. Como dizer?... eu, eu quero dirigir carro. Se eu aprender dirigir carro, depois quero. Se eu conseguir um trabalho de carro, eu vou fazer. Se eu não sabe, eu não pode. [...] E, se eu quero ficar aqui em Brasil, eu quero aprender mais coisa aqui em Brasil. [...] Um exemplo, se eu querer trabalhar em computador, se eu pode trabalhar com carro, se eu quer trabalhar em dirigir moto, qualquer coisa.” (Participante 3, feminino).

De maneira semelhante, também dando testemunho da presença de um narcisismo trófico e pulsante e de uma autoconservação do Eu que não está apartada e às expensas de sua autopreservação, a narrativa do Participante 6 destaca-se de forma surpreendente no contexto da comunidade migrante estudada. Diferentemente do ocorrido com alguns participantes, em que os projetos migratórios mostravam-se irrealizáveis em seus desmesurados ideais de salvação de todo um sistema familiar dependente e o pesquisador via-se assediado na busca explícita que faziam de sua colaboração para conquista de emprego, em se tratando deste participante, o que estava em questão eram os projetos de um jovem que pretendia seguir estudando e progredindo, sem a urgência de colocação no mercado de trabalho. Contrastando com a história de vida de outros conterrâneos seus, o participante tem pais que trabalham no Haiti, de modo que não compunha seu projeto trazê-los morar no Brasil, tampouco precisava preocupar-se em sustenta-los. Quando muito, desejava poder, eventualmente, ir visita-los, para o quê precisaria dispor de recursos financeiros. Desvela-se, em seu relato, um senso de autonomia que parece relacionado ao modo como seus pais puderam conduzir sua educação. Em lugar de responsabiliza-lo pela libertação da família da pátria-mãe que não provê os seus, parecem ter capacitado o filho para poder ir – em busca de seus projetos – e voltar – apenas para os visitar. Testemunha-se a narrativa de um sujeito que, investido narcisicamente, estava amparado para constituir projetos para si e se lançar em busca destes.

O Participante 6 é um jovem que, tendo a oportunidade de concluir os estudos na República Dominicana, sem, para tanto, ter precisado trabalhar, chega ao ponto de se ver diante da decisão de sair de seu país ou não mais poder seguir progredindo como gostaria. Tais particularidades parecem estar diretamente relacionadas ao fato de ser filho único, oriundo de uma família que, aparentemente, teriam melhores condições econômico-sociais que a maioria dos familiares dos demais participantes deste estudo. Sua vinda para o Brasil, conforme relata, está explicitamente motivada pelo propósito de seguir estudando para acessar o ensino superior. Nesse sentido, o participante situa: *“Terminei meus estudos e vim para cá, para trabalhar e para aprender mais do que sei e falar bem o português e pra poder ir à faculdade. Lá, passado o terremoto, a coisa tá mui difícil, pra trabalhar, para tudo”*. Na segunda entrevista, revelara seu desejo de se tornar contabilista, tendo, portanto, já feito uma escolha da especialidade que pretende cursar.

Esse participante relata que sua decisão de vir para o Brasil se construiu a partir da recomendação da tia que, encontrando-se aqui, falara com seus pais, indicando que haveria possibilidades de o rapaz seguir seus estudos, caso migrasse. Seu relato revela que ele também se convencera e passara a acreditar que esse seria o melhor direcionamento para sua vida futura:

“Minha mãe e meu pai falaram com minha tia, que minha tia tem... quase quatro anos aqui no Brasil. Já faz quatro anos e falou e falou: tem que vir para estudar e trabalhar também, para pagar teus estudos e tudo isso. E vi que isso é melhor para mim, isso é o melhor para o meu futuro. Vim para trabalhar e estudar. Tudo isso é melhor. Eu pensei assim.” (Participante 6, masculino).

O participante mostrava-se convencido de que era a melhor decisão a se tomar. Chama a atenção, no entanto, que tal decisão parece, em um primeiro momento, nascer de seus pais para, somente posteriormente, receber também sua adesão. Desvela-se, nesse relato, a difícil realidade de um país que não dispõe de condições a serem ofertadas às novas gerações, mesmo

quando estas tiveram acesso à formação escolar, e, ainda assim, se veem obrigadas a migrar para progredir. O participante demonstrou possuir um projeto de vida bastante claro e já traçado, qual seja aprender a se comunicar eficientemente em português para, então, acessar o ensino superior. Confia na palavra dos pais e vem, contando com o apoio que receberia da tia que o conclamara. Trata-se, nesse caso, de um sujeito que está amparado por uma família que nele investe e o capacita para se lançar em busca de desenvolvimento pessoal e profissional. Sua confiança nos recursos de acolhida que dispõe conota-se em seu discurso como quando diz: *“Tenho que vir aí, com ela [a tia], para que ela me apoie em tudo. E vim aqui para que ela me apoie em tudo”*. Este participante, quando da segunda entrevista, já estava empregado em uma importante empresa da capital gaúcha e tinha agendada uma prova para revalidação dos estudos realizados no Haiti e na República Dominicana, sendo capaz de reconhecer que estava avançando e chegando mais próximo da realização de seus projetos migratórios. Trata-se, portanto, de um sujeito que conta com recursos psíquicos que lhe permitem o enfrentamento e a superação de desafios que a realidade lhe apresenta. É em si mesmo que, quando sai a caminhar pela cidade ouvindo música, segundo relata, encontra a força necessária para seguir buscando seus propósitos, mesmo sentido saudade da família. Amparado e com suas necessidades autopreservativas atendidas, não precisou deixar de ser quem era para atender à autoconservação, para sobreviver, como tantos conterrâneos seus.

No entanto, contrastando com o desfecho que esses migrantes têm podido dar à sua experiência no novo país, em que as demandas autopreservativas do Eu estão atendidas, também se testemunharam narrativas de sujeitos cujas condições psíquicas mostraram-se significativamente prejudicadas e fragilizadas no processo de migrar. Poder-se-ia aventar a existência de fragilidades psíquicas prévias à diáspora praticada, que, inclusive, poderiam estar na base das peculiaridades desse projeto, aludindo a tal vulnerabilidade. Para sobreviver e prover a sobrevivência daqueles que deles dependiam, esses migrantes empenhavam-se na

busca de ideais que, em certos casos, estavam muito além das condições plausíveis para qualquer sujeito, tendo como único resultado possível a frustração e o sofrimento. A impossibilidade de pensar e desejar algo para si, pondo em questão esses ideais enunciados por um outro que seguia presente na forma de imperiosa exigência de sustento, fazia-se escutar em narrativas de sujeitos completamente dissociados de si e de suas histórias. O caso da Participante 2 afigura-se como emblemático desse complexo arranjo psíquico.

A história da Participante 2 é de uma filha mais velha que saiu da pátria para, prioritariamente, ajudar sua família, que ficara para trás. Sua mãe tivera 15 filhos, que, ainda, mantinham-se dependentes dela. Como, agora, encontrava-se idosa e doente, coube à participante se ocupar de prover os recursos para toda a família. Desse modo, contabiliza-se que ela veio para o Brasil para trabalhar pelo sustento alimentar da mãe, dos 15 irmãos e, também, de seus 5 próprios filhos, cujo pai é falecido. Aqui chegando, seu propósito precisou ser revisto, pois engravidou, ficando ela também impossibilitada de trabalhar, pois passara a se dedicar aos cuidados da filha que, ainda bebê, fora diagnosticada com anemia falciforme. Sutilmente, o que se revela em sua narrativa é uma espécie de repetição, não percebida pela participante, da história de sua própria mãe, no que se refere à profusão de gestações, em um contexto em que falta o básico para a sobrevivência, e, também, ao papel que herda na promoção do sustento de todos.

Assim, essa participante migra para o Brasil com o compromisso de sustentar um total de 21 pessoas. Evidencia-se, de imediato, o caráter inatingível desse ideal, tendo em conta sua condição de migrante e seus reais limites para prover recursos para tão numeroso grupo. Destaca-se no relato da participante, conforme referido anteriormente, que o critério elencado pela família para atribuição da responsabilidade de migrar foi sua primogenitura. Nesse sentido, relata: *“Eu sou a mais velha, e eu quero ajudar, mas não pude. É difícil. Por isso eu deixei o Haiti. Eu tenho que ajudar minha família”*.

Cumprer registrar que suas irmãs mais novas puderam, distintamente da participante, estudar e ter uma profissão socialmente reconhecida. Porém, desempregadas no Haiti, seguem sustentadas pela mãe que conta com o auxílio da filha que migrou. Caberia a indagação acerca das razões que levaram essa filha que, do ponto de vista profissional, seria menos qualificada do que suas irmãs, a ser a escolhida para migrar pela família, no compromisso de garantir o atendimento das demandas das duas dezenas de pessoas. Essa não é uma questão que a participante se faça, restringindo-se a expressar sua indignação com as condições de vida e trabalho no Haiti, na medida em que conta que sua mãe trabalhou a vida toda para formar suas 5 irmãs mulheres, que estudaram, mas não tem emprego lá. Refere que a mãe, mesmo idosa, segue tendo que “*dar comida*” para as irmãs. “*A minha mãe é uma pessoa com 62 e ela tem que dar comida. É difícil*”, revela. Solidariamente, então, a participante corresponsabiliza-se em suprir a extensa família que lá ficou. A vinda para o Brasil constitui-se em uma “segunda oportunidade” para a participante atender ao mandato que lhe fora atribuído, tendo em conta que, anteriormente, já havia migrado para a República Dominicana onde vivera e trabalhara como cuidadora de uma idosa por quase 10 anos. Naquele país conheceu o atual marido, que migrou para o Brasil um pouco antes dela, enviando-lhe divisas para vir reencontrá-lo. Relata que não tinha planejado a filha que com este teve, mas que esquecera-se de tomar a “pastilha” anticoncepcional um dia. A menina, nascida no Brasil, é a única filha do casal, sendo que ambos têm filhos de relações anteriores.

Na narrativa da participante, descortina-se a incapacidade de levar a efeito a ocupação de um lugar próprio e livre no novo destino. Segue comprometida com aquilo que não pôde deixar para trás, de modo que se destaca, em seu relato, que, quando tenta se alimentar na terra que a recebeu e que, mesmo com inegáveis privações, garante-lhe o básico para sobrevivência, o alimento não pode ser deglutido pela permanente lembrança de que, na casa materna, o mesmo segue a faltar.

“Esse é o meu problema. Eu sempre com dor de cabeça. Às vezes, eu fazendo comida ‘ai, não quer comer!’, pensando, pensando em minha família. Às vezes, um não tem dinheiro, então não pode comprar, porque... Se eu não tenho..., lá [no Haiti], se eu não tenho uns 50 reais, eu não pode faze um almoço.” (Participante 2, feminino).

Chama a atenção que a participante é, da comunidade de haitianos onde reside, uma das que melhor se comunica no idioma nacional local, todavia se diz impossibilitada de ir em busca de emprego para si, por precisar permanecer em casa com sua filha bebê que inspira cuidados. Desvela-se, à escuta, que ela se encontrava impedida de usufruir de suas condições, permanecendo no lamento daquilo que viera buscar para sua família, mas não pudera alcançar, sem, contudo, fazer a crítica do caráter irrealizável de seu objetivo, dada sua agigantada extensão. Nesse sentido, o tom em que relata seu compromisso de trabalhar para enviar algo para que sua mãe, irmãos e filhos possam se alimentar é de grande desolação, visto que as dimensões das necessidades em muito superam suas condições de ajuda. A participante mostra-se bastante consciente das dificuldades pelas quais passam os seus, relatando-as com grande culpa e melancolia. Neste ponto, evidencia-se uma posição marcada pelos ditames do masoquismo que, como identificado por Freud (1917/2006), diferentemente da situação de luto em que o sujeito sabe o que perdeu e disso se recorre, costuma acompanhar a posição melancólica na qual grande crítica é dirigida ao Eu. No relato da participante, mais de uma vez, aparece a referência a sua impossibilidade de obter qualquer experiência de bem-estar enquanto sofrem os seus. O compromisso que ela assume é de sanar a necessidade do outro, de modo que a impossibilidade de êxito deste empreendimento está posta desde sua saída do Haiti. Mesmo tendo ela acesso a alimento e a outros recursos autoconservativos no Brasil, verbaliza não conseguir se alimentar sabendo que seus familiares passam fome: *“Aqui eu estou bem. Aqui eu consigo comida, hospital, tudo; mas lá não tem. (...) Às vezes, eu não como, pensando na família que não está comendo”*. O impedimento em desfrutar daquilo a que agora tem acesso, frente a

culpa por não estar provendo aqueles com quem se comprometera, parece levá-la a uma autorreprovação paralisante, típica da melancolia. Esse quadro sugere que, somado ao luto daquilo que a migração naturalmente exige que seja deixado para trás, existem sinais de uma melancolia a aplacar a participante. É a escuta de sua história de vida que permite encontrar elementos singulares para uma leitura de suas vicissitudes de migrar e dos sentidos que atribui a sua vivência na narrativa que constrói. Assevera-se, portanto, a relevância do caráter de singularidade da experiência do sujeito, que não se reduz ao genérico do que pode estar a movimentar a “massa”, tampouco deve ser assumido como amostra irrestrita extensiva a todo seu grupo.

A justificativa da vinda da participante ao Brasil é reduzida, por ela, ao fato de ter sido a única que conseguiu dinheiro, graças ao seu marido, para adquirir a passagem. Nenhum projeto pessoal é mencionado, tampouco a corresponsabilidade de sustento familiar da qual suas irmãs parecem se omitir. Não parece, desse modo, existir, por parte da participante, o desejo de construir uma vida pautada em expectativas próprias. Denota-se, precisamente neste ponto, desde a história singular desta participante, a hipótese de um aprisionamento masoquista na repetição, com inegáveis riscos ao Eu. Ela refere a fala dos filhos – com quem se comunica todos os dias por telefone – de que queriam estar como ela, mas não parece haver por parte dela uma grande reciprocidade. No predomínio da dissociação que utiliza como defesa contra o insuportável da distância, parece não se conectar com o sentimento de falta do outro, estando preenchida pela demanda imperiosa de atender às necessidades básicas daquele. Tal fato evidencia-se no modo como ela resume a questão: *“Porém, é difícil”*, remetendo a certa inércia, tal qual a de sua mãe que, ao não mais se ocupar dos próprios filhos, transfere a responsabilidade para a filha mais velha. Se diz duplamente responsável, por ser pai e mãe de seus filhos, dando indícios de um desamparo sempre presente em sua história de vida e no exercício solitário dos papéis que lhe cabem. De seu relato, destaca-se à escuta que a participante não identifica suas

próprias carências, de modo que a falta parece ser percebida sempre no outro, que ela deve buscar suprir a todo custo, dando aquilo que este não tem. Em relação à sua comunidade, seja quando acompanha outros haitianos para ajudar como interlocutora em entrevistas de emprego, seja quando relata ao pesquisador que se preocupa com os conterrâneos que não conseguem falar português ou estão tristes e só choram, parece ocupar a função de porta-voz da demanda do outro, daquilo que entende que a estes falta, ficando apartada de suas próprias demandas singulares.

Conforme indicado por Bleichmar (2005a), em situações de extrema dificuldade, como as provocadas por grandes catástrofes sociais, o sujeito pode se ver forçado a priorizar o atendimento das necessidades autoconservativas, que respondem à manutenção da vida biológica, dissociando-se e ficando em grande prejuízo uma dimensão de proteção de seu Eu correspondente à autopreservação da identidade. Segundo registra Bleichmar (2005a), “neste processo no qual os seres humanos se vêm obrigados a contrapor a identidade à autoconservação, cada um sente que tem que deixar de ser quem era para poder seguir ganhando a vida, para seguir existindo” (p.41, tradução nossa). Particularmente no caso da Participante 2, o caráter excessivo a que se vê exposta, frente ao imperativo de alimentar 21 familiares, coloca-a diante da dramática situação de somente conseguir dizer daquilo que falta ao outro, não restando espaço para dizer algo sobre si mesma, sobre sua identidade. Sustentando-se, assim, na leitura proposta por Bleichmar (2005a), poder-se-ia afirmar que, em se tratando dessa participante, para atender à autoconservação de sua própria vida e de familiares, seus enunciados identificatórios são colocados em risco, trazendo importantes prejuízos à autopreservação do Eu, em um cenário de inegável fragilidade narcísica.

Nesse movimento que coloca as demandas do outro em primeiro plano, ficando o sujeito da migração prescindido em suas condições de estar e, principalmente, de ser no lugar de destino, produzindo repetições inconscientes, a narrativa da Participante 4 também merece

destaque. Semelhantemente ao que vinha sendo descrito, essa participante, que ficara órfã primeiro de pai e, após, de mãe, aos 11 anos, reporta migrar para garantir uma vida diferente para sua filha. Ocorre, entretanto, que essa filha, também órfã de pai, precisou, em decorrência de tal decisão da mãe migrante, ficar no Haiti residindo com uma tia-avó, tendo, à época, apenas dois anos. A participante refere seus motivos para ter vindo para o Brasil, explicando:

“Porque já tenho 36 anos, e o pai [da minha filha] já morreu. Aí para ela é pior, porque ela não tem pai. Eu só que está ajudando ela. Muito difícil. Porque eu vivi bastante necessidade de serviço. Triste que eu consegui minha vida quando morreu minha mãe, meu pai. Eu passar muito, muito triste. Não quero que ela ficar assim como, igual como eu. Eu quero ajudar ela, antes de eu morrer, para ela conseguir alguma coisa para fazer sua vida, para viver um pouco melhor.” (Participante 4, feminino).

O ponto que, particularmente, destaca-se para a análise é a contradição imediatamente identificada no fato de que, para salvaguardar a filha daquilo de que padecera quando perdeu seus pais, a Participante 4 decide assumir a distância física desta como forma de buscar melhores condições de vida para ambas. A fala: *“Porque já tenho 36 anos, e o pai [da minha filha] já morreu. Aí para ela é pior, porque ela não tem pai”*, estaria referida, exclusivamente, à filha? Não seria de si própria, de seu próprio desamparo que estaria falando? A narrativa denuncia uma história de orfandade que insiste em se repetir, mas da qual a migrante não está consciente, tampouco apropriada, em vista da demanda urgente de sustento autoconservativo que deve priorizar.

Tanto a Participantes 4 quanto a Participante 2, sem se aperceberem, ao se responsabilizarem por sanar carências, excessos e desamparos de outros, que entendem delas exclusivamente depender, acabam, também, reproduzindo e atualizando as situações que marcaram, indelevelmente, suas próprias histórias e, por extensão, o processo de suas constituições identitárias. A narrativa dessas duas últimas participantes, em especial, revela que,

para sobreviverem e irem em busca dos ideais que caracterizam suas subjetividades, paradoxalmente, precisam dissociarem-se de si. Suas histórias permitem lançar luz sobre os indicadores de um importante risco de desarmonia entre as necessidades típicas de autoconservação e os fatores narcísicos que dão sustentação à autopreservação do Eu e que podem estar prejudicados na vivência migratória, especialmente naquelas relacionadas a grandes crises, como é o caso da diáspora haitiana. Ressalva-se, todavia, que esse risco à subjetividade do migrante é sempre relativo ao singular da experiência de cada sujeito, devendo-se, portanto, evitar generalizações fáceis e superficiais que tendem a patologizar a migração, em uma flagrante desconsideração das significativas nuances dos recursos psíquicos daqueles que migram.

Nesse sentido, alerta Knobloch (2015) que importantes impasses podem surgir ao se naturalizar a experiência migratória como um fator de risco que, necessariamente, leva à patologia psíquica. De acordo com a autora, quando o discurso social acerca da migração vincula a experiência do migrante a formas específicas de sofrimento psíquico, no formato de categoria psiquiátricas, tais como o Transtorno de Estresse Pós-Traumático, corre-se o risco de que se incorra em uma generalização e medicalização de tal experiência. Nesse perverso arranjo, a vivência singular do sujeito fica prescindida de escuta em favor de um homogeneizante controle farmacológico de problemas que são muito antes de cunho social, político e econômicos, dos quais o sofrimento do migrante represente um sintoma. Aportando fundamentos para essa leitura, Pussetti (2010) entende que o processo migratório traz riscos por reunir inúmeras perdas que precisam ser elaboradas pelo migrante, mas admite que a fragilidade deste sujeito não se deve exclusivamente à experiência de migrar, senão à sua situação socioeconômica normalmente precarizada, à marginalização social, à ilegalidade a que se vê obrigado, em alguns casos, e à falta de apoio social adequado nos países de recepção. Com isso, a autora questiona se os *problemas dos migrantes* não seriam, na verdade, problemas da

sociedade e de suas instituições *em relação aos migrantes*. Como parte da crítica que faz, Pussetti (2010) situa a Síndrome de Ulisses, categoria psicopatológica proposta pelo psiquiatra catalão Joseba Achotegui que associa a experiência migratória a uma categoria diagnóstica, justificando, assim, sua medicalização. De acordo com a autora, tal síndrome cumpre a função de desviar o foco do contexto político e econômico mais amplo, que precariza a migração, para concentrar no sujeito a naturalização de uma perturbação psíquica, que tocara a todos os migrantes indiscriminadamente. Considerando esse quadro, Knobloch (2015) pondera que, poder legitimar o sofrimento psíquico experimentado pelo migrante, nos muitos desafios a que se vê obrigado enfrentar, “não deveria significar patologização da diferença como a única forma de reconhecimento desse outro estrangeiro” (p.169).

O estudo do estrangeiro, seja na acepção do estranho que pode ativar mecanismos de patologização a ele dirigidos ou rechaço social, seja na perspectiva do isolamento que, em certos casos, parece dissociar o sujeito de seus próprios sentimentos e possíveis projetos, a exemplo de alguns participantes da pesquisa, converge para a consideração de uma importante obra da literatura francesa que, de forma primorosa, põe em cena a complexidade da alma humana. No romance “O Estrangeiro”, de Albert Camus (1957/2017), pode-se encontrar a artística inspiração para se pensar as muitas nuances que a estrangeiridade representa. Com um título particularmente pertinente a esse contexto de estudo, a obra, por vezes definida por especialistas como “o primeiro romance clássico do pós-guerra”, apresenta como protagonista Meursault, um sujeito que, desde as primeiras páginas, vai se revelando dissociado de si mesmo. Esse peculiar personagem, a todo momento, responde às demandas que lhe são dirigidas com a frase de que, para ele, “tanto faz”. Tal conduta é condizente com um caráter de completa estrangeiridade a si mesmo, que vai se dando a conhecer ao leitor em situações nas quais este se vê diante de um protagonista que não esboça sentimentos, expectativas ou qualquer reação que mostre que esteja presente na cena que vive, restringindo-se a um lugar de narrador de uma

história da qual parece desencarnado. No parágrafo inaugural do romance, o protagonista recebe a notícia, via telegrama, do falecimento de sua mãe no asilo onde a mesma se encontrava. Pede dois dias de dispensa no trabalho e se dirige-se ao seu velório, como se estivesse anestesiado, sem se implicar com a perda que julgava ainda não compreender. É difícil ponderar se provoca maior impacto a notícia seca que abre a narrativa ou a indiferença que caracteriza a reação do personagem àquilo que lê no bilhete que lhe fora dirigido. Nessa mesma toada, no dia que sucede o enterro da mãe, de volta à cidade, tendo ido à praia, encontra uma ex-colega de trabalho, com quem passa imediatamente a se relacionar. Dessa, pouco tempo depois, Meursault recebe um pedido de casamento. Passadas algumas cenas, como obra do acaso, acaba por matar, com cinco tiros, um homem com quem não tinha qualquer relação direta. De todo o enredo aqui sintetizado, o que chama particularmente a atenção e que se quer destacar, é que esse personagem parece agir somestesticamente, isto é, o registro da experiência que narra se dá única e exclusivamente pelas sensações físicas que descreve, do calor e da aridez dos dias, que lhe causam cansaço ao corpo, sem qualquer presença subjetiva naquilo que lhe ocorre ou que ele provoca. Na situação do assassinato na praia, que, indubitavelmente, representa o ápice da obra, sem premeditação e agindo no impulso, encontra-se um sujeito consciente do que faz e cujo relato que se segue denota uma experiência desconectada de si de quem reage a sensações, conforme se lê:

(...) Foi então que tudo vacilou. O mar trouxe um sopro espesso e ardente. Pareceu-me que o céu se abria em toda a sua extensão, deixando chover fogo. Todo o meu ser se retesou e crispei a mão sobre o revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí, no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecador, que tudo começou. Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Então, atirei quatro vezes ainda num

corpo inerte em que as balas se enterravam sem que se desse por isso. E era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça. (Camus, 1957/2017, p.64)

Nas metáforas construídas, parece se produzir um distanciamento subjetivo do real acontecimento produzido. O sujeito que o produzira descreve uma cena que se afigura desprovida de emoções, mas enriquecida pelas percepções sensoriais a que se resume. Caracterizado pela dissociação em relação ao que lhe acontece, Meursault reage, como um morto vivo, às opções que se lhe apresentam respondendo, cena após cena, que, a ele, “tanto faz”, mesmo quando é a sua liberdade e a sua vida que estão em jogo. O impacto que a obra causa no leitor refere-se ao completo distanciamento afetivo de Meursault em relação às experiências radicais por ele vividas e narradas. Na medida em que se avança na leitura das páginas e a indiferença do protagonista ao que lhe acontece só se confirma, entende-se o brilhante título da obra. O estrangeiro em questão não é aquele que está fora da sua pátria, mas de si mesmo, aquele que é alheio aos seus sentimentos, às suas vivências subjetivas.

No contexto teórico da presente discussão, poder-se-ia aproximar as sensações físicas de Meursault, que imperam com exclusividade em relação às condições de reconhecer seus afetos, pensar e escolher, do conceito de autoconservação do Eu, cujas necessidades remetem a uma dimensão mais visceral do funcionamento do sujeito, ligado diretamente à sobrevivência do corpo físico. Do mesmo modo, como teorizado por Bleichmar (2005a), em certas circunstâncias, tais necessidades mostram-se dissociadas e sobrepujando aquelas que tangem à autopreservação do Eu, de modo que, com isso, o sujeito psíquico pode perecer. No caso do protagonista de Camus, são a passividade e a repetição que insistem em imperar na história que revela um sujeito de sensações e estrangeiro a si mesmo.

Semelhante estrangeiridade se faz escutar da narrativa de alguns participantes desta pesquisa, em particular a Participante 2, que parece se mostrar alheia a si e desconectada do que lhe acontece na terra que escolhera como destino, e, também, da Participante 4, que não se

apercebe repetindo com a filha a sua própria história de orfandade, que tenta heroicamente evitar. É, novamente, no contraste entre o atendimento às necessidades de autoconservação do Eu, que, em situações de crise, leva um sujeito, conforme teorizado por Bleichmar (2005, 2014), a deixar de ser quem era para poder seguir existido, às custas da Autopreservação do Eu e da identidade, que se encontra um importante recurso teórico para compreender a experiência migratória e a estrangeiridade de alguns migrantes que, mais do que saírem de terra natal, veem-se diante do radical imperativo de sair de si próprios para seguirem existindo, diante das violências sociais enfrentadas.

Nessa acepção, Fiorini (2013), ao abordar a problemática da representação de situações extremas com a alternância e a equivalência do que seja ser testemunha e participante, considera que a violência social massiva atinge a todos. Nesse sentido, quando se considera as atrocidades e humilhações que caracterizaram a Shoa, pode-se encontrar no testemunho deixado por Primo Levi (1988), em “É isto um homem?”, que, no campo de concentração, passado algum tempo, devido à violência social que a todos atingia, nem os judeus nem os seus algozes podiam ser identificados ao que um dia foram, tampouco ser reconhecidos em suas vontades próprias.

A figura do “*muçulmano*”, cunhada por Agambem (2008), do morto-vivo dos campos de concentração nazistas, esvaziado em sua humanidade e, simultaneamente, denunciante daquilo que o humano é capaz, segue como uma categoria notavelmente atual quando cotejada ao mal-estar contemporâneo em que o esvaziamento do outro denuncia, sobremaneira, um esvaziamento do si mesmo. Impotência e apatia, desistência da vida e indiferença à morte também pareciam ser adjetivos facilmente atribuíveis ao morto-vivo do campo de concentração. O extremo do campo era o *muçulmano*. Revela Agambem (2008) que olhar para o *muçulmano* não era fácil, ninguém queria presenciar aquela figura desprovida de vida e de morte. A figura do *muçulmano*, aponta Fiorini (2013), encarna o intento de exclusão do campo representacional. Todavia, trata-se de uma figura paradigmática que está fora, mas dentro do

campo representacional, na medida em que encarna, também, a representação daquilo que um homem pode se tornar quando é desumanizado, figura essa que ninguém queria enxergar. Agambem (2008) refere que, no campo de concentração, até mesmo a morte perde sua dignidade, não podendo ser chamada de morte, e sequer os cadáveres podem ser chamados de cadáveres. O autor assume que, em Auschwitz, não se morria, *produziam-se* cadáveres. Cadáveres sem morte de não-homens cujo extermínio reduzira-se a uma produção em série. A dignidade ofendida não era, portanto, somente a da vida, mas, também, a da morte. Com isso, conclui Cruz (2012), a essência da morte estava vedada ao homem. Paradoxalmente, o muçulmano era o não-vivo, um ser cuja vida não era realmente vida e cuja morte não podia ser chamada de morte, mas fabricação de cadáveres, representando a destruição completa do que constituía um homem, isto é, *a sacralidade da vida e da morte* (Cruz, 2012). Conforme esclarece Agambem (2008), a biopolítica nazista transformava o não ariano em judeu, o judeu em deportado e, no campo, o limite era o muçulmano. Para o autor, os campos, mais do que um lugar de morte, eram o lugar da *fabricação* do muçulmano.

Amparado nas proposições de Agambem, Cruz (2012) aponta que, contemporaneamente, a vida se torna tal qual a figura do muçulmano, em vista de uma *redução da vida a uma sobrevida biológica*, com a *produção de sobreviventes*. O autor esclarece que, conforme cunhado pela teoria foucaultiana, havia a dominação do soberano sobre a máxima *fazer morrer e deixar viver*, em que aquele que dispunha do poder ordenava a morte dos que eram contrários ao seu governo e deixava viver os demais. Posteriormente, observou-se a inversão dessa máxima, com governos voltados ao *fazer viver e deixar morrer*. O autor aponta, também, que Agambem, aplicando essa reflexão à contemporaneidade, entende que o poder não mais se pauta naquelas máximas do fazer ou deixar morrer ou viver, mas em *fazer sobreviver*. Em se tratando dos migrantes, sobremaneira quando se tem em conta os relatos apresentados, cabe asseverar que a perspectiva de busca de uma sobrevida biológica para si e

para os familiares é prioritariamente pautada, mesmo que em desarmonia à Autopreservação do Eu e ao custo da estrangeiridade de si mesmo, como se quis elucidar.

Nesse campo inter-relacional de uma prática de poder a arbitrar as relações, Birman (2006) remete-se à obra “Totem e tabu”, na qual Freud vale-se do mito das origens para conceber a constituição da Modernidade. Com o fim da figura do pai da horda, na qualidade de legislador absoluto, a soberania sucede às mãos dos irmãos, que passariam a arbitrar na divisão dos gozos. Com isso, surgia a necessidade de mecanismos de regulação daquilo que seria o gozo de um e o gozo do outro e, também, as dificuldades para o estabelecimento dessas fronteiras. Registra Birman (2006) que, como fora nos primórdios, a desigualdade na distribuição de gozos se manteve na Modernidade e segue sendo regra na Contemporaneidade, incrementando o narcisismo, na medida em que os sujeitos, em prol de seus próprios gozos, ufanam o gozo do outro. No limite, estaria o completo esvaziamento de tudo que possa resultar humano no outro, restando apenas o biológico em sua sobrevida. Para Agambem (2008), o que está em voga na Contemporaneidade, portanto, não é mais a vida nem a morte, mas a *sobrevida*. Tal sobrevida refere-se à redução da vida ao seu mínimo biológico. Trata-se da “*vida nua*”, desprovida de qualquer humanidade, tal qual encarnado pela figura do muçulmano. Em muitas nações, ao estrangeiro, na *figura-denúncia do refugiado*, acima apresentada, parece restar apenas esse lugar.

A presença daquilo que é estrangeiro, na medida em que assume feições de estranheza, produz desconforto, podendo, em muitos casos, passar a ser combatido, violentamente. Quando se trata da migração, a estranheza em questão não se resume a um sujeito que, para sobreviver, torna-se alheio a si, denunciando um mal-estar, mas, outrossim, de sujeitos que, com sua presença, e devido a sua diferença, tantas vezes negada, figuram como estranhos à cultura da comunidade de acolhida, cuja própria soberania sente se abalar. Se é verdade, como preconizado por Agamben (2017), que o *refugiado é a figura prototípica da política*

contemporânea, a diferença, produtora de estranhamento, por ele denunciada e os efeitos desta na hospitalidade das nações que o recebem, merece a devida análise.

O tema do *estranho* também esteve presente na investigação freudiana da subjetividade. Freud (1919/2006) entende que o estranho possa ser algo que é secretamente familiar, mas que fora submetido ao recálque inconsciente e depois retornado, sendo, portanto, experimentado como estranho tudo o que satisfaça essa condição. Freud (1919/2006) refere-se ao “hóspede inesperado”, cuja chegada pode ocorrer a qualquer momento, isto é, o estranho que irrompe do inconsciente é, no fundo, familiar, mas relegado ao “esquecimento”.

No atual quadro de migrações e refúgios, muitos *hóspedes inesperados* têm aportado em territórios próximos ou até distantes, solicitando abrigo às nações em melhores condições socioeconômicas, mas tal realidade tem sido tratada, muitas vezes, com o recurso do “esquecimento”, da ação deliberada de não querer saber, ignorando a dura realidade que se apresenta. Se o estranho é, em princípio, familiar, a violência, a indiferença e a hostilidade a ele voltados também o são. Nesse campo, Derrida (2003), ao discutir os desafios da hospitalidade, volta-se à etimologia da palavra estrangeiro e, remetendo-se a Émile Benveniste, importante linguista francês, encontra nessa referência uma pista para analisar a hostilidade tão presente no campo onde se esperaria encontrar acolhida ao outro. O autor, ao fazer essa digressão, chega à proposição do seguinte neologismo semântico: “(...) nos colocamos um certo número de questões – a partir, mas também a propósito das interpretações de Benveniste, especialmente a partir de duas derivações latinas: o estrangeiro (*hostis*) recebido como hóspede ou como inimigo. Hospitalidade, hostilidade, *hostipitalidade*” (Derrida, 2003, p. 41). A hostilidade, conforme conotado pelo autor, afigura-se, portanto, como inerentemente voltada ao estrangeiro, acompanhando e sendo contraponto à hospitalidade que, espera-se, a esse se possa ofertar.

Nesse sentido, a experiência narrada pelo Participante 5 assume particular vulto. Migrante haitiano que veio para o Brasil para trabalhar e para “*conhecer uma vida melhor*”, esse participante sofreu violenta discriminação e ameaças por parte de colegas de trabalho brasileiros, nas oportunidades em que pôde trabalhar como ajudante de pedreiro na construção civil. As marcas produzidas pelo rechaço de que padecera, evidenciaram-se na transferência, por meio do claro receio demonstrado em ser mal compreendido, por um brasileiro, em suas reais intenções. Quando perguntado se teria vindo ao Brasil em busca de dinheiro para o sustento, responde imediata e defensivamente: “*Sim, pra trabalhar, pra trabalhar. Não vim buscar dinheiro pra roubar*”.

Coerente com essa reação defensiva do participante, compreende-se, com Gomasasca (2017) ao situar a existência de um imaginário que associa migração e ameaça social – que o migrante é, por vezes, colocado em conexão direta com atividades criminosas. Justifica-se, assim, o notável receio do migrante em ser mal compreendido pelo pesquisador. Em sua pronta manifestação, o risco de hostilização ao estrangeiro, faz-se testemunhar em sua forma defensiva, já na abertura da primeira entrevista.

Após relatar que estava desempregado havia 5 meses e que tinha filhos pequenos que dependiam dos recursos que deveria enviar para poderem se alimentar e ir à escola, o participante passa a descrever as muitas dificuldades de relacionamento com brasileiros que precisou enfrentar enquanto esteve empregado no Brasil. Destacando as discriminações vividas e suas conseqüentes desilusões e sofrimento, o participante reproduz a maneira como os brasileiros, seus colegas de trabalho na construção civil, falavam com ele:

““O, o haitiano, o que quer vim aqui incomodando, em meu país?! Quem te manda aqui, pra cá?! Quem tem manda?!’ Me deixa triste isso, porque eu venho aqui só procurando trabalho, eu não venho aqui buscar problema com alguém, não. ‘Haitiano vem aqui tomar o

trabalho de nós'. Não! Eu não. Alguns brasileiros falam mal de haitianos; não todos."

(Participante 5, masculino).

No decorrer das entrevistas, a narrativa do participante mostra reiteradamente sua intensa decepção com a escassa receptividade por parte dos colegas brasileiros. Enfatiza seu ressentimento por ter enfrentado incontáveis dificuldades para chegar ao Brasil e ser obrigado a ouvir tais acusações, entendendo que, se tivesse ficado no Haiti, não estaria submetido a tal humilhação. O participante aprende a língua local como tentativa de se incluir na comunidade e conseguir trabalhar. Paradoxalmente, com isso, passa a entender as agressões verbais que lhe são dirigidas, vivendo mais intensamente a exclusão. Sintetiza sua desilusão com a experiência vivida, explicando:

"Porque, se eu ficar em meu país, ninguém vai dizer essa palavra assim. Porque eu vim aqui só procurar trabalho, eu não vem aqui roubar nem a xingar a gente. Só vim aqui procurar trabalho e trabalhar, tranquilo! Não roubar a coisa que não é meu, não! Só trabalhar."

(Participante 5, masculino).

A língua possui indiscutível centralidade à hospitalidade buscada pelo migrante. Nessa perspectiva, Derrida (2003) situa que o estrangeiro é estranho, antes de qualquer outra coisa, à língua das normativas, em que se encontra formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, as políticas migratórias. Desse modo, situa o autor, que o migrante se vê diante do impasse de ter que pedir a hospitalidade em uma língua que não é a sua, mas imposta pelo dono da casa, pela nação ou Estado que o recebe. Com isso, conclui o autor que a imposição, por parte de quem recebe, da tradução na sua própria língua é, em termos da hospitalidade, a primeira violência cometida contra o estrangeiro. Identifica-se, nesse ponto, no imperativo da nova língua que deve ser falada pelo estrangeiro uma completa desconsideração da diferença que o migrante porta em si. Com isso, Derrida (2003), sintetiza o princípio da hospitalidade, indagando se: "devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em

todos os sentidos do termo, todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-lo entre nós?” (p. 15). Sua teorização dá provas de que a hospitalidade está para muito além desse obstáculo inicial.

No que tange à hospitalidade, que a hostilidade enfrentada pelo estrangeiro parece obstacularizar, testemunha-se, na narrativa do Participante 5, a queixa pelo engodo em relação às supostas oportunidades de trabalho que, aqui chegando, mostram-se irreais. Com a crise político-econômica do Brasil, as oportunidades de trabalho reduziram-se, de modo que do migrante se passou a exigir mais habilidades, dentre as quais destaca-se a fluência no idioma local, para que este pudesse trabalhar. Isso fica claro para esse participante, quando explicita em seu relato os desafios que se lhe impuseram desde a chegada ao país:

“E, quando eu cheguei aqui, a crise tava começando. Quem veio para aqui em 2011, em 2012, achou trabalho. Gente tava buscando gente pra trabalhar; e agora não. Agora tá em crise. Antes, haitiano vem no Brasil não precisava falar português pra trabalhar, não precisava falar português pra trabalhar. Agora, tu tem que aprender, tem que falar pra trabalhar. Tu imagina, aqui o Brasil tá em crise agora, não tem trabalho. [...] Patrão tava buscando gente pra trabalhar, não precisava falar nada, era só trabalhar.” (Participante 5, masculino).

As necessidades de trabalho exigem dos imigrantes que aprendam a língua local. Tal aprendizado tornara-se imprescindível para acessar as vagas de emprego. Chama atenção, em sua narrativa, que, na medida em que aprende a língua local, passa entender o que os colegas falam sobre ele, as críticas e ofensas que lhe são dirigidas. Ressente-se pelas acusações que alguns brasileiros lhe fazem, pois tem uma conduta honesta e correta. Mostra-se triste, parecendo que a decisão de vir para o Brasil fica abalada diante das dificuldades enfrentadas nesse país. Em uma relação de confiança, confidencia ao pesquisador:

“É, não é fácil pra tu deixar família lá. A família tá vivendo num lugar e tu tá vivendo outro lugar. Ah! Eu tenho dois anos e dois meses ai, sem ver a família. Não é fácil, porque a

vida é assim. Há que valer a pena, porque eu deixei a família lá, valer a pena.” (Participante 5, masculino).

O relato do Participante 5 retrata a realidade de violências e privações sofridas por migrantes, em lugar das oportunidades e acolhida que esperavam encontrar. Na referência a “valer a pena”, entende-se que sua aposta na migração deve possibilitar o acesso às oportunidades que viera buscar e que compensem as penalidades de se deslocar, ficar longe da família e precisar suportar a hostilidade que lhe é direcionada. As marcas de desamparo sofrido, traço de identificação a unificar boa parte dos participantes da pesquisa, dão testemunho de um laço social fraturado, de uma diferença entre nativos e recém-chegados que, em lugar de prover a atenção à singular necessidade do outro e a sua acolhida, encontra no estrangeiro, assumido como estranho, um alvo de intensa agressividade social.

O tema da diferença cultural, assim explorado, contrasta com o predomínio da *indiferença*. Distintamente da diferença ser assumida como parâmetro entre um dentro familiar e um fora estranho, tal baliza, sob a égide da indiferença, é completamente escamoteada e, com ela, também o é a consideração à alteridade em sua singularidade, sobremaneira aquela posta em cena pelo estrangeiro com suas peculiaridades culturais. Parece se descortinar, no encontro do estrangeiro com o nativo, uma espécie de *desmentido da diferença*, isto é, uma indiferença em relação a diferença que o outro porta, na forma de completa desconsideração daquilo que o torna outro. Nesse contexto, situam-se as proposições teóricas de Moraes e Macedo (2011), quando estas, remetendo-se à constituição do si mesmo na complexidade inerente ao campo intersubjetivo, conceituam a *indiferença* como uma modalidade de falha no encontro com a diferença que o outro é/representa. No ponto em que deveria ser inscrita uma diferença, uma separação fundamental entre o Eu e o outro primordial, predomina a indiferença deste para com aquele, de modo que as marcas de tal falha, sob a forma de trauma, podem ser permanentes na subjetividade que se forma, repetindo-se em todas as demais relações.

Ao apresentarem a definição de *indiferença* na forma de ausência de uma condição de ajuda alheia, em uma relação em que o outro primordial dirige à criança apenas sua indiferença, Moraes e Macedo (2011) destacam que, mais do que o desdém na oferta de cuidados àquele infante cujo psiquismo está a se estruturar, trata-se do não reconhecimento da existência deste em sua condição alteritária. Resgatando em Ferenczi o conceito de desmentido, as autoras afirmam que a indiferença diz, especificamente, de um desmentido dirigido à criança no ponto em que sua *existência* se afigura como *diferença*. Nessa toada, Gondar esclarece (2012) que, “longe de reduzir-se a uma história familiar, o desmentido expõe, tanto na criança traumatizada pela hipocrisia dos adultos quanto no sujeito traumatizado pela violência social, uma mesma vivência de aniquilamento” (p. 207-208). Dessa maneira, importante concordância entre as autoras, que buscam fundamentação na teoria ferencziana, pode ser encontrada no ponto crucial em que tanto Moraes e Macedo (2011) quanto Gondar (2012) sustentam que o desmentido se refere ao não-reconhecimento e à não-validação perceptiva e afetiva da vivência singular do sujeito, normalmente como objeto de violência, restando desmentida, portanto, sua própria condição de sujeito. No desmentido está envolvido, portanto, o descrédito da percepção, do sofrimento e, sobremaneira, da condição de sujeito daquele que vivenciou uma experiência traumática (Gondar & Antonello, 2016). Sintetiza, desse modo, Gondar (2012) que “o que se desmente não é o evento, mas o sujeito” (p.196).

Essa leitura, quando alargada para o campo da cultura, encontrará no estrangeiro notável ponto de articulação no qual a diferença insiste em se inscrever, precisando, portanto, ser desmentida, via indiferença. A teorização acerca da indiferença, que tem no conceito de desmentido sua “pedra de roseta”, encontra sua expansão para além do campo estritamente familiar, permitido a reflexão sobre relações sociais mais amplas. A justificativa está na referência feita por Gondar (2012) ao fato de que, ainda que Ferenczi tenha produzido uma matriz teórica como base em histórias familiares de crianças abusadas, seu modelo teórico

prioriza como eixo as relações e não propriamente os personagens. Segundo a autora, o que está em questão, portanto, são relações, sejam estas de poder, de dependência, de desvalorização, de desrespeito, sumariamente relações políticas; de modo que os efeitos do desmentido têm se feito cada vez mais presentes em discussões nesta esfera. Nesses debates sociais e políticos, consoante Gondar (2012), o desmentido é tematizado pelo seu inverso, qual seja o *reconhecimento*, de maneira que, sob esta face, apresenta-se, contemporaneamente, no centro das reivindicações políticas contemporâneas, tais como aquelas das minorias étnicas e das diversidades culturais. Dessa maneira, conclui Gondar (2012) que, na medida em que o *reconhecimento é assumido como avesso do desmentido*, os efeitos traumáticos do social podem ser lidos quando alguém não é reconhecido na sua condição de sujeito.

Assim, o outro, na qualidade de estrangeiro/estranho, explicita a diferença, fundamento das culturas, que, desmentida que é pela indiferença, levará à eliminação de tudo aquilo que representa marcas de alteridade, podendo levar a instauração do traumático. Moraes e Macedo (2011) afirmam, então, ser “a vivência de indiferença a matriz do trauma que terá no ato a via de expressão de intensidades” (p.17). Nessa acepção, a reação contra a diferença que a presença do outro proclama, por muito desmentida, pode se dar via ato de violência contra tudo aquilo que sinaliza sua estrangeiridade. Negligenciar a alteridade na sua singularidade é, portanto, uma forma de violência que encontra no ato desprovido de simbolização sua mais usual manifestação. Fato esse que poderia estar na base de tantas barbáries que se têm feito conhecer em contextos nos quais a diferença cultural, mais do que não reconhecida, é combatida com hostilidades impensáveis, inviabilizando a hospitalidade. Assim, como bem consideram Gondar e Antonello (2016), “o reconhecimento é visto como o oposto do desmentido que estaria na origem do aniquilamento subjetivo experimentado no trauma” (p.19). Na indiferença, situa-se, portanto, a completa desconsideração às particularidades da alteridade. Nesse sentido, em um cenário de deslocamentos humanos, afirmar o fato da diferença cultural não ser considerada

não implica em indicar a aceitação do outro em sua diferença, mas, contrariamente a isso, refere-se ao não reconhecimento dessa diferença alteritária e, em consequência, da existência deste como outro. Novamente, o que se desdobra nesse contexto, é a hostilidade e o combate, via indiferença, ao estranho que a presença do outro põe em cena.

A hospitalidade, tão necessária àqueles que chegam para fazer “valer a pena” as muitas dificuldades enfrentadas, mostra-se, portanto, atravessada e prejudicada pela hostilidade voltada ao estrangeiro, tal qual se tem testemunhado histórica e contemporaneamente na reação securitária, assinalada por Gomasca (2017), como caracterizando as políticas migratórias de muitos países. A abertura ao outro, considerado e reconhecido em sua alteridade em relações que superem a homogeneização e a patologização do estrangeiro, segue representando um grande desafio a ser enfrentado, sobremaneira, no campo das migrações internacionais.

Assim, situa Miranda (2016) que a hospitalidade se configura como uma experiência radical que, além de pôr em funcionamento os conflitos da convivência humana, explicita os limites e possibilidades de um maior desprendimento de si. O autor refere que, “na hospitalidade, a presença do *outro* transforma simultaneamente a morada em lugar de acolhimento, mas também de ameaça, inquietação, conflito e hostilidade ao *outro*” (Miranda, 2016, p.415). A normatização e regulamentação da acolhida cumpre a função de controlar a ameaça que a presença do outro representa em um campo no qual o refugiado, paradigmática figura política contemporânea, põe em evidência a conflituosa assimetria entre natividade e nacionalidade.

Na medida em que se avança nessa reflexão, chega-se novamente a Derrida (2003), no ponto em que este autor identifica, na hospitalidade, uma importante e permanente tensão entre a abertura e o acolhimento incondicional aos quais se contrapõem a imposição de regras, condições e leis que limitam e dificultam a acolhida do outro. Desse modo, o autor, ao tratar da complexidade inerente à hospitalidade, compreende que uma acolhida incondicional ao

outro implica em uma série de desafios práticos que acabam por levar ao estabelecimento de condicionantes, de modo que, paradoxalmente, não mais se estaria no campo do incondicional.

Esclarece, Miranda (2016) que a lei da hospitalidade é incondicional, levando o sujeito a abrir as portas de sua casa sem nada perguntar ao outro, ser hospedeiro sem contrapor qualquer condição, é tratar de hospedar sem que o outro-estrangeiro solicite hospedagem, sem que precise pedir na língua daquele que recebe. Nesse sentido, lê-se em Derrida (2003):

Essa lei incondicional da hospitalidade, se se pode pensar nisso, seria então uma lei em imperativo, sem ordem e sem dever. Uma lei sem lei, em suma. Um apelo que manda sem comandar. Porque, se eu pratico a hospitalidade por dever [e não apenas em conformidade com o dever], essa hospitalidade de quitação não é mais uma hospitalidade absoluta, ela não é mais graciosamente oferecida para além da dívida e da economia, oferecida ao outro, uma hospitalidade inventada pela singularidade do que chega, do visitante inopinada. (pp. 73-75)

Derrida (2003) encara a tensão existente entre a lei da hospitalidade incondicional e as leis que regulam a hospitalidade entendendo que “tudo se passa como se a hospitalidade fosse impossível” (p.67). Esclarece o autor que é como se a lei da hospitalidade produzisse essa impossibilidade, de modo que não haveria outra saída senão a transgressão das leis. Entendendo seu funcionamento aos moldes de um imperativo categórico, o autor assume que a lei da hospitalidade absoluta e incondicional exige a transgressão de todas as leis da hospitalidade, tais como as condições, normas, os direitos e deveres que se impõe aos hospedeiros e aos hóspedes. Conclui, Derrida (2003) que, “reciprocamente, tudo se passa como se as leis da hospitalidade constituíssem, marcando seus limites, poderes, direitos e deveres a desafiar e a transgredir a lei da hospitalidade, aquela que exigiria oferecer ao chegador uma acolhida sem condições” (p. 69).

Situado, portanto, está, de acordo com Miranda (2016), o *paradoxo da hospitalidade*, no qual, em um só tempo a casa é abertura e acolhimento incondicional, mas é, também, acolhida condicionada por normas, direitos e deveres. Entende o autor que é como se, a todo tempo, as leis da casa condicionassem a lei da hospitalidade, indicando, assim, a impossibilidade da hospitalidade absoluta. Na experiência concreta da hospitalidade, essa permanente tensão constitui o paradoxo da hospitalidade que se desdobra em contextos de relações intersubjetivas, marcados pela aproximação e conflito de mundos diversos.

Conforme anteriormente revisado, muitas das legislações voltadas à migração não estiveram pautadas nas necessidades do sujeito migrantes, de modo que suas aplicações não, necessariamente, representam práticas de acolhidas àqueles que aportam. Sustentando-se na proposição de Derrida, de uma hospitalidade incondicional, e daquilo que esta pesquisa permitiu acessar da subjetividade dos migrantes estudados, cabe a indagação de quais necessidades estão para além do previsto nas normativas legais, que se limitam ao atendimento da sobrevivência. Indubitavelmente, uma acolhida que reconheça a alteridade e contemple a subjetividade daquele que chega precisará transcender os umbrais de uma política restritiva de direitos que reduz o sujeito à sobrevivência que resta ao refugiado. Na figura-denúncia do refugiado está a evidência de uma hospitalidade fortemente marcada pela hostilidade, restritiva de direitos, de acolhida e de acesso ao atendimento das demandas de Autopreservação do Eu.

Chega-se assim, finalmente, à tese de que, naqueles migrantes em que os prejuízos causados à Autopreservação oferecem riscos ao Eu, a hospitalidade incondicional, que preserva das condições e exigências irrealizáveis, é especialmente necessária. Trata-se de uma acolhida integral ao sujeito, como forma de garantir o laço social que possibilita as representações da pulsão. Acolhida que, aos moldes do proposto por Derrida, transgride as leis que promovem o distanciamento do estrangeiro e preservam as sociedades das ameaças que porta o *estranho*, o *hóspede inesperado*. Será por meio de políticas de acolhida capazes de contemplar as

diversidades existentes entre os sujeitos e de relações intersubjetivas nas quais, em lugar da hostilidade e da indiferença ao outro, possa-se reconhecer sua alteridade, que o sujeito migrante será atendido mais integralmente, tendo também contempladas suas necessidades de autopreservação do Eu, de modo que não precisará deixar de *ser quem é* para sobreviver.

Considerações Finais

Os movimentos migratórios carregam em si a complexidade inerente ao humano. O sujeito que migra movimenta-se, em maior ou menor grau, em direção ao encontro consigo mesmo, na dimensão das demandas e dos ideais, por vezes irrealizáveis, que busca atender e que configuram sua identidade. Movimenta-se, também, em direção ao outro, diverso em sua cultura, pondo em cena as conflitivas relacionadas à ameaça que o estrangeiro-estranho pode representar, com todas as formas de rechaço que lhe são consequentes. Na migração, portanto, estarão, necessariamente, presentes a subjetividade daquele que se desloca, com os ideais que o movem e com os recursos psíquicos de que dispõe, e, também, o sempre imprevisível encontro com a alteridade que o outro representa, sobretudo quando oriundo de uma cultura diversa.

Nesse sentido, as narrativas dos participantes da pesquisa revelaram que muitos sujeitos, ao que pese as inúmeras precariedades padecidas e os lutos que precisaram elaborar para viverem como migrantes em outro país, encontravam-se psiquicamente preservados, buscando a efetivação de projetos coerentes com suas reais condições e indiciando a presença de um narcisismo preservado e pulsante. No contraponto investigado entre o atendimento às necessidades de autopreservação do Eu, que poderiam ter ficado prescindidas àquelas de autoconservação da vida nas situações de crise enfrentadas, as narrativas permitiram testemunhar a presença e a pujança de recursos psíquicos de migrantes que não deixaram de ser quem eram para seguir sobrevivendo, diferentemente do “muçulmano” do campo de concentração. A escuta que sustentou esta pesquisa autoriza o testemunho da singularidade

existente no marcante paradoxo entre possibilidades ou impossibilidades de devir subjetivo de migrantes frente suas particulares vicissitudes.

Nesse sentido, de forma contrastante, o relato de outros participantes indicou que o modelo, quase geral, mas marcadamente singular no modo como cada um se empenha para a este se alinhar, é de um projeto de viabilização da sobrevivência no qual, sobre os ombros de um único sujeito que migra, está o compromisso intrasferível de prover a sobrevivência de muitos dependentes que ficaram na terra de origem. Como parte do modo com que cada sujeito se apropria singularmente dos ideias de uma cultura oriunda de uma pátria que, historicamente, tem fracassado em viabilizar a digna subsistência dos seus em seu próprio território, estabelecendo relações familiares marcadas pelo desamparo, desvelou-se, no relato dos participantes, que o ato de migrar costuma estar diretamente atrelado a um compromisso com o outro, pondo em risco, em muitos casos, a integridade narcísica do Eu. Na repetição inconsciente de modelos familiares relatados pelos participantes, revelaram-se, à escuta, enunciados identificatórios do Eu com notáveis prejuízos da imagem e do sentimento de si, tão necessários a um narcisismo trófico viabilizador da inserção e da construção de projetos para si mesmo na nova morada. Identificou-se, assim, no relato de alguns participantes, uma vivência de estrangeiridade que é, primordialmente, de si mesmo, de modo que os recursos psíquicos singulares para fazer frente aos desafios da realidade podem restar prejudicados.

Por seu tempo, a ameaça aportada pelo *estranho* aos diferentes interditos da cultura de recepção pode ser promotora de práticas de indiferença à alteridade que o estrangeiro representa, estando na base seja das muitas práticas explícitas de discriminação e violência contra o migrante ou de normativas e políticas que, implicitamente, dificultam sua efetiva acolhida. Iniciativas de acolhida ao migrante que prescindam da escuta daquilo que é singular ao sujeito da experiência correm o risco de se restringirem ao atendimento das necessidades de autoconservação da vida, reduzindo a existência deste à sua mera sobrevivência, dificultando

sua efetiva inserção na comunidade e no país de chegada. Acrescem-se a essas práticas de indiferença a preocupante tendência de que, perversamente, associe-se o padecimento do migrante a categorias gerais patologizantes que, além de desconsiderar a singularidade do sujeito, desmentem as muitas precariedades sociais e políticas a que esse fica submetido. Diante disso, incontáveis são os desafios enfrentados pelo migrante em seu processo de ser na ubiquidade.

Na prática da indiferença, a diferença cultural não é reconhecida. Não aceitar o outro na sua diferença refere-se ao não reconhecimento dessa diferença alteritária (do outro estrangeiro), da existência deste como outro. Isso aparece das mais distintas formas, dentre as quais se destaca a exclusão do estrangeiro, do estranho que põe em risco a familiar hostilidade recalcada. Da falta de receptividade, desde os entreves encontrados na chegada ao Acre, passando pela dificuldade de conseguir trabalho e chegando às vivências de discriminação e a violências sofridas pelos haitianos, o que se evidencia é a dura realidade de migrantes que, devido ao desmentido de sua diferença, são desconsiderados em sua existência como sujeitos. No processo de escuta possibilitado pela pesquisa, os participantes tiveram sua existência testemunhada na extensão de suas particularidades, sendo reconhecidos em suas singularidades. Tal fato pode estar relacionado à adesão destes ao processo, explicando o retorno de muitos participantes para novos encontros com o pesquisador, mesmo após compreenderem que a pesquisa não se relacionava ao acesso a vagas de trabalho que compunha a motivação inicial da maioria do grupo.

Foi, portanto, por meio da escuta que sustentou essa pesquisa e que pôs acento no reconhecimento às singulares vivências dos participantes e das quais se dá testemunho, que se afirmar a relevância da *lei da hospitalidade*, proposta por Derrida. Receber o outro sendo ele quem é, sem igualar seu padecimento a categorias gerais patologizantes de sua condição e sem enquadrá-lo em regulamentações distantes de sua real situação, é reconhecê-lo em sua singular

existência, contemplando sua alteridade. A acolhida incondicional proposta por Derrida, pressupõe o reconhecimento do outro também nos aspectos em que esse é estranho, é diferente. Chega-se à conclusão de que, naqueles sujeitos em que a Autopreservação do Eu está abalada por um narcisismo que se viu fragilizado no processo de exclusivo atendimento às urgentes demandas de Autoconservação da vida, a hospitalidade, isto é, uma ética da migração pautada em uma acolhida incondicional voltada à singularidade daquele que aporta é ainda mais necessária. Dir-se-ia, é imprescindível.

Referências

- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). (2017) Relatório de Impacto: Comunicação especial para nossos doadores. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/07/RelatorioDeImpacto_2017.pdf
- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). (18 de agosto de 2018). *Eles nos expulsaram como cachorro, diz imigrante venezuelana em Roraima*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/eles-nos-expulsaram-como-cachorro-diz-imigrante-venezuelana-em-roraima.shtml>
- Adorno, T. L. W. (1985). *Antologia*. São Paulo: Ática. (Trabalho original publicado em 1974)
- Agamben, G. (2008). *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo.
- Agamben, G. *Meios sem fim: Notas sobre a política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- Andrade, G. B. (2011). A guerra civil síria e a condição dos refugiados: um antigo problema, “reinventado” pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional. *Revista de Estudos Internacionais*, 2(2), 121-138. Retirado de: <http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/view/69>

- Baeninger, R., & Peres, R. (2017). Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. *Revista brasileira de Estudos de População*, 34(1), 119-143.
- Birman, J. (2006). Sobre o mal-estar, na modernidade e na brasilidade. In J. Birman (Org.), *Arquivos do mal-estar e da resistência* (pp.57-77). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bleichmar, S. (2005a). Conceptualización de catástrofe social. Límites y encrucijadas. In: D. Waisbrot et al. (Orgs.), *Clínica psicoanalítica ante las catástrofes sociales: la experiencia argentina* (pp. 35-51). Buenos Aires: Paidós.
- Bleichmar, S. (2005b). *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topia Editorial.
- Bleichmar, S. (2014). *Las teorías sexuales en psicoanálisis: qué permanece de ellas en la práctica actual*. Buenos Aires: Paidós.
- Camus, A. (2017). *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: Record. (Obra originalmente publicada em 1957)
- Carignato, T. T. (2013). A construção de clínica psicanalítica para migrantes. *Revista Internacional de Mobilidade Humana*, 21(40), 107-129. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-85852013000100007>
- Coentro, L. U. (2011). *Políticas públicas e gestão das migrações internacionais no Brasil: Uma reflexão sobre os migrantes qualificados* (Dissertação de Mestrado). Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.
- Cogo, D. (2014). Hatianos no Brasil: comunicação e interação entre redes migratórias transnacionais. *Tema central*, (125), 23-32. doi: <http://dx.doi.org/10.16921/chasqui.v0i125.39.g800>
- Cruz, D. N. (2012). Vida nua: entre o humano e o inumano. *Revista Intuito*, 5(2), 199-207.

- Dal Forno, C., & Macedo, M. M. K. (no prelo). Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio Metapsicológico. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta. doi: <http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0017>
- Fiorini, L. G. (2013). Violencia social massiva, sufrimiento psíquico y crisis de la representación. In H. Lerner (Org.), *Los sufrimientos* (pp. 71-89). Buenos Aires: Psicolibro.
- Freud, S. (2004). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In Luiz Alberto Hanns (Ed. e Trad.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). A Dinâmica da Transferência. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.12, pp. 111-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2006). Recordar, repetir e elaborar. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.12, pp.139-160). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.14, pp.281-312). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2006). Luto e Melancolia. In Luiz Alberto Hanns (Ed. e Trad.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 2, pp. 99-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006). O tabu da virgindade (contribuições à psicologia do amor III). In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund*

- Freud* (Vol.11, pp.197-215). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918)
- Freud, S. (2006). O estranho. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.17, pp. 233-273). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2006). Psicologia de grupo e a análise do ego. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.18, pp.77-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2006). O mal-estar na civilização. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.21, pp. 65-148). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2006). Por que a guerra?. In J. Strachey (Ed. e Trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.22, pp.189-208). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Gomarasca, P. (2017). Direito de excluir ou dever de acolher? A migração forçada como questão ética. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 5(50), 11-24.
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de Psicanálise*, 34(27), 193-210.
Retirado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200011&lng=pt&tlng=pt
- Gondar, J., & Antonello, D. F. (2016). O analista como testemunha. *Psicologia USP*, 27(1), 16-23. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150010>
- Hornstein, L. (1989). Ideal de eu, eu ideal e sublimação. In: L. Hornstein (Org.), *Introdução à Psicanálise* (pp. 171.-184). São Paulo: Editora Escuta.
- Hornstein, L. (2009). *Narcisismo: Autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera Editora; Livraria Ltda.

- Hornstein, L. (2018). *Ser analista hoy*. Buenos Aires: Paidós.
- Indursky, A. C., & Conte, B. S. (2015). Trabalho psíquico do exílio: o corpo à prova da transição. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 18(2), 273-288. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982015000200008>
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 6(1), 115-138. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>
- Knobloch, F. (2015). Impasses no atendimento e assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. *Psicologia USP*, 26(2), 169-174.
- Lacerda, J. M. A. F., Silva, A. A. S., & Nunes, R. V. G. (2015). O caso dos refugiados sírios no Brasil e a política internacional contemporânea. *Revista de Estudos Internacionais*, 6(2), 100-116. Retirado de: <http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/view/209>
- Levi, P. (1988). *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Miranda, J. V. A. (2016). Ética da alteridade e o paradoxo da hospitalidade ao outro na educação. *Conjectura: Filosofia e Educação*, 21(2), 406-419.
- Moraes, E. G., & Macedo, M. M. K. (2011). *Vivência de indiferença – do trauma ao ato-dor*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Moraes, I. A., Andrade, C. A. A., & Mattos, B. R. B. (2013). A imigração haitiana para o Brasil: Causas e Desafios. *Revista Conjuntura Austral*, 4(20), 95-114. Retirado de: <http://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/35798>
- Nunes, J. W., & Oliveira, S. D. (2015). Evidências da construção da figura do *imigrante* qualificado no Brasil: uma leitura a partir da Lei nº6.815/80. In: A. M. N. Vasconcelos & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o Paradoxo da globalização* (pp. 33-51). Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasileira: CSEM.

- Oliveira, M. (2016). Imigração e identidades nacionais na América Latina: o elo esquecido (Resenha). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(90), 177-182. doi: <http://dx.doi.org/10.17666/3190177-182/2016>
- Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2009). *Glossário sobre migração*. Genebra: Organização Internacional para as Migrações.
- Organização das Nações Unidas. (ONU). (2013). *Mundo tem 232 milhões de migrantes internacionais, calcula ONU*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/mundo-tem-232-milhoes-de-migrantes-internacionais-calcula-onu/>
- Pacífico, A. P., & Pinheiro T. K. F. (2013) O status do imigrante haitiano no Brasil após o terremoto de 2010 sob a perspectiva do Pós-Estruturalismo. *Revista Perspectivas do Desenvolvimento*, 1(1), 107-125. Retirado de: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-398449>
- Pussetti, C. (2010). Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. *Saúde e Sociedade*, 19(1), 94-113.
- Rosa, M., Berta, S., Carignato, T., & Alencar, S. (2009). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista Latinoamericana de Psicopaologia Fundamental*, 12(3), 497-511. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142009000300006>
- Rosa, R. M. (2015). As contradições da política migratória brasileira contemporânea: algumas reflexões a respeito das políticas públicas para os migrantes haitianos. In: A. M. N. Vasconcelos & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o Paradoxo da globalização* (pp. 53-74). Porto Alegre: EDIPUCRS, Brasileira: CSEM.
- Santos, M. C. (2005). Imigração: Italianos, alemães e japoneses substituem trabalho escravo. *Educação Uol*. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/imigracao-italianos-alemaes-e-japoneses-substituem-trabalho-escravo.htm>

- Turato, E. R. (2010). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Turci, E. (2010). História da escravidão: Exploração do trabalho escravo na África. *Educação UOL*. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/historia-da-escravidao-exploracao-do-trabalho-escravo-na-africa.htm>

SEÇÃO EMPÍRICA II

O trabalho como potencialidade subjetiva na experiência migratória

Introdução:

As diásporas sempre estiveram presentes na história das sociedades e associadas, dentre outras motivações, à busca por melhores condições de vida que justificassem o deslocamento de grupos humanos para diferentes partes do planeta (Eberhardt & Miranda, 2017; Nunes & Oliveira, 2015). A busca por oportunidades de trabalho profissional que permitam aos sujeitos melhores condições de vida está diretamente relacionada às migrações internacionais, dentre as quais se destaca a diáspora haitiana que, após o abalo sísmico de janeiro de 2010 que agravou a crise social e política no Haiti, ampliou o contingente de saída do país (Gomes, 2017). Nesse contexto, o Brasil consolidou-se como destino estratégico de significativo fluxo migratório que veio em busca, principalmente, de inserção no mercado de trabalho formal, contando com benefícios e garantias que este poderia lhe oferecer (Baeninger & Peres, 2017; Gomes, 2017).

Nessa dimensão de intercâmbio cultural e inserção social, o trabalho profissional afigura-se como um analisante central das diásporas humanas, sejam as históricas, sejam as contemporâneas. Destacam-se, entretanto, recentes mudanças no volume e nos padrões migratórios em todo o mundo, relacionadas às crises recentes do capitalismo, à globalização e reestruturação da economia, à divisão internacional do trabalho e internacionalização dos mercados (Eberhardt & Miranda, 2017). Os fluxos migratórios podem se explicar por fatores de expulsão e de atração. Do lado dos fatores de expulsão, estão os altos índices de violência, os baixos salários, altos custos de vida, desemprego, violação de direitos humanos, dentre outros; contrastando, do lado dos fatores de atração, destacam-se as melhores condições de vida e trabalho e o acesso a bens e serviços (Eberhardt & Miranda, 2017).

Evidencia-se, assim, nas diásporas, a presença do trabalho, na qualidade de facilitador de acesso a experiências idealizadas. Os migrantes têm se deslocado, prioritariamente, por razões relacionadas com o trabalho (Matias, 2014; Villen, 2015, 2017), seja por possibilidades de progresso na carreira como é o caso das migrações intencionais, seja por situações em que

as crises enfrentadas nos países de origem encaminham os sujeitos à migração como forma de buscar recursos em outros países para o provimento da própria sobrevivência e de seus familiares (Nunes & Oliveira, 2015). Inexoravelmente, é o exercício laboral, com os recursos por ele possibilitados, o denominador comum dessas distintas equações.

Na intersecção entre migração e trabalho, representando os dois extremos da equação, destacam-se, de um lado, a predileção e a atração dos Estados de chegada por migrantes qualificados profissionalmente (Nunes & Oliveira, 2015; Villen, 2017), em detrimento da acolhida de outra categoria de estrangeiros que, não contando com as qualificações profissionais valorizadas, enfrentam, de outro lado, situações diametralmente opostas, sendo rechaçados ou, em certos casos, forçados a trabalhos indocumentados (Villen, 2015). Nesse sentido, considera a Organização Internacional para as Migrações (OIM), ser o *migrante qualificado*, aquele trabalhador “a que, devido às suas qualificações, geralmente é concedido um tratamento preferencial relativamente à admissão num país de acolhimento (e, conseqüentemente, está sujeito a menos restrições no que se refere à duração da estadia, à mudança de emprego e ao reagrupamento familiar)” (OIM, 2009, p.45). Denota-se, assim, que o trabalho potencialmente produzido pelo migrante, com os frutos que deste possam decorrer, é elemento valorizado, facilitador de sua acolhida em muitos países.

Nessa perspectiva, registram Nunes e Oliveira (2015) que os valores que caracterizam a aceitação ou a rejeição de migrantes assentam-se e se expressam, cada vez mais, nas leis e políticas públicas que regem o tema em vários países. Coerente com essa leitura, Villen (2017) expõe que, na contracorrente da migração indocumentada – principal forma de migrar imposta atualmente à maior parte dos migrantes e refugiados –, a migração qualificada é a única via de acesso que permite a entrada pelo ultrasseletivo e burocrático circuito legalizado da migração por motivo de trabalho. Segundo a autora, que se sustenta na revisão de estudos de diferentes países, os governos dos Estados encorajam o mercado de recursos humanos e de competências

de trabalho para setores específicos nos quais são deficitários, tais como indústria, serviços e finanças, em âmbito público e privado, mesmo que de forma reticente em relação à permanência desses migrantes nos territórios de acolhida. Destaca, ainda, que, na última década, os fluxos de migração qualificada assumiram singular relevância no Brasil, mostrando-se em estatísticas crescentes, não somente em quantidade total de trabalhadores, mas também em velocidade de entrada e saída, em diferentes categorias profissionais, nacionalidades e setores econômicos implicados, estando presentes em estatísticas oficiais.

Nesse campo de contrastes, que se fazem refletir nas políticas de acolhida migratória, Nunes e Oliveira (2015) sublinham a facilitação, por parte dos Estados receptores, da permissão de ingresso de migrantes com certos perfis profissionais e cuja escolaridade seja coerente com as estratégias de desenvolvimento dos governos e esteja sintonizada às necessidades de seus mercados de trabalho. Os autores ponderam que tal qualificação profissional é um poderoso instrumento de restrição e de discriminação em relação aos migrantes, considerando-a como um fator ambíguo, pois, ainda que, aparentemente, possa incluir o estrangeiro, também é uma forma de excluí-lo, uma vez que privilegia apenas alguns perfis laborais. Em situação de precarização, encontram-se os migrantes que ficam fora desse seleto grupo, dentre os quais se destacam os que se veem diante da necessidade de trabalho indocumentado, consequência das condições em que se puderam dar seus deslocamentos e ingressos no país de destino. De acordo com Villen (2015), os anos 1960-1970 são um marco para se compreender a larga produção, tanto nacional quanto internacional, da *situação indocumentada* como estratégia de estruturar a entrada e a permanência – e, por consequência, o trabalho – de um tipo de migração tida como “não escolhida”, decorrente do aparato burocrático que se criou em resposta aos movimentos migratórios. A autora ressalva que a “clandestinidade”, isto é, o ingresso não documentado de migrantes, pode ser entendida como um objetivo institucionalmente perseguido, que é produzido e reproduzido por políticas e leis migratórias em nível global. A relevância do

fenômeno é tal que Villen (2015) considera ser muito difícil que se encontrem estudos acerca da migração internacional que, ao menos, não constatem o *fato da indocumentação* como estando presente nas dinâmicas do fenômeno na atualidade. No Brasil, a exemplo de outras nações, destaca a autora, a *porta de entrada*, que se refere ao circuito legalizado da migração, encontra-se fechada, favorecendo a indocumentação, consequência da restrição imposta a muitos migrantes. Tal situação, ainda segundo a autora, faz com que os migrantes acabem se direcionando a setores altamente marcados pela precarização do trabalho, tais como a indústria têxtil, de abate de animais, a construção civil, o serviço doméstico, dentre outros. Inegavelmente, esse quadro de restrição de acesso a oportunidades de trabalho, que se soma às muitas perdas vividas por aqueles que deixam sua terra e, por vezes, suas famílias, para partirem em busca de melhores condições de vida, tem levado muitos migrantes ao padecimento e, em certos casos, ao adoecimento físico e mental.

Em estudo sobre migração, desenvolvido em Portugal, Pussetti (2010) identificou que, na Europa, a saúde mental dos migrantes e dos grupos étnicos minoritários pode ser considerada mais prejudicada do que a média dos cidadãos europeus. Ressalta a pesquisadora, dentre outros agravantes, que os profissionais da saúde não possuem a preparação cultural adequada para o estabelecimento de uma relação que viabilize atendimentos adequados a pacientes provenientes de outros contextos culturais. Nesse sentido, alerta Pussetti (2010) para a pecaminosa representação social que associa vulnerabilidade psíquica e condição migrante, deixando desconsideradas as relações entre as precariedades sociais e políticas que dificultam a digna acolhida ao estrangeiro e o sofrimento individual destas decorrentes. Destaca, desse modo, a autora o papel da exclusão social e da discriminação sofridas pelos migrantes nos quadros de adoecimento psíquico. Sustentando-se em densa revisão teórica, assume que o processo migratório em si constitui um fator de risco, uma vez que reúne sete perdas, quais sejam: “da família e dos amigos, da língua, da cultura, da casa, da posição social, do contacto com o grupo

étnico e religioso” (Pessutti, 2010, p. 96). Esses elementos pressupõem a necessidade dos migrantes elaborarem lutos, sendo acompanhados, de acordo com a autora, por maior vulnerabilidade a transtornos e perturbações emocionais.

Todavia, o sofrimento que acompanha o necessário luto pelas perdas vividas no processo de se deslocar não deve ser confundido com uma condição de necessária patologização do migrante que, quando universalizada, despreza os recursos psíquicos singulares do sujeito da experiência. É precisamente nesse campo que Knobloch (2015) identifica que “a categoria de traumatismo psíquico enquanto uma reação normal a um evento anormal serve para embasar uma nova forma de ‘patologia normal’, agora identificada diretamente na condição do migrante” (p.171). Conforme a autora, tal tendência se sustenta em uma lógica que restringe a pluralidade de experiências culturais a um modelo interpretativo único de cunho biomédico que tem no Transtorno de Estresse Pós-Traumático seu paradigma geral a normatizar a patologização deste expressivo grupo de sujeitos. Remetendo-se à proposta de Achotegui – psiquiatra que propôs que os estressores psicossociais da migração levariam a uma forma de adoecimento específico, por ele nomeada Síndrome de Ulisses –, Knobloch (2015) considera que a vivência migratória, compreendida a partir dessa categoria psicopatológica, reduz o migrante ao *papel de vítima* de suas experiências, como único lugar possível a ser ocupado. Restaria, como consequência, concluir a autora, um sujeito vulnerável que, desenvolvendo problemas psicológicos, deverá ser medicalizado. Há de haver, entretanto, um caminho alternativo, de modo que a legitimação do sofrimento psíquico do migrante, advindo de várias situações e experiências de vida, não deva ser equivalente à patologização da diferença como única forma possível de reconhecimento (Knobloch, 2015) e inserção do estrangeiro (Pussetti, 2010).

Precisamente, nesse contexto, o trabalho profissional afigura-se como precioso recurso potencializador de saúde psíquica ao promover a efetiva experiência de reconhecimento de

capacidades e aptidões do migrante, com importantes efeitos sobre sua subjetividade. O trabalho, nesta direção, além de permitir o atendimento das necessidades de subsistência, pode ser fonte de satisfação pulsional pelo exercício prático e pelo reconhecimento de utilidade e beleza por parte de superiores e pares (Dejours, 2011; 2012b). Desse modo, sua importância, não restrita à sobrevivência do corpo físico, estende-se ao campo da economia psíquica e da saúde de mental, representando um incomparável recurso de inserção social e intercâmbio cultural. O acesso à riqueza potencial de tal experiência, é bem verdade, será sempre relativo às condições contextuais e à disponibilidade de recursos de cada sujeito no exercício de suas atividades laborativas.

A tese da *centralidade do trabalho para a subjetividade* abrange múltiplas dimensões, indo da saúde mental do trabalhador que vê suas competências se ampliarem pelas vivências que o labor possibilita, às transformações da urbe alavancadas pela criação de novas soluções frente aos desafios da realidade, via práticas de trabalho, passando pelas relações sociais entre homens e mulheres no âmbito do exercício cotidiano de trabalho em que as questões de gênero se fazem contemplar (Dejours, 2012a, 2012b, 2017). Relevância particular possui a prática laboral nas situações em que representa o meio pelo qual um sujeito se inscreve na cultura local, promovendo, para tanto, transformações em si e, em alguns casos, também no grupo e no *modus operandi* da sociedade de acolhida. Nesse âmbito, trabalho e migração cotejam-se, influenciando-se mutuamente. Desse modo, por meio do método de pesquisa psicanalítica, objetiva-se compreender o papel do trabalho profissional frente aos impasses da vivência migratória. A escuta, própria ao método de investigação em Psicanálise, é apresentada como fonte de resistência à tendência de patologização social da migração, em um campo no qual os recursos singulares do sujeito podem leva-lo a encontrar condições de criação de novos destinos ao sofrimento. Assim, apresentam-se elementos de problematização sobre o possível diálogo entre os impasses da migração e as potencialidades criativas da prática laboral neste contexto.

Método

A realização da presente investigação sustentou-se no método psicanalítico¹² (Dal Forno & Macedo, no prelo). Este estudo, conforme previsto no Projeto Maior ao qual se vincula esta Tese, intitulado “Movimentos Migratórios: Complexidades e demandas à investigação em Psicanálise”, realizou-se com participantes acessados por conveniência, especificamente, por meio da técnica *Bola de Neve* (Turato, 2010). O acesso inicial, deu-se por meio de convite aos migrantes haitianos que participavam de um projeto social desenvolvido pela Universidade à qual a pesquisa estava relacionada. Todos os participantes, antes do início das entrevistas, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (ANEXO 1), autorizando o uso dos dados obtidos em publicações científicas.

Para o presente estudo, que teve como objetivo compreender o papel do trabalho profissional frente aos impasses da vivência migratória, elegeu-se, do grupo de entrevistados, um dos participantes que, no intervalo entre a primeira e a segunda entrevistas conseguiu se empregar, garantindo, assim, um relato em que a vivência laboral na migração esteve presente em dois momentos distintos. Inicialmente, foi enunciada pelo participante como idealização e expectativa acerca do trabalho no país de chegada para, posteriormente, converter-se em prática, que pôde ser avaliada. Considerando-se o apreço do participante por futebol, que, por algum tempo, constituiu seu ideal de carreira profissional, atribuiu-se a ele o pseudônimo “*Emmanuel*”, inspirado em Wilfried Louis Emmanuel Sanon, atacante da Seleção Haitiana de Futebol, na Copa do Mundo de 1974¹³. Como forma de ampliar a leitura do fenômeno em estudo e coerente com o método utilizado que se propõe ao testemunho elaborado da pesquisa realizada

¹² Optou-se, na presente Seção, por uma descrição sucinta do método uma vez que a Seção Teórica se compõe do artigo intitulado “Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio Metapsicológico”, no qual se apresenta, fundamentada e pormenorizadamente, o método que orientou esta investigação de Tese.

¹³ Elenco do Haiti na Copa de 1974: http://www.planetworldcup.com/CUPS/1974/squad_hai74.html

pelos participantes, elegeu-se, também, como material de análise, o livro intitulado “*Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon*”, de autoria de Margarita Rosa Gaviria Mejía e Renel Simon. Para a realização do presente estudo, tanto na escuta da transferência do participante entrevistado, como na escuta da transferência que resultou na biografia que embasa o livro escolhido, assume-se como eixo de investigação sobre as migrações a centralidade ocupada pela experiência laboral na subjetividade do migrante.

O material utilizado na análise produziu-se por meio da proposta metodológica sustentada nos *três tempos do testemunho* (Dal Forno & Macedo, no prelo) intrínsecos ao ofício do *pesquisador psicanalítico*. O primeiro tempo dá-se quando o *pesquisador testemunha a narrativa realizada pelo participante da pesquisa*, em que se inclui, além das entrevistas realizadas com Emmanuel, a biografia presente no livro acima referido como eleito para o estudo. O *segundo tempo* da pesquisa psicanalítica, deu-se nos encontros de *orientação, com o orientador psicanalista*, quando o pesquisador procedeu à discussão da análise iniciada e à construção do processo de interpretação dos dados. Nesse momento, construíram-se hipóteses interpretativas e elencaram-se elementos que passaram a compor o texto do Ensaio Metapsicológico. Finalizando o processo de investigação, chega-se ao *terceiro tempo do testemunho*, materializado na *oferta à comunidade científica dos achados* e do trabalho desenvolvido na pesquisa, destacando a *importância dos pares* na circulação do saber produzido em Psicanálise.

Reconhecimento no trabalho: caminho de saúde e de criação para o migrante

É o sujeito quem migra, fazendo-o em conformidade com suas particulares necessidades e expectativas, bem como com os recursos psíquicos de que dispõe. O caráter de singularidade subjetiva é, assumidamente, central na migração, sobretudo quando se pretende compreender os mecanismos psíquicos envolvidos na ação de se deslocar daquele que busca inscrição em

outro território, junto a uma nação diversa da que é originário. A inserção e as realizações do migrante na nova morada relacionam-se diretamente com os recursos externos que encontra a seu alcance, em forma de acolhida, e, sobremaneira, com os recursos internos de que dispõe, os quais lhe possibilitam identificar e usufruir de oportunidades.

É por meio da escuta da singularidade do sujeito da experiência migratória que se pode acessar o que está para além da superfície, aprofundando a compreensão da vivência migratória e das potencialidades que nela podem se apresentar. Essa forma de investigação resiste à tendência das fórmulas genéricas que, ao proporem um discurso sobre o todo, ganham em extensão ao custo de sacrificar a profundidade explicativa acerca do fenômeno. Esse é um desafio necessário de ser enfrentado, principalmente diante das incontestes evidências da migração ser considerada uma ameaça. Seja essa ameaça voltada às nações dos territórios de destino – levando ao rechaço e à exclusão daqueles que se deslocam – ou àqueles que decidem ou são forçados a migrar, como alerta Gomasca (2017), quando identifica essas duas modalidades narrativas descrevendo a migração nos documentos da União Europeia. Nesse sentido, se, por um lado, segundo situa o autor, a primeira forma narrativa responde a uma lógica securitária que toma a migração em estrita conexão com atividades criminosas, excluindo e impondo barreiras aos migrantes; do outro lado, a segunda narrativa visa justificar iniciativas de caráter humanitário voltadas à migração. Nesse delicado campo de contrastes, desvela-se uma preocupante tendência maniqueísta que, quando não toma o migrante como ameaça à cultura e à segurança nacionais, enquadra-o no outro extremo, costumeiramente reduzindo-o ao lugar passivo de vítima de sua condição. Com isso, a subjetividade fica desconsiderada em suas características singulares, em suas potencialidades, em favor de uma lógica homogeneizadora e patologizante da condição migrante.

Coerente com essa compreensão e denunciada por autores como Pussetti (2010) e Knobloch (2015), a migração tem sido amplamente interpretada como fenômeno coletivo

potencialmente traumático. Em estudo realizado com serviços de saúde de Portugal voltados especificamente à população migrante, Pusseti (2010) constata que, na maioria dos casos analisados, estes serviços não se constituíam efetivamente em espaços de escuta e reconhecimento da alteridade. Como resultado da necessidade de sucessivos deslocamentos, com sua multiplicidade e fragmentariedade de referências espaciais e simbólicas, ao que se soma a precariedade de acolhida, os migrantes são levados, segundo a autora, ao padecimento, que se pode testemunhar nas histórias de relatos de despedaçamento da identidade. Ancorando-se em diversas referências, a autora assume ser a “invisibilidade social”, potencializada pelas contradições políticas migratórias que submetem os sujeitos a condições degradantes, e pelas barreiras burocráticas, a possível produtora de perturbações emocionais podendo levar a patologias mentais. Perversamente, no entanto, circunscreve-se exclusivamente à natureza do sujeito migrante uma suposta fragilidade que o faria suscetível ao adoecimento psíquico. Nesse arranjo, como forma de reconhecimento social, somente resta ao migrante, estranho que deve ser demarcado em sua diferença, o lugar de vítima de sua condição. Adoecido, não teria nada a dizer sobre si, sendo silenciado em sua singularidade e medicalizado em seu sofrimento (Knobloch, 2015).

Na contramão dessa tendência, o presente ensaio constitui-se como um testemunho elaborado do processo migratório marcadamente saudável, realizado por sujeitos que, dispondo de recursos psíquicos, encontraram no trabalho profissional um campo criativo de reconhecimento e ampliação da própria subjetividade, tornando-se capazes de enfrentar as dificuldades inerentes à migração. Tal proposição encontra ancoragem no estudo de Eberhardt e Miranda (2017) que recomendam a realização de pesquisas que abordem o fenômeno migratório na perspectiva do trabalho e da saúde. Mais especificamente, na perspectiva da saúde do trabalhador que, segundo ressaltam os autores, após revisão da literatura latino-americana sobre o tema, representa um desafio e uma lacuna a ser preenchida por pesquisas de campo.

Frente a esse desafio, encontram-se na obra do psicanalista francês Christophe Dejours os recursos teóricos para se analisar as diásporas humanas, no âmbito das relações existentes entre trabalho, sofrimento, prazer e saúde. Por meio de longa carreira de estudos realizados sobre o trabalho, esse teórico evoluiu em sua compreensão do tema, descobrindo nesta prática humana, vivida em nuances de sofrimento e prazer, importante recurso potencializador da saúde psíquica (Dejours, 2011, 2012a, 2012b). Dessa maneira, sinaliza-se, desde já e com grande interesse para o campo das migrações, a possibilidade do sofrimento experimentado pelo sujeito no trabalho, ocasionado pelos constrangimentos impostos pela realidade que resiste às prescrições, não o levarem, necessariamente, à patologia, mas, contrariamente, abrirem a possibilidade de criação de novas soluções e de descoberta de novas capacidades, revertendo-se em benefícios à sua subjetividade. O trabalho é, desse modo, para Dejours (2011), um elemento central na promoção do desenvolvimento psíquico e da constituição da identidade.

Nas diásporas, um sujeito migra para *ser* e esta condição pode ser particularmente favorecida pelo trabalho. A prática laboral está diretamente relaciona aos modos de ser, na medida em que permite ao sujeito descobrir a si no encontro com a alteridade e com os desafios que o trabalho impõe. Nesse sentido, destaca Lancman (2011), do conjunto de estudos inaugurados por Dejours na disciplina por ele nomeada “psicodinâmica do trabalho”, a importância do trabalho na formação da identidade. No trabalho, estão em jogo os elementos identificatórios que compõem a identidade de um sujeito, seja na escolha da profissão a seguir, seja nos recursos singulares necessários para que faça frente aos desafios impostos pela realidade laboral.

Migrando para ser, Emmanuel chega ao Brasil. Como motivos de sua migração, refere: “*Sai do meu país e vim aqui buscar algo melhor*”. Trata-se de um jovem que, tendo a oportunidade de concluir os estudos básicos (parte no Haiti e outra parte na República Dominicana, país que faz fronteira seca com o seu), sem, para tanto, ter precisado trabalhar,

chega ao ponto de se ver diante da decisão de sair de seu país ou não mais poder seguir progredindo em direção a seus projetos profissionais. Tais particularidades estão diretamente relacionadas ao fato do participante, com 21 anos quando da primeira entrevista, ser filho único do atual casamento de seus pais que, empregados no Haiti, tinham condições econômico-sociais favoráveis aos seus projetos, contrastando com uma população nacional majoritariamente empobrecida. Sua vinda para o Brasil está associada ao propósito de seguir estudando e acessar o ensino superior para garantir sua qualificação profissional. Chama atenção, no entanto, que, mesmo não havendo cobrança explícita que o obrigue a ajudar sua família que ficara no Haiti, vê-se diante do compromisso de devolver os recursos que financiaram seu deslocamento. Em suas palavras, conta:

“Terminei meus estudos e vim para cá, para trabalhar e para aprender mais do que sei e falar bem o português e pra poder ir à faculdade. E, lá [no Haiti], passado o terremoto, tu sabe, a coisa tá como mui difícil, pra trabalhar, para fazer tudo. E vim para cá para ajudar a minha família que tá lá e eles me ajudaram para vir para cá. Tenho que devolver o que me emprestaram. É isso.”

Emmanuel relata que sua decisão de vir para o Brasil se construiu a partir da recomendação de uma tia paterna que migrara quatro anos antes. Essa, ao falar com seus pais, indicou que haveria a possibilidade de o rapaz seguir seus estudos, caso imigrasse. Em sua fala, Emmanuel mostra que também se convenceu que esse seria o melhor direcionamento para sua vida futura: *“Minha mãe e meu pai, falaram com minha tia, que... minha tia tem... quase quatro anos aqui no Brasil. Já faz quatro anos e falou e falou: tem que vir para estudar e trabalhar também, para pagar teus estudos”*. O participante revela acreditar na palavra dos pais, declarando: *“E vi que isso é melhor para mim, isso é o melhor para o meu futuro. Vim para trabalhar e estudar. Tudo isso é melhor. Eu pensei assim”*. Acredita na palavra parental, mas também assume sua parcela na decisão: *Eu pensei*. A mesma referência apresenta-se na forma

de nomear o que recebeu como ajuda para vir: *Tenho que devolver o que me emprestaram*. Assim, Emmanuel tem no empréstimo parental algo que permite seu movimento migratório, mas vem por ter projetos próprios de trabalhar e estudar, de usufruir da oportunidade recebida.

Elementos de uma identidade sustentada em um narcisismo fortemente consolidado, que permitem ao sujeito acreditar em seu potencial e se lançar em busca de seus projetos, fazem-se escutar no relato desse migrante. Delineia-se que o fator determinante para sua diáspora foi a palavra dos pais. Certamente, essa palavra não fora pronunciada somente quando do convite da tia que já se encontrava no Brasil e aguardava sua vinda. Trata-se, muito antes, de uma enunciação que estivera presente como fundante de sua subjetividade e que lhe tendo, desde seus tempos primordiais, garantido recursos narcísicos que sustentam sua identidade e seus ideais, ecoara, contemporaneamente, no convite recebido.

No estudo que realiza sobre o narcisismo, retirando-o do campo da perversão e o situando como um estágio normal do desenvolvimento da libido, localizado entre o autoerotismo e ao amor objetal, Freud (1914/2004) considera ser “uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao Eu não esteja presente no indivíduo desde o início; o Eu precisa antes ser desenvolvido” (p.99). Na letra freudiana, encontra-se reconhecido o processo de complexificação subjetiva na relação estabelecida entre o “Eu” que surge e seu objeto primordial (Hornstein, 2009). A constituição do Eu, durante o processo de subjetivação, viabiliza-se, portanto, no campo intersubjetivo com a alteridade com a qual o infante, inicialmente, identifica-se e, da qual posteriormente, diferencia-se. É da sucessão de vivências e trocas com esse outro, que lhe investe de afetos, cuidados e enunciações, que surgem os elementos e os traços com os quais o novo sujeito se identificará e constituirá sua identidade. Nesse sentido, encontram-se em Freud (1914/2004) os fundamentos que permitem afirmar que, com a consolidação da unidade narcísica garantidora do surgimento do Eu, viabilizada pelo intenso investimento libidinal voltado ao si mesmo, constituem-se também os ideais do sujeito,

introjetados a partir de enunciados identificatórios e de traços do outro primordial, passando a integrar a identidade de um sujeito. Afirma Hornstein (2009, 2018) que, do centramento das representações identificatórias possibilitadas pelo narcisismo, o sujeito chega à experiência de identidade e de sentimento de si, sustentado pelas noções de continuidade, de permanência, de coesão. O narcisismo, é, dessa maneira, indubitavelmente decisivo para a estruturação subjetiva, de modo que, da qualidade dos investimentos recebidos e das enunciações introjetadas pelo Eu, dependerá diretamente a disponibilidade de recursos psíquicos ao sujeito para que se lance aos muitos desafios que envolvem ir em busca de seus projetos migratórios, quando é esse o caso.

Nessa perspectiva, o movimento iniciado por Emmanuel expressa o desejo do participante de construir um melhor futuro para si, em que o trabalho se afigura como elemento central. Vem para trabalhar e pagar seus estudos. Conta que pretende se formar para trabalhar como contabilista. Relata seus ideais de carreira profissional enumerando-os: “*Contabilidade (...) Cálculo. (...) Desde pequeno eu queria fazer contabilidade e futebolista*”. Como testemunho de sua saúde psíquica, conta de seu gosto pelo futebol que tem lhe permitido inserir-se em diversos grupos no Brasil, jogando com amigos haitianos de, pelo menos, dois diferentes bairros da capital gaúcha e de uma cidade vizinha, na região metropolitana. Em sua prática esportiva de lazer semanal, incluem-se, também, as partidas de futebol com seus colegas de trabalho brasileiros. Destaque é dado pelo participante ao “churrasco” que, eventualmente, segue-se aos jogos e que ele diz apreciar.

Nas entrevistas, Emmanuel mostrou-se alegre, disponível e muito simpático, parecendo se divertir com as vivências que relatava. Pôde-se testemunhar, com particular destaque, sua confiança na efetivação daquilo que viera construir para si no Brasil. Na sua fala, parece seguir ecoando a palavra de seus pais sobre seu futuro e suas potencialidades. Sabe o que veio fazer; sabe quem veio ser no país que o recebeu. No primeiro encontro com o pesquisador, quando

ainda não havia se empregado, Emmanuel demonstrava essa confiança introjetada, ao relatar seus projetos. Em tom sereno e voz calma, contou: “*sempre eu digo que vou ter paciência, para que chegue a minha oportunidade*”. Seu relato revela, assim, um sujeito que migra investido de condições de buscar seus ideais; alguém que possui um projeto de vida que lhe é bastante claro. Deseja se inscrever no país de chegada, trabalhar e aprender a se comunicar eficientemente em português para, então, acessar a faculdade. Entende ele que “*tem que falar bem para poder entrar na faculdade*”. Diferente de tantos outros conterrâneos seus, Emmanuel tem pais que trabalham e se sustentam no Haiti, de modo que não compõe seu projeto trazê-los morar no Brasil, tampouco sustentá-los, mas poder eventualmente ir visitá-los, para o quê precisará dispor de recursos financeiros. Seu compromisso está, desse modo, em produzir recursos exclusivamente para seu próprio sustento. Desvela-se, em seu relato, um senso de autonomia que parece relacionado ao modo como seus pais puderam conduzir sua formação. Em lugar de responsabilizá-lo pela libertação da família da pátria mãe que não provê os seus, puderam capacitar e investir o filho para que ele fosse capaz de ir – em busca de seus projetos – e voltar – para apenas visitá-los.

Emmanuel diz ter solicitado o visto para vir encontrar a tia no Brasil. Surpreendeu-se com a rapidez com a qual conseguira o documento. Viaja tendo um destino e a possibilidade de ser acolhido e ajudado. Verbaliza, mais de uma vez, durante as entrevistas, sua confiança na ajuda prometida. Parece ser oriundo de uma família que conseguiu se organizar para promover a vinda organizada de um dos seus, que fora preservado de algumas das dificuldades tão comuns aos migrantes que saem de sua terra natal. Nesse sentido, o participante reporta: “*minha mãe me falou: ‘temos que ver com essa tia’, que é irmã do meu pai. Tenho que vir aí, com ela, para que ela me apoie em tudo. E vim aqui para que ela me apoie em tudo*”.

Semelhante experiência é relata por Renel Simon em sua biografia. Esse migrante, por sua vez, encontrava-se trabalhando em uma Secretaria Municipal do interior do Estado do Rio

Grande do Sul e cursando Relações Internacionais em uma universidade do mesmo município, quando da escrita de sua biografia que se deu em parceria com uma pesquisadora da universidade que frequentava. De seu relato biográfico, destaca-se, particularmente, seu desejo de estudar para progredir, que o sustentou diante das muitas dificuldades da migração, tais como clandestinidade, privação de teto e ter de aprender, de forma autodidata, por meio de dicionários bilingues e assistindo a programas de televisão brasileira, a língua portuguesa, a fim de poder levar a cabo seus projetos de estudo e profissão. Contrastando com Emmanuel, Renel relata sua preocupação com as condições de precariedade em que seus familiares vivem, demandando que ele envie parte de seu dinheiro, como forma de provimento de sobrevivência. Além disso, esse migrante revela, por meio de sua biografia, que não pretende se estabelecer no Brasil, mas estudar e se formar, fazer uma reserva de dinheiro e, em um prazo de, mais ou menos, 15 anos, retornar ao Haiti para retomar sua vida junto de seus familiares que lá permaneceram. Testemunha-se, assim, tanto no relato de vida de Emmanuel como também no relato biográfico de Renel, evidências de recursos psíquicos que, viabilizados pelos investimentos narcísicos recebidos, mostram-se disponíveis para que esses sujeitos sigam se construindo frente às novas oportunidades que os aproximam da realização de seus ideais. Nos seus relatos, destaca-se, de forma especial, o trabalho como fator essencial para as construções a que se propuseram com a migração, dentre as quais sublinha-se a construção de si mesmo. O ponto de conexão entre esses dois migrantes, cujas histórias de vida são aqui testemunhadas na forma de ensaio, é, portanto, o trabalho, particularmente naquilo que o exercício laboral possibilita à subjetividade. Ambos parecem encontrar no trabalho profissional uma via de reconhecimento para suas existências e, por consequência, para a realização de si mesmos.

Nessa perspectiva, entende-se que, quando migra, especialmente em se tratando das migrações que visam a busca por melhores condições de vida, um sujeito lança-se a uma experiência de trabalho que responde, simultaneamente, a duas dimensões. Na primeira, há o

labor para o provimento do sustento que implicará em fazer frente aos desafios da própria realidade laboral, em que pesem todos os contrastes presentes, adaptando-a e transformando-a, recriando-a onde se fizer necessário e possível. Na segunda dimensão, está propriamente outra exigência de trabalho, qual seja o *trabalho de migrar*, que envolve a (re)criação de si mesmo, em meio a uma nova realidade, com as potencialidades subjetivantes do exercício laboral, que põem em movimento a identidade do migrante. Trata-se, assim, de uma exigência de trabalho elaborativo daquilo que é despertado no psiquismo do sujeito pelo movimento que realiza. Nessa dimensão, desfere-se certa referência de Dejours (2012a) a Freud, no que tange à compreensão da pulsão como sendo uma exigência de trabalho do somático ao psíquico. Trabalho esse compreendido por Freud como ação e como pensamento, isto é, como elaboração qualitativa da sensação que é iniciada no corpo e ganha representação no psiquismo. Nesse sentido, destaca Dejours (2012a) que “se desenvolvimento psíquico há, sob o efeito da pressão pulsional, este desenvolvimento é decorrente de um trabalho cuja forma primeira é, sem sombra de dúvida, a elaboração” (p. 66). Nesse trabalho de ampliação do psiquismo, em que se entende estar contemplada a migração, no trabalho que exige ser realizado pelo sujeito, compreende-se com Dejours (2012a), da leitura que realiza da proposição freudiana de pulsão, que “a alma seria essencialmente o resultado de uma transformação proveniente do interior do corpo pelo viés de um *trabalho* cuja forma típica seria a elaboração” (p. 70). Seu importante avanço, ao situar o *trabalho produzindo o sujeito* encontra, portanto, fundamento na letra freudiana quando esclarece sua compreensão de que não se trataria da alma, isto é, do psiquismo a produzir a elaboração da excitação que se iniciaria no corpo, mas que seria a própria elaboração que produziria o psiquismo. Certamente esse conjunto de afirmações coaduna-se perfeitamente aos primórdios da vida, quando a subjetividade está a se formar, simultaneamente à estruturação do psiquismo (Bleichmar, 2010). No entanto, o psiquismo e a subjetividade seguem seu caminho de complexificação e expansão mediante as experiências que um sujeito realiza ao longo de sua

existência. Trata-se, portanto, de considerar o relevante potencial subjetivante do trabalho, sobremaneira quando, em se tratando de um migrante trabalhador, soma-se a exigência elaborativa do *trabalho de migrar*.

Não se ignora, portanto, o fato de estar o trabalho a ocupar espaço privilegiado, para o adulto, no processo de atualização e complexificação de sua identidade. É bem verdade que as bases do Eu se solidificam nos primeiros anos de vida de um sujeito. Todavia, o psiquismo segue aberto a seu entorno, não se circunscrevendo às experiências identificatórias iniciais, por mais importantes que tenham sido. Segundo considera Hornstein (2013), “a identificação não é um feito único, que ocorre de uma vez e para sempre (...). Enquanto houver vida, haverá trajeto identificatório” (p.65). Condizente com essa leitura, Lancman (2011) entende a constituição da identidade como um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida do sujeito, estando vinculada à noção de alteridade. Considera serem as relações cotidianas as que possibilitam a construção da identidade individual e social, por meio das trocas materiais e afetivas, que levam o sujeito a constituir sua singularidade no contexto das diferenças. Segundo a autora, para o adulto, o espaço do trabalho é palco privilegiado dessas trocas com a alteridade. Reconhece, assim, o trabalho “como mediador central da construção, do desenvolvimento, da complementação da identidade e da constituição da vida psíquica. O trabalho permite o confronto entre mundo externo e mundo interno do trabalhador” (Lancman, 2011, p 41).

A mobilização subjetiva ocasionada pelo trabalho, na medida em que coloca em questão a identidade, possui, de acordo com Dejours (2011, 2012a, 2012b), ação transformadora sobre o sujeito trabalhador. Nesse sentido, Sznclwar (2011) sublinha como parte significativa dos estudos desse psicanalista do trabalho, a “relação dialética existente entre o que o sujeito já seria e o que ele se torna pelo confronto com a realidade do trabalho” (p.48). Tal proposição é particularmente pertinente no presente contexto de estudo, em que sujeitos migram para ser, podendo consegui-lo por meio do trabalho externo e interno que se veem desafiados a realizar.

Esse desafio que, no presente estudo, chamou-se de *trabalho de migrar*, e que se dá simultaneamente ao exercício profissional remunerado, não se processa, entretanto, sem algum padecimento. Nesse sentido, Gomes (2017), situa que o ato de migrar leva à inevitável ruptura com o universo simbólico de origem do migrante, provocando-lhe perdas, mudanças e transformações sociais e subjetivas. A autora destaca que essas experiências, dentre tantas outras (des)construções psíquicas e sociais, podem, por um lado, promover sofrimento, e, por outro, possibilitar novos rumos e renovadas criações de si.

Tal *estado de coisas* está presente no relato de Emmanuel. Sobre se afastar, tomar mais distância da família como parte do processo de migrar, refere:

“Um pouco senti estranho, por causa da minha família, mi pai, mi mãe, meus primos, primas, meu tio, tia, tudo isso. E... cada vez que me pego pensando como ficar mais perto, é mais tranquilo, lá... Mas, aí, não penso muito, porque tem poucos anos para avançar no meu futuro, e não penso muito nisso, porque eu penso que eu era muito pequeno no início e que agora sou adulto e fico tranquilo”.

Entende-se que compara a experiência de, quando mais jovem, ter saído de casa para estudar na República Dominicana com a experiência de migrar para o Brasil para construir sua vida profissional, agora como adulto. Seu relato indica que o migrante busca dentro de si os recursos necessários para suportar a saudade que a distância lhe provoca. Diz não pensar sobre estar longe dos familiares. Escolhe pensar no futuro, no qual vislumbra uma vida melhor, que poderá ser alcançada por meio do trabalho e do estudo. Sobre o sentimento provocado pela distância dos seus, nomeia como *“doloroso”*. Faz um longo silêncio após tal classificação. Perguntado sobre como faz para lidar com esse sentimento, refere que sai caminhar pela cidade quase todos os dias, ouvindo música com fones de ouvido. Sua força está na confiança que deposita na palavra dos pais: *“Minha mãe, meu pai me falou, me falou, me disse: ‘tu tem que ir*

lá para viver e pra construir uma vida melhor'. E, de repente, eu digo que sim, sem pensar nada". Confia na palavra dos pais que o sustenta nessa busca por um futuro com mais opções.

Na segunda entrevista, Emmanuel conta que importantes mudanças aconteceram na sua vida, desde o encontro anterior, dentre as quais destaca o fato ter iniciado um trabalho com carteira assinada. Seguia residindo com a tia que lhe acolheu. Sobre o que mudou, declara: *"Aconteceu muita coisa para mim. É diferente quando eu tô trabalhando e ajudando a mí tia que eu tô morando aí"*. Nesse segundo encontro com o pesquisador, o participante estava se comunicando com muito mais fluência e disponibilidade do que demonstrara no pretérito. No seu tom de voz, percebia-se certo orgulho do que contava, sobremaneira no que tangia a estar podendo ajudar com o sustento da casa. Ele parecia se reconhecer em sua capacidade e potência de realizar aquilo a que se propusera com a migração. Estava conseguindo colocar em prática seus projetos de inserção na comunidade brasileira e qualificação de sua capacidade de comunicação na língua local, os quais lhe permitirão voltar aos bancos escolares para seguir se aprimorando. Ter conseguido um emprego formal, que lhe dá certas garantias de direitos e, também, recursos financeiros para acessar bens e serviços, testemunha uma subjetividade que, investida narcisicamente, é capaz de buscar a concretização de seus desejos.

Perguntado sobre sua experiência de trabalho, referiu que *"É um trabalho tranquilo, não tem muito esforço. Como que voy dizer? É só isso..."*. Não era o trabalho que idealizava realizar, mas via nele a possibilidade de seguir progredindo para acessar outras oportunidades. No que tange às relações com os colegas, relatou que estava tudo bem, que conversava com seus colegas, os quais lhe perguntavam e se interessavam por seu país, e para os quais mostrava vídeos e fotografias, anteriores ao terremoto. Relatou, também, as diferenças gastronômicas e de práticas de cozinha entre o Brasil e o Haiti. Seu espaço de trabalho, pelas relações que estabelece com seus pares, revela-se um espaço de consideração e a acolhida à alteridade que

sua estranheiridade representa. Nesse sentido, sobre seu cotidiano com os colegas de trabalho, proferiu o seguinte relato:

“Eu converso com ellos sobre mi país, ellos sempre me pergunta se tem playa, se tem lugar bonito, sobre essas coisas. Eu disse pra ellos “sim”. Eu busquei pela internet. Ellos acham maravilhoso. (...) Eles sempre tão perguntando como fazem as comidas... De lá para cá, é muito diferente. Sim, é muito diferente. Tão perguntando se tem tudo de lá como aqui, se tem churrasco. Sim, lá também tem. Lá, também, tem churrasco, pero não é como aqui. Não tem como muita gente, não. Tem que comprar num mercado. Não tem gente que faz em casa. Também pergunta se tem cerveja. Si, tem, pero diferente, diferente o nome, diferente botella. Isso.”

A narrativa de Emmanuel sobre as diferenças existentes entre o Haiti e o Brasil também ilustram como é possível que elas sejam nomeadas e propiciem espaços de trocas. O churrasco, a cerveja não são iguais, mas são as diferenças que promovem tanto o diálogo com os brasileiros como a possibilidade de conhecer, experimentar e gostar de outras comidas, costumes e tradições. Mais do que aberto ao aprendizado de uma nova língua, Emmanuel dá testemunho da curiosidade que o alimenta e potencializa a construção de seus projetos de autonomia.

Em se tratando de Renel, sua biografia revela um migrante que buscou em diversos empregos no Brasil a compatibilidade com seu projeto de seguir estudando para obter o diploma de Ensino Superior. Em um dos empregos que teve, em uma indústria de alimentos, sentia dores nos braços, devido ao trabalho repetitivo. A essa dificuldade, somou-se uma situação de discriminação, que o levou a pedir demissão. No entanto, ao falar do trabalho, remete-se a um ditado popular de seu país: “trabalho é liberdade” (Mejía & Simon, 2015, p. 43). Desdobra-se, assim, que, mesmo tendo enfrentado dificuldades com a prática exercida e sofrido perseguição por ser estrangeiro, entende que o exercício laboral permite projetar sua independência e se aproximar de seus ideais. Quando da redação de sua biografia, esse migrante trabalhava no

Centro de Referência de Assistência Social da prefeitura de sua cidade, ajudando na acolhida e no encaminhamento da documentação de outros migrantes que chegavam na região de cobertura do serviço. Expressa grande satisfação com o trabalho que realiza, relatando sentir “grande prazer em ajudar seus conterrâneos” (Mejía & Simon, 2015, p. 45).

O trabalho, pelas vivências de reconhecimento que pode oportunizar, representa singular lastro às representações identificatórias do sujeito. Indubitavelmente, tal potência não pode ser desprezada no contexto da migração, em que as questões envolvendo a identidade são particularmente postas em xeque pelo encontro com a alteridade da outra cultura. Nessa seara, conforme anteriormente noticiado, os estudos de *psicodinâmica do trabalho*, inaugurados por Dejours, oferecem conceitos substanciais para a análise do trabalho colocado em ação nas diásporas humanas. Dejours (2011, 2012a, 2012b) considera todo trabalho como sendo humano, uma vez que sua realização pressupõe um sujeito que se aproprie daquilo que está prescrito e, a partir de sua interpretação, efetivamente invente o trabalho. Explicitamente, o autor propõe como definição que o “trabalho é a atividade manifestada por homens e mulheres para realizar o que ainda não está prescrito pela organização do trabalho” (Dejours, 2011, p. 78). O caráter de criação necessário para que o trabalho aconteça, em vista das particularidades de cada contexto e situação concreta, está, indiscutivelmente, considerado nessa compreensão. Desse modo, ao afirmar a inegociável centralidade da subjetividade na prática laboral, Dejours (2011, 2012a, 2012b) conceitua o trabalho como sendo o hiato existente entre a concepção da tarefa e aquilo que efetivamente o trabalhador executa mediante sua interpretação. Tal ação laboral somente poderá se dar a partir das condições subjetivas de um trabalhador. Dejours (2011, 2012b) considera, assim, que, para que haja trabalho, será necessária a mobilização subjetiva daquele que irá se empenhar para inventar aquilo que ainda não existe. Esclarece o autor que, por mais espontânea que possa ser tal mobilização, ela não deixa de ser extremamente frágil, dependendo sua manutenção da dinâmica existente entre a contribuição que o sujeito

oferta à organização do trabalho e aquilo que ele espera receber em termos de retribuição. Segundo propõe Dejours (2011, 2012b), a retribuição esperada pelo sujeito não se restringe ao concreto da remuneração, mas, mais importante é a *retribuição simbólica*, que recebe em termos de reconhecimento pelo trabalho realizado. Esse reconhecimento pelo trabalho, garantido pelo *julgamento de utilidade*, realizado verticalmente por superiores, ou pelo *julgamento de estética*, proferido horizontalmente pelos pares, refere-se à atividade realizada. Entretanto, destaca Dejours (2011, 2012b) que o reconhecimento pela qualidade do trabalho realizado pode se inscrever na esfera da personalidade, gerando, dessa maneira, ganhos no registro da identidade. Conclui, com isso, Dejours (2012b) que “a retribuição simbólica conferida pelo reconhecimento pode fazer sentido em relação às expectativas subjetivas quanto à realização de si mesmo” (pp.106-107).

Sem que pese menosprezo aos indiscutíveis benefícios da prática laboral para inserção comunitária do migrante, de particular interesse no campo da migração revela-se a inoxidável contribuição do trabalho profissional à identidade e à saúde psíquica do sujeito, quando considerados os ganhos oportunizados pelo reconhecimento. Sobremodo, quando se tem em conta, conforme apontado, a indiscriminada e inaceitável patologização do sofrimento inerente às diásporas. É no campo da psicodinâmica do trabalho que se encontra reconfortante alento. Situa Dejours (2011) que “a construção do sentido do trabalho pelo reconhecimento – premiando o indivíduo quanto a suas expectativas com respeito à sua realização pessoal (edificação da identidade no campo social) – pode transformar o sofrimento em prazer” (p.88). Desse modo, os constrangimentos experimentados pelo migrante, manifestados como sofrimento, podem, graças ao reconhecimento das contribuições subjetivas ao trabalho, oportunizados pela retribuição simbólica à essa prática, abrirem espaço para o prazer da criação em lugar do adoecimento.

Todavia, alerta Dejours (2011) que, “se a dinâmica do reconhecimento está paralisada, o sofrimento não pode mais ser transformado em prazer, não pode mais encontrar sentido: só pode gerar acúmulos que levarão o indivíduo a uma dinâmica patogênica de descompensação psíquica ou somática” (pp.91-92). Daí decorre a inestimável relevância de não se frustrar o sujeito migrante naquilo que ele busca criar por meio do trabalho que realiza. Com a contribuição que oferece na forma de trabalho, mobiliza sua subjetividade que, no reconhecimento da qualidade da atividade realizada, descobre-se, também, reconhecida, aceita, acolhida em sua singularidade. Dessa maneira, a hospitalidade, conforme preconizada por Derrida (2003), em que, ao estrangeiro, dever-se-ia oferecer acolhimento incondicional, mostra-se coerente com o campo de uma prática laboral na qual a abertura à criatividade contempla a subjetividade por meio de práticas de reconhecimento às contribuições singulares.

Por fim, conforme situa Gomes (2017), a partir do estudo realizado com migrantes haitianos, as rupturas ocasionadas pela migração possibilitam aos sujeitos que procedam à criação de novos sentidos e posicionamentos subjetivos. Com Dejours, acrescenta-se que tais transformações e criações, acredita-se, possam ser produzidas por meio do trabalho. No testemunho elaborado a partir da escuta e análise das narrativas de Emmanuel e Renel, ensaiava-se um reconhecimento do modo particular com que cada um destes sujeitos tem, criativamente, enfrentado seus próprios desafios no caminho do *trabalho de migrar*.

Considerações Finais:

A migração humana, fenômeno histórico e demasiadamente contemporâneo, associada à busca, por parte de um sujeito, de melhores condições de vida, tem, costumeiramente, no trabalho profissional uma meta central a direcionar esforços. Como possibilidade de sustento, principalmente em se tratando das migrações relacionadas a crises, tais como a diáspora haitiana, o trabalho, não raramente, é apresentado como justificativa para o enfrentamento de

grandes dificuldades, que vão dos riscos envolvidos nas travessias até os desafios nas tentativas de inserção nos países de destino.

No contraste existente entre a migração qualificada – caracterizada pela facilitação de ingresso nos territórios e pelo incentivo e atração por parte dos governos a certo tipo de migrantes – e a migração de crise - costumeiramente relacionada à clandestinidade e à consequente precarização do trabalho –, existe um *sujeito que migra para ser*. Compete, desse modo, a esse importante ator, com os recursos psíquicos singulares de que pode dispor, o enfrentamento do sofrimento inerente ao processo de deslocamento e ao encontro com a alteridade no país de destino.

Entretanto, como parte da tendência atual de patologização do sofrimento, da qual não escapa a migração, que já se vê contemplada, até mesmo, na proposição de uma categoria psicopatológica específica, retira-se do centro da questão o sujeito da experiência migratória, desprezando-o em suas condições singulares de construir soluções e o reduzindo ao lugar de vítima de sua condição. Entende-se, todavia, que o trabalho profissional, pelas vivências de reconhecimento da qualidade das atividades realizadas assumidas pelos sujeitos como reconhecimentos de si próprios, não só trazem ganhos identitários como podem operar como vias transformadoras de sofrimento em prazer, prestando incomparável auxílio ao migrante em seu *trabalho de migrar* para outra cultura.

Dessa maneira, a prática profissional revela-se em sua inegável relevância para subjetividade do migrante. O trabalho, estando normalmente relacionado aos motivos do deslocamento, enquanto encaminha o atendimento das necessidades básicas de subsistência, viabiliza o contato imediato com os nativos e com a cultura local, em um exercício de existência no encontro com a alteridade. Esse mesmo trabalho responde à dimensão identitária, aquilatando o valor de si mesmo, na medida em que possibilita ao sujeito sua inserção social e vivências intersubjetivas de reconhecimento pelas atividades realizadas.

Em um contexto no qual o exercício laboral abre campo para que os sofrimentos experimentados na migração possam ser convertidos em criatividade, testemunha-se o relato de vivências singulares de Emmanuel e Renel. Na contramão dos discursos homogeneizantes da experiência migratória, com suas previsões patologizantes do sofrimento, esses dois jovens haitianos, que migraram para o Brasil em busca de melhores condições de vida, têm podido, por meio do reconhecimento no trabalho, converter sofrimento em prazer. Seus relatos são testemunho do trabalho profissional como precioso recurso de saúde e potencialidade no caminho singular do *trabalho de migrar*.

Particularmente preocupante, todavia, é a situação dos migrantes indocumentados que, confrontados pelas burocracias de ingresso nos países de destino, veem-se submetidos a trabalhos precarizados nos quais a condição de reconhecimento, estando negada, traz prejuízos à identidade e à saúde psíquica. Nesse contexto, a hospitalidade, na forma de reconhecimento às criações dos migrantes trabalhadores e, também, como acolhida por meio de práticas que oportunizem a devida documentação e viabilizem o trabalho digno, favorece à inserção social e permite dar ao sofrimento inerente à migração um encaminhamento no campo da saúde, evitando as fórmulas psicopatológicas generalizantes que excluem o sujeito.

Referências:

- Baeninger & Peres. (2017). Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 1(34), 119-143. Doi: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0017>
- Bleichmar, S. (2010). *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial.
- Dal Forno, C., & Macedo, M. M. K. (no prelo). Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio Metapsicológico. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*.

- Dejours, C. (2011). Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In S. Lancman & L. Sznclwar (Orgs.), *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 57-123). Brasília: Paralelo 15/ Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Dejours, C. (2012a). *Trabalho Vivo – Tomo I - Sexualidade e trabalho*. Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2012b). *Trabalho Vivo – Tomo II - Trabalho e emancipação*. Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2017). Prefácio. In C. Dejours (Org.), *Psicodinâmica do Trabalho: Casos Clínicos* (pp. 6-10). Porto Alegre: Dublinense.
- Derrida, J. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Eberhardt, L. D., & Miranda, A. C. (2017). Saúde, trabalho e imigração: revisão da literatura científica latino-americana. *Saúde em debate*, 41, 299-312. doi: 10.1590/0103-11042017S225
- Freud, S. (2004). À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In Luiz Alberto Hanns (Ed. e Trad.), *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente* (Vol. 1, pp. 95-131). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Gomarasca, P. (2017). Direito de excluir ou dever de acolher? A migração forçada como questão ética. *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, 5(50), 11-24.
- Gomes, M. A. (2017). Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC). *Psicologia & Sociedade*, 29, e162484. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29162484>
- Hornstein, L. (2009). *Narcisismo: Autoestima, identidade, alteridade*. São Paulo: Via Lettera Editora; Livraria Ltda.
- Hornstein, L. (2013). *Las encrucijadas actuales del psicoanálisis: Subjetividad y vida cotidiana*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- Hornstein, L. (2018). *Ser analista hoy*. Buenos Aires: Paidós.

- Knobloch, F. (2015). Impasses no atendimento e assistência do migrante e refugiados na saúde e saúde mental. *Psicologia USP*, 26(2), 169-174.
- Lancman, S. (2011). Apresentação: O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In S. Lancman & L. Sznclwar (Orgs.), *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 31-43). Brasília: Paralelo 15/ Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Matias, G. S. (2014). *Migrações e Cidadania*. Lisboa: Ensaio da Fundação.
- Mejía, M. R. G., & Simon, R. (2015). *Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon*. Lajeado: Editora da Univates.
- Nunes, J. W., & Oliveira, S. D. (2015). Evidências da construção da figura do *imigrante* qualificado no Brasil: uma leitura a partir da Lei nº6.815/80. In: A. M. N. Vasconcelos & T. Botega (Orgs.), *Política migratória e o Paradoxo da globalização* (pp. 33-51). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Organização Internacional para as Migrações (OIM). (2009). *Glossário sobre migração*. Genebra: Organização Internacional para as Migrações.
- Pussetti, C. (2010). Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. *Saúde e Sociedade*, 19(1), 94-113.
- Sznclwar, L. (2011). Introdução: Sobre estes textos da psicodinâmica do trabalho, algumas reflexões. In S. Lancman & L. Sznclwar (Orgs.), *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (pp. 45-54). Brasília: Paralelo 15/ Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Turato, E. R. (2010). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Villen, P. (2015). O trabalho forçadamente indocumentado e institucionalmente silenciado: a

imigração dos “periféricos emergenciais” para o Brasil. *Revista da ABET*, 14(2), 186-198. Disponível em:

<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abet/article/view/27949/15018>

Villen, P. (2017). A face qualificada-especializada do trabalho imigrante no Brasil: temporalidade e flexibilidade. *Caderno CRH*, 30(79), 33-50. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-49792017000100003>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As migrações constituem temática recorrente na contemporaneidade, ocupando lugar de destaque em manchetes que noticiam os frequentes movimentos de deslocamento de populações ao redor do mundo. Com episódios que vão dos naufrágios, causadores da morte de milhares de migrantes que se veem barrados em suas tentativas de ingresso nos países de destino, chegando às diversas configurações de ajuda humanitária oferecida por alguns países aos migrantes que fogem de guerras, desastres naturais e miséria, as migrações atuais representam um complexo desafio marcado pelo encontro com a alteridade da outra cultura, tanto para as populações que se deslocam como para aquelas que as recebem. Nesse campo, destaca-se a expressiva quantidade de estudos acadêmicos, de diferentes áreas do conhecimento, que buscam compreender os antecedentes históricos das populações que migram, suas motivações, as diversas políticas que lhes são consequentes e, também, a estruturação e a dinâmica dos encontros intersubjetivos que tais deslocamentos promovem.

Assumidamente, as diásporas configuram-se como relevante fenômeno atual a mobilizar diversos países ao redor do mundo, tendo como consequência, por vezes, a oferta de acolhida, sobretudo quando se trata da migração de trabalhadores qualificados que dispõe das competências almejadas pelos mercados e pelos países de destino, ou a burocrática interposição de barreiras simbólicas aos migrantes indesejados pela precariedade de suas situações. No extremo dessa condição, tem-se, na violência da imposição de barreiras – físicas, em alguns casos, tais como os muros e as gaiolas – e da xenofobia, a expressão do desmentido da diferença que a migração insiste em denunciar. Em vista disso, muitas têm sido as nações a se ocupar de estabelecer políticas restritivas de acesso aos migrantes, por vezes, interpretados como ameaça às populações, à segurança e às economias locais. Em contraponto, estão as políticas de países que identificam no migrante particular fragilidade que recomenda sua acolhida, na forma de

políticas humanitárias, com vistos temporários ou permanentes para o ingresso em seus territórios. Nesse último caso, em ponto extremo do *continuum*, chega-se, por vezes, à caracterização do migrante como sujeito, por regra, traumatizado por sua situação. Em tal configuração, a patologização da migração passa a ser a chave de leitura da sociedade atual, restando ao sujeito da migração, exclusivamente, o lugar de vítima de sua condição. Assim, o estrangeiro-diferente à cultura e à nação de acolhida, por precisar ser desmentido, fica discriminado, objetivamente, em funções e atividades preteridas pelos nativos dos diversos Estados, ou, simbolicamente, em discursos e políticas que, perversamente, apartam o sujeito migrante de seus efetivos recursos singulares, homogeneizando-o em um caldo patologizador da diferença.

Nesse campo de contradições, que tem na diferença hasteada pelo migrante elemento propagador de resistência e, em muitos países, de práticas de violência e crueldade, apresenta-se a *figura-denúncia do refugiado* como sujeito político da atualidade. No *refugiado*, representante das muitas categorias de migrantes, estariam apartadas a figura do *homem* – condição de pertencer à humanidade – daquela do *cidadão de direitos* – sujeito que pode estar inserido e reconhecido como integrante do laço social. A denúncia que o refugiado profere com sua presença diz respeito à quebra de uma garantia fundamental que tinha na natividade, isto é, no nascimento dos sujeitos no território, o fundamento de sua nacionalidade e, por consequência, da soberania da nação de um Estado. Com o refugiado, tal arranjo vê-se ameaçado em suas estruturas, produzindo resistências. Do lado do migrante, há um sujeito que se desloca em busca de melhores condições de vida para si e para os seus e que dispõe, em diferentes medidas, de recursos para fazer frente às muitas dificuldades encontradas, dentre as quais destacam-se às resistências que se presentificam na forma de imposição de barreiras que inviabilizam a necessária hospitalidade ao estrangeiro e o reconhecimento na diferença que este representa.

Em vista disso, a pesquisa realizada nesta Tese voltou-se à exploração, na narrativa dos migrantes, dos elementos que testemunham a complexidade psíquica que permeia as vivências singulares da migração. O exercício de escuta que se buscou fazer, sustenta-se no paradigma metodológico oriunda da clínica psicanalítica, que aposta na capacidade de indagação que um sujeito pode fazer das suas próprias experiências. A escuta que se praticou nesse estudo sustenta-se, assim, na busca de sentidos e significados singulares às vivências dos sujeitos pesquisados, os quais excedem o concreto das descrições objetivas, contemplando um campo em que a subjetividade daquele que narra ocupa o primeiro plano. Desse modo, importante movimento se fez na direção do estabelecimento de pilares que pudessem, com segurança, sustentar a pesquisa. Para tanto, mostrou-se fundamental a realização do estudo que permitiu o necessário aprofundado acerca do método de pesquisa psicanalítica e que levou à confecção do primeiro produto desta Tese, artigo que integra a primeira Seção, no formato de Ensaio Metodológico que se oferta à comunidade científica e que se encontra aceito para publicação em revista de significativa circulação nacional e internacional. Como resultados diretos da elaboração metodológica proposta, os Ensaaios Metapsicológicos que se produziram estão sustentados na escuta das narrativas de migrantes que procederam à investigação de suas próprias vivências de migração, em um contexto no qual a transferência com o pesquisador sustentava-se na escuta ofertada. Coube a esse último a realização dos manuscritos que se constituíram no testemunho elaborado da escuta que realizou nesse contexto transferencial e que tem, na subjetividade, um elemento que mais do que não ser negado, é valorizado como recurso metodológico da pesquisa psicanalítica realizada.

Tal escuta, sustentada na transferência, permitiu o acesso a significativas vivências que testemunham a presença de um sujeito no movimento migratório. Seguindo nessa direção, com uma pesquisa voltada à singularidade da experiência do sujeito que migra, pôde-se escutar narrativas que remetiam a importantes nuances nas motivações e nos recursos dos migrantes

que partiram de seus lares, lançando-se em busca da realização de ideais não sempre plausíveis com suas objetivas condições. Nos recursos psíquicos relacionados a um narcisismo trófico, encontram-se os elementos singulares remetidos ao atendimento das necessidades autopreservativas da identidade do sujeito da migração. Tais recursos têm permitido, segundo pôde-se testemunhar, que alguns migrantes superem as superlativas dificuldades com as quais têm se deparado e que vão das precariedades de condições na terra de origem que os obriga à migração às situações de violência e discriminação enfrentadas nos países de destino, passando pelos riscos relacionados com o deslocamento, majoritariamente, clandestino. Todavia, esses recursos psíquicos não estão igualmente distribuídos, tampouco caracterizaram as experiências migratórias da totalidade dos participantes da pesquisa. Muito antes, representam a singularidade do migrante, que remete à constituição de sua subjetividade, recomendando uma escuta também singular.

Da escuta, destacou-se, sobremaneira, que o empenho com o movimento migratório empreendido por parte de alguns dos participantes restringia-se à busca de atendimento às necessidades autoconservativas da própria vida e da sobrevivência de expressivo número de familiares que deles dependiam na terra de origem. Desse modo, as narrativas desses sujeitos mostravam-se restritas à enumeração das responsabilidades contraídas com familiares que ficaram/não-ficaram para trás e que dependiam dos recursos a serem gerados no Brasil, testemunhando uma espécie de ausência de sujeito no movimento migratório que empreendiam. Nesse campo, a referência à obra “O Estrangeiro”, de Camus, representa a tentativa de ilustrar esse cenário no qual um sujeito, para além de ser estrangeiro no novo território em que ingressa, mostrava-se estrangeiro a si mesmo, a seus desejos e a projetos que possam ser efetivamente próprios.

Em uma realidade na qual o trabalho apresenta-se como principal justificativa para a migração, estando relacionado à busca de sobrevivência, registra-se, de forma preocupante, que

todos os participantes da pesquisa se encontravam desempregados quando concederam as entrevistas, salvo o caso de um único participante que se empregou no intervalo entre as entrevistas concedidas. Ainda que parte dos migrantes escutados tivessem trabalhado, por alguns meses, no Brasil, a situação durante a pesquisa era de completa exclusão do mercado de trabalho. Dentre os entrevistados, alguns atribuíam tal quadro à crise econômica enfrentada pelo Brasil, que se seguiu à chegada da maioria deles, de modo que se viam decepcionados em suas expectativas de inserção social e desenvolvimento, cultivadas a partir do que escutavam de conterrâneos seus que imigraram em anos anteriores. Esse quadro, contrastante com aquilo que estudos anteriores descreviam sobre essa população, mostrou sujeitos que se viam diante do risco de, assim que acabasse o período de seguro desemprego, sequer dispor do básico para sobrevivência. Nesse sentido, cabe a menção à reação de um dos participantes do presente estudo, quando indagado acerca do que projetava para seu futuro. Esse migrante não compreendia a pergunta do pesquisador, que a proferiu de diferentes formas. Tratava-se evidentemente, de uma dificuldade na compreensão, mas não das palavras do idioma do país escolhido por este sujeito para investir sua força com vista em prover as necessidades de sua família, por meio do trabalho que pretendia realizar, mas, sim, a dificuldade de compreender o lugar que lhe restava ocupar no presente. Quem não tem, no presente, as mínimas expectativas atendidas, tampouco a garantida de provimento de necessidades básicas, vê-se incapaz de projetar o futuro. Paradoxalmente, a escuta do migrante que pôde se empregar, ofereceu importantes elementos a testemunhar o trabalho como potencial recurso de inclusão e promotor de saúde psíquica a essa população.

Assim, por fim, o trabalho profissional revelou-se como importante via a permitir ao migrante enfrentar situações de constrangimento e sofrimento, chegando à consecução de tarefas de qualidade que, em lugar da profetizada patologia dos manuais diagnósticos, podem ser experimentadas como reconhecimento de si mesmo, trazendo benefícios à identidade. Nesse

sentido, como preconizado pela *psicodinâmica do trabalho*, o reconhecimento da qualidade das atividades realizadas pelo trabalhador, é assumido por esse como reconhecimento identitário. Em se tratando da migração, em que a identidade é uma questão central, tendo em conta todos os aspectos implicados no encontro com a alteridade presente na cultura do país de destino, o trabalho parece oportunizar, segundo a escuta permitiu testemunhar, o encontro de espaços nos quais a hospitalidade na forma de reconhecimento e compartilhamento de vivências no contexto de integração como os pares, uma realidade favorecedora da saúde do sujeito que migra.

Faz-se mister, desse modo, que se reconheça a singularidade da experiência do sujeito que migra e que tem algo a dizer sobre sua vivência. A primeira e mais elementar maneira de reconhecê-la é não desmentir a diferença que os migrantes representam, evitando políticas que sejam alheias às suas reais necessidades. Em seguida, garantir voz ativa a esse sujeito na elaboração e proposição de políticas e ações relacionadas às realidades por eles vivenciadas. De uma compreensão mais aprofundada dos elementos que estão presentes nas migrações contemporâneas depende a efetividade das medidas tomadas pelos governos e pelas sociedades, em prol de uma integração, verdadeiramente hospitaleira, dessa significativa população. Para tanto, espaços em que as considerações dos migrantes possam ser verdadeiramente escutadas, sendo eles membros constituídos de comissões e comitês ocupados das questões que os tocam, ou, minimamente, consultados acerca da efetividade das políticas que se lhes destinam, é uma necessidade premente e indiscutível.

ANEXOS

Anexo 1: Parecer Consubstanciado CEP/PUCRS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise

Pesquisador: Mônica Medeiros Kother Macedo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 58359816.7.0000.5336

Instituição Proponente: UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO E ASSISTENCIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.743.178

Apresentação do Projeto:

O projeto "Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise", busca fomentar a reflexão sobre aspectos subjetivos intervenientes nestes complexos deslocamentos de pessoas, os quais inerentemente aludem à presença de um sujeito psíquico que deixa muito para trás, movido pela expectativa de uma vida melhor. A Psicanálise apresenta-se como consistente aporte teórico para uma compreensão aprofundada desse fenômeno, possibilitando que não se negligencie a complexidade dos elementos eminentemente humanos que estão para além de acordos e convenções sociais e jurídicas.

Objetivo da Pesquisa:**Objetivo Geral**

- Explorar complexidades e demandas psíquicas relativas às vivências do sujeito

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@pucrs.br

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS



Continuação do Parecer: 1.743.178

migrante.

Objetivos Específicos

- Identificar modalidades narrativas produzidas pelo sujeito migrante sobre sua vivência;
- Investigar os processos de desinvestimentos e investimentos psíquicos inerentes à vivência migratória;
- Explorar os recursos psíquicos associados ao enfrentamento de demandas identitárias decorrentes da vivência migratória;
- Compreender como o fenômeno migratório incide sobre as subjetividades e na formação da identidade migrante;
- Explorar aspectos culturais relativos às formas de laço social entre o migrante e a comunidade de inserção;
- Aprimorar recursos metodológicos da prática investigativa em Psicanálise;
- Produzir aportes metapsicológicos acerca da vivência migratória;
- Fomentar a capacitação e a expertise no âmbito da investigação e do estudo sobre a complexidade do fenômeno migratório.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos referem-se ao desconforto que os participantes possam experimentar relacionado ao fato de, durante as entrevistas, abordarem situações que podem ter sido difíceis, provocando-lhes alguma mobilização afetiva.

Ressalta-se, todavia, que, caso haja necessidade, está assegurada a possibilidade de encaminhamento desses ao Serviço de Atendimento e

Pesquisa em Psicologia (SAPP), Serviço-escola do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS, a fim de receber atendimento psicoterápico gratuito com frequência e duração a serem definidas de acordo com a necessidade identificada pelos profissionais do Serviço.

Benefícios:

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@pucrs.br

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS**



Continuação do Parecer: 1.743.178

Os benefícios advindos da situação de entrevista serão, além da contribuição para o desenvolvimento de um estudo científico, aqueles relativos à oportunidade que os participantes terão para expressar suas percepções acerca de suas vivências pessoais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta relevância científica ao propor uma interessante reflexão sobre os movimentos migratórios para além das questões jurídico/administrativas, propondo um espectro amplo de estudo nas subjetividades dos atores envolvidos nesse processo.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados termos para a realização da pesquisa.

Recomendações:

De acordo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram resolvidas as pendências e lista de inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o CEP-PUCRS, de acordo com suas atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e da Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_760351.pdf	01/09/2016 17:34:20		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Pedido_de_reconsideracao.pdf	01/09/2016 17:29:44	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Orçamento	Orcamento_alterado.pdf	01/09/2016 17:29:14	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE_Alterado.pdf	01/09/2016 17:28:57	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito

Endereço: Av.Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703
Bairro: Partenon CEP: 90.619-900
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3320-3345 Fax: (51)3320-3345 E-mail: cep@puccrs.br

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO RIO GRANDE
DO SUL - PUC/RS**



Continuação do Parecer: 1.743.178

Justificativa de Ausência	TCLE_Alterado.pdf	01/09/2016 17:28:57	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_alteracoes_CEP.pdf	01/09/2016 17:28:25	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Outros	Link_curriculos_equipe_de_pesquisa.docx	03/08/2016 13:43:18	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto_Assinada.pdf	15/07/2016 19:37:41	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Outros	Carta_Declaracao_Conhecimento_SAP P.pdf	15/07/2016 15:02:34	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Outros	Carta_Aprovacao_Comissao_Cientifica.pdf	15/07/2016 15:00:49	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Outros	Documento_Unificado_do_Projeto_de_Pesquisa.pdf	15/07/2016 15:00:01	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/07/2016 14:58:13	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	15/07/2016 14:57:52	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_Dispensa_Autorizacao_Institucional.pdf	15/07/2016 14:57:33	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	15/07/2016 14:55:37	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	15/07/2016 14:55:22	Mônica Medeiros Kother Macedo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 24 de Setembro de 2016

Assinado por:

Denise Cantarelli Machado
(Coordenador)

Endereço: Av. Ipiranga, 6681, prédio 50, sala 703

Bairro: Partenon

CEP: 90.619-900

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3320-3345

Fax: (51)3320-3345

E-mail: cep@puccs.br

Anexo 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

As migrações constituem-se em um fenômeno mundialmente relevante e que traz em seu bojo desdobramentos em nível social, econômico, jurídico e também psicológico, exigindo a reflexão dos mais diversos setores sociais. Estamos convidando-o(a) para participar da pesquisa intitulada “**Movimentos Migratórios: complexidades e demandas à investigação em Psicanálise**”. Este estudo está vinculado ao Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise, coordenado pela Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo no Programa de Pós-Graduação do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS.

Tal estudo prevê a participação de migrantes que vieram para o Brasil após o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. Para tanto, será realizada uma entrevista a ser gravada em áudio e, posteriormente, transcrita. Os achados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins de publicações científicas, mas fica assegurada a preservação do sigilo quanto à identificação dos participantes.

A participação nesse estudo é voluntária, e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a). O maior desconforto que você poderá experimentar relaciona-se ao fato de abordar situações que podem ter sido difíceis, podendo vir a lhe provocar alguma mobilização afetiva. Caso haja necessidade, está assegurada sua possibilidade de encaminhamento ao Serviço de Atendimento e Pesquisa em Psicologia (SAPP), Serviço-escola do Curso de Psicologia da Escola de Humanidades da PUCRS, a fim de receber atendimento psicoterápico gratuito com frequência e duração a serem definidas de acordo com a necessidade identificada pelos profissionais do Serviço. O benefício desta entrevista será a contribuição que estará dando para o desenvolvimento de um estudo científico

e, também, poderá ser uma oportunidade para expressar suas percepções acerca de suas vivências pessoais.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa acima, de maneira clara e detalhada. Recebi informações a respeito da pesquisa e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participação se assim eu o desejar.

Quaisquer dúvidas relativas a esta pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, Dra. Mônica Medeiros Kother Macedo, fone (51) 3320–3633, ou pela entidade responsável, o Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, localizado no Hospital São Lucas da PUCRS, na Av. Ipiranga 6690, Prédio 60, Sala 314, Porto Alegre /RS, Brasil, CEP: 90610-900, Fone/Fax: (51) 3320.3345. E-mail: cep@pucrs.br. Horário de atendimento: De segunda a sexta-feira, das 8h às 12h horas e das 13h30min às 17h.

Declaro que recebi uma via, de igual forma e teor, do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assinatura do participante

Data

Pesquisadora responsável

Data

Anexo 3: Escrita da Transferência

Escrita da Transferência do Participante 1 - 1ª Entrevista

A resistência, quando se tem em conta em Psicanálise aquilo que nos coloca diante de nossas angústias provocadas pela impossibilidade de um saber, não estão só do lado do paciente ou, tratando-se de uma pesquisa, como é o caso do presente trabalho, do participante; mas, também do analista pesquisador. Seja no processo de realização das entrevistas, em que o domínio limitado do idioma local por parte dos participantes provocou certa insegurança acerca daquilo que pretendia ser comunicado, seja na análise dos dados, quando inicialmente instaura-se a sensação de incompletude de informações, sobremaneira demográficas e da sequência dos fatos, suportar um não saber sobre o outro, necessário e tão caro à escuta daquilo que é singular a cada sujeito, mostra-se especialmente essencial nesta pesquisa intercultural. A fuga desse lugar estrangeiro a que convoca o outro de outra pátria, leva o pesquisador a tentar buscar a sustentação de uma escuta em terras mais familiares. Não é ao acaso que o início da escuta das entrevistas, naquele que é o segundo momento da pesquisa, quando pesquisador se propõe à escuta da transferência por meio do relato dos participantes, leva-o a pensar por já atribuir nomes fictícios aos pesquisados. Essa tentativa de dar contorno a esses sujeitos que começariam a se apresentar, ou seja, dar-lhes uma identidade por meio da atribuição de um nome de trabalho, tem sua inspiração nos nomes dados às caravelas portuguesas dos primeiros imigrantes que ingressaram em terras brasileiras. Atribuir ao outro, ainda desconhecido, uma identidade de muito conhecida em seu idioma, usos e costumes testemunha em favor do esforço que se faz necessário à superação da resistência e que permita sustentar uma transferência capaz de possibilitar a escuta daquilo que ainda não se sabe deste outro que ora desembarca em terras estrangeiras.

O papel identitário esteve permanentemente em pauta durante as entrevistas, sobremaneira frente ao convite feito pelo pesquisador para que os haitianos falassem sobre si. O atendimento a tal convite dava-se por meio de um discurso endereçado a alguém cujo o nome solicitavam que fosse lembrado. Nesse sentido, o participante P1, ao iniciar sua fala, pronuncia “bom dia” e indica querer lembrar-se do nome de seu interlocutor, a quem passa a se referir nominalmente.

No caso de muitos, inclusive de P1, o contato com outras culturas começa já em Santo Domingo, rota pela qual a maioria passa no caminho para o Brasil que, quando chegam, demoram alguns meses para conseguir a documentação necessária para se estabelecerem. Relata dificuldades e demora para conseguir os documentos necessários para começar a trabalhar, após sua entrada no Brasil. Preocupação central com a alimentação destaca-se em seu discurso. Tal fato pode estar relacionado às precariedades da vida que tenta deixar para trás quando emigra em busca de uma vida melhor e, também, às dificuldades e aos riscos a que se vê exposto na terra em que ingressa com dificuldades na alimentação e transporte limitado. Refere que aqui onde se encontra [no Sul do país] “sobra lixo, tem bastante lixo aqui pras pessoas... para passar no Acre é mais complicado”. Na literatura, revisou-se as dificuldades vividas pelos haitianos no Acre [Rosa] e, também, os estudos de Bleichmar sobre a necessidade de suprir as necessidades de autoconservação da vida para que haja disposição e espaço para suprir as necessidades de autopreservação do Eu. Quando solicitado a contar sobre a vida no Acre, aceitou contar e imediatamente indagou se era “sobre comida, para comer” que o pesquisador estava perguntando.

A pergunta do participante é curiosa. Teria relação com dificuldades de idioma? Ouvi-lo relatar que chega em uma terra estrangeira depois de tantos dias de sacrifício e não encontra alimentação, sequer nos descartes do lixo é chocante. Certamente, no projeto de uma vida melhor e mais digna, tal realidade não estava prevista. A alimentação é sua primeira

preocupação, de modo que lhe faria sentido iniciar falando desta. Insistia se era disso que o pesquisador queria saber. O que podia ou não ser dito sobre tal aspecto? O que o pesquisador não estaria sendo capaz de escutar? Relata que o padre do local dava comida duas vezes no dia. Parece que o conflito está em torno de ter sua vida na dependência de um outro, este brasileiro, que lhe dá o básico para a sobrevivência. Durante a entrevista, o participante fez questão de explicitar que a posição ocupada pelos haitianos no Brasil não lhes é nada confortável e que, contrariamente ao que os brasileiros possam pensar, eles não são ajudados ou privilegiados pelo governo brasileiro. Aparenta existir neste aspecto a necessidade de uma rígida defesa a críticas recebidas e/ou que entende o participante que pudessem ser feitas a eles. Estaria incomodado por ter sido ajudado quando lhe faltava o básico para sobrevivência? Ocorre ao pesquisador, ao longo da entrevista, que a fala do participante portava em si certo ressentimento pelo que se passava com os haitianos no Brasil, como se eles tivessem sido ludibriados por oportunidades de que não encontraram ou que deixaram de existir imediatamente a suas chegadas.

Na ordem do tópicos que o participante vai enunciando, logo após falar de comida, de sua escassez e de como ele fazia para consegui-la, pergunta se tem que falar da sua profissão no Haiti. Sua identidade, isto é o modo como se apresenta, parece atender a esta ordem de necessidades. Sobrevive para poder apresentar no que pode trabalhar. Poderia um brasileiro estar interessado em outra coisa que não fosse sua capacidade de sobreviver e aquilo que ele era capaz de oferecer em termos de seu trabalho? Tal ordem tópicos no discurso do participante é portadora de sentido em si. Nesse sentido, chama a atenção que somente no encerramento da entrevista, pode surgir a informação de que P1 deixara sua noiva no Haiti. O pesquisador destaca a relevância do tema e deixa pré-contratado a voltarem a ter nova entrevista para que o participante pudesse falar de tal aspecto. Essa nova entrevista não ocorreu, pois o participante no dia marcado optou por não concedê-la. Aspectos da vida pessoal/conjugal não interessam ser explorados numa entrevista que, em última análise, poderia encerrar em si novas

oportunidades profissionais como se revelou no desfecho, diante da pergunta acerca de qual seria a real retribuição que o pesquisador ofereceria.

No Haiti, foi cabeleireiro, jardineiro e professor da escola infantil. Quando o pesquisador teve contato com ele, P1 propunha-se a ofertar curso de francês para brasileiros interessados em aprender a língua. Sustentava tal proposta em sua profissão de professor no Haiti. Evidencia-se as diferenças culturais no que se refere à identidade profissional desses sujeitos que a pautam quase que exclusivamente na experiência vivida. Diferentemente de outros entrevistados que, diante do elogio comunicarem-se de bem no novo idioma, expressavam modestamente sua contrariedade, P1 que sequer era o mais fluente e claro, parecia se autorizar ao pleno exercício de idiomas.

Estabelece comparação entre Brasil e Haiti, explicitando que lá e cá há ricos e pobres. “Aqui também tem desemprego”. Parece desvelar-se, pela primeira vez em seu relato, uma desilusão com o país para o qual escolheu se deslocar. Além disso, surge a denúncia de que os brasileiros pensam que os haitianos são ajudados (privilegiados) pelo governo. Diz desconhecer tal ajuda. Estariam sendo acusados injustamente. Disso decorreria certa tendência a se colocarem no lugar de injustiçados.

Destaca-se o modo como P1 revela que se constroem os laços de amizade. Seja com os haitianos que se conhecem aqui seja em relação aos brasileiros, uma conversa implica em construir amizade. A superficialidade das relações com os brasileiros, isto é, o fato de amizade está construída sem maior aproximação e empenho, pode preservar o estrangeiro de uma intimidade que lhe exporia. Dizer-se amigo, mais do que aproximar o outro pode estar a serviço de preservar uma distância minimamente segura que não ponha em abalo uma identidade fragilizada pelas circunstâncias. Do mesmo modo, a busca por reconhecimento e consequente colocação no mercado de trabalho, pode levar à necessidade desses vínculos, aproximação a

que P1 nomeia amizade. Tal vinculação é buscada com o pesquisador, que depois é convocado a retribuí-la.

Felicidade está em se manter, pagar as contar e ajudar a família que ficou no Haiti. Expressa-se, portanto e sempre, um forte comprometimento com os familiares que ficaram na terra natal, de tal modo que as escolhas dos migrantes que aqui se encontram tem, para estes, importantes repercussões sobre aqueles que ficaram, mas, de certo modo, seguem muito presentes em suas lembranças remetendo ao um compromisso que atravessa as vivências que podem se dar na terra de destino. A ajuda ainda aparece relacionada ao terremoto que “destruiu muitas pessoas”.

Vem sozinho para o Brasil. Pensava me ajudar a mãe. Os pais o ajudaram a comprar a passagem a fazer os documentos para vir para o Brasil. Quando puder, terá, também, que ajudá-los. No que implica em vir sozinho e com este compromisso? Quando perde o emprego em Maringá, juntamente com outros haitianos e, também, brasileiros, vem para POA, contando com a acolhida de um amigo. Este paga o aluguel e a alimentação. Novamente, a noção de amigo parece paradoxal, pois ajudam-se no essencial, mesmo não sendo próximos. Não parece ser necessário preservação da privacidade, tampouco grande intimidade. Quando perguntando das razões de ter escolhido POA, acha graça e diz que, se não tivesse amigo nessa cidade, não poderia vir; mas tendo amigo, decide vir e vem.

Quanto à família, responde que estão bem, não estando a mãe nem o pai doentes. Refere que conversa muito com eles, que, se têm algum problema, relacionado à saúde, telefonam para P1 solicitando-lhe que envie mais dinheiro. Não aparece em seu discurso referência à qualquer preocupação que seus pais possam ter em relação a ele, filho que está sozinho em um país bastante diverso do seu de origem; estando sua estada diretamente relacionada ao compromisso de produzir recursos que possam atender a alguma eventual necessidade da família. Qual espaço lhe resta para desejar e ter projetos próprios quando sua vinda para o Brasil tem por trás toda

essa série de obrigações por ele assumidas? Reporta que a mãe, hoje trabalhadora do comércio, também trabalha como professora assim como ele. Identificação com a profissão da mãe. A identidade migrante tocou, além dele, a mais uma irmã que se encontrava no Chile. Dos quatro irmãos, dois migraram e dois permaneceram no Haiti. Foi ele que ajudou a irmã a pagar a passagem, para poder, também, imigrar. Essa para o Chile.

Pretende voltar ao Haiti para fazer uma rápida visita, mas somente quando tiver a garantia de que dispõe das condições para retornar ao Brasil. Chama a atenção que, quando perguntado se pretende ir e retornar, por estar decidido a ficar no Brasil, responde que tem que ir, explicando que é bom ir ao Haiti, provavelmente por sentir saudades da família, mas que precisa retornar para cá. Ri, por lhe parecer óbvia a resposta à pergunta acerca do desejo de ir visitar os seus, mas não é tão óbvio que ele não possa desejar ficar junto deles. Parece que para quem saiu do Haiti, retornar representa um retrocesso. Se diz protegido por Deus, sobremaneira da violência que, segundo ele está em todos os lugares. Refere que não é somente o Haiti ou o Brasil que têm violências, mas todos os países. Protegido só por Deus aqui. P1 não se queixa de solidão. Contrariamente a isso, relata que cuidados básicos em relação à violência são necessários em todos os países e que tem Deus protegendo sua vida.

Sentir-se bem, com sentido para a vida no Brasil, está única e completamente relacionado a ter um emprego. Sua identidade é de sujeito que vem em busca de um emprego, seja ele qual for. A crença na ajuda de Deus e a busca por amigos brasileiros que podem colaborar para que o haitiano encontre um emprego parecem ser regra. “Brasileiro conhece mais emprego aqui do que estrangeiro”, segundo P1. A importância de se arrumar amigo brasileiros relaciona-se à necessidade de (re)colocação no mercado, remetendo a um tipo de vínculo utilitarista. Brasileiros que ajudam são encontrados também em algumas comunidades religiosas e de culto. Refere a visita que recebe desses fiéis. Parece que se sentem mais aceitos/acolhidos quando os brasileiros vão até eles, visitam suas casas. Tal fato já se apresenta

quando se faz o convite para a pesquisa e alguns manifestam que os pesquisadores poderiam ir até suas casas. Fato que acabou apresentando-se de difícil manejo.

Ao final da entrevista, revela-se que P1 buscava no entrevistador mais um amigo brasileiro, que pudesse ajuda-lo a atingir seus propósitos no Brasil. Neste caso, declara abertamente: “eu gosto de escola (...) eu quero ir no curso, para finalizar, estudar também”. Desse momento em diante, o participante foi mais incisivo, indagando acerca de quais benefícios poderia o pesquisador oferecer. Tal fato está atrelado ao modo como a pesquisa esteve relacionada à intervenção que a Universidade vem fazendo com a comunidade de imigrantes. O participante parece atribuir um saber ao pesquisador, de modo que aproveita para solicitar esclarecimentos acerca das mudanças políticas que recém tinham tido desfecho: “Como tu tá sentindo o governo aqui no Brasil, o antigo e o de agora? Como vai ficar para o estrangeiro?” Novamente, o que vem à tona é que o imigrante parece se ressentir de ter feito uma aposta em um país que não está lhe ofertando o retorno que esperava. Além disso, refere que no Brasil há muitas leis. Uma vez que os estrangeiros não as conhecem ficam em desvantagem. Pergunta sobre os direitos dos filhos de estrangeiros aqui nascidos. Pesquisador indaga se deseja ter filhos aqui. Desconversa, mas, em seguida revela que tem uma namorada que ficara no Haiti e que deseja vir para o Brasil. Notadamente, está posto que o diálogo com um brasileiro é para falar de trabalho, eminentemente. Poderia se pensar que um brasileiro não quisesse saber de outra coisa que não fosse força de trabalho. “Ia ficar escondido isso”, refere P1, enquanto ri. Curiosamente, poucos meses após essa entrevista, a noiva do entrevistado aportou no Brasil, passando a morar com ele. O pesquisador encerra a entrevista, convidando-o para a próxima e antecipando que gostaria mais de saber sobre isso que só apareceu no encerramento. A outra entrevista não aconteceu. Quando a namorada chega, P1 apresenta-a aos brasileiros e a acompanha em oficina de currículo oferecida por grupo da Universidade de que o pesquisador fazia parte.

Escrita da Transferência da Participante 2 - 1ª Entrevista

Quando ocorreu terremoto a Participante não estava no Haiti, pois já morava na República Dominicana. Mesmo que há anos estivesse fora, inicia seu relato de vida situando onde estava quando do evento natural. Seria mais fácil justificar deixara pátria após uma catástrofe natural de repercussão internacional? Somente um terremoto justificaria a acolhida em outro país? O episódio integra a história do povo haitiano, até mesmo daqueles que já não estavam mais lá, sendo referenciado na descrição de seu processo migratório.

Relata que deixou o Haiti indo para a República Dominica como forma de buscar uma vida melhor para sua família, visto que em seu país não tem emprego. Uma vida melhor exige, portanto, a saída da pátria que coloca seus filhos em desamparo. Tal saída impõe uma abnegação, visto que não sai para buscar uma vida melhor para si, mas para sua família. Não é um projeto pessoal que está em primeiro plano, mas o compromisso com os que ficaram que motiva seu deslocamento, de onde pode decorrer seu aprisionamento à terra natal para a qual não deseja voltar, mas da qual não pode se desprender. No Haiti, trabalhava na informalidade, como comerciante e cabeleireira, sem segurança financeira. Vai para a R. Dominicana, mas percebe que é quase igual ao Haiti. Conhece haitiano que se tornaria seu novo marido e a traria para o Brasil logo depois dele vir.

A bebê que a participante portava nos braços nasceu cerca de 10 meses após a sua chegada ao Brasil. Seu nascimento se deu no Hospital da PUCRS, sendo o atendimento avaliado muito positivamente pela participante. Dessa experiência pode decorrer a transferência positiva imediatamente estabelecida com o pesquisador, que resultou em um vínculo de confiança e na imediata aceitação ao convite para participar das entrevistas. Diferente de outros participantes, a Participante 2 pareceu mais disponível em seu relato, prescindindo de descrever suas competências de trabalho e confiando no pesquisador a ponto de relatar fortes cenas

presenciadas no Haiti, sem as conhecidas precauções de estar desqualificando seu país e, portanto, a si própria e aos seus, diante dos olhos de um brasileiro.

Vem para o Brasil pois, “tem que ajudar a família”, por ser a filha mais velha, dos 15 irmãos. Chegando ao Brasil, inconscientemente, reproduz a condição da mãe: “E quando eu cheguei aqui, eu trabalhei só 3 meses e, depois, quebrou a firma e fiquei sem emprego e fiquei grávida dela [da filha de seis meses] e agora é mais difícil. Com ela, ela tá com anemia e eu não pude deixar ela pra trabalhar.” A participante que já tinha 5 filhos que ficaram no Haiti, sob os cuidados de sua mãe, quando está no Brasil fica grávida novamente. Relata que não tinha planejado a filha e que se esqueceu de tomar a “pílula” anticoncepcional um dia. Está com o marido há 10 anos, desde que estavam na República Dominicana. A bebê é gerada no Brasil. A história de P2 é de uma filha mais velha que sai da pátria para ajudar a família que fica para trás. Sua mãe tivera 15 filhos e agora encontrava-se doente, precisando a participante se ocupar de prover os recursos para a família. Ela vem para o Brasil para trabalhar para que sua mãe, os 15 irmãos e seus 5 próprios filhos, cujo pai é falecido, possam se alimentar. Seu projeto precisa ser revisto na medida em que no lugar do trabalho, passa a se ocupar do cuidado da filha brasileira. Sutilmente, o que se revela é uma repetição, não percebida pela participante, das experiências maternas, isto é, da profusão de gestações em um contexto em que falta o básico para a sobrevivência. A participante é, da sua comunidade de haitianos, uma das que melhor se comunica na língua nacional, mas se diz impedida de ir em busca de emprego para si por precisar permanecer em casa com sua filha bebê, que inspira cuidados. O tom em que relata seu compromisso de trabalhar para enviar algo para que sua mãe, irmãos e filhos possam se alimentar é de grande desolação, visto que as dimensões das necessidades em muito superam suas condições de ajuda. A participante mostra-se bastante consciente das dificuldades pelas quais passam os seus, relatando-as com grande melancolia. Não posso deixar de pensar no masoquismo, relatado por Freud, como acompanhando a posição melancólica. Na fala da

participante, mais de uma vez, aparece a referência a sua impossibilidade de obter qualquer experiência de bem-estar enquanto sofrem os seus. Mesmo que ela tenha alimento, diz não conseguir se alimentar sabendo que seus familiares passam fome: “Aqui eu estou bem. Aqui eu consigo comida, hospital, tudo; mas lá não tem. (...) Às vezes, eu não como, pensando na família que não está comendo”. Certa ambivalência desvela-se em um misto de preocupação com quem ficou e reprovação por estar aqui tendo acesso àquilo de mais básico que falta aos seus.

Sua vinda ao Brasil, é resumida por ela ao fato de ter sido a única que conseguiu dinheiro, graças ao seu marido, para adquirir passagem. Nenhum projeto pessoal é mencionado. Não parece existir por parte da participante qualquer desejo de construir uma vida pautada em expectativas próprias. Parece que os projetos dela sempre estão pautados nesse padrão de repetição de algo impossível, que para além de suas reais condições. Denota-se, aí, um gozo masoquista, um aprisionamento na repetição, com inegáveis riscos ao Eu. Novamente, a justificativa de sua vinda é a autoconservação sua e, principalmente, dos seus familiares que dela dependem, ficando suplantada a possibilidade de pensar a singularidade própria da Autopreservação do Eu. Ela refere a fala dos filhos, com quem fala todos os dias, de que queriam estar como ela, mas não parece haver por parte dele uma grande reciprocidade, fato que se evidencia no modo como ela resume a questão: “Porém, é difícil”, remetendo a certa inércia, tal qual a de sua mãe que ao não se ocupar dos próprios filhos transfere a responsabilidade para a filha mais velha. Se diz duplamente responsável, por ser pai e mãe de seus filhos. O que se desvela é que é pai e mãe de seus irmãos também.

Não se pode deixar de registrar que, em sua comunidade local, comunicar-se muito bem em português e ao ficar em casa com a filha, ocupa várias posições de cuidado, em um colorido de excessos nos quais se vê apagada: cuida das outras crianças, quando suas mães estão ocupadas, acompanha outros haitianos em entrevistas de emprego, servindo de interlocutora, dentre outras funções. Sua postura é de alguém muito prestativa, vide a disposição em prestar

as entrevistas nos momentos em que o pesquisador sugeriu, mas que prescinde dos cuidados de si, uma vez que se mostra sempre apagada diante da necessidade do outro. Exemplo disso ocorre na transferência com o pesquisador, quando nos minutos que antecediam a segunda entrevista, a participante se apressa em concluir o lanche que fazia para ir logo encontrar o pesquisador que a aguardava.

Refere que um desafio foi aprender a falar português, quando chegou ao Brasil, mas que aprendeu rápido por já falar espanhol. Estaria a adesão à nova língua relacionada à completa rejeição, posteriormente referida pela participante, à Pátria deixada para trás?; seria necessário aprender outra língua para poder falar de outras coisas? Parece que há uma história que a participante não quer seguir compartilhando com seus conterrâneos. Rejeição à Pátria materna – necessidade de nova língua para registro daquilo que a língua materna não comporta registrar ou comunicar, como não poder dizer não a certas obrigações. Verifica-se uma ambivalência neste ponto, pois, com a mesma intensidade que rejeita sua pátria, não desejando retornar para lá, mostra-se extremante ligada aos seus familiares que lá estão, não estando livre para viver aqui.

Falar o idioma local a encoraja, coloca-a em pé de igualdade com os nativos. Diz que se vira “igual a qualquer um aqui. Eu me defendo”. Na chegada, não entender nada do que era dito deixou-a “desesperada”. Em tal desespero, poderia estar situado o desamparo de estar longe dos seus e sem saber como prover recursos para si e para eles. Isso parece ficar mais claro quando esclarece que, na medida em que passa a se comunicar eficientemente na língua local, sente-se melhor passando a ser sua única preocupação a manutenção de sua família. A preocupação com a família repete-se sistematicamente. Depreende-se dessa fala que a participante aprende a falar o português para manifestar as necessidades de sua família, mas não para poder atendê-las. Vem para o Brasil em busca de condições para os 5 filhos que precisam se alimentar e estudar, já que ‘se não tá estudando, não tem nada!’, mas sua gravidez ‘acidental’ compromete esse projeto. O

futuro dos filhos mostra-se comprometido, fato que parece estar intensificando ainda mais seu sofrimento, seu sentimento de responsabilidade e de impotência diante do quê não parece ter saídas. De todo modo, destaca-se a dignidade com que fala de sua trajetória. Não há qualquer comiseração em seu discurso, mas tristeza pela saudade e pela impotência experimentada.

Destaca-se o vínculo de confiança estabelecido com o pesquisador. Durante as entrevistas, P2 mostrou-se sempre muito segura e disponível a responder tudo o que lhe fora indagado. Não apenas apresentou grande fluência no idioma brasileiro como também não se furtou dos temas que foram surgindo, sendo capaz, inclusive, de expressar sua desilusão com sua pátria, diferentemente de outros conterrâneos seus que a todo tempo ponderavam que o Brasil também lhes apresentava dificuldades semelhantes às vividas anteriormente.

Relata que todos as pessoas a ajudam: “Todo mundo me ajuda”. Recebe oferta de roupas e comida por parte dos vizinhos, de modo que a dificuldade maior é com o pagamento do aluguel, pois dos 6 que moram juntos, nenhum trabalha. Estas pessoas com quem divide a casa e, em alguma medida a vida e o drama de não disporem de condições para pagar o aluguel, conheceu aqui no Brasil.

Quando perguntada sobre, se seria por ter a filha pequena, que não está podendo trabalhar, responde de maneira realista, mas parece expressar certo incômodo. Teria talvez se sentido cobrada. Como parte de uma escuta que sustenta uma transferência, a participante parece ter se sentido cobrada também pelo pesquisador. Em sua fala vai se evidenciando sua culpa por não estar provendo sua família. “Se não fosse ela, eu procuraria e eu acho que encontro. (...) Quando ela tem como 7 ou 8 meses, eu acho que é isso. Eu tenho que procurar creche e, depois de conseguir creche, emprego”. Demonstra clareza, planejamento e expectativas são realistas.

Refere que está muito bem inserida no Brasil e que só não está livre para se sentir realmente bem, pois com seu bem estar contrasta as grandes dificuldades pelas quais passam

seus familiares: “ aqui eu, eu tô bem, porque as pessoas aqui são boas, e aqui tem hospital boa, aqui eu consigo comida, hospital e as pessoas são... Pero lá não tem hospital, nem emprego, nem nada. É difícil. Aqui eu não passo fome. Porém, lá eu passo fome; minha família tá passando. Aqui, por isso, eu tenho, às vezes, estou sempre com dor de cabeça. Lá um não come, um não consegue, não tá bem; tua família não tá bem.” Sua preocupação/culpa em função da miséria com a família produzem angústia que é sentida também em forma de dores físicas. Refere que, durante os três meses que pôde trabalhar, na empresa de limpeza prestadora de serviços ao mercado, estava satisfeita, pois todos os meses mandava dinheiro para a mãe, que iria poder se alimentar. Novamente, sua satisfação se dá pela garantia do suprimento das necessidades básicas de seus familiares. Não parece que existam excedentes que possam ser revertidos para melhores condições de quem está aqui a trabalho. Mandava dinheiro para sua mãe, mas tinha um custo realizar esse propósito, tanto é assim que não pode durar.

Demonstra relativa facilidade em associar e construir uma narrativa diante das solicitações do pesquisador. Na sua associação aparece sua completa desilusão com o Haiti: “Lá, não tem, não tem polícia, não tem segurança. Eu não podia andar em..., não podia andar como anda aqui, qualquer hora, de noite não podia andar, de dia também. Quando eu saí lá, eu tava tranquila, é como eu saí duma dor de cabeça. Porque meus filho, meus filho não tem colégio, estou preocupada. Mesmo quando estão em casa, não estão seguros, porque lá é sempre como uma, como que eu posso dizer?... É como uma guerra.” Sente falta só de sua família. Segundo ela, nada é bom no Haiti. Relata que seus filhos não querem ficar lá também pela escassez de empregos, pela violência. Queixa-se que o governo nada faz pelos haitianos. Cabe indagar se o modelo por ela criticado não está diretamente relacionado à sua carência/desamparo de irmã mais velha que se vê diante da obrigação de sozinha proceder. O hospital que lhe é negado na nação de origem, encontra gratuitamente na terra de destino. Refere que “O governo não faz nada por ninguém”; se poderia pensar que como seus pais que não lhe

ofereceram o cuidado necessário, mas o legado de providenciar proventos. Parece que sua forte vinculação ao Brasil e seu asco ao Haiti, passam diretamente pela assistência encontrada naquele e ausente neste. Sua mãe não apenas não a acolhe como transfere para ela a responsabilidade de cuidar da sobrevivência de seus rebentos. Vir para o Brasil pode ser uma tentativa de romper com essas demandas tão difíceis de serem resolvidas. Entretanto, parece que as vivências de excesso insistem em se repetir, como é o caso da gravidez acidental que põe em abalo seus projetos de trabalho. De todo modo, não querer que sua bebê conheça ao Haiti, pode passar por tentar preservá-la dessa carga de responsabilização pelo outro, mais frágil.

Saiu do Haiti aparentemente aberta para aquilo que pudesse encontrar. Pensava que, se deixasse o Haiti conseguiria uma vida melhor em outro país. Se ocupa permanentemente de pensar um jeito de trazer seus familiares para o Brasil. Mostra uma ideia obsessiva de ser mãe da sua família, que está numa pátria que nunca foi mãe dos cidadãos. Chama a atenção que ela sempre deslocou-se por conta própria, mas se sente na obrigação de patrocinar a vinda de seus familiares. Metade da vida, literalmente, passou lutando para sair do Haiti, no sentido de que de seus 40 anos de vida, há 17 anos já vem migrando, mas segue fortemente conectada à sua terra natal pelo compromisso que mantém com aqueles que lá ficaram e dela dependem para sobreviver. Apresenta certa melancolia em relação à família com a qual diz se preocupar. Refere que os preços todos estão subindo no Haiti, onde não tem emprego. Contrasta sua situação no que se refere a conseguir comida com a de sua família que não tem a quem recorrer. Sofre com essa impotência que experimenta, não conseguindo sentir-se em paz, mesmo que alimentada. Se poderia pensar que é porque ela tem as necessidades de autoconservação atendidas que pode ocupar-se da autopreservação, em forma de manutenção de afetos e preocupação com aqueles que são parte de quem ela é, isto é, seus familiares que compartilham com ela o nome e a vida. Em última análise, segue sendo a sobrevivência, porém daqueles, que está em jogo.

Sobre viver no Brasil, P2 afirma: “Aí me sinto bem. Se Haiti fosse assim como este país [Brasil], eu não sairia do meu país. Por nada!” Sua desilusão com o Haiti é evidente e leva-a não desejar voltar, mas, sim, transferir sua família para o Brasil, onde se sente bem e atendida em suas necessidades. A experiência de pré-natal e parto em hospital brasileiro parecem ter contribuído fortemente para esta postura. No Brasil, P2 sente-se cuidada e tem sua vida valorizada de forma diversa àquela que experimentara até então. Tal fato é determinante na construção de vinculação com o país em que decide viver. Respondendo à pergunta sobre possível discriminação, explicita que, no Brasil, todos a tratam bem, não havendo indícios de ressentimento. Diferentemente de outros haitianos que tentam ponderar que o Brasil também tem problemas de desemprego e violência, P2 não se ocupa de amenizar o que padeceu em sua terra natal. Sua fala contrasta com a de outros conterrâneos seus que se dizem discriminados por sua nacionalidade e raça. Em sua opinião, o afastamento que existe entre brasileiros e haitianos está relacionado às dificuldades de comunicação devido ao idioma. Esse, segundo ela é o problema que, também, inviabiliza conseguirem empregos. Nenhum deles, segundo ela consegue emprego. Uma importante diferença é situada por ela no idioma. Não se trataria de pensar que não haja discriminação, mas uma diferença importante que pode inviabilizar a aproximação passa pela comunicação do que é objetivo e que se segue pelas importantes diferenças culturais.

Nota-se que as mulheres parecem ter mais disponibilidade para aprender a nova língua, mesmo que seu tempo no Brasil seja menor do que de alguns homens. Intui-se que aspectos culturais e subjetivos possam estar relacionados a tal fenômeno. Algo do feminino poderia predispor a essa disposição? [lidar melhor com a castração/metáfora paterna que se faz necessária para ingressar na linguagem poderia ser um fator a ser discutido...]

No Haiti, com o terremoto, surgem problemas de falta de água, inviabilizando a agricultura e exigindo a importação de alimento. Essa sucessão de acontecimento, segundo P2

leva a aumento da miséria. Comida importada e cara. “As pessoas que tem não tá ajudando. [aqui o senso de comunidade, de solidariedade, tão presente entre os compatriotas, parece faltar]. (...) As pessoas que estão no governo, tudo tem; sua família tem.” Ela mesma plantava com sua mãe, mas agora, sem água, se tornou inviável, refere com profundo lamento, por ser esta uma das poucas alternativas que tinham para se alimentar. Sua desilusão com o Haiti é tamanha que desabafa: “Eu não quero ir morar, eu não quero voltar para lá!” e segue dizendo de sua preocupação com a família que lá está: “esse é o meu problema. Eu sempre com dor de cabeça. Às vezes eu fazendo comida “ai, não quer comer”, pensando, pensando em minha família. As vezes, um não tem dinheiro, entoa não pode comprar, porque... Se eu não tenho..., lá se eu não tenho 50 reais, eu pode faze um almoço.” A família é apresentada como problema a ser resolvido, mas ela se vê de mãos atadas, pois não pode trabalhar para prover o sustento esperado.

[Durante a entrevista, quando certos temas me provocam surpresa, volto-me à bebê que tenho no colo e comento seu estado de sono... Algumas falas são demasiado desconcertantes, devido à dificuldade que explicitam. Exemplo disso é o alto custo do alimento em comparação à quantidade de dinheiro que conseguem remeter aos seus familiares]

Sua força está em sua família e encontra apoio na comunidade religiosa que frequenta: “Mi família, só mi família. Eu quero mucho a minha família. E às vezes, eu tenho amigos... estou na igreja, Testemunhas de Jeová, essas pessoas sempre me dá força, também. Sempre me falam que Deus é grande e vai me ajudar com tudo e... eu leio a bíblia todo dia, me dá força, também. (...) Eu tenho fé, eu tava lá passando fome, problema e agora eu tô aqui e um dia eu acho que Deus me vai ajudar mi família vai tá comigo. Esse dia vai ser feliz.”

Bebê chupa o dedo e ela diz: “ela quer comer”. Fala com orgulho de seus filhos. Diz que agora que veio, vem como um presente de Deus e é bem vinda. Refere ter uma filha de 15 anos ainda mais linda. Parece haver uma grande disponibilidade para receber o que a vida

oferece. Em nenhum momento expressou qualquer indicativo de revolta, mas, contrariamente, a esperança está presente e relacionada ao reencontro com a família. Foi ofertado o espaço de psicoterapia, caso sentir necessidade. Acolhe a proposta e responde que não quer trabalho só para ela, relatando que há outras pessoas que precisam, como uma moça haitiana que está sozinha no Brasil, sem emprego e chora copiosamente, sem que saibam como ajuda-la. Chama atenção que, mediante oferta de atendimento psicológico, o que ressurgiu é a necessidade de emprego, fator de maior preocupação imediata e, além disso, as dificuldades não impedem de apontar quem precisa mais e/ou denuncia a miséria pelo choro incessante.

Escrita da Transferência da Participante 2 - 2ª Entrevista

A participante mostra-se disposta a conceder uma segunda entrevista. Tal encontro ocorreu na mesma semana. Inicia relatando que gosta de compartilhar o que sente e se sentira aliviada depois do encontro que teve com o pesquisador: “Eu gosto de conversar, eu compartilho o que eu sinto com outras pessoas. Me sinto como aliviada.” Expressa-se, desde o início um vínculo transferencial que atualiza a confiança e a tendência da participante em “compartilhar”. Pode-se pensar que compartilhar aqui não se restrinja a contar de suas dificuldades apenas, mas contribuir com aquilo que o pesquisador solicita por ter valor para ele.

Reporta que não tem problemas em conversar. Com haitianos que lhe são próximos, conversa, principalmente, sobre o futuro idealizado e sobre o passado que segue presente: “o desejo que uma tem e é, como que vivia, o futuro e sobre a família”. Os desejos são “ter um emprego e trazer minha família e o segundo é passar o tempo que cada um tem aqui no Brasil feliz com a família e com os amigos”.

O compromisso com o outro, com ajudar, na acepção de colocar a vida da serviço do outro apresenta-se como uma condição a ser transmitida, também, para a filha que porta ao colo. Para a indagação de qual futuro imagina para a filha, responde que “o futuro que eu desejo

para ela é crescer em um ambiente saudável e que ela estude e ela aprenda algo para ajudar a outra pessoa também.” Chama a atenção que a palavra escolhida e repetida pela participante é “desejo”. Mais do que uma projeção, parece haver uma necessidade que insiste em ser atendida em uma dimensão que excede os limites da sua própria individualidade.

Parece haver um paradoxo no exercício da ajuda, pois, simultaneamente, a um aparente aprisionamento ao outro, a participante não se queixa, mas contrariamente diz se sentir bem com o que faz: “Olha, eu ajudo, eu não trabalho, eu não tenho um emprego, eu ajudo a outra pessoa. Eu tô a um ano e quatro meses aqui e tem outras pessoas que tão a um mês, dois meses, seis meses, que não fala, que não entende nada. Eu ajudo: se essa pessoa vai para o hospital, eu vou com ela, eu ajudo. Eu não tenho ajuda com... eu não pude dar nem roupa nem comida, nenhum emprego, nem dinheiro; porém eu ajudo com o meu esforço. Às vezes, tem outro haitiano que vai procurar emprego, eu vou com ele. Eu não to procurando, porque eu não tenho com quem deixar... [a filha]. Si, eu sinto que fazer isso é..., eu gosto de fazer isso!”. Há uma inegável evidência da subjetividade nesse ato. Ainda em termos da ajuda vivida, diz receber isso das pessoas com quem convive e por todos os lugares aonde passou, incluído o Equador e destacando o Brasil, lugar de onde gosta mais, devido à temperatura. “As pessoas são como... é como minha família. Minha segunda família”.

Relata que no Brasil se sente “em casa”. Vem para o Brasil em virtude do marido que já havia aportado, mas sua vinculação com a comunidade local é evidente. Diz que aqui tem família, porque quase todo mundo a conhece na sua comunidade. A participante acrescenta ao que vinha sendo discutido que ela gosta de ajudar à sua família e a qualquer outra pessoa que necessita. Pode-se pensar, diante do exposto, que a noção de família não fique restrita aos parentes de sangue, visto que aqui compartilham o espaço, o alimento e a vida com conterrâneos que antes da imigração não conheciam. Além disso, parece haver uma ampliação de compromisso com a demanda do outro, para uma participante cujo compromisso de sustentar

20 pessoas que são seus parentes diretos. Cabe a leitura do que se vê repetido de sua história no compromisso de ajudar. Os efeitos produzidos por esses gestos de generosidade podem estar relacionados a certa admiração, por ela dar conta daquilo que lhe é demandado. Tal admiração pode ser sentida pelo pesquisador quando esse atentou para as pistas contratransferenciais que acompanhavam o relato da participante. De toda a sorte, cabe lançar luz sobre o paradoxo solidária com o outro X solitária consigo própria. Nesse exercício de estar sempre prestativa, a participante atende às demandas do outro, isto é, consegue se organizar para acompanhar os contrerrêneos em entrevistas de emprego e/ou consultas hospitalares, mas não consegue se organizar para deixar a filha aos cuidados de outrem e poder retomar sua busca por trabalho. Poder-se-ia afirmar que, enquanto se ocupa das demais pessoas, a participante não se ocupa de si mesma.

A participante morou durante longos anos na República Dominicana com seus 5 filhos, ficando vários anos sem ver sua mãe. Relata que, após o terremoto no Haiti, voltou para visitar a mãe. Quando decide vir para o Brasil, leva seus filhos para que fiquem com a avó no Haiti, para que ela possa vir para cá tentar angariar recursos para trazê-los. Diz que faz 2 anos que está longe deles, mas sente como se fizessem mil anos. Ao dizer isso, ri desconcertada, denotando a relevância da falta que sente, que não pode ser medida na dimensão cronológica. Perguntada sobre o sentido de vir buscar a vida longe de sua terra de origem, responde que “o sentido é conseguir algo melhor para a minha família.” Do mesmo modo que a melhora de vida para a família parece justificar as dificuldades experimentadas, ressurge a afirmação de que, para atender às necessidades da família, sua existência fica restrita a colocar-se a serviço desta, não restando espaço para desejar, e menos ainda buscar, qualquer outro propósito que não seja este. Vai se desvelando a dificuldade implícita à demanda que a participante precisa atender, visto que seu compromisso é com o sustento de uma família vasta e suas condições

significativamente precárias. O atendimento do propósito parece inviável, sob todas as perspectivas, ficando a participante presa a um ideal inatingível.

A pergunta do pesquisador acerca de se existiria algo importante que ele não tenha perguntado, leva a participante a explicitar sua preocupação com os muitos haitianos de sua comunidade que não conseguem se comunicar na língua local e, em consequência, não conseguem emprego. Ao pesquisador, no ato da entrevista, parece comovente que ela, passando pelas dificuldades que passa, encontre em si a disponibilidade de se preocupar com os seus conterrâneos que sequer tem um recurso que a ela não falta, qual seja a fluência da língua local. “Porque ali tem quantos haitianos?... Que, que não conseguiram emprego. Porque, quando vão fazer entrevista, não conseguem falar, não sabe falar, nem sequer se apresentar seu nome. Por isso não tem um emprego. (...) Ele tem que ir pra casa, tem que comer, tem família lá no Haiti. É difícil. Isso me preocupa.” Sua preocupação mostra-se genuína, não titubeando em manifestá-la diante da abertura no espaço de escuta. Na escuta da transferência, neste tempo posterior à realização da entrevista, levanta-se a questão acerca das razões singulares que a encaminham a tamanha preocupação com os outros, na medida em que ela sequer dá conta da (sobre)carga que porta em si desde a sua chegada ao Brasil. Na sua fala, a falta está sempre atribuída ao outro, cabendo a ela dar aquilo que supõe ter mais do que esse outro, mas que, na verdade, também não o tem. Dessa maneira, fica a porta voz da demanda/falta do outro. É a porta-voz daquilo que ela supõe que falta ao outro. Devido à liderança comunitária que parece exercer, fica-lhe demandado e por ela aceito o papel de porta-voz do grupo. Coincidentemente, enquanto a participante fala de sua preocupação com os haitianos que pela pouca habilidade com a língua não conseguem emprego, alguém bate à porta. Era outra haitiana que a acompanhara para uma atividade naquele local. Por estar liberada, veio até a participante para perguntar se ela já iria embora também. Falam em Crioulo. Fechada a porta, a participante explica ao pesquisador que a outra haitiana queria que ela cuidasse de seu filho pequeno que até então estava com o pai. A

participante esclarece a situação, sintetizando: “sou a avó de todos”. Por sua idade e sua disponibilidade, uma vez que está dedicada à filha bebê, acaba cuidando das demais crianças da comunidade.

Seu relato aponta para a resistência dos seus compatriotas em aprenderem o idioma local. Relata que em casa eles se comunicam em Crioulo e que, às vezes, ela desafia-os: “fala português”. Segundo ela, eles tem vergonha de falar errado um com o outro, evitando o idioma local: “Por isso ninguém fala. Isso me preocupa”. Relata o caso de haitianas que estão Há 1 e 2 anos aqui e não trabalham por não falarem o idioma local, havendo uma que está há quatro anos no Brasil e ainda não fala português, mas está trabalhando no ramo de limpeza agora. Cabe pensar se estariam se protegendo de tomar contato com a nova cultura, via rejeição da língua. Seria a forma de preservar uma comunidade cultural exclusiva? Por que a haitiana que bateu à porta falou em Crioulo, mesmo na presença do pesquisador brasileiro?

Como parte de sua preocupação e tendência de responsabilização pelos demais, a P2 reporta que recomenda seus conterrâneos a perseverarem no curso de português ofertado pela Universidade à comunidade de haitianos: “A pessoa que tá interessada, provável, às vezes se desconcentra, porque acha “por que eu vou estudar? Eu não tem emprego”, né?. Porém, eu falo, você tem que estudar e, um dia, você consegue um emprego. É difícil.”. Ela diz ajudar os seus conterrâneos, indo com eles ao centro de internet, para confeccionar currículos. Diz que no Brasil, encontrou pessoas que também a ajudaram como isso, principalmente nas igrejas do bairro. Parece se estabelecer uma comunidade de apoio no qual a participante exerce notável liderança. Tal impressão, fundamente-se também na observação de sua postura de interprete no dia em que a equipe de pesquisadores ofertou uma oficina de entrevista de emprego para a comunidade em questão.

Relata que muitos haitianos pelas dificuldades de conseguir o que vieram buscar e pela distância da família, desmotivam-se. Faz questão de esclarecer que ela não está incluída, pois

encontra sentido e motivação na doutrina religiosa: “eu leio a bíblia todo dia; eu sei tudo, tudo tem que passar. Porque é palavra de Deus, não minha. Há pessoas que não acredita nisso... (...) Essa palavra me dá força e vida.”. Diante das muitas exigências a que se submete, dentre elas o compromisso insustentável com o sustento de toda a sua família, a participante poderia capitular, mas se mostra forte e diz encontrar sentido para o que vive na fé que professa: “Às vezes, outro haitiano que me fala “Pô! Essa moça tem força!”. Eu falo que si. Essa fé, força de ser, é uma força que eu encontro na palavra de Deus.”. O pesquisador se solidariza e sente que precisa expressar acolhida diante dessa enunciação de força que parece, na verdade, ter por trás grande desamparo. Verbaliza que os brasileiros gostariam que os haitianos se sentissem bem aqui. Parece se tratar de um desamparo tão profundo e grandioso que impõe à participante se ocupar grandiosamente de seu necessário disfarce. Dessa maneira, sua justificativa religiosa chega a lembrar um discurso delirante que parece esconder uma grande fragilidade.

O pesquisador elogia a beleza de sua filha bebê. A participante diz que ela tem uma filha de 15 anos que ficara no Haiti que é ainda mais linda. Insiste que a filha do Haiti é mais linda. Certamente, a insistência denota algo para além da beleza aparente. A necessidade de ressaltar valor nos filhos que ficaram parece indicar seu necessário comprometimento com eles e sua indisponibilidade de usufruir livremente da maternidade, sempre singular, que vivência aqui.

Ela não queria ter mais filhos, por já ter 5 que criava sem o pai. A família de seu atual marido pressionava-a para ter um filho com ele, mas ela se protegia. “Lá no Haiti quando se está com um homem, tem que dá um filho rápido, senão a família... uh!... te trata mal!”. Curiosamente, logo que ela chega ao Brasil, esquece da pílula anticoncepcional e engravida. Quando perguntada sobre o nome, diz ter sido uma vitória; “Ah! O nome dela é uma vitória. [ri]”. A participante mostra-se apegada e zelosa com a filha, apontando seu nascimento como uma vitória às duras críticas que sofria por não haver engravidado deste marido com quem já estava há 11 anos. Já se analisou aqui, entretanto, o fato de a gravidez protegê-la de se haver

diretamente com o impossível do sustento de toda a família, meta buscada com sua imigração; e também já se levantou se destacou sua tendência de repetir os excessos da mãe que teve muitos filhos mesmo não dispondo de condições para mantê-los. Tem uma estabilidade na atual relação que não a deixaria repetir o sacrifício dos 5 filhos sem pai – a identificação com a mãe não funciona neste caso.

Relata que seus familiares ligam todos os dias querendo saber da menina. Visivelmente, a pesar das dificuldades, a vida desta criança está sendo celebrada. A participante se adianta em declarar que a filha não vai para o Haiti, pois ela não quer; “Se um dia eu for, vou deixar ela aqui. O que eu não gosto para mim; eu não vou gostar para ela também. (...) O pai também não quer que ela conheça.” Ela revela que não gosta do Haiti, tendo ou não tendo dinheiro para suprir as necessidades, ainda que não saiba o porquê. O pesquisador entende sua dificuldade de falar e indica que pode imaginar que ela viveu coisas muito difíceis no Haiti. A participante revela experiências de muita violência, que justificariam sua tentativa de preservar a filha brasileira de que tomasse contato. “Eu vi las, las, las pessoas queimando pessoa viva. É difícil. Eu morava em Porto Príncipe, quando eu tinha 22 anos, eu vi o homem queimando outro homem vivo assim! [indica proximidade do rosto] Tu vê tanta coisa, eu não quero morar lá não! (...) Não foi só uma pessoa. Cada vez que tem problema com política, a pessoa queima outra pessoa, criança, adulto. As pessoas matam como se fosse animal. Eu tenho, eu tenho meus filhos, que estão lá, todo dia me ligando, todos me dizendo “mãe, mãe, eu queria estar aí”. É difícil. Tudo naquele país é difícil. Há gente que no, que tem vergonha de falar de Haiti. Eu não. Eu tenho que falar o que eu vi. Haiti é mal, é difícil. Eu não gosto; eu nunca vou gostar. *[violência - trauma]*”

Expressa sua indignação com as condições de vida e trabalho no Haiti, contando que sua mãe trabalhou a vida toda para formar suas 5 irmãs, que puderam estudar, mas não tem emprego. Refere que sua mãe, mesmo idosa, segue tendo que dar comida para as irmãs. “A

minha mãe é uma pessoa com 62 e ela tem que dar comida. É difícil”. Em primeiro plano, está a preocupação com o básica da vida daqueles que ficaram para trás. O nome da bebê é sugestivo, pois remete à possibilidade de, por um lado, diferente dos demais familiares, ter vencido/rompido essa realidade de extrema carência, e, por outro, seu nascimento reproduzir aqui o cenário de excessos e inviabilização de trabalho. “Quem ajudo um pouco, sou eu. Eu ajudo a minha família.” Com o auxílio governamental do Bolsa Família, consegue ajudar um pouco seus familiares. Parece que a participante, neste momento da entrevista, consegue ficar um pouco menos desconfortável ao afirmar que está, em alguma medida, cumprindo o que viera disposta a buscar no Brasil.

A bebê, que o pesquisador tinha ao colo, dormia, mas tossia com muita intensidade. Quando este indaga se ela sempre dorme profundamente assim, a mãe responde que a bebê exige ser trocada cada vez que urina, momento em que ela também toma água: “De manhã é... tem que trocar fralda, tomar água e dormir” Na cesta básica que recebe não vem leite. A bebê foi diagnosticada com anemia falciforme e parece estar privada da alimentação adequada. Reconhecidamente, ouvir isso, produz bastante preocupação no pesquisador, principalmente por entender que nesse contexto de precariedade, a vida da criança poderia estar em risco. Foi necessário não pensar fixamente nisso para poder seguir com a entrevista.

Conta que todos estão saindo do Haiti, pois ninguém quer ficar lá. Conta, também, que, por questões políticas, os haitianos estão sendo mal tratados na República Dominicana, vindos muitos para o Brasil e o Chile. “todos os países tem uma história. Há gente que esquece, há gente que não esquece. Sempre uma briga entre Haiti e República Dominicana, sempre, sempre uma briga. Por isso não estão tratando bem que é do Haiti.” [*Narcisismo das pequenas diferenças?*]. Conflitos se produzem pelos preços do alimento. “Briga pra... se vende caro, o haitiano, às vezes, compra, fazendo como? Greve. Porque é caro. Sempre uma briga. Assim, o dominicano queimando o haitiano. Uma vez quando eu morava lá... num setor com dez ou

quinze casas, só de haitianos. O dominicano queimou todas essas casas, com os haitianos dentro” [violência contra o estrangeiro]

Ainda sobre preservar a filha, retoma que não quer que ela veja as violências que ela viu no Haiti: “Eu passei tanta coisa que não quer que minha família passe por isso.” Ao final, contou de sua experiência de trabalhar 10 anos cuidando de uma idosa na República Dominicana, até o falecimento desta. Reporta que a filha da mesma sempre foi muito generosa ao longo do contrato de trabalho.

Quando a mãe trabalhava, deu estudo para as irmãs mais novas, menos para ela, que, mesmo não tendo acesso, ficou nesse lugar messiânico. Parece que uma filha sempre é a escolhida para ser a preservada ou a exposta. Aqui ela tem uma filha, lá ela tem 5 filhos. Por que razão a daqui é a escolhida para ser a preservada?

Escrita da Transferência da Participante 3 – 1ª Entrevista

Quando da entrevista, estava há 2 anos no Brasil. Relata que, assim que chegou conseguiu emprego no Mc'Donalds, onde trabalhou por 10 meses em várias funções (de limpeza à entrega de lanches a clientes). No seu relato, percebe-se a intenção de transmitir a ideia de que possui experiência: “Dez meses. Sim. Quando eu fui a trabalhar lá eu fazer limpeza, eu fazer lanche, eu fazer muita coisa, lá.” Cabe lembrar que muitos dos participantes pareciam identificar na figura do pesquisador alguém que poderia ajuda-los na conquista de uma vaga de emprego, de modo que essa tendência de se mostrar capaz de trabalhar em variadas funções poderia estar a serviço dessa necessidade de se fazer notar em suas competências e disposição para o trabalho.

Relata que pediu demissão do trabalho pois precisava voltar para cuidar do pai que estava doente e dependia dela: “E depois, eu tenho meu pai que tá muito doente lá no Haiti. Eu pedi demissão, porque eu fui lá, no Haiti, atender meu pai. [...] Porque meu pai tá muito mal.

Quando já ligaram, eu já falei... meu pai não pode falar e não tem muita gente pra atender. Eu fui lá.” Considerando que a conquista de uma vaga de emprego representa um grande desafio para os imigrantes haitianos e que, normalmente, atrás de cada trabalhador que imigrou há uma numerosa família cuja alimentação dele depende, causa surpresa o relato de P3 que se demite do emprego exatamente em um momento em que os gastos com o pai possivelmente tinham aumentado em função da doença. Diz que sua mãe não dava conta de cuidar sozinha do pai. Suas 2 irmãs também estavam em outros países, assim como ela. Trata-se, portanto, de uma família de filhas que imigraram e que, no momento de doença/necessidades dos pais, precisaram fazer escolhas. De um modo ou de outro, o compromisso com a família mostra-se em primeiro plano, pois se no relato de outros participantes, ouvia-se que eles vieram pela família, mais especificamente para o sustento alimentar dos seus, na voz de P3, enuncia-se que ela abre mãos, ainda que temporariamente de seus projetos pessoais, em prol do cuidado com a saúde de seu pai.

Seguindo, a participante relata que, após atender o pai, retorna ao Brasil. Nesse ponto, inicia o relato das dificuldades de se recolocar em outro trabalho bem como indica o compromisso que tem, agora, com os filhos que deve sustentar: “E, depois, quando eu cheguei, eu vem... tava procurando serviço, quando eu cheguei pra procurar serviço, falava, buscava serviço, eu deixava currículo, em formulário de papel. E a agência falou que ia ligar, mas nunca mais liga. Eu tá esperando a ligação, mas nunca... E agora eu necessita trabalho pra ajudar meu filho, minha filha, minha família! Eu alugo uma casa por 400 Reais, e agora eu não posso pagar mais. Não posso, porque eu não trabalho!” A questão do trabalho, mais propriamente de sua falta, e o compromisso em ajudar/sustentar a família coloca-se de forma explícita como uma necessidade que está em primeiro plano. Quando perguntada, esclarece que tem 4 filhos, que ficaram no Haiti, sob os cuidados da mãe dela: “3 filhas, 1 filho. 4 eu tenho. [...] todos em Haiti, ficar com a minha mãe.” Destaca-se o fato de ela relacionar sua visita de um mês ao Haiti, que

a obriga à demissão, à incapacidade de sua mãe para cuidar de seu pai doente, ao passo que esta ficara responsável pelo cuidado dos 4 netos, filhos de P3. Parece haver, mais do que uma rede de colaboração, uma confusão de responsabilidades, de modo que quem imigra assume, por procuração, a responsabilidade pelo sustento de todos.

Sua decisão de vir para Porto Alegre está relacionada ao fato de conhecer haitianos, amigos seus que tinham vindo para o Brasil e conseguido trabalho: “quando eu vem aqui, eu tem muito pessoa amigo que vem aqui como que trabalhar, vir, como que tá feliz de aqui em Brasil, quando falar comigo, eu falar com amigo: “eu quero vir aqui também!”, “e, no Brasil, como que tá feliz? Tem muito trabalho?”. Falei assim: “Eu venho!” e, assim, eu vim aqui.”. Acredita na palavra desses amigos a ponto de decidir por fazer uma longa e custosa viagem para ingressar, irregularmente, em território brasileiro: “Quando eu viajei para o Brasil, e... eu... como dizer? Eu não vim com visto, eu entrar lá em Acre, passei pelo Acre e entrar em Brasil. E eu gastar muito dinheiro pra vir aqui em Brasil. Dois avião. Um de Santo Domingos, República Dominicana, uma de Panamá, de... como dizer?... Equador e depois só ônibus até eu chegar aqui em Porto Alegre porque eu venho aqui em Porto Alegre direto.”

Ainda que estivesse sem emprego, não tem dúvida do acerto de sua escolha pelo Brasil. Sua convicção se sustenta no comparativo que faz com o Haiti: “Ah, porque no Haiti falta trabalho, falta facilidade. Entendeu? Falta muita coisa. Tem não muito. Aqui tem muito facilidade.” Em seguida, a participante dá exemplo das facilidades que a fascina: “Aqui tem muito colégio grátis; no Haiti, não, não tem. Se um tem 4 crianças, e o dinheiro pra pagar o colégio? Sem dinheiro, não pode. É assim. Tá melhor aqui”. Ocorre que seus filhos estão no Haiti e, a curto prazo, não se mostra viável que P3 financie a vinda dos mesmos para o Brasil. Ela não descaracteriza seu país, afinal sua família está lá. Relata que lá também tem escolas e hospitais, mas que, no Brasil, o acesso é mais facilitado: “Lá no Haiti não é fácil, está muito

ruim. Muito ruim. Não é fácil. Tudo custa dinheiro, dinheiro, dinheiro”. Relata que no Brasil foi atendida no hospital gratuitamente, precisando comprar apenas os medicamentos.

Como em entrevistas com outros participantes, a questão que se coloca para o pesquisador é se seria de se esperar que uma imigrante se queixasse do país que a recebe. Ela poderia expressar sua desilusão para com o Brasil quando vê na pessoa do pesquisador alguém que poderia lhe facilitar o acesso ao esperado emprego? O lugar em que o participante transferencialmente coloca o pesquisador está, possivelmente, relacionado com o tom do discurso que se produz; um discurso que parece assumir, por vezes, ares de entrevista de seleção; candidatura à vaga de emprego. Tanto é assim que, mais para o final do encontro, a participante indaga diretamente em que o pesquisador poderá ajuda-la.

Sobre o acesso a trabalho no Haiti, relata que somente conseguem emprego as pessoas que tem vínculos familiares com seus empregadores. Entende que no Brasil não é assim, isto é, todas as pessoas teriam iguais chances de conseguir empregos, independentemente de vínculos e redes de influências.

As necessidades de autoconservação estão permanentemente em primeiro plano no discurso da participante. Quando convidada a contar como chegou ao Brasil, parece não entender a pergunta. Em sua tentativa de responder ao pesquisador, pergunta se é de dinheiro que este quer saber: “E... como... com dinheiro. É assim?”. O dinheiro, seja no montante que gastou para poder atravessar a fronteira seja naquilo que ainda não resgatou neste país, parece seguir como uma questão central de sua experiência migratória. Relata sua vinda ao Brasil, detalhando os passos dados para chegar até aqui. Tenta se expressar da forma mais completa e generosa que ela consegue, mas tem dificuldades para compreender as perguntas do pesquisador.

Compara suas competências laborais no Haiti com aquilo que pudera exercer no Brasil. Relata que no seu país podia exercer várias atividades, ao passo que aqui trabalhara

praticamente só com limpeza: “Quando eu fui aqui primeira experiência de aqui, eu só fazia limpeza. Trabalhar só fazendo limpeza. Lá no Haiti eu saber muita coisa. De aqui, não. Porque eu não fazia experiência de aqui. Porque eu fazia cabeleireira lá no Haiti também e eu trabalha lá no Colégio também, fazer limpeza. De aqui quando eu cheguei só lá no restaurante de McDonald’s eu fiz a experiência. Mais nada.” No Haiti, trabalhara como cabelereira e como comerciante de produtos de beleza, de roupas e calçados. Relata que tem vergonha de trabalhar em lugares com ampla circulação de pessoas aqui no Brasil e, por essa razão, busca um emprego em empresas. Mais adiante, esclarece que as leis deste país são diferentes daquelas do seu de origem e que ela não as compreende muito bem; fato que dificulta o exercício do trabalho autônomo. Vê-se que questões culturais apresentam-se como um fator que pode dificultar uma mais rápida inserção na comunidade econômica local.

É preciso que a entrevista transcorra por alguns minutos para que as necessidades da família apareçam. Relata que sua necessidade de trabalho tem a ver com a necessidade de ajudar a sua família: “Tá difícil [ri, concordando com a pergunta], tá difícil. E agora eu necessita trabalhar pra ajudar minha filha, minha família lá no Haiti.”

Refere a todo o tempo que gosta do Brasil, mas quando perguntada se deseja ficar no Brasil, responde com notável lucidez de que essa decisão depende de conseguir um trabalho que oportunize o sustento e a possibilidade de trazer sua família: “Depende, se eu trabalhar, se eu conseguir serviço, eu vou ficar. Se eu tenho dinheiro pra trazer minha filha aqui, eu vou ficar. Se eu não trabalhar eu não pode ficar. Se eu não conseguir serviço eu não pode ficar, porque eu não posso sentar sem fazer nada. Todo dia eu sentar sem fazer nada, eu não gosto assim. Porque eu pensa muito. [...] Sim! [ri, simpaticamente]. Porque, se eu não tenho dinheiro pra mandar lá pra minha filha, lá no Haiti, como que faz?. Eu penso!”. Novamente, o que se apresenta é um ideal de salvar a si e ao outro que remete a uma exigência que, evidentemente, está muito além das condições de acesso a curto e médio prazo desta participante. Chama a atenção que, durante

toda a entrevista, P3 manteve-se sorridente e muito simpática, sendo raros os momentos em que seu ânimo tenha parecido se abalar. Ela sempre dava um jeito de quebrar o silêncio e dar sequência ao diálogo de forma a tornar mais ameno o encontro. Parecia, durante todo o tempo, evitar olhar para sua condição de precariedade, não apresentando uma postura queixosa, preservando a si e, provavelmente, ao pesquisador, dos afetos que isso poderia gerar. Gosta do Brasil e parece estar bem adaptada ao país, vinculando-se aos brasileiros que diz serem seus amigos. Há algo de exagerado nessa experiência relatada. O pesquisador, ainda durante a entrevista, suspeita da uma intensa formação reativa relativa a um país que está sendo diferente daquele que a ela fora prometido, mas que precisa ser amado por compor sua escolha. O pesquisador contrasta a fala da participante, quando esta dizia que no Brasil há mais facilidades do que no Haiti, indagando acerca de quais sejam as dificuldades vividas aqui e a participante logo se defende: “Nada! Nada... nada difícil pra mim. Nada... Só isso que tá difícil pra mim é eu tá sem fazer... sem trabalho, só isso. Está não mal.” O ‘não mal’ parece estar sinalizando que o que é mal não pode aparecer, precisando ser negado com todas as forças. De todo o modo, o conflito entre as expectativas e a realidade que se revela dá sinais, como quando a P3 declara: “Eu vim aqui pra buscar a vida... e nada!... eu pensar...”. Possível relação com aquilo que fora preconizado por Freud em *O Mal Estar*, quando o autor remete ao fato de que não há garantias de felicidade na vida e que cada um deve descobrir por sua conta o modo com que será salvo.

Tem boa relação com brasileiros: “eu tenho uma amiga que se chama Terezinha Ana, e ajuda e me buscar serviço e emprego. *[encontra amparo nos brasileiros]* [...] Me ajuda. Eu tenho muito amiga brasileira que me ajuda a buscar serviço e emprego.” O acolhimento que experimenta por parte dos brasileiros é exemplificado por P3 em uma situação em que não possuía dinheiro para pagar a passagem de ônibus e, ainda assim, o cobrador permite que ela ingresse no coletivo: “Quando eu cheguei eu falar com o cobrador: “eu não tem dinheiro e vou lá centro”. Ele disse: “Fica lá”. Já passei. [...] Sim. (ela ri). Sempre! se eu não tem dinheiro, e

eu vá lá e falar com o cobrador e é pra já. Eu vou sem dinheiro e atende bem! *[solicita favores e se sente atendida, satisfeita.]*”. Entende que os brasileiros tratam bem os haitianos, que entendem a situação. Os haitianos que se fazem entender.

Sobre o que deixara para trás no Haiti, relata que lá ficara a dúvida acerca de uma vida melhor, quando desistiu da forma de vida marcada por privações para si e para sua família e decidiu vir ao Brasil para fazer uma experiência. “O que eu falta lá no Haiti? Eu falta lá no Haiti... é... como quando eu tava vender roupa, sapato, quando eu vender eu vi que o dinheiro não dá pra atender me filha, meu filho, pra pagar colégio, comer e comprar roupa. E eu vem aqui pra fazer uma experiência, se eu vá ganhar mais dinheiro que lá em Haiti pra atender minha família, pra atender criança. Entendeu? [...] Só isso.” *Resume a questão de forma a simplificá-la, objetiva-la. Não fala que sente saudade dos filhos/crianças, mas justifica que está aqui por eles. Parece não compreender completamente a pergunta, mas a responde indiretamente. Está ciente de sua escolha em vir para o Brasil é uma tentativa de construir uma vida melhor. Veio para fazer um experiência: é uma aposta, não uma dívida.*

Ao falar dos filhos, o estado de ânimo se altera, já não se mostrando mais tão entusiasmada e sorridente. Tal mudança pode estar relacionada à negação das dificuldades que já não operam mais com tanta eficácia, mediante a evidência do grande desafio que implica atingir seu propósito: “E – Então tu ta aqui pelos teus filhos?/ P – Sim. *[responde em tom desanimado. A explicitação do objetivo principal, parece pô-la diante do sofrimento que, até então, estava negado]*/ E – É o que tem mantém aqui?/ P – Se eu trabalhar, eu tenho dinheiro. Eu vá mandar, vá entrar todos aqui, eu fica aqui em Brasil”. Existe um Eu. Eu que está preservado e pode ser acolhido. Está no Brasil por ela também

A P3 relata que outros haitianos, assim como ela, estão sem trabalho no Brasil. Destes, vários optaram em seguir sua peregrinação para o Chile, mas ela entende que é uma aposta arriscada, por se for para o outro país e não conseguir trabalho, gastará o dinheiro que juntou

para a viagem e precisará voltar para cá. “(ela ri). Não... porque tem mais haitiano também que não fazer nada, quando tá pensando “ah, eu vou lá no Haiti ou eu vou lá em Chile?”, porque tem muito haitiano que tá aqui em Brasil sem trabalhar já compra passagem e fui lá em Chile. Eu não gosto do Chile. Eu não gosta. Porque... eu, aqui em Brasil, se agora eu juntar dinheiro ir lá em Chile pra buscar trabalho e eu não gostar... Melhor eu sentar aqui com paciência e depois eu encontrar um serviço, eu ficar aqui. Porque tem muito haitiano lá em Chile.” Refere confiar que Deus está reservando um serviço para ela e, por isso, não precisar ir buscar ganhar a vida no Chile. Relata que o custo de vida no Chile é mais elevado que no Brasil. De qualquer modo, parece cogitar essa possibilidade, acerca da qual se explica por não ir em busca como outros haitianos fizeram.

Refere que muitos familiares aqui no Brasil, em diferentes estados: “Sim, eu tenho muita família aqui em Brasil. Eu tenho lá em São Paulo, eu tenho lá em Santa Catarina, Curitiba. Eu tenho. [...] Minha prima, meu primo.” Nota-se que P3 mantém contato com seus familiares. Ela tem notícias daquilo que está acontecendo. Conhece as dificuldades daqueles que foram ao Chile, reporta ter muitos familiares em outros estados do Brasil e revela que se comunica via Whatsapp com sua família, pelo menos, a cada 3 dias. Pode-se notar que ela mantém o contato e, por extensão, a vinculação com sua família. Chama atenção que o forte vínculo com os familiares e com sua cultura não a impedem de também se vincular com brasileiros, que chama de seus amigos, e, também, com aspectos da cultura local. Nota-se uma evidente plasticidade pulsional nessa participante que parece ter clareza daquilo que viera buscar na nova terra e que, em lugar de estar obcecada por seu propósito, tem saúde para olhar ao seu redor e viver uma experiência nova. Demonstra a posse de recursos psíquicos que lhe permitem desejar, projetar e pensar sobre isso que deseja, ponderando os rumos que vai dando a sua vida. O pesquisador insiste em querer saber sobre o quê ela conversa com a família que ficara no Haiti, quando a participante, ao quebrar o fluxo do diálogo que o pesquisador estava a propor, sinaliza a

dificuldade de abordar esses temas: “Não sei... [ri]. Eu sabe porque você conversa comigo assim, eu sabe. Porque... você quer ajudar a nós aqui no Brasil.” Por não estar submetida a um outro, na relação transferencial acionada, ela dá a direção do que está disposta a explorar em sua narrativa, situando os limites que tolera.

Sobre seus sentimentos de ter deixado a família para trás, apresenta seu recurso/defesa para suportar seguir em busca daquilo que veio buscar não unicamente em seu nome: “Bom, primeiro, quando entrei aqui, estava mal; agora não. Agora não. Primeira vez que eu entrar, eu deixar a família lá, eu tá mal, pensar... E agora eu não pensar mais muito como que eu deixar lá. Agora eu pensar em trabalhar, arrumar dinheiro, trazer minha família aqui”. *[tem um projeto a ser realizado, o que implica em pensar como realizá-lo]*. No tempo que lhe foi possível, o pesquisador percebe que estava insistindo em um campo que poderia colocar em abalo uma defesa muito tênue que permitia a esta imigrante manter minimamente saudável e estável em terras estrangeiras, apesar de todas as dificuldades. O pesquisador, como tentativa de se mostrar sensível e se reconciliar com P3, declara: “Tu não tá pensando muito no que ficou lá, pra ti poder tá com a cabeça aqui e trabalhar aqui. Pensar em quem ficou pra trás dói. É doloroso, é difícil. Talvez por isso que esteja sendo difícil, inclusive, falar disso aqui né. Eu to vendo que tu tem um pouco de dificuldade de falar do que ficou pra trás. Difícil né? Doloroso. Acho que eu tenho que respeitar isso né, tu não tá querendo falar disso porque é uma coisa que te dói, né...”

Entendendo que era doloroso para a participante falar do passado, daquilo que ficou/não ficou para trás, o pesquisador indaga-a quanto ao futuro. P3 titubeia em responder, confere se entendeu a pergunta, algumas vezes. Ao pesquisador, pareceu que ela esta tentando ganhar tempo enquanto preparava uma resposta, visto que já estava claro sua fluência com a língua portuguesa. Ela responde de forma a comprometer o pesquisador, que ali estava também como integrante de uma instituição que presta assistência à comunidade de haitianos: “(ela ri) Bom...

eu... eu quero... que nós ajudemos os haitianos de aqui. Eu quer você seguir ajudando os outros pra conseguir serviço pra se manter, pra se manter de aqui em Brasil.” Como já mencionado em outras ocasiões, havia a expectativa por parte dos entrevistados de que o contato com a instituição de pesquisa pudesse ajuda-los a conseguir emprego, entretanto na fala de P3, percebe-se que ela se inclui como alguém que também quer ajudar... Esse ponto não explorado na entrevista, mas se ressaltava em sua análise, como uma questão central, visto que o espírito de solidariedade não só está naquilo que fora determinante nas escolhas passadas, que ela não suportou relatar, como também, no futuro que ela é convidada a projetar. No futuro, vislumbra o trabalho e a felicidade que os amigos disseram que ela encontraria no Brasil.

Ao final, quando se oferece a ela a palavra abordar algo que tenha ficado de fora, é sobre seu incômodo de seguir dependendo da solidariedade/caridade das pessoas que ela escolhe falar. Com o Narcisismo Preservado, por ter suas necessidades de autoconservação atendidas, está no plano das demandas de autopreservação do Eu. Assim, é de dignidade humana que P3 está falando, de alguém que tem projetos e que se sentir digna das conquistas para as quais tem potencial e que veio produzir. “Mais coisa que eu queira falar?! Como... é... eu tenho minha prima lá que trabalha e cobra Mil Reais por mês e paga casa e luz e água. A casa, 400 Reais por mês, depende, água 20 ou 30 e luz depende são 100 Real... ou... 50 ou 60, depende o gasto para pagar. E eu me sinto mal em ficar lá, porque eu não pode ajudar minha prima agora... eu estou pensando que fico mal com ela e... quando ela chegar a casa, ela fala “prima, tá bem?”. “Sim, to bem”. Não!!!!... Porque eu veja ela gastando dinheiro e eu não posso ajudar, eu fico mal... porque ela não tem ajuda. Eu fica mal. Aqui, eu... como dizer? Buscar comer... comida aqui. Tudo mês eu pegar... [...] Sim, eu pegar. E, essa semana passada, eu vou lá em centro, eu não tenho passagem, eu vou lá no fundo pra falar com essa agência e me dá esse cartão pra passar. Ela falou quando eu vá passar, quando eu voltar aqui, entregar a cobrador. Não dá... melhor eu trabalhar, eu cobrar um... um mil real, depende eu trabalhar e fica melhor para mim, depende.

Se eu não tenho passagem e eu quiser uns 50 para pagar a passagem, é melhor para mim. Você me dá 50 hoje, amanhã tu não pode. Se eu trabalho, eu consigo e tá melhor pra mim.”

Relata que amiga brasileira ofereceu-lhe internet grátis para usar o Whatsapp em seu celular, outra brasileira pagou sua passagem e a acompanhou em uma entrevista de emprego. Tem um número significativo de amigos brasileiros, com que conversa. Concorde que sua facilidade com a língua a diferencia e torna mais fácil sua interação com a comunidade local. Diz que não tem medo de conversar, que não tem medo de conversar com brasileiros. Ela diz que é inteligente, que tem facilidade para aprender línguas. Ela está aprendendo sozinha a falar em português. Fala bem, é simpática, segura. Não se omite em falar na língua local. Relata que, quando trabalhava em McDonalds, ela ia ao encontro das pessoas para atendê-las. Tal característica de encarar os desafios parece defini-la.

“E – Né? E também eu to entendendo, do que tu me contou, que tu decidiu ser feliz aqui. É uma decisão tua.

P – Decidiu, sim.

E – Sim, né? É uma decisão. Tu decidiu construir tua vida, tu decidiu ser feliz.

P – Isso, aham.

E – E decidiu buscar coisas boas aqui.

P – Coisa boa, sim!

E – Não pensar em coisa ruim.

P – Não (ela ri). Não, coisa ruim não, pra mim não. Porque eu sou estrangeiro. Se eu deixar meu país, eu vem aqui a buscar serviço pra ajudar minha família, eu quero conseguir serviço pra trabalhar, pra ajudar minha filha e minha família. E vai ficar aqui!” *[síntese de seu posicionamento]*

Tem uma lista de amigos brasileiros no seu Whatsapp, que são uma network que ela está construindo para se recolocar no mercado de trabalho. Ela conhece as pessoas e envia

mensagem perguntando se já arranjaram trabalho para ela. A participante mostra ao pesquisador sua longa lista de amigos na lista de conversas do Whatsapp. Tudo isso em tom de alegria e certo orgulho por isso que ela está construindo. É uma pessoa que, desde que chegou ao Brasil, desenvolveu estratégias inteligentes e corajosas para ir se inserindo, tais como solicitar endereços anotados que ela repassava aos cobradores dos ônibus... “Como eu consegui trabalhar lá em McDonalds... eu tem uma haitiana que trabalha lá e falar com outra haitiana que tinha vaga... e depois eu falar com ela, mandar meu endereço, ela me da meu endereço, eu dar a cobrador, e quando eu falar com cobrador, eu vou lá na McDonalds e deixar-me atrás de McDonalds.”

Escrita da Transferência da Participante 3 – 2ª Entrevista

Participante retorna, dois dia após a primeira entrevista, bastante animada e sorridente como sempre. Entusiasmada, ingressa na sala de entrevista, valorizando o encontro: “Eu gosta conversar, se eu conversar quase todo dia com a pessoa que fala português é melhor pra mim.” Quando perguntada como está se sentindo, segue rindo simpaticamente, mas situa que segue com seu importante problema: “(risos). Mais ou menos. Porque eu sem serviço aqui no Brasil agora.” Paira no ar, em alguns momentos, que o sorriso fácil e sempre presente, pode estar sendo forçado. Há algo de uma tristeza estrutural que não pode aparecer. Também se pode pensar que, mesmo na adversidade, P3 identifica poder ter um ganho, que é falar em português e ter um diálogo, construindo proximidade. De todo modo, na transferência, vai se mostrando que assuntos difíceis ou são escamoteados ou amenizados em seus afetos negativos. Além disso, o silêncio é sempre quebrado por risadas e ou suspiros aparentemente alegres.

Após valorizar a oportunidade de conversar em português, de imediato anuncia que o único problema é que está sem emprego e, por consequência sem dinheiro. Nos próximos dias estaria de aniversário, mas não dispunha de recursos financeiros para promover uma festa, como

a que realizara no ano anterior. Relata, com saudosismo, a festa que pode promover, em que convidou também os amigos brasileiros: “Dia 3 junho é aniversário. É aniversário. Eu não tenho dinheiro pra comprar nem um refri pra tomar. Ano passado eu fazer muita coisa no aniversário. Muita coisa. [...] Eu trabalhar, eu tenho dinheiro, eu comprar muitas coisas, fazer, como diz... Comprar carne e refri, lugar... Muita coisa. Eu convidei amiga, amigo... [...] Porque eu trabalhar. Agora eu não pode fazer mais.”

Quando perguntada sobre quem ela chamou para o aniversário, ela se adiantou em esclarecer que eram tanto haitianos e brasileiros, que era bastante gente. “Bastante, sim. Companhia, passamos dia inteiro. Comer e tomar. Depois deu pra dançar um pouco. (risos)”.

Na tentativa de esclarecer aspectos da experiência cultural da participante, a indagação que o pesquisador faz se dá em termos daquilo que ela possa, por ventura, ter tido que alterar de seu comportamento no Brasil. A resposta surpreende, pois P3 diz das muitas oportunidades que ela deseja aproveitar em terras brasileiras, demonstrando clareza de prioridades que se organizam em etapas. *Seu projeto é ficar no Brasil, trazer a família e se desenvolver para aproveitar as oportunidades que possam surgir na nova morada:* “Como eu pensar de aqui de Brasil, eu vem aqui pra trabalhar, se eu conseguir dinheiro e pra trazer família de aqui em Brasil, e depois eu pensar pra fazer mais, mais curso de aqui em Brasil, se eu ficar em Brasil e qualquer trabalho eu posso trabalhar Como dizer... eu, eu quero dirigir carro, se eu aprender dirigir carro, depois quero, se eu conseguir um trabalho de carro, eu vou fazer. Se eu não sabe, eu não pode. [...] E, se eu quero ficar aqui em Brasil, eu quero aprender mais coisa aqui em Brasil. [...] Um exemplo, se eu querer trabalhar em computador, se eu pode trabalhar com carro, se eu quer trabalhar em dirigir moto, qualquer coisa. Semana passada, eu tava falando com uma amiga, eu falar com ela ‘dá-me endereço aonde eu vá trazer os’, como diz aqui, é, não sei, o, o oto..., como dirigir de carro, como diz aqui no Brasil? Autoescola. Tu sabe, eu não...”. Refere que se comunica com amiga brasileira que, via whatsapp, informa-a os endereços dos locais que a

imigrante deseja visitar. É notável sua independência para se deslocar e se fazer compreender. “Quando eu precisa, eu vou. Com o endereço, eu vou.” Isso que ela explicita em seu discurso pode ser notado também no modo como se comunica com o pesquisador. Conta que aborda as pessoas na rua para buscar informações, para entender onde está e compreender como deve proceder para chegar ao destino idealizado; durante a entrevista, a cada momento dá exemplos concretos daquilo que ideaciona comunicar ao pesquisador. A flexibilidade com a qual ela conduz sua vida e relação na terra que a recebe, também é vivida na transferência que o contexto da entrevista permite. P3 quer se fazer entender e, para isso, aproxima-se no universo linguageiro do outro, convidando-o para acompanhá-la nos seus sonhos. P3 é uma pessoa que, com seus sonhos, segue doce enfrentando as asperezas da realidade. Testemunho que a transferência permite manifestar

Conta que, ao abordar um brasileiro em parada de ônibus para buscar informações, nota que este se assusta e esconde o celular. Ela justifica esse comportamento com a teoria de que há muitos delinquentes aqui que roubam celulares. De todo modo, ela não se diz discriminada. A participante relata em suas entrevistas a excelente relação que tem com brasileiros. Em nenhum momento se queixa de discriminação ou racismo por parte desses. Há que se considerar que ela estava diante de um brasileiro a quem pode ter transferido a expectativa de ajudá-la a obter uma colocação no mercado de trabalho brasileiro, de modo que tal particularidade pode explicar a aparente necessidade de comprovar sua adaptação à cultura local. Seu elogio à cultura e à realidade brasileira, fundamenta-se na comparação que faz com o Chile, em especial, sobremaneira no mais alto custo de vida daquele país. *Reconhece e exemplifica as vantagens que a Legislação Trabalhista brasileira apresenta em relação à legislação de outros países, fato que foi determinante em sua escolha de país para imigrar. A Participante demonstra-se muito bem informada e fundamentada na escolha que fez do país para imigrar.* Na verdade, o que se demonstra é que há um sujeito que, preservado que está, mostra-se aberto a fazer uma

experiência e avaliá-la. O que se pode perceber na sua narrativa é que não está escondendo o que pensa, mas está justificando o que pensa.

“Eu ta sentir bem em Brasil, porque... Um exemplo, meu país tem muito coisa, aqui em Brasil tem mais de mi país. [...] Aqui tem mais hospital grátis que meus país. Aqui tem mais escola que meu país e aqui tem mais facilidades que meu país. E todo isso são as vantagens pra nosotros haitianos de aqui. Quanto eu vou mal, como diz, eu vou mal passar no Haiti.... Tem, tem, muitas pessoas que morreram. E depois, o presidente de Haiti, entrar aqui em Brasil, conversar com Dilma e a Dilma ajudar ele mandar essa pessoa a entrar aqui no Brasil. É bom! Eu gosta assim! Quando terremoto passar lá, aqui no Brasil mandar ajuda a Haiti e República Dominicana também ajudar, os Estados Unidos ajudar também. É bom!”. Destaca-se a confiança no socorro de outros países. Na transferência, isso se evidencia na esperança já anunciada de que o pesquisador possa ajuda-la a acessar oportunidades, assim como a participante espera de outros brasileiros. Vai se desenhando que é da outra nação que pode vir o socorro, a ajuda. Isso em nada pode ser confundido com estagnação, claro está que ela vai ao encontro desse outro e o instiga insistentemente. Esse foi o lugar reservado ao pesquisador ao longo das duas entrevistas, qual seja, de alguém que era instigado a dizer algo sobre oportunidades das quais a participante pudesse se beneficiar. Tanto é assim que, a uma certa altura da entrevista, ela pergunta diretamente, de que forma o pesquisador poderia ajuda-la concretamente em seu desejo de se estabelecer profissionalmente no Brasil.

A participante não se queixa de seu país, mas refere que no Brasil vislumbra mais oportunidades. Quando lhe é perguntado se está difícil a vida no Haiti, responde que “Não, não ta difícil. Eu gosta Brasil, eu vem Brasil. Não ta difícil. Eu quero ganhar mais, eu venho aqui pra trabalhar pra ganhar mais. Um beneficio mais”. É enfática em explicar que deseja mais do que pode obter lá no Haiti. Assevere-se que, na entrevista anterior, ela resistira a falar de sua terra natal e situara que vira para o Brasil para ser feliz aqui. Refere que aqui pode ganhar mais.

Novamente, não foi possível explorar os sentidos dessa decisão de mudança de país. O que seria essa mais que ela busca aqui? O que é isso que precisa encontrar fora da sua pátria-mãe?

O pesquisador pergunta se a participante veio para cá por causa dos filhos. Ela, após justificar o quanto custa caro financiar os estudos no Haiti, passa, imediatamente, a descrever que lhe surpreende como os cachorros são bem tratados e protegidos no Brasil. Fica implícita, nessa associação, que no Haiti, as crianças não recebem os cuidados que aqui são ofertados aos cachorros. Ela deseja fazer economia e trazer os filhos para cá. Mais uma vez ela responde indiretamente a uma pergunta sendo extremamente clara, concreta e ilustrativa na resposta fundamentada que oferece.

Sua aproximação do Brasil começa com sua simpatia pelo futebol brasileiro. Na sequência, escuta o relato de seus familiares e amigos sobre este país: “depois, quando eu tem família, amigo, vem aqui, quando eu ta falar com telefone “como, como aqui funciona, como sente aqui em Brasil, explicar-me”. Eu falo que vem aqui pra saber melhor. Como é que pessoa funciona, se é verdade, se meu prima, amigo, fala verdade”. Vem para o Brasil, com a passagem que comprara com sua economias e com a contribuição de sua irmã. Aqui se entusiasma com a possibilidade de ter um cartão de crédito que a ajudara a se organizar no início. Todavia, essa facilidade não perdura por muito tempo, conforme ela conta. “um dia, quando eu fui a comprar lá no mercado, o crédito não passar. Depois, eu chega lá no banco e eu tá a conversar com a agência “eu fui a comprar no mercado e não passa por quê?”. Ele falou “por enquanto não tem crédito, e fechar”. Eu sabe o porquê, eu sabe o porquê. Depois, eu não falar mais. Eu sabe o porquê que fecharam o crédito pra haitiano aqui em Brasil, eu sabe *[tom de frustração]*. [...] Tem bastante haitiano que deixa aqui em Brasil, foi lá em Estados Unidos com dinheiro de Banco de Itaú... Como... Quanto... Emprestar dinheiro depois e deixar aqui em Brasil, foi lá em Estados Unidos e foi com crédito. Foi por isso. É por isso.” Nota-se a crítica que faz a atitude de alguns de seus conterrâneos.

Sobre as diferenças culturais, reporta que gosta que no Brasil a tratam com educação: “Se uma pessoa se choca comigo e diz: “ah, perdão!”, eu gostar assim, uma falar.” Cita o exemplo de uma colisão ocorrida com ela na rua, seguida de um pedido de desculpas. Que tal fato a surpreenda é que é surpreendente. Diz que no seu país também é assim. Aqui não deveria ser? Sobre a língua, diz que, logo que chegara, não entendia nada do que as pessoas falavam, mas seu primo dissera que ela aprenderia com facilidade. Sua autoconfiança é seu grande recurso, como se pode testemunhar: “Porque haitiano muito inteligente pra falar outro língua.”

Aponta que há haitianos que não tem cabeça e por isso não aprendem português. Ocorre que o exemplo que ela escolhe dar do que seja “não ter cabeça” é de um equívoco que o caixa do banco comete com um haitiana sua amiga e que coube a ela ajudar na comunicação. O erro era do brasileiro. Parece haver uma leve crítica aí presente, como se, diante de tanto esforço por parte dos estrangeiros, os brasileiros não pudessem fazer o mínimo para facilitar suas vidas. Contrastando com isso e ainda no campo das línguas, P3 relata que há brasileiros aprendendo Crioulo para se comunicarem com os haitianos recém-chegados. Isso tem ocorrido em uma comunidade religiosa de uma igreja, no bairro onde moram. “Eu lembro quando eu pegar alimento aqui, é melhor para mim. Porque se eu não tenho dinheiro pra comprar, a agência me dá alimento e ajuda”. Reconhece que o auxílio recebido, agora de outra comunidade religiosa, ajudou-a, principalmente no início, a suprir as necessidades básicas de sobrevivência. Porém, seu discurso é rico em projetos que apontam para além das necessidades básicas supridas. Ela veio para o Brasil para se desenvolver aqui. Mesmo que tenha encontrado pessoas aqui que estejam dispostas a ajudar, a participante deixa muito claro que quer muito trabalhar, ter um emprego para ter independência. Ao final da entrevista, ela vai direto ao ponto: “você... ligar, quer conversar comigo. Eu quero saber bem se você vai ajudar-me também.” Mediante a explicação do pesquisador, a participante rapidamente entende que os brasileiros estão pensando em alternativas para os haitianos. Em vista da aparente esperança pela oportunidade

de emprego, que não se efetiva, a entrevista vai se encerrando em tom de discreta desilusão por parte da participante. Ela segue sendo muito cortês e educada e, ao se despedir volta a enunciar, por duas vezes, a sua expectativa: “Eu vou esperar ligação de vocês”.

Escrita da Transferência da Participante 4 – 1ª Entrevista

Convidada a falar sobre si, a partir da indagação “quem é tu?”, responde “Mi nombre é L., haitiana. Eu venho del Haiti em 2015, já tem 2 años aqui, 2 años. E eu venho de lá e cheguei aqui porque estou procurando uma vida melhor, porque preciso ajudar minha família, minhas filhas, e lá...” A sua frase de apresentação inicial já sintetiza sua identidade de imigrante e seus propósitos com o imigrar. Como ocorre com os demais, o compromisso com ajudar a família é verbalizado, mas, esta participante afirma, contrastando com os demais, tanto sua identidade de haitiana quanto a busca de uma vida melhor ao que tudo indica priorizando-se. Na sequência desta fala, explica que deixou um filho no Haiti e que, como seus pais morreram e por ser ela é a irmã mais velha, precisa ajudar sua família. Sai do Haiti por não encontrar trabalho, gasta para chegar ao Brasil e segue sem trabalho. Revela-se a necessidade de suportar a frustração. Entretanto, repete reiteradas vezes que gosta do Brasil, a pesar de não ter emprego. Talvez entenda que não pode se queixar do Brasil para um brasileiro, pois isso poderia representar ingratidão e produzir o efeito de rejeição. Mais uma vez, o que parece se desenhar é uma entrevista na qual a participante se esforça para se mostrar adequado aos olhos do pesquisador e ofertar a este aquilo que se supõe que ele possa querer. “Eu gosto [do Brasil]. Só eu precisar conseguir um emprego mais melhor, para ajudar minha família, pagar casa, porque aqui pago aluguel, tem que pagar água, luz, de tudo, pra ficar um pouco mais melhor”. Se o “só” poderia remeter a uma certa simplicidade, restrita à necessidade de atender ao básico para a subsistência, a ideia de melhorar parece apontar para algo que vai além da estrita subsistência. Seu projeto é

conseguir melhores condições financeiras para proporcionar a vinda da sua filha de 7 anos, órfã de pai, que permanece no Haiti, sob cuidados de uma tia da participante.

Relata que juntou “muito dinheiro” para chegar aqui no Brasil, porque no Haiti não há opções de bons empregos para pessoas pobres: “Gente pobre não consegue serviço. Porque, se há um serviço melhor, lá poderia ficar. (...) Todas as pessoas saíram para procurar uma vida mais melhor”. Não parece haver alternativas. Sair do Haiti não é exatamente uma escolha, segundo apresenta nessa fala, sobremaneira em se tratando da filha mais velha que aparenta ter assumido a responsabilidade pelos irmãos. Vai se desenhando um Ideal-de-Eu que, como representante da cultura do sujeito, coloca-o diante da exigência de responsabilizar-se pelo sustento dos mais jovens, tolhendo substancialmente sua liberdade para estar em um novo país em seu nome e não em nome daqueles que, ao não ficarem para trás, seguem maximamente presentes no discurso e, sobremaneira nas práticas.

No recorte que se segue, pode-se observar a preocupação da participante com conseguir se colocar em uma vaga de emprego como forma de cumprir o propósito que a trouxe para o Brasil. Fica claro que ela entende que esse objetivo pode ser atingido se obtiver a colaboração dos brasileiros. O fato do pesquisador ser brasileiro e ter sido apresentado como integrante da Universidade que está desenvolvendo intervenções, tais como cursos de idioma instrumental e postura em entrevista de contratação, parece tornar a entrevista de pesquisa um espaço para a participante buscar esse importante apoio, principalmente mostrando reconhecimento e gratidão àquilo que os brasileiros fazem pelos haitianos. “E, então, agora eu vim aqui, eu consigo serviço, eu preciso conseguir serviço para ajudar a minha família que está esperando, que tem esperança em mim, que eu preciso ajudar. Não sei como eu vou conseguir um serviço! E muito obrigado a vocês que me estão ajudando a entender o português mais, e que tá ajudando com alegria, muito obrigada, porque, aqui no Brasil, há muitos que gostam de haitianos, de vocês. Há brasileiro também que ajudam nós a procurar emprego, como alguém pode pedir

serviço, um emprego. Há gente que, se tem serviço, diz: “venha trabalhar comigo!”; se não tem, te ajudam como se pode conseguir um ônibus, como se pode sair na rua. Eu gosto bastante daqui.”

A participante destaca a importante diferença das experiências que tem vivido no Brasil, contrastando com outros lugares pelos quais passou, em especial a República Dominicana. Destaca-se em seu relato a vivência de racismo em outras nações. Fato esse que não parece ter experimentado no Brasil. “Aqui é diferente porque... aqui a diferença é que todo mundo gosta de nós e aqui pode entrar em qualquer emprego, só procurar. Se tem, tem; se não tem, tu deixa currículo, para te chamar. Se não tem serviço, não te chamam. Não são igual que Santo Domingo. A República Dominicana é muito racista. (...) Não é igual, aqui todo mundo são igual. Eu gosto assim!”. Novamente, cabe indagar se o fato do pesquisador ser um brasileiro branco, em suposta condição de atender a expectativa de ajudar de algum modo, não está sendo determinante neste relato que se constrói.

Sobre a filha, diz desejar para ela uma vida melhor do que a própria. Diz estar procurando todo o tipo de serviço para ajudar a filha a estudar e ter uma vida melhor do que a sua. Relata que a menina não tem pai e que está distante da mãe. Resume seu sentimento declarando “é difícil”. Fazem 3 anos que não reencontra a filha, que tem 7 anos de vida. “Só falava por telefone com ela. E quando estamos falando no telefone, ela fica triste, muito triste. E eu não pode fazer nada, porque estou longe dela e eu não gosto ficar longe dela. Saudade dela.” O entrevistador, admite o tom pesado de sua experiência. A participante, admite que é complicado e sorri, gentilmente, talvez para aliviar o clima nostálgico/melancólico que se criou. Poderia se pensar que ela também poderia estar tentando preservar-se e preservar o pesquisador de se aprofundarem naquele sentimento. Tal suspeita está relacionada ao fato de ela parecer se empenhar em se mostrar interessante para todo e qualquer emprego e apropriada para a vida no Brasil. O pesquisador insiste no tema e o que se mostra é que esta mãe que perdeu a própria

mãe quando tinha apenas 11 anos, não quer que a filha passa pela dor/sacrifícios que ela própria passou. “Porque já tenho 36 anos, e o pai já morreu. Aí para ela é pior, porque ela não tem pai. E eu só que está ajudando ela. Muito difícil. Porque eu vi bastante necessidade de serviço. Triste que eu consegui minha vida quando morreu minha mãe, meu pai. Eu passar muito, muito triste. Não quero que ela ficar assim como, igual como eu. [quer preservar a filha das dificuldades objetivas que enfrentou com a perda dos pais] Eu quero ajudar ela, antes de eu morrer, para ela conseguir alguma coisa para fazer sua vida, para viver um pouco melhor.” O ponto que se destaca para a análise é a contradição imediatamente identificada no fato de que para salvar a filha daquilo que ela sofreu quando perdeu os pais, decide assumir a distância física desta como forma de buscar melhores condições de vida para ambas. A cada momento, a necessidade conseguir um trabalho para conseguir viabilizar a vinda da filha, reaparece em seu discurso: “se tá trabalhando, não tem problema, por que aí posso ajudar”.

A sua demanda não parece situada em termos de atender às exigências da autoconservação, visto que não é da sobrevivência física que ela está falando, mas da possibilidade de levar a efeito um propósito que a trouxe em busca de “uma vida melhor”, qual seja oportunizar à filha uma vida melhor do que àquela que ela pôde viver, fortemente marcada por perdas e privações. Nesse sentido, a queixa que ela parecer ensaiar remete à privação do estudo e do pertencimento a certo grupo social que oportunizaria que ela acesse empregos em sua própria nação. Empregos esses que não são para órfãos, pobres e iletrados. O racismo de que se lamenta pode estar dizendo de uma discriminação que lhe é conhecida desde antes do contraste denunciado pela raça e cor de pele, mas que pode estar relacionado a fazer ou não parte de certos grupos sociais e poder acessar ou não certos empregos e oportunidades. Vir para o Brasil relaciona-se ao propósito de construir pontes a serem transpassadas pela filha, mas parece atender a sua tentativa de sair desse não-lugar em que sempre se encontrou.

Relata que a viagem foi cansativa, que ficara sem comer, mas que, quando chegou ao Brasil, não teve nenhum problema: “Quando cheguei, foi bom. Te atendem muito bem”. Refere a situação em que, por 2 meses não pagaram alugar pela casa que habitavam em Curitiba e que o brasileiro proprietário do imóvel disse entender a situação e deixa-las ficar no imóvel, dando-lhes crédito. Diz que aqui também existe essa generosidade: “Como eu tratar ele como meu pai! Porque ele é muito bom, o dono da casa para onde eu moro agora. Eu não conseguia serviço, e ele: “não tem problema, fica sem pagar, vai gastar água, vai gastar luz”, e ele: “não tem problema!”. Porque ele falou: “eu faço bastante serviço fora também, eu sei como está a situação, se não tem dinheiro, paga a casa, não podes estar obriga a pagar a casa”. E aí fiquei como que 6 meses em casa dele e não conseguiu dinheiro para pagar e ele não tem problema, ele não fala mal, não fica brabo. Só quando chega, falar com ele: “não conseguiu dinheiro para pagar, como que vou fazer?” e ele: “não tem problema, só quando tiver trabalhando, tem que pagar”. Ele é bom!” Destaca a sensibilidade e solidariedade do dono do imóvel. Sente-o como o pai que não tem mais. Chama atenção essa classificação, pois ele referia há pouco que não recebera ajuda do pai e, neste ponto, por receber ajuda do brasileiro, sente-o como se fosse seu pai. Talvez como gostaria que se pai tivesse sido, isto é, ajudando quando mais precisa, no subsídio do essencial. O pesquisador sinaliza essa fala de que ela teria encontrado um pai no Brasil. Ela desvia e não fala do pai, seguindo falar que não conheceu pessoas más no Brasil.

A convite do pesquisador, que já havia a escutado em outra ocasião, relata a situação em que fora buscar emprego em uma creche e a contratante lhe perguntou se sabia fazer comida. Respondeu confiante que sim, mas, na verdade, não tinha experiência com a comida local. conta tudo isso rindo de sua autoconfiança que lhe tem ajudado a vencer os muitos desafios a que se propõe. ““Tu tem capacidade para trabalhar com criança?” “Muito, muito!” [oferecendo sua força de trabalho]. “L., o que tu faz mais?” “Eu sou cabelereira, eu sei fazer negócio”. Então fala: Não, não tenho serviço agora, esse emprego, esse serviço é só para creche, tu vai trabalhar

em creche”. Eu digo: “É muito bom!”. Então, “tu sabe fazer limpeza?”, “Limpeza?!”, essa pergunta não tem que fazer, porque toda mulher tem que saber como fazer limpeza!, saber como se faz a limpeza”. Ela disse “tá bom, tu vai lá na creche, tu vai fazer comida para criança”. E cheguei na creche, eu tava entrando e pensando, como que eu vou fazer comida de brasileiro, porque eu... era a primeira vez que eu ia fazer a comida daqui. E depois cheguei... [conta rindo sua experiência conseguir trabalho de cozinheira em creche no Brasil]”.

A flexibilidade, a disponibilidade para o que se lhe apresenta e a capacidade de se ajustar às exigências do contexto como forma de se inserir e sobreviver ficam evidentes na conclusão que oferece da vivência que relatava: “Não tava sozinha [na cozinha quando começou a trabalhar na creche, pois havia uma brasileira que lhe passou instruções]. Já aprendi. Toda coisa, é si. Se te perguntam “tu sabe fazer?”. “Não!”. “Tu sabe fazer?” “Não!”. Não vai conseguir. Eu disse sim, tudo sim, tudo sim. E depois chego, pouco a pouco vou aprendendo, pouco a pouco vou aprendendo.” *Conta de forma divertida sua experiência. Mostra-se corajosa ao novo e flexível a aprender aspectos da nova cultura, como forma de conquistar um espaço que lhe garanta um trabalho*”. Tal flexibilidade e disponibilidade puderam ser testemunhadas na transferência, sobremaneira em sua tendência a mostrar-se muito bem adaptada, dizendo gostar muito do Brasil.

Agora que está compreendendo melhor o idioma, refere que está mais fácil para se adaptar às diferenças culturais. Caberia pensar o custo dessa adaptabilidade. Dificuldade em juntar dinheiro. Frustração em não conseguir reaver o que gastou para vir para o Brasil, pois o que conseguem aqui mal paga as despesas.

Desafios relacionados a compreender as diferenças culturais que interferem no modo de trabalhar: “E negócios daqui eu estou..., eu, nas vezes que chego no centro observo como se fazem os negócios daqui, porque eu tenho capacidade para fazer negócio, eu gosto. Não sei, porque eu sou estrangeira, não sei como são as obrigações, não sei como é a lei... E fico assim

[olhando].” Identifica-se aqui uma salutar curiosidade que remete à sexualidade, à pulsões de vida que vão muito além da simples autoconservação, mas remetem a possibilidade de desejar fazer experiências e praticar algo do que gosta. “Muita diferença, porque não sabe como que fazer, não sabia que, que, como, como que fala isso? Não sabia como que tá na lei, se pode... Lá [no Haiti] pode chegar no lugar e só tem que pagar o lugar, para sentar, para fazer negócio. Se é teu, não tem que pagar nada. E na República Dominicana também pode chegar, fazer qualquer negócio que quer. Aqui não sei como é. O problema é que a língua que é muito difícil, porque se não compreende, se não entende, não sabe aonde que vai ficar pedir como que fazer, tudo isso”. Dificuldade com a língua, com as leis, que dificulta trabalhar com comércio. Há desejo, mas esse precisa se adequar as regras culturais locais.

Refere que há pessoas que têm paciência para falar como o estrangeiro, que se esforçam para estabelecer comunicação; mas outras pessoas que não têm paciência e disponibilidade. Ela faz o relato tomando o cuidado para não parecer que está criticando os brasileiros. Dá exemplos da diferença entre brasileiros acolhedores que lhe conduziram pela mão e outros que não lhe deram atenção e foram rudes. A estes atribui a possibilidade de sentirem medo dela. Reconhece que as pessoas não são iguais e que a iniciativa da comunicação deve partir dela. Sobre ter paciência, é perguntada se ela tem que ter paciência. Responde que sim e relembra a educação que deve dar à filha: “Tem que ter paciência para tudo. Já passei por muito na minha vida. Tem quem tem paciência... Tem que ter paciência e saber como que falar... Como que minha filha pode chegar, no lugar em que pode ficar, como que se vai atender uma pessoa, porque o que eu passei não quero que ela passe. Quero que ela fique igual, como que atende uma pessoa, como que pode falar com uma pessoa, como pode, se tem 10 pila, e se a outra pessoa não tem, como que compartilhar com... isso não gosto. Ai ela conseguiu em sua vida também.” Relata que sua mãe fazia caridade, acolhendo órfãos e necessitados em sua própria casa, pagando seus estudos,

mas quando morreu ninguém ajudou suas filhas. Refere que ela não morreu, que está viva e que Deus a ajuda. Ela tem como ideal para filha que siga os passos da avó.

Diz que gosta de ajudar as pessoas – mais preocupada com os outros do que consigo: “É assim que está na bíblia. Há o que tem pra guardar, há o que tem para fazer tudo e há o que não tem nem para comer. Se tem, tem que compartilhar. Se é pra comida, eu dar. Eu não vou dar pra beber, fumar. Se for pra comida, sim, eu dar. (...) eu aprendi com a minha mãe. E minha mãe morreu muito cedo, eu tinha 11 anos. E ela espera com o tempo que eu tenho agora e ela é muito feliz [parece se orgulhar por seguir os passos da mãe, supondo que esta estaria orgulhosa dela]. Eu sinto saudades dela, porque ela morreu... bem jovem. Se ela estivesse, ajudaria na minha vida. Ela morreu; fiquei sozinha.” Ficou com a avó até os 15 anos, quando saiu do Haiti para ir construir sua vida. Ficou responsável pelo sustento dos irmãos.

Fantasia de uma vida melhor aqui. Simpatia pelo futebol. Propaganda enganosa? Agora não consegue dinheiro nem para voltar para o Haiti. Repete que está aberta para qualquer serviço. Não parece ter escolha.

Em Curitiba, fez trabalhos temporários para uma cabeleireira para juntar dinheiro e vir para POA, onde estava sua prima. Diz que procura na internet como se comunicar. Sabe cuidar de si, sabe se comunicar, sabe se colocar.

Convidada a sintetizar quem é, responde: “L. é uma pessoa que passa muito serviço, muito trabalho, muito pensamento na vida. L. é uma pessoa que cresceu sem mãe, sem pai e que tá, que precisa de uma vida, ajudar minha família e outra pessoa também. Essa sou eu”.

[Síntese identitária]

Escrita da Transferência do Participante 5 – 1ª entrevista

O Participante 5 apresentou-se como voluntário, no local onde o pesquisador aguardava por outra participante, manifestando seu interesse em participar da pesquisa. Valendo-se dessa

motivação, o pesquisador convidou-o a aguardar para que pudessem conversar logo após a entrevista que estava agendada. Assim se procedeu. Inegavelmente, P5 via nesta entrevista uma oportunidade de se fazer notar e, com isso, acessar oportunidades de trabalho. De todo modo, foi sua extrema sinceridade e seu caráter de abertura a colaborar com a pesquisa que se destacam.

Indagado acerca dos motivos que o levaram a migrar, inicia seu relato situando que veio para o Brasil a fim de “esperar/conhecer uma vida melhor”. Já nessa primeira frase pronunciada, vê-se verbalizado aquilo de que a transferência dá testemunho. O pesquisador tem diante de si um sujeito que tem esperança e que se empenha em aproveitar as oportunidades que julga lhe surgirem. Se, de um lado, o verbo “esperar” parece portar certo caráter de passividade, de outro, o que se evidencia é um sujeito que, ativamente saiu de sua terra para conhecer algo novo e que, também, buscou um espaço para se fazer escutar nesta entrevista que ofertou. Está aberto a conhecer. Quer conhecer algo melhor, mesmo que não saiba muito bem do que se trata. Em suas palavras: “Primeiro lugar, eu venho aqui, no Brasil, a esperar uma vida melhor, a conhecer uma vida melhor, buscando trabalho para, para criar minha família, filho, a mulher. Eu mais, eu venho ao Brasil para conhecer uma vida melhor.” Tem um irmão que estava há 6 anos no Brasil com sua esposa. P5 vem para cá e fica 15 dias na casa desse irmão. Parece não ter podido ficar mais, quando sai para morar com o primo, com quem divide aluguel. Sai da casa do irmão antes ainda de arranjar seu primeiro emprego em terras brasileiras.

O Participante 5 mostra-se bastante decidido e direto. Na segunda frase que pronuncia, já explicita seus objetivos com o diálogo que veio travar com o pesquisador: “Cristiano, porque Cristiano me ajuda a procurar alguém, alguma obra e mais... E, agora, eu fica sem trabalho, tem quatro meses, desempregado.” *Explicita que sua intenção em participar da entrevista está diretamente relacionada ao interesse de encontrar no pesquisador apoio para conseguir trabalho.* De maneira bastante sintética, P5 refere suas rápidas experiências de trabalho no país

que escolhera conhecer: “Eu trabalha de obra. Eu ficar 17 mês trabalhando em obra. Primeiro trabalho eu encontrei foi de fiscal na loja, lá no centro. Eu ficá 3 meses; depois mandar embora. Depois, eu acho uma obra de construção civil e eu ficá 17 mês. Agora o trabalho tá, tá pouco. Mandar embora. E agora eu ficar só em minha casa.” Convida o pesquisador a compreender a dificuldade pela qual passa: “É, imagina, com responsabilidade: criança, mulher, tu pagar aluguel aqui.” O participante consegue comunicar de forma bastante direta e clara as dificuldades pelas quais está passando. Esclarece que sua família permaneceu no Haiti e depende dele para o sustento. No Brasil, está morando com um primo, com quem imigrou. Este, por sua vez, estava no último mês de seguro desemprego, de modo que, no mês seguinte, não sabiam de onde conseguiriam o dinheiro para pagar o aluguel do quarto onde viviam. Relata que segue procurando emprego, distribuindo currículos e aguardando uma ligação para uma oportunidade. Coisa que não tem acontecido. *O tom de sua voz denota certa impaciência, indignação. Talvez sinta-se encurralado pelas responsabilidades acima enunciadas e pela promessa que não se efetivou de emprego abundante no Brasil.*

Como outros haitianos, fez escalas em países da América Latina e chegou ao Brasil via Acre, vindo diretamente para o Rio Grande do Sul: “Cheguei aqui por Rio Branco, na fronteira do Peru com Brasil, para chegar aqui. Depois eu cheguei em Porto Alegre, depois.”

Sobre a vida no Haiti, explica que “Gente que tem dinheiro funciona bem. Quem tá pobre funciona mais ou menos, porque tu não tem... E é assim que é a vida lá. Uno que tem dinheiro funcionando bem e fazendo o que quer. Eles fazer o que quer, porque ele tem dinheiro. Uno que não tem dinheiro, tu vai viver uma vida vergonha.” O participante parecer resumir todas as dificuldades experimentadas à falta de recursos financeiros, motivo pelo qual saiu do Haiti, provavelmente porque não vislumbrava mudar de situação se lá permanecesse: “Lo que quer, ele faz, porque ele tem dinheiro. Não tem ninguém coisa que fica difícil. Tudo fácil para fazer, porque ele tem dinheiro. Se uno não tem dinheiro, a coisa tá difícil pra fazer.” Fica claro

que a vinda para o Brasil relaciona-se à possibilidade de mudar de vida mediante novas oportunidades. No entanto, não parece que tal projeto possa se efetivar da maneira idealizada pelo imigrante. De todo modo, sua percepção do Brasil é de um país grande em tamanho e oportunidades. Ao comentar as diferenças entre seu país de origem e de destino, destaca que o Brasil por ser maior, tem mais oportunidades de trabalho. “Tu sabe, aqui tem bastante coisa, aqui tem mais serviço. Tu sabe aqui mais grande. Lá tem serviço, tem porque aqui tem mais.” Dá-se conta, no entanto, de sua situação e se corrige: “Aqui não todo mundo que tá em serviço. Há gente que tá desempregada, também”. A realidade insiste em se impor a despeito de suas fantasias da terra prometida.

Quando perguntado se veio ao Brasil em busca de dinheiro, responde “Sim, pra trabalhar, pra trabalhar. Não vim buscar dinheiro pra roubar”. *De imediato explica-se para que não restem dúvidas. Talvez a necessidade de se explicar possa ter por trás acusações já sofridas relacionadas ao tema.* Mais adiante, durante a entrevista, o participante revela que sofrera acusações e discriminação por parte de seus colegas de trabalho na construção civil, por ser estrangeiro e estar ocupando uma vaga de emprego que poderia ser de um brasileiro.

Esclarece que no Haiti, como no Brasil, profissionais qualificados são melhor remunerados. Situa a importância de se estudar, para acessar algumas profissões: “Aqui e lá um profissional tem que estudar. Tem que estudar tanto, tanto ano, depois tu passa uma experiência, já um profissional dessa área. Não é tudo. É dessa área. Por exemplo, se tu é, se tu é um pedreiro. Um pedreiro não é igual com uno eletricitista. Não é igual, tu tiene que estudar eletricitista; tu tiene que estudar os pedreiro não é igual. É assim.”

As necessidades de Autoconservação precisam estar atendidas para que o sujeito possa se sentir bem. Nisso está envolvido angariar recursos para o sustento próprio e da família. Quando convidado a discorrer como se sente tendo vindo para o Brasil, P5 convida o pesquisador a pensar como se sentiria se não tivesse dinheiro para acessar o básico. Nesse

convite está a resposta daquilo que é da ordem do mais básico. “Sentimento eu vem aqui? Eu vim aqui só pra procurar trabalho, para viver uma vida melhor. Uma vida melhor, se tu precisa desse celular e não tem dinheiro pra comprar, como que tu vai sentir? Se tu quer comprar um tênis e você não tem dinheiro, como que tu vai sentir? Como que tu precisa comprar uma calça e você não tem dinheiro, tu não vai sentir bem. Como que, se não tem dinheiro, como que tu vá manter a família? E é assim, tem que trabalhar para manter a família bem.”

Relata que tem 3 filhos de 2 a 12 anos, que ficaram no Haiti com a mãe. Diz que se as coisas derem certo, juntará dinheiro e pensará em trazê-los para o Brasil. “É, eu gosto, porque eu tô é aqui. Tem que gostar.” Mostra-se bastante racional, mediante as dificuldades encontradas aqui. Também se mostra muito racional quando analisa a violência que existe no Brasil e considera que há violência em todos os países, sobretudo nas capitais como Porto Alegre, São Paulo e Porto Príncipe.

Quando convidado a discorrer sobre as dificuldades enfrentadas no processo de migrar, situa, como que explicando que não seja ele o único a passar por dificuldades, que há imigrantes em todos os países: “É, dificuldade, é, os imigrantes... Eu gosto viajar, outro país são melhor, eu gosto viajar. Todo país tem, tem imigrante. Lá em EUA tem imigrante e na França tem bastante imigrante. E Guiana tem imigrante. É em todos países é o que tem.” Não poderia admitir suas dificuldades singulares? Sua experiência pessoal não poderia assumir a categoria de experiência singular e única? Estar identificado com os outros, aliviaria a ansiedade de encarar o desconhecido do novo país? O quanto essa condição fala de um laço social fraturado: pobreza, violência, desconsideração. O excesso da experiência não estaria, conforme asseverado por P5 aqui, restrito ao Eu de um sujeito. Na medida em que todos os migrantes estão desamparados em suas necessidades e, principalmente, em sua dignidade, parece haver um traço de identificação compartilhado, garantindo certa identidade.

Com a crise econômico-política do Brasil, as dificuldades relativas ao mercado de trabalho aumentaram, de modo que do imigrante se passou a exigir mais habilidades para que este pudesse trabalhar aqui. Isso está muito claro para P5, que explicita em seu relato os desafios que se lhe impuseram de chegada: “E, quando eu cheguei aqui, a crise tava começando. Quem veio para aqui em 2011, em 2012, achou trabalho. Gente tava buscando gente pra trabalhar; e agora não. Agora tá em crise. Antes, Haitiano vem no Brasil não precisava falar português pra trabalhar, não precisava falar português pra trabalhar. Agora, tu tem que aprender, tem que falar pra trabalhar. Tu imagina, aqui o Brasil tá em crise agora, não tem trabalho. [...] Patrão tava buscando gente pra trabalhar, não precisava falar nada, era só trabalhar.”

As necessidades de trabalho exigem dos imigrantes que aprendam a língua local. Tal aprendizado tem sido cada vez mais imprescindível para acessar as vagas de emprego. “Muito dificuldade pra aprender [falar português]. Tu sabe, eu vivi um tempo na República Dominicana. E eu falo um pouco espanhol. E por isso eu venho aqui não tenho dificuldade pra aprender, por isso eu entendo pouquinho espanhol.” Não entender a língua, deixava-o triste: “É, quando eu cheguei aqui na Lomba do Pinheiro, eu... Como se diz? Eu tava triste, porque estavam falando, eu não entendia nada, eu não entendia nada! Pouco a pouco, eu vou estudar alguma, alguma coisa e, pouco a pouco, eu vou aprender. Pouco a pouco eu vou aprender. Depois, eu ficar bem.”

Imita a maneira como os brasileiros, seus colegas de trabalho na construção civil falavam para ele: “‘O, o haitiano, *o que quer vim aqui incomodando, em meu país! Quem te manda aqui, pra cá? Quem tem manda?*’ Me deixa triste isso, porque eu venho aqui só procurando trabalho, eu não venho aqui buscar problema com alguém, não. ‘Haitiano vem aqui tomar o trabalho de nós’. Não! Eu não. Alguns brasileiros falam mal de haitianos; não todos.” Resume que ouviu dos brasileiros: “*Quem te mandou aqui?!’*”. E com isso, sentia-se mal.

Notavelmente, está decepcionado com a pouca receptividade experimentada por parte dos colegas brasileiros. “Porque, se eu ficar em meu país, ninguém vai dizer essa palavra assim. Porque eu vim aqui só procurar trabalho, eu não vem aqui roubar nem a xingar a gente. Só vim aqui procurar trabalho e trabalhar, tranquilo! Não roubar a coisa que não é meu, não! Só trabalhar.” Ressente-se pelas acusações que alguns brasileiros lhe fazem, pois tem uma conduta honesta e correta. Mostra-se triste. Parece que a decisão de vir para o Brasil fica abalada diante das dificuldades experimentadas. “É, não é fácil pra tu deixar família lá. A família tá vivendo num lugar e tu tá vivendo outro lugar. Ah! Eu tenho dois anos e dois meses aí, sem ver a família. Não é fácil, porque a vida é assim. Há que valer a pena, porque eu deixei a família lá, valer a pena.”

Sobre o tamanho do desafio que o fez imigrar, confidencia: “Lá, pra mandar as criança pra escola, aí fazer roupa bonita, bastante roupa, como três uniforme. Três têm que fazer. A escola que paga dois mil Gourde pra um ano, dois mil. Ah! É bastante! Imagina, se tu tem três... Três filhos, ah! Tu vai gastar dinheiro. É, é difícil.” Segue, mostrando o revés que a vida lhe pregou: “o mais pequeno, que tem 2 anos e 6 meses, que vai para a escola em setembro, ah! [ri com indignação demarcando a contradição] e agora eu estou sem serviço!”

Escrita da Transferência do Participante 5 – 2ª Entrevista

A segunda entrevista inicia-se com a expressão de sua principal demanda, qual seja trabalhar para prover a sua família. Foi para isso que P5 veio para o Brasil, para garantir melhores condições para sua família nuclear. Apresenta-se como alguém que tem responsabilidades pelas quais precisa responder, mas que não está conseguindo atendê-las da maneira esperada. “Eu venho aqui pra fazer uma vida melhor, uma vida melhor, porque eu tenho responsabilidade. Eu tenho mulher, três filho, três filhos, porque os filhos, um é pequeno, não podia trabalhar [a mulher], só eu que trabalha para manter, minha filha e a mulher. Porque,

agora, eu ficar sem serviço, tá ruim! [...] Tá ruim ficar sem serviço, porque tu tem responsabilidade, aqui pagar aluguel e lá também. Pagar colégio. Tem os filhos, e colégio de lá é muito caro.” Fica claro, com isso, que ele não imigra em seu nome apenas, mas para viabilizar uma vida melhor para sua família.

O participante mostra-se muito aberto ao diálogo com o pesquisador. Com muita serenidade fala dos filhos e de seu compromisso em conseguir garantir-lhes o acesso à escola. Conta que a filha mais velha, de 12 anos, já sabe ler e escrever e que a mais nova, de quase 3 anos, já deveria ingressar na escola no próximo mês. No entanto, ele não dispõe dos recursos para garantir a efetivação desse projeto. Nessa revivência transferencial, em que P5 parece confiar no socorro intuído possa vir do pesquisador, ele relata que é pela escassez de oportunidades de trabalho no Haiti que ele resolve vir tentar a vida no Brasil. Entretanto, parece que o mesmo quadro de exclusão repete-se com ele. “Porque lá [no Haiti]... Como lá não tem, não tem muito trabalho, tem pouco serviço. Porque eu não fica lá, porque um dia tu acha um dia trabalho, um dia, uma semana, depois tu passa quase um mês sem trabalho. Porque o trabalho de lá tá fraco. Não em muita obra, não tem muito obra. E, por isso, eu vim aqui no Brasil, vem buscar uma vida melhor, para trabalhar.”

Revela que o quadro econômico do Brasil se alterou e que isso teve como reflexo o acréscimo de dificuldades para que o imigrantes conseguissem os trabalhos que antes lhe estavam garantidos. Nesse sentido, a experiência e a fluência na língua local passaram a ser cada vez mais exigidas: “o Brasil tá em crise, tá em crise. A maioria tá sem serviço. Alguém disse antes, em 2011: “Aqui no Brasil tá cheio de trabalho”. Tava procurando gente pra trabalhar. Aqui, se tu não passar experiência, aqui, se tu não sabe falar português, tu trabalhar. Agora não, tu tem que passar experiência, tu tem que falar, né. Entender um pouquinho, não tudo, porque agora se tu tem que falar, tem que passar experiência pra trabalhar. Antes não era assim!”

Quando convidado a contar sobre sua história no Haiti, novamente apresenta a ideia de que lá como cá para ser profissional se precisa estudar. Talvez isso explique sua decisão por imigrar e sua frustração em vir para o Brasil e encontrar um cenário de crise, quando lhe fora prometido trabalho sem qualquer exigência em troca. Nesse contexto, também parece se fundamentar sua preocupação com oportunizar aos filhos o acesso à escola. Sobre sua experiência estudantil relata que: “E, quando eu fui pra escola, eu fui grande. Tinha 16 anos.” Informa, mediante indagação, que ficara até os 24 anos na escola. O pesquisador confirma se ele ficara 9 anos na escola. Ele diz que sim, mas não parece muito convincente. Novamente reapresenta-se, para o pesquisador, a percepção de que este sujeito estava participando dessa entrevista com o objetivo de ser encaminhado para alguma oportunidade de emprego, de modo que suas fragilidades não poderiam ser facilmente explicitadas.

Sobre sua primeira experiência de sair de casa para ir para a República Dominicana, logo após sair da escola, resume sua experiência indicando a marca da saudade de quem deixa a família para trás: “Tu sabe quando alguém viaja e deixa a família para atrás, vai ficar triste. Tu também, tu vai ficar triste. Muita saudade.” Sobre a R. Dominicana, seu primeiro local de imigração, revela que se ganha mais, mas não há direitos trabalhista como no Brasil. “Aqui é mais melhor porque tu trabalha com carteira assinada. Aqui trabalho te dá cartão alimentação, e te dá dinheiro pra ônibus. Lá tu tem que pagar.” *Expressa clara preferência pelo Brasil, em relação a países como R. Dominicana, devido aos benefícios da Legislação Trabalhista Brasileira.*

Nas comparações que o participante faz entre os países, diz preferir o Brasil, mas estabelece uma condição imprescindível que se refere à possibilidade de encontrar um trabalho para si: “Tá melhor, se eu acho trabalho.” Em relação à R. Dominicana, primeiro local para onde migrara, queixa-se da discriminação e das perseguições sofridas: “Agora, agora lá em República Dominicana, esse é o país mais racista! Tão maltratando os haitiano! [...] Imigração tava

agarrando haitiano para mandar para o Haiti. [...] Haitiano sai correndo. Ele saiu correndo. Depois eles passam o carro em cima de haitiano, eles passam carro em cima de haitiano pra machucar haitiano.” Seu relato se dá em tom de indignação. Segue contando: “E agora eu não gosto desse país, tá maltratando haitiano, de que haitiano são uma vassoura. Uma vassoura é um lixo. Eles tratam o haitiano é um lixo. Tem que botar fora.” Notavelmente há um conflito entre vizinhos. Tratar-se-ia do Narcisismo das pequenas diferenças. Os Dominicanos precisariam afirmar sua diferença em relação aos haitianos? A raça poderia estar associada? Qual o risco que o estrangeiro porta, sobremaneira aquele que não é semelhante em muitos aspectos?

Ele viveu períodos alternados no Haiti e na R. Dominicana, naquela que foi sua primeira experiência como imigrante. Relata que não foi sempre que existiu tamanho preconceito. Tal quadro tem piorado nos últimos anos. “Não, antes quando eu fui na República Dominicana não tavam tratando assim. [...] Eu ficar muitos anos lá. E eu fui lá dura uns 7 meses, e eu fui lá no Haiti e voltei de novo. [...] Voltei. Depois de 6 meses, 10 meses, 1 ano, eu voltei. Eu começar a viajar pra República Dominicana em 1997. E, quando eu viajar pra Brasil, já deixou, eu tinha como uns 18 anos viajando lá, e fui e volto, fui e volto.”

Diferentemente de quando estava na R. Dominicana e podia frequentemente voltar para o Haiti, sua vinda para o Brasil representou um afastamento físico drástico em relação a sua família. P5 diz sentir saudades, mas parece estar conformado com a situação: “Não. Ainda eu não fui, não fui ainda. Porque é muita saudades minha família. Eu não fui porque eu não tem dinheiro. Se eu tem dinheiro, eu vou um pouco e volto. [...] Não, porque a vida aqui é assim. A vida é assim.”

Reporta que na RD trabalhava como pedreiro, mas que no Brasil não pôde ser reconhecido nessa profissão, de modo que trabalhara na qualidade de ajudante de pedreiro. “eu sou pedreiro lá na República Dominicana. Porque aqui eu trabalhar de carteira assinada. Minha

carteira não tá assinada como pedreiro, minha carteira não tá assinada como pedreiro e por isso que eu não trabalhar como pedreiro aqui. [...] Aqui há que assinar carteira. Lá, na República Dominicana, eu trabalhar pedreiro, colocar bloco e reboco.” Assim como identificado no discurso de outros imigrantes haitianos, nesse ponto da fala de P5 situa-se uma importante diferença, muitas vezes experimentada como dificuldade e, como é o caso aqui, discriminação, entre uma prática de trabalho anterior e a impossibilidade de seu reconhecimento em território brasileiro. O participante parece resistir em compreender tal diferença. Tanto é assim que, mediante a pergunta de se no Brasil seu trabalho fora de ajudante de pedreiro, ele insiste: “Como ajudante e como pedreiro”. No Brasil, não basta que um sujeito tenha trabalhado em uma obra para que seja reconhecido como pedreiro. O participante parece se ressentir disso, dizendo-se enganado, na medida em que o tempo de serviço não lhe garantiu a promoção ou o reconhecimento esperado e acusa o chefe da obra.

E- Mas tu entende que aqui tu poderia trabalhar também como pedreiro?

P- Sim. Se assinarem na carteira. Aqui eu trabalho, trabalhar numa construção... e o chefe é muito racista, não queria me passar por pedreiro, não queria passar-me por pedreiro.

[Discriminação por ser estrangeiro? Chama de racismo]

E- É mesmo?

P- Uhum. Porque quer esperar, esperar, esperar; depois mandar embora.

[...]

E- É, é que pedreiro faz reboco né? Tu disse que o chefe aqui era muito racista?

P- É, não quer passar de..., esperar, esperar e, agora, só um pouco trabalho, depois que achou outra firma, vou passar por pedreiro. Depois, serviço tá pouco, me mandou embora.

[parece ter se sentido enganado, ludibriado pelo chefe, talvez por ser haitiano]

E- Tu esperou, esperou, esperou e te mandaram embora?

P- É.

E- Tu te sente enganado?

P- Não. Não sente nada. O dono do trabalho faz o que quer. Eu não sou dono, não tem que fazer nada. *[Novamente aparece a lógica da submissão daquele que não tem posses àquele que as tem. Tal aspecto já havia sido denunciado por ele em relação aos esquemas de favorecimentos que identificara no Haiti, onde o acesso a certos trabalhos estava reservado a poucos sujeitos. P5 vem para o Brasil e traz consigo o sentimento de exclusão que se encontra potencializado por sua dificuldade de compreender as diferenças culturais locais, sobremaneira no que tange ao reconhecimento profissional. Neste ponto se poderia resgatar o texto do projeto em que se discute a diferença entre as culturas e a ameaça que o estranho porta em si.]*

E- Mas tu pode ficar triste, né?

P- É, tu vai ficar triste, mas não pode fazer nada.

E- Como é que tu te sentiu? Sentimento assim...

P- Eu senti triste em meu coração.

O participante pondera que não se pode ficar triste por muito tempo em decorrência dessas dificuldades vividas, que é necessário manter a alegria e seguir em frente. Apresenta-se dessa maneira em seu discurso, ainda que de forma um tanto sutil, indicadores de autoconfiança. Esse imigrante veio para o Brasil para viabilizar melhores condições para sua família e, mesmo diante de dificuldades que parecem se repetir e que ele interpreta como a política de privilégios por ele conhecida em sua terra natal, mantém-se confiante no seu propósito. Do ponto de vista metapsicológico, o Narcisismo, entendido como reserva de energia psíquica no Eu é condição imprescindível para que um sujeito possa acreditar em suas próprias condições para seguir insistindo em seus ideais diante das dificuldades que a realidade insiste em apresentar. Nesse contexto, para P5, a única dor afetiva incontornável seria aquela relacionada à saudade que sente de sua família.

“Não pode. Fica mal assim, tu ficar triste todo tempo, tu não vai ficar normal. [...] Tem que ficar feliz, com alegria. [...] Algum dia eu fico triste, porque eu vivo longe com minha família, eu estou com saudade e, por isso, eu fico triste. Às vezes, tem que pensar, é.”

Perguntado acerca do que faz quando sente saudade, responde: “Eu não pode fazer nada. É Deus que sabe, o que Ele fez. Eu não pode fazer nada.” Nesse ponto, então o pesquisador indaga se ele confia em Deus, ao que ele responde positivamente, faz silencio e apresenta uma outra pergunta que parece ter a intensão de objetivar o diálogo para aquilo que lhe é urgente nesse momento: “Umm, sim. Onde tu tá trabalhando, não precisa de gente pra trabalhar?” Poderia se pensar que, para além de confiar em Deus, ele está se empenhando para construir espaços de inserção, como foi o caso das entrevistas desta pesquisa para as quais se candidatou e se fez presente. Indício que pode se assumido como indicativo de um narcisismo preservado e diretamente relacionado aos movimentos pulsionais de autopreservação do Eu. Não se trata de um sujeito que se contenta com qualquer emprego. Está em busca do sustento, mas há um evidente desejo de dignidade e de reconhecimento por seu talento. Sua decisão por imigrar para o Brasil em busca de melhor condições do que aquelas da R. Dominicana indicam que sua busca está para além da Autoconservação da vida, situando-se muito antes no campo de um Narcisismo pulsante que segue a permitir espaços de idealização e desejo. Quando tem assinaladas e valorizadas pelo pesquisador a sua coragem e força de vontade de vir para longe em busca de um projeto, o participante desabafa: “É, muito longe, muito longe! Tem que pegar três aviões. Tem que pegar de Porto Príncipe a Panamá, de Panamá a São Paulo, de São Paulo a aqui Porto Alegre. É muito difícil! Eu não gosto de viajar com avião, não! Eu tenho medo!”

Relata que tinha muito medo da viagem aérea que, uma vez realizada, colocou-o em um país cujas pessoas e cultura diz não conhecer. Isso talvez ajude a compreender que sua leitura do sistema de valoração profissional siga se orientando pela referencias que tinha no Haiti. Além disso, o idioma mostra-se como primeira barreira de acesso ao outro experimentada pelo

migrante, constituiu-se em um novo desafio a ser superado: “Quando eu chegar aqui em Brasil, tá tudo novo! eu não conhecer nada, conhecer nada. Tudo novo! [...] Porque tu vem aqui, tu tá diferente porque tu não conhece ninguém, tu não sabe falar. Os brasileiro tão falando e tu não sabe o que tão dizendo, tu não sabe. Porque tu não entende o que tava falando, não sabe o que tava falando. [...] (risos) É pouco a pouco, aprendeu um pouquinho. Tu sabe, espanhol e português é assim igual. Eu entendo um poquito espanhol, alguma coisa tu entende, alguma coisa.” O modo de enfrentamento das dificuldades mostra-se claramente na transferência. Mesmo não compreendendo completamente do que se tratava a pesquisa, P5 se voluntaria, se apresenta e se dispõe a participar. Está aberto a experiências e desafios novos, seja a viagem aérea, o novo trabalho a entrevista. Confia em suas condições e por isso se apresenta. Nesse sentido, sua queixa de discriminação não pode ser ouvida como simples vitimismo, para parece se desenhar como a denúncia de alguém que veio para acessar oportunidades idealizadas que não parecem se efetivar na nova cultura. O fato de ter um irmão que já estava estabelecido no Brasil, certamente contribuiu para sua aproximação da nova cultura e da nova língua: “Quando chegar aqui, eu tenho um irmão que tem muitos anos aqui, eu mora junto com ele. E, pouco a pouco, meu irmão aprendeu alguma coisa, ele sabe falar bem. Ele tem um dicionário. Dicionário de tradução de espanhol e português e francês, também.” O pesquisador assinala sua aparente facilidade para aprender línguas. Isso parece entusiasma-lo, de modo que ele passa a exhibir os passos para aprender uma nova língua, pronuncia os dias da semana em português, depois em espanhol e, por fim, em Francês, afirmando que é fácil. Pergunta ao pesquisador se essa acha difícil. Parece haver um movimento para o outro extremo, no sentido de que ele sai do lugar de quem estava a descrever as próprias fragilidades e passa a afirmar, cheio de confiança, suas habilidades. Retoma várias vezes a ideia que aos poucos se vai aprendendo: “Enquanto algumas pessoas vem no Brasil, tem diferença. Tu vai viver um tempo pra aprender, tu vai ter um tempo pra aprender, pouquinho a pouquinho, sim?” Tal perspectiva perpassa o relato de sua

experiência de aprendizado da cultura e da língua local. Paciência e autoconfiança parecem ser utensílios indispensáveis na bagagem daquele que imigra.

Acerca das diferenças culturais, na fala do entrevistado não são ressaltadas explicitamente. Seja porque ele não as perceba, seja porque ele possa estar querendo se preservar, mostra-se sem maiores dificuldades para compreender os códigos culturais e, sobremaneira, diz evitar conflitos com os nativos: “Os brasileiro funciona, como eles funciona? Eu funciona assim também. Tem que respeitar a lei. Não brigar com ninguém, não tá xingando com ninguém. Aqui tu vive tranquilo. Não xingar ninguém; Ninguém me xingando. Aqui tu vive tranquilo. Não pode mexer em uma coisa que não é minha, eu ficar tranquilo, ficar tranquilo.” *Descortina-se nessa fala que o estrangeiro não pode revidar às provocações para viver em paz. Adaptar-se é, no caso aqui visto, silenciar diante das acusações que ferem os sentimentos, como ser acusado de tirar emprego dos nativos... violência pode ser compreendida como aquilo que está fora da linguagem, do simbólico, aquilo acerca do que não se pode falar, mas que irrompe nas situações de conflito. Talvez os operários nativos sejam tão excluídos na sociedade como os migrantes. Ai teríamos o Narcisismo das pequenas diferenças.*

Na discussão sobre as diferenças culturais entre os países, o participante diz existir no Brasil uma violência radical contra as mulheres que traem. Ele chega afirmar que a regra é que elas sejam mortas com pistola. Diferentemente, situa que há condescendência com os ladrões. Contrasta com o que ocorre no Haiti. “Lá no Haiti, ladrão não tem razão. Ladrão, quando é ladrão, se pega e mata. Mata o ladrão! Aqui não pode bater em ladrão aqui. É uma coisa que eu não gosta.” Além disso, situa a diferença na demonstração pública de afetos entre casais, sobremaneira homoafetivos: “É. Aqui e lá os viado, é viado. Tava acariciando em cima um do outro, nas parada [de ônibus] homem com homem, mulher com mulher. Lá não, lá não, lá não fica olhando, se vai bater bem forte. Tem que fazer isso escondido. Aqui tá declarado tudo

(risos). ” [Agressividade que a civilização fez calar. Por ser minoria, em território estrangeiro, vê-se diante da necessidade de conter seus impulsos agressivos.]

P- Lá no Haiti, ladrão não vale nada. Ladrão, que rouba, há que se bater bem forte. Se você não vai matar, matar.

E- Lá no Haiti se mata o ladrão?

P- Aham.

E- Se pode matar o ladrão?

P- Pode matar. *[agressividade tem vasão autorizada pela cultura. A que custo se recalca na nova terra? Para onde pode se deslocar?]*

E- Se alguém é pego roubando.

P- Aham. *[O ladrão é alvo preferencial da destrutividade do outro da cultura. Por essa razão, o participante se defende permanentemente da condição de ser tomado por ladrão]*

E- Pode ser morto?

P- Se chegar a polícia, não vai deixar matar, se chegar a polícia, se não chegar a polícia... Bastante golpe, bem forte. *[Não está autorizado pela lei, mas se a polícia está distante, é possível se fazer justiça com as próprias mãos e dar vasão à agressividade.]*

Reconhece que faz parte de uma minoria que deve se dedicar a não descuidar das regras. Não há plenos direitos. Este imigrante tem clareza disso: “Eu sou estrangeiro. Não vou me meter com isso, porque eu não sou daqui. Eu caminha direito, sem cair. [...] Estrangeiro não pode se meter com coisa de brasileiro, porque tu não é brasileiro, tu tem que respeitar. Tu tem que caminhar nas condições daqui.” Sobre seu entendimento da lei, diz que sabe que não pode matar. Ele entende essa regra que é básica. Parece se sentir seguro quanto a sua conduta. Novamente retoma sua insatisfação com a exibição de atos de afeto entre casais e parece lamentar não poder pôr fim a isso que lhe incomoda. Há algo de uma agressividade que precisa ser contida, pelos códigos que a cultura local introjetada já lhe permitem compreender.

“Eu não gosto quando eu vejo um homem com homem dando beijo. Eu não gosto isso! As mulher também! Não posso fazer nada, porque não sou daqui. Eu ficar, eu ficar quieto. Eu não gosto. Tu gosta?” *[novamente, parece que ao trazer uma ideia que contrasta com a cultura local, é necessário ao entrevistado buscar a aceitação do pesquisador, buscar certa empatia por parte deste. Uma relação de confiança parece estar estabelecida, a ponto de o entrevistado, que no início queria mostrar qualidades para se empregar, permite-se falar daquilo que não gosta e que poderia leva-lo a cometer agressões caso tivesse suas garantias asseguradas.]*

Sobre o racismo e a ideia de identidade profissional:

E - O que tu quer dizer com “foi racista”? O que tu entende assim, por ser racista?

P- Um gente racista. Ele não deixava “progredir”. [no sentido de que discrimina, não garantindo as mesma oportunidades no exercício do trabalho]

[...]

E- Tu acha que é mais difícil pra um haitiano progredir aqui do que pra um brasileiro?

P- É! Porque tem haitiano que trabalha profissional, também, que sabe fazer. Antes, antes tava procurando gente pra trabalhar, aqui ser pedreiro, servente, qualquer trabalho. Qualquer trabalho, tava procurando. Agora não! Tá na crise e agora não tem trabalho.

[...]

P- Ele diz que eu venho aqui incomodar e tirar o trabalho deles. Essa palavra não se diz! Lá no Haiti, tem brasileiro lá, em Porto Príncipe, tá trabalhando e trabalhando bem, ganhando dólar. *[No Haiti, brasileiros trabalhadores também são estrangeiros]*

E- E lá eles são tratados assim?

P- Não. Tem lá de sobra.

E- Parece que tu ficou bastante triste com isso que te falaram.

P- Aham. Fiquei muito triste.

[...]

P- “Tu é escravo!”. Essa palavra não se diz! Todo mundo são gente, todo mundo tem sangue. Se tu te machucar, vai sair sangue, igual! Todo mundo é... são gente. Não tem um diferente do outro. O idioma que é diferente. Tu falar português, eu falar crioulo, é diferente, é diferente, porque um só Deus que tem. Tem gente não pensar isso.

[Silêncio de minutos] Tem os que dizem: “eu não quero mais haitiano, aqui no Brasil! Eu vou começar a matar, começar a matar com pistola”. [ri, demarcando o absurdo]

[...]

P - De que haitianos são escravos. Não tem direito, não tem, não tem direito. *[desabafa seu sofrimento e desilusão causados pela discriminação em terras estrangeiras]*

Nesse momento, o participante parece se mostrar bastante decepcionado com a pouca receptividade que encontrou no seu cotidiano de trabalho na construção civil. Ressalva que não são todos os brasileiros que são assim, mas que há aqueles que não gostam dos haitianos. [caberia a discussão acerca do tema da xenofobia].

No relato que apresenta de um episódio em que é agredido verbalmente, situa que se defende pondo limite àquilo que lhe poderia ser dito. Reconhece que compreender o idioma é condição essencial para poder se defender:

P- Tudo não. Tu não. Tratar igual. Tu fala bem com nós. Tu não, porque tu pensa bem. Tem alguns que não pensam. Tem gente que pensa como um burro. Eu trabalhava com um pedreiro; ele me diz: “busca-me régua” e eu não entendi bem, “busca-me régua, burro!”, Disse! Essa palavra é má. Eu disse: “Para! Eu não sou tua criança. Falar comigo como gente”.

[...]

E- Parece que tu sabe te defender, né?

P- Sim, tem que se defender.

E- Tu consegue se defender. Tu acha que os outros haitianos, as pessoas que tu conhece, os haitianos daqui também conseguem se defender?

P- Se eles falarem bem, vão se defender. [...] Tem gente que não, que não sabe falar, não vai defender. Tem quem fala, vai defender, também. Se ele falar bem, entender bem, vai se defender uma coisa que tá errada. *[para poder se defender e fazer valer seus direitos, de respeito inclusive, é preciso saber falar bem a língua local, segundo conclui o entrevistado]*

O pesquisador pergunta de diferentes formas sobre as expectativas que o participante tem sobre o futuro, explicando que o futuro ocorre no amanhã. Parece haver, em um primeiro momento, dificuldades para compreender a pergunta. Em seguida, o que se evidencia é certa angústia por, talvez, o participante não saber o que pode esperar. Em sua simplicidade, apresenta apenas sua compreensão de que os dias não são iguais e que há mudanças. Não chega a afirmar que mudança espera “Se una cosa passar hoje, se tu ver una cosa hoje, chega amanhã, tu viu outro, não é igual? não é igual?. Se tu chegar aqui, ou tu chega amanhã, tem diferença. Todos os dias vem una coisa diferente”. [Parece haver a expectativa de um futuro diferente, quiçá melhor]

Trata-se, evidentemente, de uma pessoa que tem inteligência para entender que as condições não são favoráveis e que não há muito como antecipar o que pode ocorrer. A angústia demonstrada, quando se pergunta sobre o futuro, parece denotar que não há muito o que dizer sobre ele, pois sequer está garantido o básico para o presente. Para o futuro mais imediato, já o participante já havia dito que o seguro desemprego de seu colega de quarto acabaria no próximo mês e que estão os dois desempregados. Nessas condições presentes, está dificultado qualquer projeção para o futuro.

As expectativas que tinha em relação ao trabalho que o trouxe para o Brasil, condensam uma complexidade de experiências. Vem para o Brasil, assim como muitos outros participantes, apostando em uma legislação trabalhista que lhes garantiria alguma proteção, como se aqui encontrassem alguma proteção na forma de direito legal. Ao chegarem, essas expectativas não

foram atendidas e, além disso, parecem expostos a uma violência social, na forma de discriminação e ausência de proteções mínimas, da qual tentaram fugir saindo de seu país.

Escrita da Transferência do Participante 6 – 1ª Entrevista

A identidade, na forma de apresentação, dá-se por meio do nome e da nacionalidade, quase que invariavelmente entre os participantes: “Sou E. Sou haitiano”. Invariável, também, parece ser a razão que justifica a saída de seu país e sua migração: “Sai do meu país e vim aqui buscar algo melhor”. A fantasia daquilo que seja o algo melhor tende a variar em cada caso, como se vê neste participante que deseja poder estudar e progredir, mas que, de todo o modo, como muitos dos seus conterrâneos, inicia um processo migratório a partir da decisão e comprometido com ideais de seus familiares que ficaram na terra natal e acreditam em seu êxito na nova nação.

Trata-se de um jovem que, tendo a oportunidade de concluir os estudos no Haiti, sem, para tanto, ter precisado trabalhar, chega ao ponto de se ver diante da decisão de sair de seu país ou não mais poder seguir progredindo. Tais particularidades parecem estar diretamente relacionadas ao fato de P6, que é um jovem de 21 anos, ser filho único de seus pais que, aparentemente, teriam melhores condições econômico-sociais que a maioria dos familiares dos demais imigrantes já entrevistados. Sua vinda para o Brasil parece estar explicitamente motivada pelo propósito de seguir estudando e acessar o ensino superior. No entanto, semelhante a seus compatriotas, aquele que consegue sair, não sai sem contrair a dívida que o compromete com aqueles que ficam. P6 também deverá ajudar sua família que ficara no Haiti, mesmo que não haja cobrança explícita que o obrigue a isso: “Terminei meus estudos e vim para cá, para trabalhar e para aprender mais do que sei e falar bem o português e pra poder ir à faculdade. E, lá [no Haiti], passado o terremoto, tu sabe, a coisa tá como mui difícil, pra trabalhar, para fazer tudo. E vim para cá para ajudar a minha família que tá lá e eles me ajudaram

para vir para cá. Tenho que devolver o que me emprestaram. É isso.” *[Projeto de futuro – faculdade / terremoto – dificuldades / dívida para viajar. Trata-se de um jovem com um projeto de carreira que, diferente da maioria dos imigrantes haitianos, veio amparado e sustentado financeira e afetivamente pela família, sem o compromisso de sustentá-la. Está autorizado a vir em busca de seu desenvolvimento e da concretização de seus próprios projetos.]*

P6 relata que sua decisão de vir para o Brasil se constrói a partir da recomendação da tia, que, ao falar com seus pais, indica que havia possibilidades de o rapaz seguir seus estudos caso imigrasse. Em sua fala, revela-se que ele também se convencera que esse seria o melhor direcionamento para sua vida futura: “Minha mãe e meu pai, falaram com minha tia, que minha tia tem... quase quatro anos aqui no Brasil. Já faz quatro anos e falou e falou: tem que vir para estudar e trabalhar também, para pagar teus estudos e tudo isso. E vi que isso é melhor para mim, isso é o melhor para o meu futuro. Vim para trabalhar e estudar. Tudo isso é melhor. Eu pensei assim.” O participante parece estar convencido de que era a melhor decisão a se tomar. Chama a atenção, no entanto, que tal decisão parece, em um primeiro momento, nascer de seus pais para, somente posteriormente, receber também sua adesão. Desvela-se nesse relato, a difícil realidade de um país que não dispõe de condições a serem ofertadas às novas gerações, mesmo quando tiveram acesso ao estudo, e, ainda assim, se veem obrigadas a dele sair. O participante revela possuir um projeto de vida bastante claro, qual seja aprender a se comunicar eficientemente em português para, então, acessar a faculdade. Entende que “Tem que falar bem para poder entrar na faculdade”.

Ficou 5 anos estudando na República Dominicana, logo após o terremoto. Parece, com isso, que seus pais se empenharam em preservá-lo/protege-lo das mais dramáticas vivências de sua nação. Isso vai se desvelando em seu relato de uma vida nada fácil, da qual ele aparece mais como narrador do que como efetivo personagem. Nesse sentido, ressalta-se, ainda que com certa descrição, que P6 não está identificado com os dramas históricos de seus país de origem,

visto que um período importante de sua vida já se deu fora. “O que ocorre é que eu não vivi muito no Haiti. Eu estava estudando em República Dominicana. Eu fiquei 5 anos estudando. Terminei meus estudos em República Dominicana, depois do terremoto.”

Do ponto de vista transferencial, o diálogo entre pesquisador e participante desdobrou-se com muita tranquilidade, de modo que, diferente do ocorrido com outros participantes em que os projetos de vida eram inatingíveis em seus ideais de salvação de todo um sistema familiar dependente e o pesquisador via-se assediado na busca explícita que os participantes revelavam em prol de sua colaboração, em se tratando de P6 o que estava em questão eram os projetos de um jovem que pretendia seguir seus estudos e seguir progredindo, sem a urgência de colocação no mercado de trabalho testemunhada em outros relatos. Diferente de outros participantes, P6 tem pais que trabalham no Haiti, de modo que não compõe seu projeto trazê-los morar no Brasil tampouco sustenta-los, mas poder eventualmente ir visita-los, para o quê precisará dispor de condições. Desvela-se, em seu relato, um senso de autonomia que parece relacionado ao modo como seus pais puderam conduzir sua educação. Em lugar de responsabiliza-lo pela libertação da família da pátria mãe que não provê os seus, puderam capacitar o filho para poder ir – em busca de seus projetos – e voltar – para apenas visita-los.

Reporta que, mesmo antes do terremoto, tinha em si o desejo de conhecer outros países, “quando eu estava estudando em Haiti. Eu gostaria de visitar outro país, para ver como como era, como funcionava. Porém, eu voltei ao meu país. Só ia a outro país para o visitar. É isso. Eu tinha essa ideia na minha cabeça”. Parece que sempre existiu o gérmen da imigração no participante que queria conhecer outras culturas e formas de vida, fato que somente pode se concretizar posteriormente ao terremoto, quando seus país patrocinaram sua primeira saída para os estudos de ensino médio na República Dominicana.

O participante solicitou visto para visitar a tia no Brasil. Surpreende-se com a rapidez com a qual conseguiu o visto. Vem para cá, tendo um direcionamento e a possibilidade de ser

acolhido e ajudado. Verbaliza a expectativa de ser ajudado. Parece se tratar de uma família que conseguiu se organizar para promover uma vinda mais ordenada de um dos seus, que fora preservado de algumas das dificuldades tão comuns aos imigrantes se saem de sua terra natal. “E minha mãe me falou: “temos que ver com essa tia”, que é irmã do meu pai. Tenho que vir aí, com ela, para que ela me apoie em tudo. E vim aqui para que ela me apoie em tudo. Só ela que estava trabalhando. Tenho outra tia que tem 3 anos aqui no Brasil, só que ela conseguiu trabalho há 15 meses, porém no outro ano não estava trabalhando, está procurando trabalho.” Desde sua chegada, procura emprego: “Sai para procurar também. E, assim, seguimos, eu todos os dias estou buscando, estou procurando e não me contrataram. Me dizem que me vão chamar, mas não me estão chamando.” Está na casa da tia que está empregada; fato que pode justificar parcialmente sua ausência de urgência em conseguir trabalho, quando comparado com outros haitianos que não têm condições de financiar o aluguel de onde estão e seu relato de necessidade parece muito mais premente. Em P6, o tom é de admirável serenidade. Parece haver a convicção de que aquilo que deverá acontecer, acontecerá e ele estará pronto para usufruir, ainda que mostre uma queixa que prometem que irão lhe chamar e não lhe chamam. Conta do dia em que a tia viu pintores trabalhando e o chamou por telefone, que ao vir conseguiu uma vaga de trabalho temporário.

Quando perguntado sobre as diferenças entre a cultura do Haiti e aquela que está conhecendo no Brasil, sua resposta dá-se de forma concreta em termos de uma infraestrutura viária precária: “Tem rua, mas estão pequeninhas”. Ocorre pensar se seria uma maneira metafórica e inconsciente de verbalizar que há aspectos para os quais não se pode dar passagem, pois estão obstruídos. Ele próprio precisou sair do Haiti para ir em busca dos seus projetos de vida e de trabalho que lá se viram obstruídos. O que o Haiti obstrui? O que pode passar por suas ruas e o que fica obstruído?

Depois de o pesquisador insistir nas possíveis diferenças entre os países, o participante não vê diferenças. Novamente volta a falar da rua, que lá é mais suja por haver menos varredores. Não pareceria aberto a aprofundar os tópicos enunciados.

Para o participante, não haveria diferenças tampouco dificuldades na sua experiência de imigração. Cabe pensar se a angústia produzida pelo novo, diferente do país idealizado, podem estar produzindo a resistência observada em aprofundar os temas para além do relato superficial. Nessa perspectiva, ocorre pensar se as vivências do participante não se restringem às experiências superficiais pelos locais por onde passa, tendo em conta seu aparente desinteresse em se vincular produzido na transferência. Estaria isso relacionado a uma exarcebação da autonomia de alguém que não pode se vincular a sua terra e aos seus por já ter nascido destinado a morar pelo mundo a fora por sua pátria não poder ser pátria-mãe ao seus? De outro modo, observa-se que o participante está amparado no lar da família, que sua tia o espera chegar, que seus preparam-no para vir, garantindo-lhe, dentre outras coisas, o visto. Tais aspectos, certamente, pesam em termos de sua notável serenidade e confiança.

Sobre se afastar, tomar mais distância da família, refere: “Um pouco senti estranho, por causa da minha família, mi pai, mi mãe, meus primos, primas, meu tio, tia, tudo isso. E... cada vez que me pego pensando como ficar mais perto é mais tranquilo, lá... Mas, aí, não penso muito, porque tem poucos anos para avançar no meu futuro, e não penso muito nisso, porque eu penso que eu era muito pequeno no início e que agora sou adulto e fico tranquilo”. Entende-se que compara a experiência de, quando mais jovem ter ido estudar na R. Dominica com a experiência de vir tentar construir a vida no Brasil, agora adulto. Parece buscar dentro de si os recursos para suportar a distância. Diz em não pensar que está longe deles, pensa no futuro, sobre o qual pensa em ter uma vida melhor, trabalhando e estudando: “Em ter uma vida melhor. Trabalhar e estudar”.

Ele não consegue comparar a experiência de buscar trabalho no Haiti e no Brasil, por não ter buscado colocação profissional lá. Refere com clareza sua falta de experiência neste ponto. Diz-se acolhido aqui, dizendo que todos são iguais, mas refere a diferença da cor da pele. “Todas as pessoas são iguais. Porém tem uma diferença, não são da mesma pele. No resto são tudo igual. (...) A cor, a cor de pele” Quando indagado se, em algum momento fora tratado de forma diferente por causa de sua cor de pele, responde “a mim não”. O tom parece expressar certo incômodo. Estaria algo sendo mostrado nesse tom, visivelmente incoerente com o texto da mensagem? Talvez a denúncia máxima ao racismo que se possa fazer a um interlocutor branco tenha encontrado seu limite nesse tom. O pesquisador insiste e ele explica que entende o que é racismo e que ele não passou por isso, agora em tom mais coerente com a mensagem.

Sobre o sentimento provocado pela distância dos seus, diz ser “doloroso”. Faz um longo silêncio. Perguntado sobre como faz para lidar com esse sentimento, refere que sair caminhar pela cidade quase todos os dias, ouvindo musica. Sua força está na confiança que deposita na palavra dos pais: “Minha mãe, meu pai me falou, me falou, me disse “tu tem que ir lá para viver e pra construir uma vida melhor”. E, de repente, eu digo que sim, sem pensar nada”. Confia na palavra dos pais que o sustentam nessa busca por um futuro com mais opções.

A decisão foi de seus pais: “- Mas essa decisão foi deles, foi tua, foi de vocês?; - Não. Foi deles.”

Acredita na palavra dos pais e gostaria de devolver o dinheiro que estes investiram para a sua vinda. Esclarece que não como uma obrigação, mas por que ele gostaria de fazê-lo.

Diz que é diferente dos demais, como um demérito por não ter tanta experiência. Segue dizendo de suas boas intenções: “Sou diferente dos demais [haitianos que são mais velhos e já tem experiência de trabalho], porque eu vivo..., eu não tenho muita experiência na vida que cada um faz. Porém estou tentando avançar e seguir direito. É isso”. Pesquisador situa que ele não trabalhava porque estava estudando.

Sobre o futuro, o participante diz que quer ter paciência para esperar sua oportunidade. O pesquisador situa que entende que ele veio para o Brasil confiando que pode progredir e construir oportunidades para sua vida.

Escrita da Transferência do Participante 6 – 2ª Entrevista

Esta segunda entrevista ocorreu cerca de um ano após a primeira. Importantes mudanças aconteceram na vida do participante, dentre as quais se destaca o fato do mesmo ter iniciado um trabalho com carteira assinada. Ele segue residindo com a tia que lhe acolheu. Quando perguntado acerca do que mudou, declara: “Aconteceu muita coisa para mim. É diferente quando eu tô trabalhando e ajudando a mí tia que eu tô morando aí.”

O participante está se comunicando com muito mais fluência e disponibilidade do que demonstrara no último encontro. No seu tom de voz, percebe-se certo orgulho do que conta, sobremaneira no que tange a estar podendo ajudar com o sustento da casa. O participante reconhece-se em sua capacidade e potência de realizar aquilo a que se propusera com a migração. Está conseguindo colocar em prática seus projetos de inserção na comunidade brasileira e aumento de sua capacidade de comunicação na língua local, os quais lhe permitirão voltar aos bancos escolares para seguir se aprimorando. Ter conseguido um emprego formal que lhe dá certas garantias de direitos e, também, recursos financeiros para acessar bens e serviços cumpre importante função nesse processo em que o valor de si - relativo a um narcisismo preservado e à aproximação da realização dos ideais envolvidos na migração – testemunham em favor de uma subjetividade preservada capaz de buscar a concretização de seus desejos. Certamente sua maior segurança na língua nacional deve-se ao exercício diário de comunicação e a experiência da hospitalidade vivida no Brasil, que se deram ao longo do ano transcorrido desde a última entrevista. Tal hospitalidade se inicia pela ampla acolhida promovida por sua tia que conclama o participante a vir construir sua vida no Brasil, recebendo-

o em sua própria casa, e se estende ao ambiente de trabalho no qual este migrante sente-se respeitado em suas diferenças e integrado aos seus colegas. Nesse sentido, há que se ter a devida consideração aos efeitos de estar ele inserido no mundo do trabalho, com a riqueza de identificações que tal prática possibilita, sendo-lhe possível gerar, pela primeira vez, seus próprios proventos. Está retomando seus estudos e, portanto, colocando em prática os projetos que viera construir no novo país: “Estou lá com ela [tia que o acolhera na sua casa] ajudando e estoy contento de trabalhar também e ayudando e me esforçando aí. E depois a vida segue, que me estoy me informando, vou fazer una, uma prova... de ensino fundamental lá no... Eu peguei o papel hoy, hoje. Tenho que ir lá segunda-feira lá de tarde pra poder fazer... pouca coisa há pra levar lá depois, vamos ver o resultado o que vai acontecer.” Suas expectativas estão voltadas para a realização do seu projeto de retomar os estudos, que motivaram sua migração para o Brasil. Mostra-se esperançoso, mas não afoito. A serenidade que o caracteriza também está presente quando trata do tema de sua retomada dos estudos. Novamente, sua fala transmite a serenidade de alguém que parece ter a convicção de aquilo que se deseja acontecerá na hora certa.

Sobre o processo de retomada de seus estudos, relata que: “Isso tá indo... pra completar, pero não tá completo ainda. Porque eu vou a fazer essa prueba a que me vá ajudar como é, me vá explicar como é a situacion. E depois se deu, vou seguir fazendo a faculdade.” A Incompletude a que se refere está referida ao desejo que não foi ainda plenamente atendido, remetendo a um movimento necessário, em contraste com a acepção de incompletude como falha ou incapacidade. O participante não coloca em dúvida sua capacidade em nenhum momento. Contrariamente, demonstra notável confiança em si para ir em busca daquilo que ainda não acessou. Novamente, o que se identifica é um sujeito que migrou autorizado a desejar e ir em busca de seus projetos. Em termos de postura e disposição, evidencia-se durante a entrevista, sua notável segurança dos rumos que escolhera dar a sua vida e do modo como pode

falar disso com segurança, em frases completas em seu léxico e gramática. Em seu relato, esclarece que recebera auxílio e orientação de uma brasileira que trabalha com migrantes. Essa lhe entregou um formulário relativo a formação escolar a ser preenchido e entregue ao órgão responsável. Tal oferta encontrou eco em um sujeito que sonha em progredir nos estudos e na carreira no Brasil. No momento da entrevista, encontrava-se empregado em uma grande instituição da capital gaúcha onde prestava serviços gerais de limpeza. Também, pelo menos, outros dois haitianos de sua comunidade de convivência, segundo relatou, foram contratados para função semelhante à sua nesta mesma instituição. No entanto, P6 expressa explicitamente que, ainda que esse trabalho esteja lhe permitindo acessar recursos financeiros para se sustentar, comprar objetos que desejava e, também, auxiliar seus amigos, projeta uma carreira profissional de nível superior, fato que, inclusive, motivou sua migração para o Brasil, de modo que, para isso, tem pressa de retomar os estudos. Esta é uma diferença fundamental em relação a outros migrantes que não apresentam essa condição de manutenção de seus próprios ideais. Não está P6 assujeitado ao que se lhe apresenta, mas reconhece seu direito de acesso ao que lhe falta.

Diz que está muito contente com poder ter conquistado uma vaga de trabalho. Refere que, estar trabalhando, ajuda-o nesse processo de retomada de estudos. Percebe-se um participante muito bem informado em relação aos seus direitos e à legislação trabalhista vigente, de maneira que refere, abertamente e com muita clareza, seu propósito de já dialogar com seu supervisor sobre a possibilidade de alterar seu horário de trabalho a fim de receber acréscimo noturno ao seu salário. Provavelmente, tal intensão de mudança de horário também atenderá a seu propósito de retomar os estudos.

Sobre a paciência que referira no primeiro encontro no que tange à acessar oportunidades de trabalho, refere que valeu esperar. Relata quais foram os brasileiros que o apoiaram e ajudaram para que pudesse conquistar o trabalho que ora exercia. Valoriza em especial a ajuda das professoras de português que desenvolvem um projeto de ensino da língua

para os haitianos, na comunidade onde o participante reside. Em relação à professora que parece ter sido fundamental para que ele conseguisse o trabalho, diz que é muito carinhosa, se interessa pelas músicas do Haiti, que os imigrantes cantam, e que os apoia. Diz-se contente e que está seguindo adiante. Na acolhida, por parte da professora de línguas, do sujeito migrante e de sua cultura, há indicativos de práticas de hospitalidade a exercer importante reflexo no modo de funcionamento da migração. Refere que seus pais estão bem felizes. Relata que já está conseguindo enviar dinheiro para seus pais e para seus amigos que necessitam. Cabe o registro de que P6 tinha a intensão de reembolsar seus pais do investimento que fizeram para que ele migrasse para o Brasil. Segundo relata, está conseguindo; assim como está conseguindo participar do sustento da casa da tia, onde passou a habitar desde a sua chegada. Refere estar podendo enviar dinheiro “a mi pais, a mi gente que ajuda também, mi companheiros de lá, amigo também. Estou feliz.”

No que tange à necessidade aprender a língua local, diretamente relacionada, já no primeiro encontro, à retomada de seus projetos de estudo, o Participante considera que agora se sente muito seguro em se comunicar na língua local. Conta que está trabalhando diretamente com duas brasileiras que são muito simpáticas e engraçadas. Essas falam em português com ele com calma e tranquilamente, de modo que facilita seu aprendizado da língua. Comenta que tem facilidade para entender a língua quando está junto da pessoa e presta atenção no que ela diz, sendo-lhe um pouco mais difícil entender uma conversa por telefone...

Para a pergunta de como ele imagina seu próprio futuro responde que “Ainda não to imaginando mi futuro”. O pesquisador entende que o que o participante quer transmitir é que não tem certeza sobre o futuro, mas que ele tem projetos. Instigado, portanto, pelo pesquisador a falar de seus projetos, revela que: “Meu projeto de futuro é ter um bom trabalho, trabalhando bem, bem tranquilo. Seguir vivendo nesse país... e ter uma casa, bem tranquilo, para poder vir a minha família de lá. E é tudo isso.” Esclarece que sua família não quer vir para o Brasil, pois

não gostam do frio. Sobre como ele está experimentando o frio do sul, responde com uma interjeição gaúcha e, em seguida, se explica: “Baaaah!. Quando tá quatro graus, cinco grau, báh, é muito frio. Você sente en el pulmón, en el corazón [rindo] que tá machucando”. Percebe-se com esse comentário, especialmente no formato em que se dá, que este sujeito já está bastante aculturado.

Indagado se a diferença climática conhecida no sul do Brasil poderia, eventualmente, leva-lo a não querer estar aqui, responde ressaltando sua serenidade em suportar as dificuldades e remete essa sua característica de personalidade às semelhanças que possui com seu pai. “(rindo) Não, não. Eu tenho muita paciência em todo lo que vem, em todo que tá acontecendo. Sou así, desde que... Mi pai é así também, tranquilo, com paciência, solo tem que crer que vai chegar”. Testemunha-se, assim, em seu discurso, a identificação com a força e a capacidade de enfrentar o desconhecido. Nesse experiencial também se situa o trabalho que está podendo realizar, cujo sentido se dá pelas oportunidades que entende lhe permitirá acessar no futuro. Notavelmente, a esperança e a confiança são características que o definem. Nesta fala, está demarcado que essas características são compartilhadas com seu pai. Sua família não virá morar aqui, mas ele pretende ir visita-la no Haiti. Plano este para o qual já está guardando dinheiro e imagina conseguir pôr em prática no próximo ano. Refere que a única coisa que o faz se sentir um pouco triste, às vezes, é a saudade da família e dos amigos com quem jogava futebol. De todo modo, aqui no Brasil também já possui amigos com quem joga, em vários locais da cidade, com diferentes grupos.

Diz gostar de futebol. A entrevista se deu em uma noite que antecedia um jogo do Brasil pela Copa do Mundo da Fifa. O participante disse torcer pelo Brasil e arriscou um palpite sobre o placar da partida, o qual se revelou certo. Nesse ponto, pode-se identificar os recursos psíquicos desse migrante que está estabelecido na terra de acolhida, trabalhando, sustentando-se, convivendo com colegas de trabalho e amigos com os quais tem significativos momentos

de lazer. Na transferência estabelecida com o pesquisador, a presença de tais recursos demonstraram-se pela forma leve e gentil com que relatou suas vivências no Brasil. Durante todo o encontro, ele se mostrou animado e descontraído, tendo ambos podido desfrutar do clima descontraído e bem-humorado instalado a partir da disposição do participante, rindo de vários temas discutidos tais como do palpite acima referido. Cabe destacar, também, o fato de o participante estar visivelmente bem vestido e perfumado para o encontro. Nota-se, assim, seu asseio, o respeito pela pessoa do pesquisador e a valorização do encontro de entrevista.

Diz que, desde a última entrevista, muitas coisas mudaram. Quando convidado a dizer o que exatamente mudou, dá uma série de exemplos: “como te falei, de tá ajudando a mi tia a pagar a casa, a luz, água. Pude comprar um tênis, pude guardar dinheiro, pude oferecer a um amigo um dinheiro”. Relata que está mais tranquilo, pois não precisa se preocupar com dinheiro, pois no final do mês ele vem. Diz que está muito contente e com paciência.

Perguntado sobre sua experiência de trabalho, refere que “É um trabalho tranquilo, não tem muito esforço. Como que voy dizer? É só isso...”. Não é o trabalho que idealizava realizar, mas vê nele a possibilidade seguir progredindo para acessar outras oportunidades. No que tange às relações com os colegas, relata que está tudo bem, que conversa com seus colegas, que lhe perguntam e se interessam por seu país, para os quais mostra vídeos e fotografias, anteriores ao terremoto. Relata, também, as diferenças gastronômicas e de práticas de cozinha que são diferentes entre o Brasil e o Haiti.

“Eu converso com ellos sobre mi país, ellos sempre me pergunta se tem playa, se tem lugar bonito, sobre essas coisas. Eu disse pra ellos “sim”. Eu busquei pela internet, ellos acham maravilhoso. (...) Eles sempre tão perguntando como fazem as comidas de lá para cá, é muito diferente. Sim, é muito diferente. Tão perguntando se tem tudo de lá como aqui, se tem churrasco, sim lá também tem. Lá também tem churrasco pero não é como aqui. Não tem como

muita gente não, tem que comprar num mercado, não tem gente que faz em casa. Também pergunta se tem cerveja. Si tem, pero diferente, diferente o nome, diferente botella. Isso.”

Relata que já está adaptado à comida do Brasil e que gosta das comidas do dia-a-dia. Tem amigos na localidade onde mora e em outra comunidade de haitianos em outro bairro da cidade. Desloca-se pela cidade toda e por municípios da região metropolitana. Joga futebol com amigos que estão nesses locais. “Não, na verdade... tem... tu sabe que tenía más haitiano que vinham aqui no Brasil desde 2011, 2012. (...) Essa gente já conhecia e sempre tenía contato de algumas vezes e depois quando eu venho e sempre falo com ello.” Reporta que tem amigos em comum e que a comunidade de migrantes haitianos foi se expandindo. Conversam e se encontram para jogar futebol. Relata essas aventuras de forma muito alegre e sorridente. Novamente, destaca-se a leveza com que a entrevista transcorre. Tal vivência transferencial dá provas dos vínculos leves e despretensiosos que caracterizam as relações desse participante.

Conta que alguns desses amigos estão trabalhando também. Segundo conta, nesse momento, alguns já estão conseguindo empregos, diferentemente do que ocorria em meses anteriores. A maioria estaria trabalhando na construção civil O pesquisador assinala que talvez por isso que o participante refira seu trabalho como sendo leve. O participante concorda e ri da situação destacada.

“E- Por isso que tu achas que teu trabalho aqui é leve, não tem um esforço, não tem que fazer muita força.

P- (rindo) Sim, não tem.”

Registra, ainda, que segue tendo o apoio dos tios, com quem reside, e que estes entendem que ele tem horários noturnos de trabalho, de maneira que não se incomodam com o fato de ele chegar tarde em casa. Reporta que ele não tem nenhum medo, salvo receio de ser assaltado e que lhe roubem o celular.

Pesquisador vai encaminhando a entrevista para seu encerramento, registrando que o participante parece estar muito bem, alegre e cheio de esperança, que se dá bem com seus colegas e amigos. Não se diz discriminado e não tem nenhuma queixa das relações que experimenta no Brasil.

Retomando as percepções da primeira entrevista, o pesquisador considera que o participante, diferente de muitos dos seus conterrâneos, estaria livre para se dedicar aos seus projetos pessoais, por não ter atrás de si uma família cujo sustento dele dependeria. Ele demonstra concordância com essa leitura, remetendo-se a estruturação de sua família, que lhe permite tal liberdade. “To livre, porque soy... de mi madre soy filho único, de mi padre soy... mi pai tem dois de fora do casamento. (...) Um mais velho do que yo, soy segundo e um pequeno.” Relata que ele tem enviado dinheiro por que quer, pois não está responsável pelo sustento da família. Confirma que, quando retomar os estudos, sua renda será revertida para o financiamento de seus estudos.

“E- eu lembrava de ti me dizendo, uma coisa que me marcou muito foi aquela tua fala “eu tenho paciência, eu vou ter paciência porque o meu momento vai chegar”. Eu queria saber se o teu momento chegou, isso que eu queria te perguntar, se teu momento chegou.

P- Tá chegando.

E- Tá chegando?

P- Sim.

E- O que precisa ainda acontecer pra dizer que o momento chegou?

P- Precisa fazer faculdade, depois quando termine pra tentar um melhor trabalho, é assim. Agora estou trabalhando, tá chegando, tá na linha.

E- Tá na linha, tá chegando.

P- Sim (rindo).

E- Tem alguma área que tu te interesse já?

P- Como assim?

E- Área no sentido tu sabe que faculdade tu gostaria mais de fazer? Qual assunto?

P- Ah sim, contabilidade.

E- Contabilidade, tu gosta dos números?

P- Sim.

E- Fazer cálculo?

P- Cálculo.

E- Tu gostaria de estudar contabilidade pra trabalhar com contabilidade, escritório?

P- Sim, escritório, sim.

E- É? E de onde vem esse desejo, assim?

P- Desde pequeno eu queria fazer contabilidade e futebolista.

E- Contabilidade e?

P- Futebolista.

E- Ah, jogador de futebol.

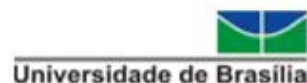
P- É, sim.

E- Tu é bom na bola então?

P- Sim, sempre gostei muito.”

Evidente está se tratar de um sujeito cujo narcisismo encontra-se preservado e pulsante, remetendo à noção de narcisismo trófico. Alguém com projetos em grande medida plausíveis e em processo de construção. Diz se identificar com essas áreas desde criança.

O pesquisador reconhece o progresso e o potencial do participante. Agradece pela disponibilidade e encerra o encontro. O relato deste participante evidencia muito da potencialidade do sujeito migrante que fica desprezada quando se toma a migração exclusivamente em sua dimensão negativa pelos excessos aos quais os migrantes podem ser expostos.

Anexo 4: Carta de Editor – Aceite do Manuscrito da Seção I

Brasília, 16 de outubro de 2018

Prezados autores,

Conforme procedimentos usuais da revista ***Psicologia: Teoria e Pesquisa***, o manuscrito "**Pesquisa Psicanalítica: da transferência com a Psicanálise à produção do Ensaio Metapsicológico**" (código 26320) foi submetido à avaliação de especialistas. Com base nessa consultoria, deliberamos **ACEITAR** a publicação do manuscrito tal como se encontra.

O texto será submetido a correções técnicas e gramaticais e em breve remetido aos autores para aprovação e possíveis ajustes. Os autores serão oportunamente informados sobre o volume e número em que o mesmo será publicado.

Atenciosamente,

Daniela Chatelard
Editora Associada

.....
Instituto de Psicologia – UnB
Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Sul
Cep: 70910-900
Tel.: 55 61 3107-6826
Tel / Fax.: 55 61 3107-6892
revptp@unb.br
www.revistaptp.unb.br